

CURSO BÁSICO DE ESPIRITISMO – 2º Ano

22ª. Edição – Janeiro/2011

Este curso tem como objetivo geral levar o aluno a uma assimilação do conteúdo doutrinário fundamental, assim como induzi-lo à auto-reflexão, ao conhecimento de si mesmo, de suas potencialidades, e conseqüentemente modificação de sua conduta interior perante o mundo e a vida em sociedade.

Quanto ao conteúdo programático, o curso em questão é constituído de vinte e quatro lições, contendo a essência de O Livro dos Espíritos, abordado de forma sucinta e didática. Todas as lições são compostas de duas partes, sendo a primeira doutrinária, relativas ao conteúdo de O Livro dos Espíritos, e outra abordando sempre O Evangelho Segundo o Espiritismo.,

Importa ainda considerar que esta obra não tem a pretensão de esgotar o conteúdo da Codificação, mas consiste em textos base, explanados de forma didática e acessível.

Nossos livros consistem em texto base, explanados de forma clara a permitir ao aluno uma visão metodológica do todo. Sob esse aspecto caberá ao expositor desenvolver, completar, aprofundar esses textos de forma precisa e objetiva.

Em O Livro dos Espíritos, pergunta 647, questiona-se se toda a lei de Deus está encerrada na máxima do amor ao próximo, ao que respondem os Espíritos: “Certamente, essa máxima encerra todos os deveres dos homens entre si; mas é necessário sempre mostrar-lhes a aplicação, pois do contrário podem negligenciá-la, como o fazem hoje”. Neste sentido, a educação espírita, em concordância com a pedagogia ativa, é uma proposta de educação projetada para o futuro, portanto dinâmica, centrada no sujeito, na vida, em oposição à tradicional escola passiva.

Conteúdo

Apresentação	5
1ª Aula - MOMENTO CULTURAL NA EUROPA À ÉPOCA DA CODIFICAÇÃO	6
Parte A - SÍNTESE DO MOMENTO CULTURAL NA EUROPA A ÉPOCA DA CODIFICAÇÃO	6
Parte B - O ESPIRITISMO II - O CONSOLADOR	9
2ª Aula – AUTORIDADE DA DOUTRINA ESPÍRITA	10
Parte A - CONTROLE UNIVERSAL DOS ENSINOS DOS ESPÍRITOS	10
Parte B - CONHECE-SE A ÁRVORE PELOS FRUTOS	12
3ª Aula - A LEI DIVINA OU NATURAL	13
Parte A - CARACTERES, DIVISÃO E CONHECIMENTO DA LEI DIVINA OU NATURAL - O BEM E O MAL.....	13
Parte B - MÃOS LAVADAS	15
4ª Aula - LEI DE ADORAÇÃO	17
Parte A - FINALIDADE DA ADORAÇÃO -ADORAÇÃO EXTERIOR - VIDA CONTEMPLATIVA – POLITEÍSMO - SACRIFÍCIOS.....	17
Parte B - PEDI E OBTEREIS	19
5ª Aula - LEI DO TRABALHO	20
Parte A - NECESSIDADE DO TRABALHO - LIMITE DO TRABALHO – REPOUSO.....	20
Parte B - PARÁBOLA DO RICO INSENSATO OU AVARENTO - ESE, Cap. XVI, item 3.....	21
6ª Aula - LEI DE REPRODUÇÃO	21
Parte A - POPULAÇÃO DO GLOBO - SUCESSÃO, APERFEIÇOAMENTO E DIVERSIDADE DAS RAÇAS - POVOAMENTO DA TERRA - OBSTÁCULO A REPRODUÇÃO - CASAMENTO - CELIBATO - POLIGAMIA - UNIÃO ESTÁVEL.....	21
Parte B - LAÇOS DE FAMÍLIA E PIEDADE FILIAL.....	23
7ª Aula - LEI DE CONSERVAÇÃO	24
Parte A - INSTINTO DE CONSERVAÇÃO - MEIOS DE CONSERVAÇÃO - INSTINTO E INTELIGÊNCIA - NECESSÁRIO E SUPÉRFLUO - PRIVAÇÕES VOLUNTÁRIAS – MORTIFICAÇÕES – PROVAS VOLUNTÁRIAS - VERDADEIRO CILÍCIO.....	24

Parte B - O EGOÍSMO - ESE, Cap. XI, item 11.....	26
8ª Aula - LEI DE DESTRUIÇÃO	27
Parte A – DESTRUIÇÃO NECESSÁRIA E ABUSIVA – FLAGELOS DESTRUIDORES - GUERRAS - ASSASSÍNIO - CRUELDADE - PENA DE MORTE.....	27
Parte B - “NÃO VIM TRAZER A PAZ”.....	28
9ª Aula - LEI DE SOCIEDADE	29
Parte A - NECESSIDADE DA VIDA SOCIAL - VIDA DE ISOLAMENTO – VOTO DE SILÊNCIO - LAÇOS DE FAMÍLIA - PARENTESCO E FILIAÇÃO - SEMELHANÇAS FÍSICAS E MORAIS.....	29
Parte B - “QUEM É MINHA MÃE E QUEM SÃO MEUS IRMÃOS?”	30
10ª Aula - LEI DO PROGRESSO	31
Parte A - ESTADO NATURAL - MARCHA DO PROGRESSO - POVOS DEGENERADOS - PROGRESSO DA LEGISLAÇÃO HUMANA	31
Parte B - DAI A CESAR O QUE É DE CESAR.....	35
11ª Aula - LEI DE IGUALDADE	36
Parte A - IGUALDADE NATURAL – DESIGUALDADE DAS APTIDÕES - DESIGUALDADES SOCIAIS - DESIGUALDADE DAS RIQUEZAS - PROVAS DA RIQUEZA E DA MISÉRIA - IGUALDADE DOS DIREITOS DO HOMEM E DA MULHER - IGUALDADE PERANTE O TÚMULO	36
Parte B - SERVIR A DEUS E A MAMON	40
12ª Aula - LEI DE LIBERDADE	41
Parte A - LIBERDADE NATURAL - ESCRAVIDÃO A LIBERDADE DE PENSAMENTO E DE CONSCIÊNCIA - LIVRE ARBITRÍO E FATALIDADE – CONHECIMENTO DO FUTURO	41
Parte B - MISSÃO DO HOMEM INTELIGENTE	42
13ª Aula - LEI DE JUSTIÇA, AMOR E CARIDADE	43
Parte A - JUSTIÇA E DIREITO NATURAL - DIREITO DA PROPRIEDADE. ROUBO. - CARIDADE E AMOR AO PRÓXIMO - AMOR MATERNAL E FILIAL	43
Parte B - QUE A MÃO ESQUERDA NÃO SAIBA O QUE FAZ A MÃO DIREITA.....	45
14ª. Aula - PERFEIÇÃO MORAL	46
Parte A - AS VIRTUDES E OS VÍCIOS - DAS PAIXÕES DO EGOÍSMO - CARACTERES DO HOMEM DE BEM - CONHECIMENTO DE SI MESMO	46
Parte B - SEDE PERFEITOS.....	49
15ª Aula - PENAS E GOZOS TERRENOS	50
Parte A - FELICIDADE E INFELICIDADE RELATIVAS - DECEPÇÕES - INGRATIDÃO - QUEBRA DE AFEIÇÕES - UNIÕES ANTIPÁTICAS - PREOCUPAÇÃO COM A MORTE - DESGOSTO PELA VIDA - SUICÍDIO	50
Parte B - BEM E MAL SOFRER	54
16ª. Aula - PENAS E GOZOS FUTUROS - I	56
Parte A – O NADA - A VIDA FUTURA	56
Parte B - PARÁBOLA DO CREDOR INCOMPASSIVO	58
17ª Aula - PENAS E GOZOS FUTUROS II	59
Parte A - PENAS TEMPORAIS - EXPIAÇÃO E ARREPENDIMENTO - DURAÇÃO DAS PENAS FUTURAS - PARAÍSO, INFERNO, PURGATÓRIO - PARAÍSO PERDIDO	59
Parte B - MUITOS OS CHAMADOS E POUCOS OS ESCOLHIDOS	62
18ª Aula - GRANDES VULTOS DO ESPIRITISMO - I	63
Parte A - O ESPIRITISMO NA EUROPA - SIR WILLIAN CROOKES; CAMILLE FLAMMARION; LEON DENIS; GABRIEL DELANE; ERNESTO BOZZANO; ARTHUR CONAN DOYLE; ALEXANDRE AKSAKOF; CÉSAR LOMBROSO	63
Parte B - MISSÃO DOS ESPÍRITAS.....	65
19ª. Aula - GRANDES VULTOS DO ESPIRITISMO II	66
Parte A – O ESPIRITISMO NO BRASIL	66
Parte B - O HOMEM DE BEM	71
20ª Aula - EVOLUÇÃO ESPIRITUAL	72
Parte A - A INFLUÊNCIA DO ESPIRITISMO NO PROGRESSO E A CIVILIZAÇÃO DO ESPÍRITO	72
Parte B - AJUDA-TE QUE O CEU TE AJUDARÁ.....	74
21ª. Aula - O ESPIRITISMO NA EDUCAÇÃO DO HOMEM	76
Parte A - O EDUCADOR DA HUMANIDADE - JESUS.....	76
Parte B - PRECURSORES DA EDUCAÇÃO ESPÍRITA E EDUCADORES ESPÍRITAS	76
22ª Aula - BREVES HISTÓRIAS DO LIVRO OBRAS PÓSTUMAS E REVISTA ESPÍRITA	81
23ª Aula - VISÃO GERAL DO LIVRO DOS ESPÍRITOS	85
24ª Aula - HOMENAGEM A ADOLFO BEZERRA DE MENEZES	88
Parte A - “UMA CARTA DE BEZERRA DE MENEZES”	88
Parte B - HOMENAGEM A ALLAN KARDEC	91

Apresentação

Em virtude da quantidade cada vez maior de alunos, interessados nas mensagens que consolam e esclarecem da Doutrina do Cristianismo Redivivo, toma-se oportuno uma revisão dos textos didáticos, no sentido de adaptá-los a uma pedagogia adequada aos novos tempos.

Se o objetivo da Educação é a libertação total dos educandos, o alcance deste fim deve levar em conta as situações e o horizonte cultural dos mesmos.

Este trabalho tem como objetivo geral, levar o aluno a uma assimilação do conteúdo doutrinário. Para tanto, buscou-se a fidelidade devida aos textos da Codificação, assim como, induzi-lo ao conhecimento de si mesmo, de suas potencialidades e conseqüente modificação de sua conduta interior perante o mundo e a vida em sociedade.

Quanto ao conteúdo programático, os cursos são constituídos de vinte e quatro lições, contendo a essência dos Livros da Codificação, abordados de forma sucinta e didática.

Nossos livros consistem em textos base, explanados de forma clara e acessível, de forma a permitir ao aluno uma visão metodológica do todo. Nesse aspecto caberá ao expositor desenvolver, completar, aprofundar esses textos de forma precisa e objetiva.

Dessa maneira, a Educação Espírita, em consonância com o nosso tempo, sugerem uma Pedagogia Ativa, ou seja, uma proposta de Educação projetada para o futuro; centrada no sujeito, na vida.

- O Livro dos Espíritos constitui a pedra fundamental da Doutrina Espírita, marco inicial da Codificação Espírita. Com relação às demais obras de Allan Kardec, os livros seqüenciais partem da base filosófica deste:
- O Livro dos Médiuns: natural que sucedesse com o aprofundamento científico e metodológico dos fenômenos espíritas. Encontra-se sua fonte no Livro II (Cap. VI até o final);
- O Evangelho Segundo o Espiritismo: decorrência do Livro IV em sua abordagem Doutrinária Moral;
- O Céu e o Inferno ou Justiça Divina Segundo o Espiritismo: decorre do Livro IV do Livro dos Espíritos.
- A Gênese, os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo: relaciona-se no Livro I (Cap. II, III e IV), ao Livro II (Cap. IX, X e XI) e partes de capítulos do livro III.

“A educação é um conjunto de hábitos adquiridos” (Livro dos Espíritos, pergunta 685a), onde não basta à educação por si só, mas sim, a concretização da educação espiritual pela conduta de cada um, ou seja, o aprendizado e a prática.

A Federação Espírita do Estado de São Paulo espera, portanto, que esta revisão possa cumprir com as finalidades para as quais foi idealizada e, sobretudo corresponder aos desígnios da Espiritualidade, no sentido de ressaltar sempre o caráter evangélico da Codificação à luz de princípios racionais, no ontem, no hoje e no amanhã.

Área de Ensino

Zulmira da Conceição Chaves Hassesian

1ª Aula - MOMENTO CULTURAL NA EUROPA À ÉPOCA DA CODIFICAÇÃO

Parte A - SÍNTESE DO MOMENTO CULTURAL NA EUROPA A ÉPOCA DA CODIFICAÇÃO

Para melhor compreender as raízes da História do Espiritismo, seu desenvolvimento e sua importância no tempo e no espaço, necessitamos verificar o momento sócio-político-econômico, sob a ótica da França do século XIX e sua herança racionalista, amplamente conhecida nas diferentes áreas do conhecimento (filosofia, arte, ciências naturais, sociais, tecnologias etc.), bem como, nos vários domínios da ação social (ética, política, econômica, revolucionária, histórica etc.).

Deste legado destaca-se a influência do iluminismo.

O “estado nação”, a “imprensa”, o “mercado”, a “ciência moderna”, a “democracia representativa”, a “Cultura secular”, o “expansionismo econômico”, a “indústria”, o “equilíbrio dos três poderes”, o “declínio da religião”, a “razão histórica”, o “progresso”, o “contrato social”, a “superação do pensamento tradicional”, são algumas das invenções culturais do iluminismo.

O século XIX foi caracterizado por grandes transformações e inúmeras conquistas científicas.

A Europa mergulhou em lutas renovadoras no âmbito social e político, notadamente a França, o desejo de liberdade impulsionou as conquistas sociais:

Social: tutela dos princípios democráticos pregados pelos pensadores do século;

Político: sob os efeitos da Revolução Francesa e da Era Napoleônica.

Napoleão I Bonaparte, imperador dos franceses, foi destinado a uma grande tarefa na organização social do século XIX, contudo, não soube compreender as finalidades da sua grandiosa missão. Bastaram-lhe algumas vitórias para que a vaidade e a ambição lhe escurecessem o pensamento.

As idéias liberais, resquício desta revolução, foram assimiladas, tais como: igualdade de todos perante a lei e a liberdade de pensamento e de cultos. O momento político e cultural da Europa propiciou as grandes invenções e descobertas científicas que agitaram todos os ramos do conhecimento.

Ampère, André Marie (1775-1836), cientista francês que estabeleceu a primeira teoria do eletromagnetismo, o estudo dos fenômenos relacionados à eletricidade e ao magnetismo.

Lavoisier, Antoine Laurent de (1743-1794), químico francês, considerado o fundador da química moderna. Demonstrou que, apesar da mudança de estado da matéria durante uma reação química, a quantidade de matéria permanece constante do começo ao fim do processo. Seus experimentos resultaram em evidências em favor das leis de conservação.

Pasteur, Louis (1822-1895), químico e biólogo francês que fundou a ciência da microbiologia, demonstrou a teoria dos germes como causadores de doenças (agentes patogênicos), inventou o processo que leva seu nome e desenvolveu vacinas contra várias patologias, especialmente conhecido por suas investigações sobre a prevenção da raiva.

Mesmer, Franz Anton (1734- 1815), médico austríaco famoso por afirmar que existia um poder, semelhante ao magnetismo, que exercia extraordinária influência sobre o corpo humano. Hoje se identifica este estado de transe como hipnose.

Realizou pesquisas sobre as propriedades dos imãs, dos fluidos e do magnetismo animal. Segundo a teoria de Mesmer (magnetismo), todo ser vivo possui um fluido magnético que estabelece influências recíprocas entre os indivíduos.

Pestalozzi, Johann Heinrich (1746-1827), reformador da educação, de nacionalidade suíça. Suas teorias criaram os fundamentos do moderno ensino primário. Em 1799 inaugurou uma escola para crianças, na qual pôs em prática seus métodos durante vinte anos.

Neste centro, a criança aprendia por meio da prática e da observação, bem como da utilização natural dos sentidos. Defendia a individualidade da criança e seu desenvolvimento integral.

Foi discípulo de Jean Jacques Rousseau; fundou a escola-lar para crianças em várias cidades da Suíça, entre estas Yverdon, onde Allan Kardec estudou e lecionou pedagogia.

A diferença entre Pestalozzi e Rousseau que indica a superioridade de consciência moral e religiosa em seu sentido mais elevado, é que Rousseau não foi capaz de traduzi-la em atos e Pestalozzi projetou suas idéias em ação de amor e socorreu crianças órfãs, educou pobres e ricos, ajudou a erguer um novo conceito de educação, teorizando e praticando uma pedagogia do amor. Ele precedeu o espiritismo não apenas em idéias, mas foi um fiel representante da máxima “Fora da Caridade não há salvação”.

Os cientistas sustentavam que sua função não era acreditar e sim, investigar; por esta razão, a Ciência estava continuamente em constante progresso, deixando de lado as velhas teorias incapazes de explicar os fatos.

Em função desta postura, todos os campos do saber humano registraram descobertas, invenções e sistemas, estabelecendo idéias fundamentais, acumulando conhecimentos em todas as áreas.

A Educação, com Pestalozzi.

A Filosofia também se rendeu a essa onda renovadora.

Representantes:

Descartes, René (1596-1650), filósofo francês, cientista e matemático. E também muito conhecido pelo nome em latim, Renatus Cartesius. Pode ser considerado o fundador da filosofia moderna por ter rompido com a predominância da escolástica e fundado seu próprio sistema de pensamento. A frase Cogito, ergo sum (Penso, logo existo) é a base de sua filosofia.

O método da dúvida cartesiana apóia-se em quatro princípios: 1) não aceitar como verdade nada que não seja claro e distinto; 2) decompor os problemas em suas partes mínimas; 3) deixar o pensamento ir do simples ao complexo; 4) revisar o processo para ter certeza de que não ocorreu nenhum erro. Com estas premissas, Descartes criou a ciência empírica e influenciou todas as áreas do conhecimento humano. A possibilidade do conhecimento humano é uma prova da existência de Deus, considerado como uma idéia inata.

Afirma assim que pensamento é algo mais certo que a matéria corporal, e descobre a realidade inegável do Espírito. Pode-se dizer que a chamada revolução cartesiana foi precursora da revolução espírita.

Kant, Immanuel (1724-1804), filósofo alemão. É considerado por muitos o pensador mais influente da Idade Moderna. A pedra angular de sua filosofia esta colocada na obra Crítica da razão pura (1781), em que examinou as bases do conhecimento humano e criou uma epistemologia (teoria de conhecimento) individual.

Seu sistema ético, baseado na liberdade fundamental do indivíduo e na idéia de que a razão é a autoridade ultima da moral:

“Age de forma que a máxima de tua conduta possa ser sempre um princípio de Lei natural e universal.”

Hegel, Georg Wilhelm Friedrich (1770-1831), filósofo alemão. Suas primeiras reflexões referem-se ao espírito do Judaísmo e do Cristianismo, e testemunham preocupações religiosas e históricas; o que lhe interessava era descobrir o espírito de uma religião ou de um povo em seu contexto histórico.

É o representante máximo do idealismo e seu trabalho revela a influência do pensamento grego e de autores como Baruch Spinoza, Jean-Jacques Rousseau, Immanuel Kant, Johann Gottlieb Fichte e Schelling.

Seu pensamento exerceu grande influência em autores como Ludwig Feuerbach, Brimo Bauer, Friedrich Engels e Karl Marx. Entre suas obras mais importantes estão: A fenomenologia do espírito (1807), A ciência da lógica (1812, 1813, 1816) e Lições de História da filosofia.

Assim surgiu o Iluminismo, pois suas concepções filosóficas baseadas no uso e exaltação da razão encontravam respaldo nos pensadores da época.

Século das Luzes ou Iluminismo, termos usados para descrever as tendências do pensamento e da literatura na Europa e em toda a América durante o século XVIII, antecedendo a Revolução Francesa. Foram empregados pelos próprios escritores do período, convencidos de que emergiam de séculos de obscurantismo e ignorância para uma nova era, iluminada pela razão, a ciência e o respeito à humanidade.

As novas descobertas da ciência, a teoria da gravitação universal de Isaac Newton e o espírito de relativismo cultural fomentado pela exploração do mundo ainda não conhecido foram também importantes para a eclosão do Iluminismo.

Entre os precursores do século XVII, destacam-se os grandes racionalistas, como René Descartes e Baruch Spinoza, e os filósofos políticos Thomas Hobbes e John Locke.

A França teve destacado desenvolvimento sob o reinado de Luís XV (1715-1774). Desenvolvem-se as idéias do iluminismo através de Voltaire (1694-1778), Diderot (1713-1784) e Rousseau (1712-1778), que combatem a intolerância religiosa e o absolutismo.

Outros expoentes do movimento foram Kant, na Alemanha, David Hume, na Escócia, Cesare Beccaria, na Itália, Benjamin Franklin e Thomas Jefferson, nas colônias britânicas.

O Século das Luzes, ou Iluminismo, terminou com a Revolução Francesa de 1789, que incorporou inúmeras idéias iluministas em suas fases mais violentas, desacreditando-as aos olhos da maioria dos europeus contemporâneos. O Iluminismo marcou um momento decisivo para o declínio da Igreja e o crescimento do secularismo (deixar de pertencer à vida religiosa) atual, assim como serviu de modelo para o liberalismo político e econômico e para a reforma humanista do mundo ocidental no século XIX.

Devido às contribuições valiosas a História da humanidade, o filósofo René Descartes e o cientista Isaac Newton são considerados como os precursores do iluminismo. Para o iluminismo, Deus está na Natureza e no homem, que pode descobri-lo através da razão, dispensando a função da Igreja.

Os ideais iluministas estão presentes no mundo contemporâneo, sob variadas formas, tais como: democracia, fraternidade, liberdade, igualdade e principalmente nas leis que regulam os direitos e deveres do cidadão em relação ao Estado.

No Espiritismo e no Iluminismo, Deus está na Natureza e no homem. Para descobri-lo temos a razão para nos guiar de forma segura (Vide pergunta nº 4, LE - Kardec).

Por volta de 1848, toda a Europa é agitada pela Revolução Liberal e Democrática, desencadeando uma série de tumultos populares, os valores éticos tradicionais perderam a sustentação; não houve novos valores morais que pudessem substituir o vazio que se instalara entre os homens.

O progresso moral da humanidade, estagnado, distanciou-se cada vez mais do progresso científico, sendo que a comunidade europeia desiludiu-se ante as grandes conquistas alcançadas no campo da Ciência, que não satisfaziam seus anseios espirituais.

Em meio a esse contexto, exatamente em Paris, em 18 de abril de 1857, Allan Kardec, o Codificador, publica o Livro dos Espíritos, que iria preencher o vazio existencial da Humanidade.

Muito embora toda a Europa já estivesse familiarizada com os fenômenos espíritas, principalmente através do fenômeno das mesas girantes, tais fatos não passavam de meros divertimentos nos salões sociais. A Doutrina vinha, para reabilitar, de acordo com as orientações trazidas pelos Espíritos, o papel do homem frente ao seu destino imortal.

Seus valores, centrados no Evangelho do Cristo, mostravam a humanidade o caminho do progresso espiritual, ao mesmo tempo em que trazia o consolo e a esperança que os homens tanto almejavam.

Allan Kardec deveria organizar o edifício desmoronado da crença, reconduzindo a civilização às suas profundas bases religiosas.

Por isso, o Espiritismo, enquanto Consolador Prometido por Jesus, só pode ser revelado aos homens no contexto científico do séc. XIX, em meio a matemáticos, astrônomos, botânicos, filósofos e físicos que fizeram a Ciência de seu tempo.

Allan Kardec, Espírito missionário encarregado de ser o portador desta nova Revelação, fora preparado para ser o elemento unificador do pensamento deste século, pois unia seu rigoroso método científico ao submeter os fenômenos espíritas à luz da razão, à integridade e pureza do seu coração.

No contexto do século das luzes, na França, onde o Iluminismo assumiu sua feição intelectual mais vigorosa, o Espiritismo é elaborado pelo iluminista-romântico Allan Kardec. No “Caráter da Revelação Espírita”, verdadeiro tratado de epistemologia (teoria do conhecimento, teoria da ciência) do Espiritismo, Kardec define a natureza deste último:

“É, pois, rigorosamente exato dizer-se que o Espiritismo é uma ciência de observação e não produto da imaginação. As ciências só fizeram progressos importantes depois que seus estudos se basearam sobre o

método experimental; até então, acreditou-se que esse método também só era aplicável à matéria, ao passo que o é também as coisas metafísicas". (Kardec, 1990:20)

Observando o aspecto metodológico do trabalho investigativo de Allan Kardec é possível constatar a significativa influência das principais vertentes do pensamento Iluminista (Racionalismo, Experimentalismo, Evolucionismo) sobre o Espiritismo.

Todavia, não apenas no método de elaboração o Espiritismo é herdeiro do Pensamento Iluminista, mas também em toda a Teoria Espírita. No "Livro dos Espíritos", obra que contém a formulação da Codificação Kardeciana resumida em capítulos, encontramos a sua parte terceira dedicada exclusivamente as "Leis morais", todas elas concebidas, estudadas, utilizadas e defendidas pelo Iluminismo.

Ao contrário disso, o Espiritismo assume uma feição naturalista, isto é, concebe a evolução da vida e da humanidade por meio de Leis naturais, entre elas a Reencarnação e a Influência recíproca dos diferentes planos da vida. Enquanto o modelo da ciência positiva instaurou o império da "razão objetiva", passando a considerar todo o conhecimento religioso um fóssil do passado, Allan Kardec no intercâmbio com os "mortos" descobriu formas de vida e matéria em outras frequências e planos.

Dessa forma, Allan Kardec com sua infidelidade ao paradigma cientificista da sua época, soube constituir uma nova ciência, uma nova linguagem, que em muito superou os condicionamentos da ciência de Newton - cartesiana.

Afinal, descrever formas de matéria cujo grau de eterização rompia com a física corpuscular de Newton, em pleno século XIX, significou avançar na direção de uma Concepção Quântica do Universo.

Sendo assim, o Espiritismo é por um lado Iluminista em seu conhecimento racional das leis que regem a evolução bio-psico-sócio-espiritual do gênero humano e por outro é herdeiro da tradição filosófica do Romantismo, reencantando o mundo com os seus valores, com o Amor e Fraternidade, elos profundos de cada nível evolutivo, em cada reencarnação, em cada ser, em toda individualidade, em diferentes esferas e manifestações da vida, na grande teia do universo que não é outra coisa senão o pensamento de Deus.

BIBLIOGRAFIA:

- KARDEC, Allan - O Que é Espiritismo - cap. II, questões 161 e 162;
 KARDEC, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo - cap. XV, itens 3 a 13; cap. XXVIII, itens 1 a 8;
 KARDEC, Allan - O Livro dos Espíritos - Introdução - O Problema Religioso; Livro 2º, questão 537;
 KARDEC, Allan - Obras Póstumas – 2ª Parte - Cap. "Minha Primeira Iniciação no Espiritismo".
 XAVIER, Francisco Cândido - A Caminho da Luz - Emmanuel - Cap. XXII e XXIII.
 WANTUIL, Zéus e Francisco Thiesen - Allan Kardec - vol. III.
 SOUZA, Denizará - (Revista Heresis) - Espiritismo e Iluminismo.
 KARDEC, Allan - A Gênese, cap. I, cap.II, e, 22, cap. XII, cap. XIII; cap. XVII;

Parte B - O ESPIRITISMO II - O CONSOLADOR

"Se vós me amais, guardai meus mandamentos; e eu pedirei a meu Pai, e ele vos enviará um outro Consolador, a fim de que permaneça eternamente convosco: o Espírito de verdade que o mundo não pode receber, porque não o vê e não reconhece. Mas quanto a vós, vós o conhecereis porque permanecerá convosco e estará em vós. Mas o Consolador, que é o Santo-Espírito, que meu Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo aquilo que eu vos tenha dito". Jesus (João, cap. XIV v. 15 a 17 e 26)

Jesus nestas máximas traz novas esperanças para todos, pois Ele nos promete um novo Consolador que vem lembrar tudo que disse e trazer novos ensinamentos, que na época a humanidade não estava pronta para entender, fortalecendo assim a fé no futuro.

O Espírito de verdade preside o trabalho da Terceira Revelação, O Consolador Prometido, que é o Espiritismo, pois somente com o conhecimento da verdade que podemos ser consolados.

O Espiritismo através da manifestação dos Espíritos vem confirmar, explicar e desvendar os mistérios que estavam ocultos sobre o véu, trazendo consolação e entendimento as almas sequiosas de uma causa justa e um objetivo útil, com respostas concretas a todas as dúvidas e aflições.

A Doutrina Espírita é produto de um trabalho coletivo da Espiritualidade Maior, não sendo uma concepção humana e individual, por ser obra dos Espíritos se espalha por todos os cantos dos planetas confirmando sua veracidade de seus ensinamentos.

Quando Jesus disse: “Bem aventurados os aflitos, porque eles serão consolados”, já nos mostrava a importância de acreditarmos em dias melhores no amanhã. E este amanhã pode significar a felicidade das existências futuras.

No trabalho de purificação, ou seja, nas dificuldades que passamos que se dá o aprendizado espiritual, portanto as dificuldades que precisamos vivenciar são resultados do mau uso de nosso livre-arbítrio. Com o esclarecimento que a Doutrina Espírita nos propicia, através da pluralidade das existências sabemos que Deus é Justo, Bondoso e Misericordioso, portanto, devemos passar pelos percalços da vida com sentimento de resignação e submissão as vontades de Deus, associadas a fé verdadeira e confiança no futuro.

BIBLIOGRAFIA:

KARDEC, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo - Cap. VI, itens 3 a 8.

GODOY, Paulo Alves - Os Padrões Evangélicos - “O Consolador”.

EMMANUEL, O Espírito de Verdade - Espíritos Diversos nº 22

2ª Aula – AUTORIDADE DA DOCTRINA ESPÍRITA

Parte A - CONTROLE UNIVERSAL DOS ENSINOS DOS ESPÍRITOS

“Se a doutrina espírita fosse uma concepção puramente humana, não teria como garantia senão as luzes daquele que a tivesse concebido.”

Não há quem possa ter neste mundo a pretensão de possuir a verdade absoluta, assim os Espíritos que se manifestaram para a difusão da Doutrina garantiram a sua origem se apresentando a diversos médiuns.

A autoridade da Doutrina decorre da vontade divina que fez com que a nova revelação chegasse aos homens mais rapidamente e de maneira autêntica, porque encarregou os Espíritos de a levarem de norte a sul, manifestando-se por todo orbe, sem dar privilégio a ninguém. Um homem pode enganar-se mas isso não acontece quando milhões vêem e ouvem a mesma coisa: essa é a garantia para cada um e para todos.

São os próprios Espíritos que fazem a propaganda, com a ajuda de inumeráveis médiuns, comunicando-se por todo planeta, a todos os povos, a todas as seitas e a todos os partidos, são aceitos por todos.

“O Espiritismo não tem nacionalidade, independe de todos os cultos particulares, não é imposto por nenhuma classe social, visto que cada um pode receber instruções de seus parentes e amigos de além-túmulo.” Isso era necessário para que ele pudesse chamar todos os homens à fraternidade, pois se não se colocasse em terreno neutro, teria mantido as divergências, em lugar de apaziguá-las.

A causa de sua tão rápida propagação é esta universalidade do ensino dos Espíritos, é isso que faz sua força, pois enquanto a voz de um só homem, mesmo com o auxílio da imprensa, necessitaria de séculos para chegar aos ouvidos de todos, eis que milhares de vozes se fazem ouvir simultaneamente, em todos os cantos da Terra, proclamando os mesmos princípios e os transmitindo aos mais ignorantes e aos mais sábios, a fim de que ninguém seja deserdado. Esta não é a única vantagem que resulta dessa posição excepcional; o Espiritismo encontra nela uma poderosa garantia contra as suspeitas, seja pela ambição de alguns, seja pelas próprias contradições de certos Espíritos, pois sabemos que os Espíritos, em consequência das suas diferenças evolutivas, estão longe de possuir individualmente toda a verdade.

O primeiro controle é o da razão, ao qual é necessário submeter, sem exceção, tudo o que vem dos Espíritos. Esse controle é incompleto para muitos casos, em virtude da insuficiência de conhecimentos.

A concordância do ensino dos Espíritos é portanto o seu melhor controle, mas é ainda necessário que ela se verifique em certas condições. A única garantia segura do ensino dos Espíritos está na concordância das revelações feitas espontaneamente, através de um grande número de médiuns, estranhos uns aos outros, e em diversos lugares, como ocorreu na Codificação. Essas comunicações se referem aos próprios princípios da doutrina.

É esta unanimidade que tem posto abaixo todos os sistemas parciais surgidos na esteira da origem do Espiritismo, porque cada qual explicava os fenômenos do mundo visível com o mundo invisível de forma própria.

Allan Kardec usou isso como a base de apoio para formular os princípios da doutrina, porque não se julgava mais infalível do que os outros, e não é também porque um princípio nos foi ensinado que o consideramos verdadeiro, mas porque ele recebeu a sanção da concordância.

Kardec recebeu as comunicações de centenas médiuns sérios, espalhados pelos mais diversos pontos do globo, a partir das observações recebidas adquiriu condições de ver como o princípio sobre essa concordância se estabelecia.

Esse princípio da concordância é uma garantia contra as alterações que em proveito próprio, alguns pretendessem introduzir no Espiritismo, ou contra as seitas que dele quisessem se apoderar. Quem quer que tente fazê-lo desviar de seu fim providencial fracassara, pela simples razão de que os Espíritos, através da universalidade dos seus ensinamentos, farão cair toda modificação que se afaste da verdade. **“Esse controle universal é uma garantia para a unidade futura do Espiritismo, e anulará todas as teorias contraditórias.”** (Kardec, ESE)

Sabemos que os Espíritos Superiores procedem, nas suas revelações, com extrema prudência, que só abordam as grandes questões da doutrina de maneira gradual, e que a medida que a inteligência se torna apta a compreender as verdades de uma ordem mais elevada, e que as circunstâncias são propícias para a emissão de uma idéia nova, eles vão revelando. Todas as pretensões isoladas cairão, pela força mesma das coisas, diante do grande e poderoso critério do controle universal. Não será pela opinião de um homem que se produzira a união, mas pela unanimidade da voz dos Espíritos.

“As grandes idéias não aparecem nunca de súbito. As que têm a verdade por base contam sempre com precursores, que lhes preparam parcialmente o caminho. Depois, quando o tempo é chegado, Deus envia um homem com a missão de resumir, coordenar e completar os elementos esparsos, com eles formando um corpo de doutrina. Dessa maneira, não tendo surgido bruscamente, a doutrina encontra, ao aparecer, Espíritos inteiramente preparados para a aceitar.” (Kardec, ESE, Introdução)

“Sócrates, como o Cristo, nada escreveu, ou pelo menos nada deixou escrito. Como ele, morreu a morte dos criminosos, vítima do fanatismo, por haver atacado as crenças tradicionais e colocado a verdadeira virtude acima da hipocrisia e da ilusão dos formalismos, ou seja: por haver combatido os preconceitos religiosos. Assim como Jesus foi acusado pelos fariseus de corromper o povo com os seus ensinamentos, ele também foi acusado pelos fariseus do seu tempo - pois os que os tem havido em todas as épocas, - de corromper a juventude, ao proclamar o dogma da unicidade de Deus, da imortalidade da alma e da existência da vida futura. Da mesma maneira porque hoje não conhecemos a doutrina de Jesus sendo pelos escritos dos seus discípulos, também não conhecemos a de Sócrates, sendo pelos escritos do seu discípulo Platão.” (Kardec, ESE, Introdução)

O desejo muito natural e louvável dos adeptos da Doutrina, o qual não se precisa estimular, é o de fazer seguidores, para facilitar a tarefa é que propomos o meio mais seguro, Segundo Kardec, de atingir esse objetivo poupando esforços inúteis:

- o Espiritismo é toda uma Ciência, toda uma Filosofia, assim quem desejar conhecê-lo seriamente deve pois, como primeira condição, submeter-se a um estudo sério e persuadir-se de que, mais do que qualquer outra ciência, não se pode aprendê-lo brincando;
- o Espiritismo se relaciona com todos os problemas da Humanidade, seu campo é imenso e devemos encará-lo sobretudo quanto as suas conseqüências;
- a crença nos Espíritos constitui a sua base mas não basta para fazer um espírita esclarecido;
- toda pessoa que procura persuadir outra por meio de explicações ou de experiências, ensina.

Se o que desejamos é que esse esforço dê resultados, não se pode apenas acreditar como geralmente se faz, que para convencer é suficiente apresentar os fatos. Parece o procedimento mais lógico, no entanto, a experiência mostra que nem sempre é o melhor, pois frequentemente encontramos pessoas que os fatos mais evidentes não convencem de maneira alguma.

Na Doutrina Espírita, a questão dos Espíritos esta em segundo lugar, não constituindo o seu ponto de partida, sendo os Espíritos simplesmente as almas dos homens, o verdadeiro ponto de partida é então a existência da alma. **“Como pode o materialista admitir a existência de seres que vivem fora do mundo material, quando ele mesmo se considera apenas material? Como pode crer na existência de Espíritos ao seu redor; se não admite seu próprio Espírito?”**

Todo ensino metódico deve partir do conhecido para o desconhecido, como para o materialista, o conhecido é a matéria, deve-se partir, pois, da matéria e tratar de demonstrar, antes de tudo, que há nele próprio alguma coisa que escapa as leis materiais. Antes de transformá-lo em espírita procuremos transformá-lo em **espiritualista**.

BIBLIOGRAFIA:

KARDEC, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo - Introdução, itens II e IV;
KARDEC, Allan - O Livro dos Médiuns – Cap. III - O Método;
PIRES, José Herculano - Os Filósofos - Sócrates e Platão;
EMMANUEL, Francisco Cândido Xavier - Religião dos Espíritos - Cap. Doutrina Espírita;
PIRES, José Herculano - A Pedra e o Joio - O Método de Kardec;

Parte B - CONHECE-SE A ÁRVORE PELOS FRUTOS

Porque não é boa árvore a que dá maus frutos, nem má árvore a que dá bons frutos. Porquanto cada árvore é conhecida pelo seu fruto. Porque nem os homens colhem figos dos espinheiros, nem dos abrolhos vindimam uvas. O homem bom, do bom tesouro do seu coração tira o bem; e o homem mau, do mau tesouro tira o mal. Porque, do que esta cheio a coração, disso é que fala a boca. (Lucas VI: 43-45)

Guardai-vos dos falsos profetas, que vêm a vós com vestidos de ovelhas, e por dentro são lobos roubadores. Pelas seus frutos os conhecereis. Por ventura as homens colhem uvas das espinheiros, ou figos dos abrolhos? Assim, toda árvore boa dá bons frutos, e a árvore má dá maus frutos. Não pode uma árvore boa dar maus frutos, nem a árvore má dar bons frutos. Toda árvore que não dá bons frutos será cortada e lançada ao fogo. Assim, pois, pelas seus frutos as conhecereis. (Mateus, VII: 15-20.)

E respondendo Jesus, lhes disse: vede, não vos engane alguém; porque virão muitos em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo; e enganarão a muitos. - E levantar-se-ão muitos falsos profetas, e enganarão a muitos. E porquanto multiplicar-se-á a iniquidade, se resfriará a caridade de muitas. Mas o que perseverar até o fim, esse será salvo. - Então, se alguém vos disser: Olhai, aqui está o Cristo; ou, ei-lo acolá, não lhe deis crédito. Porque se levantarão falsos cristos e falsos profetas, que farão grandes prodígios, e maravilhas; tais, que, se fora possível, até as escolhidas se enganariam. (Mateus, V:4-5, 11-13, 23-24, e semelhante em Marcos, XIII: 5-6, 21-22.)

Os fenômenos espíritas, longe de confirmarem os falsos cristos e os falsos profetas, como algumas pessoas gostam de dizer, vem, pelo contrário, dar-lhes o último golpe. O Espiritismo declara formalmente que não produz milagres. Da mesma maneira que a Física, a Química, a Astronomia, a Geologia, revelaram as leis do mundo material, ele vem revelar outras leis desconhecidas, que regem as relações do mundo corpóreo com o mundo espiritual. Essas leis, tanto quanto as científicas, pertencem à natureza. Dando, assim, a explicação de uma ordem de fenômenos até agora incompreendidos, o Espiritismo destrói o que ainda restava do domínio do maravilhoso.

Como se vê, os que fossem tentados a explorar esses fenômenos em proveito próprio, fazendo-se passar por enviados de Deus, não poderiam abusar por muito tempo da credulidade alheia, e bem logo seriam desmascarados. Alias, como já ficou dito, esses fenômenos nada provam por si mesmos: mas se prova por condições morais, que nem todos podem produzir. Esse é um dos resultados do desenvolvimento da ciência espírita, que, pesquisando a causa de certos fenômenos, levanta o véu de muitos mistérios. Os que preferem a obscuridade a luz, são os únicos interessados em combatê-la. Mas a verdade é como o sol: dissipa mais densos nevoeiros.

O Espiritismo vem revelar outra categoria de falsos cristos e de falsos profetas, bem mais perigosa, e que não se encontra entre os homens, mas entre os desencarnados. E a dos Espíritos enganadores, hipócritas, orgulhosos e pseudo-sábios, que passaram da terra para a erraticidade, e se disfarçam com nomes veneráveis, para procurar, através da máscara que usam, tomar aceitáveis as suas idéias, frequentemente as mais bizarras e absurdas. Antes que as relações mediúnicas fossem conhecidas, eles exerciam a sua ação de maneira mais ostensiva, pela inspiração, pela mediunidade inconsciente, auditiva ou de incorporação.

O número dos que, em diversas épocas, mas, sobretudo, nos últimos tempos, se apresentaram como alguns dos antigos profetas, como o Cristo, como Maria, sua mãe, e até mesmo como Deus, é considerável. São João nos

põe em guarda contra eles, quando adverte: **“Meus bem-amados, não acrediteis em todos os Espíritos, mas provai se os Espíritos são de Deus; porque muitos falsos profetas se têm levantado no mundo.”** O Espiritismo nos oferece os meios de experimentá-los, ao indicar as características pelas quais se reconhecem os Bons Espíritos, características sempre morais e jamais materiais. E, sobretudo, ao discernimento dos Bons e dos Maus Espíritos, que podemos aplicar as palavras de Jesus: **“Reconhece-se a árvore pelos seus frutos; uma boa árvore não pode dar maus frutos, e uma árvore má não pode dar bons frutos.”** Julgam-se os Espíritos pela qualidade de suas obras, como a árvore pela qualidade de seus frutos.

Mas essas palavras também se aplicam ao verdadeiro cristão, ao verdadeiro espírita.

“O espírita é reconhecido pelo esforço que faz para sua transformação moral e para vencer suas tendências para o mal.” (Allan Kardec ESE - Cap. XVII- item 4)

O verdadeiro espírita é aquele que aceita os princípios básicos da Doutrina Espírita. Quando se pergunta ao praticante: você é espírita? Comumente ele responde: “Estou tentando”. Na verdade, a resposta deveria ser sem hesitação: Sou espírita!!! Quanto ao fato de ser perfeito ou qualquer qualificação moral é outro assunto, que não exime o espírita de ser incisivo na sua resposta. Nesse ponto, o praticante não tem que hesitar na sua definição, porquanto Allan Kardec foi claro no seu esclarecimento ao afirmar que se reconhece o espírita pelo seu esforço, pela sua transformação moral, e não pelas suas virtudes ou pretensas qualidades, raras nos habitantes deste Planeta.

O que acontece com freqüência, seja no caso do iniciante ou mesmo com os mais antigos na Doutrina é que é mais Cômodo não assumir uma postura mais responsável sem se comprometer com a própria renovação interior permanecendo com um “pé na canoa e outro na terra”.

Assim, conhece-se a árvore pelos seus frutos; vale tanto para os desencarnados quanto para os encarnados.

Com sua lucidez de sempre, Allan Kardec afirma que bem compreendido, mas, sobretudo bem sentido, o Espiritismo leva aos resultados de caráter e conduta, que caracterizam o verdadeiro espírita, como o cristão verdadeiro, pois que um é o mesmo que o outro.

BIBLIOGRAFIA:

KARDEC, Allan - O Evangelho segundo o Espiritismo, - cap. XXI, itens 1 a 3, cap. XV itens 8 a 10;

Bibliografia Complementar:

O Espírito da verdade - Diversos Espíritos - itens 28 e 86.

3ª Aula - A LEI DIVINA OU NATURAL

Parte A - CARACTERES, DIVISÃO E CONHECIMENTO DA LEI DIVINA OU NATURAL - O BEM E O MAL

Caracteres da Lei Natural:

O que se deve entender por lei natural?

- A lei natural é a lei de Deus. É a única verdadeira para a felicidade do homem; ela lhe indica o que deve ou não fazer; e ele é infeliz somente quando se afasta dela. (LE, questão 614)

Todos os fenômenos, físicos e espirituais, regem-se por leis soberanamente justas e sabias, seja no nosso mundo, seja fora dele e em todo o Universo. Tais leis formam, em seu conjunto, o que conhecemos como Lei Divina ou Natural, que é eterna e imutável como o próprio Deus.

Embora possamos pensar, em razão de uma análise superficial, que a Lei Divina sofra transformações, ela não é mutável. Só as leis estabelecidas pelo homem é que o são, porque são leis imperfeitas e sujeitas as modificações inerentes ao progresso.

À medida que os seres humanos evoluem, quer moralmente, quer intelectualmente, compreendem melhor a Lei Natural e passam a reformular antigos conceitos. Para isso, no entanto, fazem-se necessárias numerosas existências corporais, até que cheguem à categoria de Espíritos Superiores ou a categoria de Espíritos Puros, quando reunirão os conhecimentos indispensáveis a esse mister.

Divisão da Lei Natural:

A Lei Natural abarca dois tipos principais de leis:

I. As leis físicas, que regulam o movimento e as relações da matéria bruta e cujo estudo pertence ao domínio da Ciência propriamente dita.

II. As leis morais, que dizem respeito ao homem considerado em si mesmo e em suas relações com o Criador e com os seus semelhantes.

Apesar de a Lei Natural compreender tudo o que existe na obra da criação, a maioria dos homens, no estágio evolutivo em que nos encontramos, não a conhece bem. É por isso que em todas as épocas da história humana tem Deus enviado ao planeta Espíritos missionários que, reencarnados nas diferentes áreas do saber, vêm até nos para no-la ensinar.

Desde as épocas mais remotas a Ciência tem-se dedicado exclusivamente ao estudo dos fenômenos do mundo físico, suscetíveis de serem examinados pela observação e pela experimentação, deixando a cargo da Religião o trato das questões metafísicas e espirituais.

Com o progresso intelectual verificado nos últimos tempos ocorreu um distanciamento pronunciado entre a Ciência e a Religião, coisa que não deveria se dar, porque ambas são expressões da Lei Natural a que todos nos estamos submetidos.

Quanto mais o homem desenvolve suas faculdades intelectuais e aprimora suas percepções espirituais, tanto mais ele se vai inteirando de que o mundo físico, esfera de ação da Ciência, e a ordem moral, objeto especulativo da Religião, guardam íntimas e profundas relações, concorrendo ambas para a harmonia universal, mercê das leis sábias, eternas e imutáveis que os regem, como sábio, eterno e imutável é o Seu legislador.

É assim que podemos verificar, sobretudo nos últimos anos, que a importância de determinados valores especialmente caros a idéia religiosa - como o afeto, a religiosidade, o amor e a solidariedade - tem sido comprovada por meio de pesquisas realizadas por vultos eminentes da Ciência terrena, fato que concorre para que se concretize um dia, que não está distante, a aliança entre a Ciência e a Religião, antevista por Allan Kardec na passagem seguinte:

“São chegados os tempos em que os ensinamentos do Cristo devem ter a sua execução; em que o véu propositadamente lançado sobre alguns pontos desses ensinamentos deve ser erguido; em que a Ciência, deixando de ser exclusivamente materialista, tem de levar em conta o elemento espiritual, e em que a Religião, deixando de ignorar as leis orgânicas e imutáveis da matéria, reconheça que estas duas forças se amparam uma a outra e seguem harmonicamente, prestando-se mútuo auxílio. A Religião, já não sendo mais desmentida pela Ciência, adquirirá então uma força invulnerável, porque estará de acordo com a razão e terá a seu favor a irresistível lógica dos fatos.” (O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. 1, item 8.)

Conhecimento da Lei Natural:

O Conhecimento da Lei Divina ou Natural faz parte do progresso espiritual do homem. Revelada através dos tempos gradualmente, não se submete às injunções transitórias das paixões humanas, que sempre desejaram padronizá-las à sua própria vontade, submetendo-a à sua desonesta determinação.

Rodolfo Calligaris, no seu livro “As Leis Morais”, no capítulo “As leis morais da vida”, nos ensina que: ***“Ninguém contesta ser absolutamente indispensável habituar-nos pouco a pouco, com intensidade da luz para que ela nos deslumbre e nos deixe cegos. A verdade, do mesmo modo, para que seja útil precisa ser revelada de conformidade com o grau de entendimento de cada um de nós; daí não ter sido imposta. Ela sempre está ao alcance de todos, igualmente dosada”***

Por outro lado não basta que apenas nos informemos a respeito da lei divina. É necessário que a compreendamos no seu verdadeiro sentido, para que possamos observá-la. Todos podem conhecê-la, mas nem todos a compreendem. Os homens de bem e os que se decidem a investigá-la são os que melhor a compreendem. Todos, entretanto, a compreenderão um dia, porquanto forçoso é que o progresso se efetue.

Por compreender isso foi que Paulo, em sua primeira epístola aos Coríntios (13:11), se expressou desta forma: “Quando eu era menino, falava como menino, julgava como menino, discorria como menino; mas depois que cheguei a ser homem fezei de lado as coisas que eram de menino”

E, aqui, outra contribuição do Espiritismo a humanidade, pois segundo ensinamentos, em todas as épocas e em todos os quadrantes da Terra, sempre houve homens de bem inspirados por Deus para auxiliarem a marcha evolutiva da humanidade. Dentre todos, porém, foi Jesus o modelo da misericórdia divina.

O Bem e o Mal:

Conceito:

Bem - Designa, em geral, o acordo entre o que uma coisa é com o que ela deve ser. É a atualização das virtualidades inscritas na natureza do ser. Relaciona-se com perfeito e com perfectibilidade. Segundo o Espiritismo, tudo o que está de acordo com a lei de Deus.

Mal - Para a moral, é o contrario de bem. Aceita-se, também, como mal, tudo o que constitui obstáculo ou contradição a perfeição que o homem é capaz de conceber, e, muitas vezes, de desejar. Segundo o Espiritismo, tudo o que não está de acordo com a lei de Deus

Na questão 629 de LE, os Espíritos nos apresenta a definição de moral:

“A moral é a regra de conduta e, portanto da distinção entre o bem e o mal. Funda-se na observação da lei de Deus. O homem se conduz bem quando faz tudo tendo em vista o bem e para o bem de todos, porque então observa a lei de Deus”.

O escuro é ausência da luz. “Faça-se a luz e a luz se fez” (VT, Genesis, cap.1); a infelicidade é a ausência da felicidade; o frio é a ausência do calor, o mal é a ausência do bem, assim como ódio é a ausência do amor; portanto, não existem a escuridão, a infelicidade e o mal e muitos menos o ódio. Podemos ter certeza que nossos inimigos são aquelas pessoas que ainda não descobriram que nos amam.

De acordo com a Doutrina Espírita, o problema do bem e do mal está relacionado com as leis de Deus e o progresso alcançado pelo Espírito ao longo de suas varias encarnações.

Muitos pensam que Deus, que é o criador do mundo e de tudo o que existe, também é o criador do mal. Para tanto, as religiões dogmáticas elaboraram uma série de raciocínios sobre a demonologia, ou seja, o tratado sobre o diabo. Baseando-nos nessas imagens, seríamos forçados a crer que existem dois deuses, digladiando-se reciprocamente. A lógica e os ensinamentos espíritas apontam-nos, porém, para a existência de um único Deus, que é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas. Como um de seus atributos é ser infinitamente bom, Ele não poderia conter a mais insignificante parcela do mal. Assim, Dele não pode provir à origem do mal. Mas o mal existe e deve ter uma origem.

O mal existe e tem uma causa. Há, porém, males físicos e morais. Há os que não se pode evitar (flagelos) e os que se podem evitar (vícios).

Porém, os males mais numerosos são os que o homem cria pelos seus vícios, os que provém do seu orgulho, do seu egoísmo, da sua ambição, da sua cupidez, de seus excessos em tudo. No que tange aos flagelos naturais, o homem recebeu a inteligência e com ela consegue amenizar muito desses problemas.

No sentido moral, o mal só pode estar assentado numa determinação humana, que se fundamenta no livre-arbítrio. Enquanto o livre-arbítrio não existia, o homem não cometia o mal, porque não tinha responsabilidades pelas suas ações. O livre-arbítrio é uma conquista do Espírito e, conseqüentemente geram nossas escolhas.

Não podemos esquecer que ***“fazer o bem não é apenas ser caridoso, mas ser útil na medida do possível, sempre que o auxílio se faça necessário”.*** (LE questão 643)

Allan Kardec diz acertadamente que toda religião que não melhora o homem não atinge a sua finalidade. A pureza verdadeira é sempre a pureza moral, a única que aprimora o Espírito.

BIBLIOGRAFIA:

KARDEC, Allan - O Livro dos Espíritos, Livro 3º, cap. I, questões 614 e 647/648;

KARDEC, Allan - A Gênese - cap. III, itens 1 a 10; cap. XI, itens 33e 34; cap. XV item 2;

KARDEC, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo - cap. XV, itens 4, 5 e 6; cap. XVII, itens 1 a 3 e 7;

Parte B - MÃOS LAVADAS

“Então chegaram a ele uns escribas e fariseus de Jerusalém, dizendo: Por que violam os teus discípulos a tradição dos antigos? Pois não lavam as mãos quando comem o pão. E ele, respondendo, lhes disse: E vós também, por que transgredis o mandamento de Deus, pela vossa tradição? Porque Deus disse: Honra a teu pai

e a tua mãe, e o que amaldiçoar a seu pai ou a sua mãe, morra de morte. Vós outros, porém, dizeis: Qualquer que disser a seu pai ou a sua mãe: Toda a oferta que faço a Deus te aproveitará a ti, esta cumprindo a lei. Pois é certo que o tal não honrará a seu pai ou a sua mãe. Assim é que vós tendes feito vão os mandamentos de Deus, pela vossa tradição. Hipócritas, bem profetizou de vós outros Isaías, quando diz: Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração esta longe de mim. Em vão, pois, me honram, ensinando doutrinas e mandamentos que vêm

dos homens. E chamando a si as turbas, lhes disse: Ouvi e entendei. Não é o que entra pela boca o que faz imundo o homem, mas o que sai da boca, isso é o que faz imundo o homem. Então, chegando-se a ele os discípulos, lhe disseram: Sabes que os fariseus, depois que ouviram o que disseste, fiaram escandalizados? Mas ele, respondendo, lhes disse: Toda a planta que meu Pai não plantou será arrancada pela raiz. Deixai-os; cegos são, e condutores de cegos. E se um cego guia a outro cego, ambos vêm a cair no barranco. E respondendo Pedro, lhe disse: Explica-nos essa parábola. E respondeu Jesus: Também vós outros estais ainda sem inteligência? Não compreendeis que tudo o que entra pela boca desce ao ventre, e se lança depois num lugar escuso? Mas as coisas que saem da boca vêm do coração, e estas são as que fazem o homem imundo; porque do coração é que saem os maus pensamentos, os homicídios, os adultérios, as fornicções, os furtos, os falsos testemunhos, as blasfêmias. Estas coisas são as que fazem imundo o homem. O comer; porém, com as mãos por lavar, isso não faz imundo o homem.” (Mateus, XV: 1-20).

“E quando Jesus estava falando, pediu-lhe um fariseu que fosse jantar com ele, e havendo entrado, sentou-se a mesa. E o fariseu começou a discorrer lá consigo mesmo sobre o motivo por que não se tinha lavado antes de comer: E o Senhor lhe disse: Agora vós outros, os fariseus, limpais o que esta por fora do copo e do prato, mas o vosso interior esta cheio de rapina e de maldade. Néscios, quem fez tudo o que está de fora não fez também o que está de dentro?” (Lucas, XI: 37-40).

Os Judeus haviam negligenciado os verdadeiros mandamentos de Deus, apegando-se a prática de regras estabelecidas pelos homens, e das quais os rígidos observadores faziam casos de consciência. O fundo, muito simples, acabara por desaparecer sob a complicação da forma. Como era mais fácil observar a prática dos atos exteriores, do que se reformar moralmente, de lavar as mãos do que limpar o coração, os homens se iludiam a si mesmos, acreditando-se quites com a justiça de Deus, porque se habituavam a essas práticas e continuavam como eram, sem se modificarem, pois lhes ensinavam que Deus não exigia nada mais. Eis porque o profeta dizia: “É em vão que esse povo me honra com os lábios, ensinando máximas e mandamentos dos homens”.

Assim também aconteceu com a doutrina moral do Cristo, que acabou por ser deixada em segundo plano, o que faz que muitos cristãos, a semelhança dos antigos judeus, creiam que a sua salvação esta mais assegurada pelas práticas exteriores do que pelas da moral. É a esses acréscimos que os homens fizeram a lei de Deus, que Jesus se refere, quando diz: “Toda a planta que meu Pai não plantou, será arrancada pela raiz”.

A finalidade da religião é conduzir o homem a Deus. Mas o homem não chega a Deus enquanto não se fizer perfeito. Toda religião, portanto, que não melhorar o homem, não atinge a sua finalidade. Aquela em que ele pensa poder apoiar-se para fazer o mal, é falsa ou foi falseada no seu inicio. Esse é o resultado a que chegam todas aquelas em que a forma supera o fundo. A crença na eficácia dos símbolos exteriores é nula, quando não impede os assassinios, os adultérios, as espoliações, as calúnias e a prática do mal ao próximo, seja qual for. Ela faz supersticiosos, hipócritas e fanáticos, mas não faz homens de bem.

Não é suficiente ter as aparências da pureza, é necessário antes de tudo ter a pureza de coração.

“Porque a sua boca fala o de que está cheio o coração.” (Lucas: 6-45)

“Ouvi e entendei não é o que entra pela boca o que faz imundo o homem, mas o que sai da boca, isso é o que faz imundo o homem”. (Mateus, XV: 1-20)

É muito mais fácil observarem-se preceitos materiais do que preceitos morais. Isso porque os preceitos materiais se apóiam em finalidades exteriores, em ritos, em ostentação, em exibição, em extravasamento de orgulho, de egoísmo e de vaidade. Ao passo que a observância de preceitos morais apóia na regeneração íntima do indivíduo; sem a reforma íntima não é possível praticá-los.

Por isso, muitos são os que negligenciam as Leis de Deus, apegando-se a prática de regras estabelecidas pelos homens. É a esses que Jesus se dirige na lição.

Os preceitos materiais constituem doutrina, regras e convenções moldados segundo a conveniência da casta sacerdotal dominante. Sua finalidade é fazer com que o fundo dos Mandamentos de Deus desapareçam sob a complicação da forma, que melhor lhe convém.

As palavras de Jesus proferidas naquela época continuam atualíssimas. Por isso, segundo se lê em O Evangelho Segundo o Espiritismo, capítulo VIII, item 1o - “Como era mais fácil observar a prática dos atos exteriores, do que reformar-se moralmente”, de “lavar as mãos do que limpar o coração, os homens se iludiam a si mesmos, acreditando-se quites com a justiça de Deus, porque se habituavam a essas práticas e continuavam como eram, sem se modificarem, pois lhes ensinam que Deus não exigia nada mais”. Eis porque o profeta dizia: “E em vão que esse povo me honra com os lábios, ensinando máximas e mandamentos dos homens” (Isaias 29: 13).

A transgressão de um preceito higiênico físico em nada é comparado com a transgressão de uma lei moral. Quando os homens se acomodam e aceitam lideranças sem analisar, todo o resultado é falseado e a fé acaba não se aliando a razão. Quase sempre, quando inquiridos sobre esta ou aquela razão de agir, não sabem responder, mas continuam fanáticos.

“Não te deixes vencer pelo mal, mas vence o mal com o bem.” Paulo (Romanos, 12:21)

Bibliografia:

1) Kardec, Allan - “O Evangelho Segundo o Espiritismo” - Cap. VIII, itens 8 a 10;

2) Emmanuel (Espírito), “Segue-me - Lições”, item: O Bem que não foi feito, Os Sábios Reais, psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier

4ª Aula - LEI DE ADORAÇÃO

Parte A - FINALIDADE DA ADORAÇÃO -ADORAÇÃO EXTERIOR - VIDA CONTEMPLATIVA – POLITEÍSMO - SACRIFÍCIOS

FINALIDADE DA ADORAÇÃO

Adorar é gostar muito, extremamente. Essa expressão é empregada para definir o culto a divindade. Adorar a Deus é buscar a comunhão com Ele.

O ato de adoração está contido na lei natural que rege a vida no universo e impulsiona o processo evolutivo das criaturas, independente do grau de Cultura, pois em todas as épocas, todos os povos praticaram, a seu modo, atos de adoração a um Ente Supremo, o que demonstra ser a idéia de Deus inata e universal.

Com efeito, jamais houve quem não reconhecesse intimamente sua fraqueza, e a conseqüente necessidade de recorrer a alguém, todo poderoso, buscando-Lhe o arrimo, o conforto e a proteção, nos transes mais difíceis desta tão atribulada existência terrena.

ADORAÇÃO EXTERIOR

Desde os primórdios vemos alguns núcleos religiosos utilizando a idolatria como tradição fundamental para manter viva a chama da fé.

Esse hábito vinculou-se tão profundamente ao espírito popular que, mesmo o Espiritismo trazendo o conhecimento da fé raciocinada, às vezes encontramos quem substitua ídolos inertes por companheiros de carne e osso.

A Adoração não precisa de manifestações exteriores, pois o que importa é a sinceridade de sentimentos e sua intenção. No entanto, existem aqueles que têm necessidade de imagens, roupas especiais, ritos e gestos para concretizar a adoração.

Tempos houve em que cada família, cada tribo, cada cidade e cada raça tinham os seus deuses particulares, em cujo louvor o fogo divino ardia constantemente nos altares dos templos que lhes eram dedicados.

Em sua imensa ignorância, os homens sempre imaginaram que, tal qual os chefes tribais ou os reis e imperadores que os dominavam aqui na Terra, também os deuses fossem sensíveis as manifestações do culto exterior.

O monoteísmo depois de muito tempo impôs ao politeísmo, e seria de crer-se que, com esse progresso, compreendendo que o Deus adorado por todas as religiões é um só, os homens passassem, pelo menos, a respeitar-se mutuamente, mas, não foi, porém, o que sucedeu. E os próprios cristãos, séculos pôs séculos, contrastando com os ensinamentos de Jesus, empolgados pelo fanatismo, não hesitaram em trucidar milhares de irmãos que cultuavam Deus de forma diferente.

É necessário compreendermos a impropriedade da adoração exterior de qualquer natureza, fugindo entretanto a violência, no culto do respeito diante das convicções alheias, de modo a servirmos na libertação mental dos outros pelo bom exemplo.

O tempo e a energia desperdiçados, outrora, a frente de ídolos mortos, devem ser aplicados na edificação do bem desinteressado, de maneira a substancializarmos o ideal religioso, no progresso e na educação, antegozando as realidades da vida Gloriosa.

VIDA CONTEMPLATIVA

A vida contemplativa é inoperante e, portanto sem mérito perante Deus.

Muitas vezes tal opção significa fuga ante as situações sociais, tais como desilusão, fanatismo, fraquezas, dificuldades.

A renúncia ao convívio social, familiar ou a união afetiva só tem mérito se for para servir ao próximo, pois é na convivência diária com seu semelhante, no difícil exercício do amor e do perdão, que se evolui e se expressa a verdadeira adoração a Deus.

Jesus, nosso modelo a ser seguido, orava, porém, muito trabalhou para o reerguimento dos necessitados do corpo e da alma. A fé sem obras é morta.

Para fazer o bem, é sempre necessário a ação da vontade, mas para não fazer o mal bastam frequentemente a inércia e a negligência (ESE cap.XV item 10).

A Doutrina Espírita é objetiva: sempre que o “móvel” da atitude for o egoísmo, nada terá valor.

POLITEÍSMO

O politeísmo foi uma das crenças mais antigas espalhadas pelo mundo, em razão do atraso moral e intelectual da humanidade (era atribuído nome de Deus a tudo o que não se podia explicar como sol, chuva, raios, agricultura, etc.)

A palavra Deus tinha entre os antigos uma acepção muito extensa; não era como em nossos dias uma designação do Senhor da Natureza mas uma qualificação genérica de todos os seres não pertencentes às condições humanas.

A concepção de um Deus único não poderia existir no homem senão como resultado da aquisição gradual de conhecimento. Porém, em todos os tempos houve homens esclarecidos, que compreenderam a existência de um Deus único.

O Cristianismo, vindo aclarar o mundo com a sua luz divina, fez com que a adoração voltasse para Aquele a que realmente pertence.

SACRIFÍCIOS

Estudando a história das religiões, verifica-se que o oferecimento de sacrifícios a Divindade remonta a um passado que perde-se na noite das idades.

As oferendas, que a principio eram de frutos da terra, passaram a constituir-se de animais e mais tarde em sacrifícios humanos.

Devido seu atraso moral, não conseguiram conceber a Divindade com os atributos da perfeição, acreditando que o holocausto era mais valioso quanto mais importante fosse a vítima (Ver III Livro de Reis, cap. 19 v.22 a 40) (Genesis cap. 22 imolação suspensa de Isaac).

O que nos importa é saber que se naquele tempo os povos eram dominados por instintos animais e por isso geralmente cruéis; ele foi desenvolvendo seu senso moral e modificando a maneira de ver esses sacrifícios.

Deus jamais exigiu sacrifícios. Ele não pode ser honrado com a destruição inútil de sua própria criação (LE 669b), nem mesmo aceitar as macerações e as penitências que certos religiosos impõem a si mesmos.

Usando a razão e o bom senso, concluímos que para agradar a Deus melhor seria transformar a homenagem em ajuda aos necessitados, em consolo para os que sofrem, ou ainda em prece proferida com sinceridade e humildade.

O único sacrifício abençoado por Deus é aquele que se faz por amor e em benefício do próximo, pois Deus abençoa sempre os que praticam o bem (LE 673).

BIBLIOGRAFIA:

KARDEC, Allan - O Livro dos Espíritos, Introdução - “O Problema Religioso”. Livro 2º, Cap. IX, questão 537; Livro 3º, cap. II, - questões 647 a 673;

KARDEC, Allan - A Gênese - cap. I, itens 7 a 9; cap. II, itens 5, 7, 17 a 19, 22; C311 XII, itens 43, cap. XIII, item 18;

KARDEC, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo - cap. I, itens 1 a 5 e 9; cap. X, item 7; cap.XV, itens 3, 6; 10 e 13; cap. XIX, itens 11 e 12; cap. XXIII, itens 9 a 14;

KARDEC, Allan - O Que é Espiritismo - cap. I; cap. II; questões 161 e 162;

Parte B - PEDI E OBTEREIS

“E quando orais, não haveis de ser como os hipócritas, que gostam de orar em pé nas sinagogas e nos cantos das ruas, para serem vistos dos homens; em verdade vos digo que eles já receberam a sua recompensa.”

“Mas tu, quando orares, entra no teu aposento e, fechando a porta, ora a teu Pai em secreto; e teu Pai que vê o que se passa em secreto, te dará a paga.”

“E quando orais, não faleis muito como os gentios; pois cuidam que pelo muito falar serão ouvidos.”

“Não queirais, portanto parecer-vos com eles; porque vosso Pai sabe o que vos é necessário, primeiro que vós lho peçais” (Mateus, VI: 5-8)

A prece é uma demonstração de humildade da criatura para com o Criador; não pode servir de estímulo ao orgulho dos homens.

Recomendando-nos que oremos secretamente, Jesus quer que o sagrado ato da prece seja realizado na maior simplicidade possível e na mais perfeita humildade e harmonia.

A prece não vale pelas palavras com que é formulada, e sim pelo sentimento que a inspira. Não são os lábios que devem orar; mas o próprio coração.

E verdade que o Pai sabe o que é necessário a cada um de nós, antes que lho pecamos. Jesus neste versículo, quer dizer-nos que, velando pela criação inteira, esta a Providência Divina, que a tudo prove. Contudo, temos a obrigação de orar, tanto assim que Jesus nos ensina como fazer:

PAI NOSSO QUE ESTÁS NOS CÉUS; SANTIFICADO SEJA O TEU NOME

Iniciamos a prece por um ato de adoração a Deus, pronunciando seu nome sempre com o maior respeito.

VENHA A NÓS O TEU REINO. SEJA FEITA TUA VONTADE, ASSIM NA TERRA COMO NOS CÉUS

O reino que desejamos é um mundo, onde todos sejam felizes. E, portanto, nosso dever trabalhar para que haja a maior soma possível de felicidade na terra. Só Deus sabe o que convém a cada um de seus filhos; por conseguinte, devemos conformar-nos com a vontade Divina que rege o Universo.

O PÃO NOSSO DE CADA DIA, DÁ-NOS HOJE

Rogamos ao Pai celestial os meios de subsistência material e espiritual. A subsistência material conseguimos-la pelo trabalho; e a espiritual, pelo cumprimento, pelo estudo e pelo respeito às leis divinas.

E PERDOA-NOS AS NOSSAS DÍVIDAS, ASSIM COMO TAMBÉM PERDOAMOS AOS NOSSOS DEVEDORES

Para recebermos uma graça de nosso Pai, devemos ter iniciativa. Se não procurarmos merecer o favor divino, estacionaremos na estrada do progresso. E se lutarmos para alcançar o auxílio celeste, tanto mais depressa construiremos nossa felicidade.

Todavia, o auxílio divino está sempre subordinado aos atos que praticamos para com o próximo.

Um dos benefícios, que Jesus nos ensina a obtermos de Deus, é o perdão das faltas, que cometemos contra suas leis. Ora nossos irmãos cometem faltas contra nós; se lhes perdoarmos os prejuízos morais ou materiais que nos causaram, e certo que conseguiremos o perdão de Deus, pelos erros em que incidimos durante nossa encarnação.

Misericórdia para com os outros, a fim de obtermos misericórdia do Pai.

E NÃO NOS DEIXE CAIR EM TENTAÇÃO. MAS LIVRA-NOS DO MAL, ASSIM SEJA.

Pedimos ao Pai as forças suficientes para resistirmos às tentações que se nos apresentam durante a vida; por isso, quando formos tentados, devemos elevar ao Alto o nosso pensamento, donde nos virá o auxílio.

Roguemos ao Senhor que nos livre do mal, mas não o pratiquemos nem por atos, nem por palavras, nem por pensamentos.

“PORQUE SE VOS PERDOARDES AOS HOMENS AS OFENSAS QUE TENDES DELES, TAMBÉM O VOSSO PAI CELESTIAL PERDOARÁ OS VOSSOS PECADOS.”

“MAS SE NÃO PERDOARDES AOS HOMENS, TAMPOUCO O VOSSO PAI VOS PERDOARÁ OS VOSSOS PECADOS”

BIBLIOGRAFIA:

KARDEC, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo - cap. XXVII, itens 1 a 15

EMMANUEL, Francisco C. Xavier - Pensamento e vida - item 26

CALLIGARIS, Rodolfo - Leis Morais

EMMANUEL, Francisco C. Xavier - Religião dos Espíritos

EMMANUEL, Francisco C. Xavier - O Livro da Esperança - item 1
LUIZ, André, Waldo vieira - Conduta Espírita - item 26
SIMONETTI, Richard - A Constituição Divina
RIGONATTI, Eliseu - O Evangelho dos Humildes
AUTORES DIVERSOS, Waldo vieira/Francisco C. Xavier - O Espírito da Verdade - item 72
VINICIUS, PEDRO DE CAMARGO - Em Busca do Mestre
JOANNA DE ANGELIS, Divaldo P. Franco - Leis Morais da vida - item 2
PIRES, José Herculano - O Homem no Mundo - Heloisa Pires;
PERALVA, Martins - O Pensamento de Emmanuel - nº 24 e 25;

5ª Aula - LEI DO TRABALHO

Parte A - NECESSIDADE DO TRABALHO - LIMITE DO TRABALHO – REPOUSO

NECESSIDADE DO TRABALHO

Todo o universo trabalha e com o homem não seria diferente. O Livro da Gênese demonstra todos os ciclos pelo qual a Terra e o homem passaram e provam que pelo trabalho todos vem para dar continuidade ao trabalho de Deus (LE 674). Quando pensamos na palavra trabalho, logo remetemos nosso pensamento às ocupações materiais que desenvolvemos, contudo, o trabalho vai muito além desta simples visão.

Isto demonstra, que para o ser hominal, não somente as atividades materiais, que desenvolvem a inteligência do homem, mas também os trabalhos que desenvolvem a moral, os sentimentos daquele Espírito em evolução, são trabalhos que devem ser realizados ativamente pelo homem.

Quando o homem se entrega a ociosidade à expiação prevalece para que ele seja alertado para a sua melhoria (LE 676). Todo trabalho é útil, toda profissão dedicada à melhoria da sociedade, ao progresso e seu funcionamento dentro da economia do planeta é necessária, alias, em um planeta de provas e expiações, temos de ter atividades diversas que dêem oportunidades a todos em suas provas para aprimoramento pessoal. Isto sem contar as diversas atividades direcionadas ao bem de nosso semelhante, que nos auxiliam a desenvolver as várias virtudes e depurar nossos sentimentos.

A oportunidade de trabalho esta em todos os lugares e momentos, mesmo para aqueles homens que estão impossibilitados de trabalhar, por qualquer impedimento, Deus oferece condições de que ele seja útil de alguma maneira, mesmo que através de uma prece direcionada aqueles que lhe auxiliam e participam de sua caminhada.

LIMITE DO TRABALHO. REPOUSO

Na sociedade em que vivemos, não podemos esquecer que nos é dado limite para o trabalho material, e este repouso é necessário ao descanso de nosso corpo físico e da mente, o limite do trabalho é o das forças, isto é, Deus não coloca fardos passados em ombros que não possam agüentar. Muitos homens e mulheres em nossa sociedade, não respeitam este limite, na chamada “corrida do ouro” e trazem para si inúmeras doenças e desequilíbrios.

Há muitos que detêm condições de fornecer ao seu semelhante, ou a comunidade onde vive, oportunidades de progresso e melhoria. Contudo, delas abusa, impondo aqueles que deveria auxiliar em seu progresso intelectual-moral, impondo excessos de trabalho. Já vivenciamos épocas em que o homem escravizava outro homem e, apesar da sociedade estar mais atenta (com relação a leis de proteção aos direitos humanos), hoje ainda encontramos aqueles que sob diversas formas, escravizam seu semelhante, impondo-lhe condições abusivas de trabalho material, transgredindo as Leis Divinas e Sendo o responsável por colher os frutos amargos do mau uso de seu livre-arbítrio.

O mais forte trabalhando para o mais fraco, é assim que a nossa vida de relação com o semelhante acontece e não paramos para perceber. São os pais cuidando dos filhos pequenos; são os filhos que devem cuidar dos Pais já idosos; são os mais bem aquinhoados pelos bens materiais que podem e devem, proporcionar aos menos abastados, condições de trabalho, onde podem desenvolver suas diversas potencialidades; são os homens dispostos de boa vontade, respeito e amor ao próximo que auxiliam de diversas formas, seu semelhante caído sob o peso das dificuldades.

O mesmo não se da, contudo, com o trabalho moral. Aquele onde o homem desenvolve suas virtudes, no contato com seu semelhante, em todos instantes de sua existência. Para esta atividade, não existe limite, pois a

cada instante de nossas vidas podemos aproveitá-lo para sermos um “homem de bem”, como nos ensina Jesus. Na passagem do evangelho, onde Jesus realizou a cura de um enfermo no tanque de Betsáida, os Judeus vêm ao seu encontro e dizem que não era licito realizar curas aos sábados e Jesus deixa-nos uma lição que devemos analisar com muito carinho para aplicá-la em nossas vidas: “Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também” (Jo, 5:1-17).

BIBLIOGRAFIA:

KARDEC, Allan - O Livro dos Espíritos - questões 674 a 685-a;
 CALLIGARIS, Rodolfo - Leis Morais;
 FRANCO, Divaldo P. - Leis Morais da vida, Cap. III;
 EMMANUEL, Francisco Cândido Xavier - Religião dos Espíritos;
 PERALVA, Martins - O Pensamento de Emmanuel- no. 26;
 LUIZ, André - Conduta Espírita - item 26.

Parte B - PARÁBOLA DO RICO INSENSATO OU AVARENTO - ESE, Cap. XVI, item 3

Um homem rico possuidor de terras, teve grande produção. Pensava consigo mesmo que faria para recolher seus frutos e entendia ser melhor construir celeiros maiores e lá guardar todo o seu produto e todos os seus bens e poderá descansar; comer e beber; por muitos anos. Contudo, Deus lhe disse: “Louco, esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será? Assim é o que entesoura para si mesmo e não é rico para com Deus”.

De que valem tesouros que a traça e a ferrugem corroem? Esta parábola demonstra o quanto o homem contemporâneo está voltado pra as riquezas materiais, esquecendo as espirituais. O Ter é mais forte que o Ser.

Este rico proprietário de terras, esqueceu que o seu verdadeiro tesouro está no coração, retrato da alma. Aquele a quem Deus concedeu bens materiais tem por obrigação ser útil ao próximo.

Se este homem tivesse não só, ajuntado os tesouros no céu, ou seja, trabalhado em prol dos tesouros da alma, sentimentos e atitudes nobres, ficaria tranqüilo no momento que o Senhor o chamasse a Pátria Espiritual, pois teria trabalhado em proveito de si e do próximo.

BIBLIOGRAFIA:

KARDEC, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo - Cap. XVI, item 3;
 EMMANUEL, Francisco Cândido Xavier - Pensamento e vida - item 17;
 LUIZ, André - Conduta Espírita - item 8;
 O Espírito da verdade - Diversos Espíritos -item 9;
 ALMEIDA, José de Souza - Evangelho Segundo Espiritismo e Parábolas;
 SCHUTEL, Caibar e Parábolas e Ensinos de Jesus - Parábola do Avarento;

6ª Aula - LEI DE REPRODUÇÃO

Parte A - POPULAÇÃO DO GLOBO - SUCESSÃO, APERFEIÇOAMENTO E DIVERSIDADE DAS RAÇAS - POVOAMENTO DA TERRA - OBSTÁCULO A REPRODUÇÃO - CASAMENTO - CELIBATO - POLIGAMIA - UNIÃO ESTÁVEL.

POPULAÇÃO DO GLOBO - Questão 686 do LE.

Embora não tenhamos conhecimento e nem mesmo a mínima idéia de quando fomos criados, a Doutrina Espírita nos ensina que percorremos os reinos inferiores da natureza, como Princípio Inteligente. Amealhando experiências em cada um dos reinos, nos capacitamos a, quando prontos, adentrarmos no reino hominal. Desta forma, somos criados simples e ignorantes, mas com capacidade de raciocinar e com a missão de progredir em todos os aspectos, através das múltiplas reencarnações, até alcançar a relativa perfeição.

A reprodução dos seres vivos é, portanto, uma lei natural, pois, sem ela, o mundo corpóreo desapareceria. Contudo, não se deve deduzir que, havendo uma progressão constante de corpos físicos (para dar cumprimento ao princípio reencarnatório), o mundo material possa vir a ter uma população excessiva, cuja saturação levaria à escassez de meios e recursos de sobrevivência.

Deus a isso provê, mantendo sempre o equilíbrio, pois, o Plano Espiritual Superior nos assiste e nos fiscaliza permanentemente.

SUCESSÃO, APERFEIÇOAMENTO, DIVERSIDADE DAS RAÇAS E POVOAMENTO DA TERRA

A história nos conta a trajetória das raças humanas ao longo dos séculos e milênios. Como tudo em nosso mundo, as raças humanas aparecem, se desenvolvem, atingem o ápice da evolução e terão também o período de decréscimo e extinção. É a renovação como lei.

Somos todos da espécie humana e irmãos em Deus. O homem que surgiu em determinada região geográfica, com um clima peculiar daquela região, estimulando vida e hábitos diferentes de outros que surgiram em outras localidades, explicam as diferenças físicas e morais que distinguem as variedades da raça humana.

Esta diversidade proporciona ao Espírito em evolução oportunidades inúmeras de aprendizado, evolução e progresso, não só do Espírito, como da sociedade da qual ele pertence, ou poderá pertencer.

OBSTÁCULOS A REPRODUÇÃO

A reprodução dos seres vivos é uma Lei Natural e corresponde a necessidade no mecanismo da evolução.

O homem usando sua inteligência e capacidade de discernimento pode adotar certas precauções para regulá-la.

A reprodução excessiva de determinadas plantas ou animais pode ser nociva e prejudicial ao homem, nesse caso, pode-se perfeitamente impedir ou regular a reprodução.

Deus dotou o homem de inteligência e raciocínio para que seja seu aliado no equilíbrio das forças na natureza.

Os próprios animais concorrem para a harmonia e o equilíbrio dos seres vivos, pois, ao se nutrirem das espécies animais e vegetais segundo seus instintos de conservação detêm o desenvolvimento excessivo de tais espécies.

No entanto, em se tratando de seres humanos, deve o homem levar em conta sua responsabilidade em adotar métodos para controlar sua reprodução.

Deus permitiu ao homem descobrir os meios para esse controle, o que significa sua aprovação, entretanto, importa saber as razões que levam o homem a assim agir

Quando a não observação da Lei de Reprodução se traduz por uma ação meramente sensual mostrando a predominância da matéria sobre o Espírito, revela-se sua condição de inferioridade e materialidade.

O homem, em busca de sua relativa perfeição, deve aprender a direcionar seu impulso sexual sublimando-o paulatinamente e de tal forma, que possa transformá-lo em novas fontes de energia.

CASAMENTO E CELIBATO – POLIGAMIA - UNIÃO ESTÁVEL

a) CASAMENTO E CELIBATO

“O casamento ou a união permanente de dois seres, como é obvio, implica o regime de vivência pelo qual duas criaturas se confiam uma à outra, no campo da assistência mútua.” (Vida e Sexo - cap. 7 – Emmanuel)

A Doutrina Espírita veio nos ensinar; para grande surpresa nossa, que a verdadeira vida é no Plano Espiritual. Para as nossas experiências, expiações, provas, oportunidades de trabalho, e estudo, etc. e, sobretudo para o progresso e evolução em todos os aspectos, Deus nos deu as reencarnações.

Por meio das reencarnações, temos a única maneira de progredirmos até alcançarmos a condição de Espíritos Puros. Condição essa, que todos nós, sem exceção, alcançaremos um dia, conforme promessa de nosso Mestre Jesus. *“Sede vos logo perfeitos, como também vosso Pai celestial é perfeito.”* (Mt, v:44-48)

O tempo que levaremos para atingir esse objetivo vai variar de Espírito para Espírito, pois é uma tarefa individual.

A união conjugal no Plano Espiritual se dá através de almas afins, enquanto no Plano físico essas relações se dão, muitas vezes para reajustar uma situação criada em outras encarnações, onde esses Espíritos têm a oportunidade de se encontrarem para “provarem ou expiarem” através do convívio e com isso evoluírem Espiritualmente, se libertando daqueles laços que os prendiam.

Deus, com sua paciência e misericórdia infinita, aguarda o resultado dos nossos esforços sem nenhuma pressa ou pressão, leve o tempo que levar, mesmo porque, somos imortais. Tivemos um começo, mas não teremos fim.

Antes de retornarmos ao plano físico fazemos um planejamento reencarnatório onde nos comprometemos em receber; acolher e conviver com companheiros de aventuras infelizes com a promessa de socorro e oportunidade de reedificação, com a esperança de elevação, resgate, burilamento e melhoria. O Casamento ou união conjugal é uma dessas oportunidades onde se pode constituir uma família e quitar os débitos obtidos.

“Celibato (do latim caelibatus que significa “não casado” na sua definição literal é uma pessoa que se mantém solteira, podendo manter relações sexuais, logo não precisa se manter casto. No entanto, o termo é popularmente usado para descrever uma pessoa que escolhe abster-se de atividades sexuais. (Wikipedia - dicionário)

O celibato quando decidido por motivos religiosos ou beneméritos, mediante juramento ou voto sagrado, se o propósito é de se consagrar e servir a coletividade, sem segunda intenção egoísta, esse sacrifício eleva o homem acima de sua condição material e um ato meritório, perante as Leis Divinas.

Contudo, quando o celibato é um ato voluntário, tendo como finalidade a fuga das responsabilidades que a constituição familiar exige, não pode ser considerado um estado ideal “... Os que vivem assim por egoísmo desagradam a Deus e enganam a todos (LE - pergunta 698)

b) POLIGAMIA

“Poligamia, do grego muitos matrimônios. No reino animal, a poligamia se refere à relação onde os animais mantêm mais de um vínculo sexual no período de reprodução. Nos humanos, a poligamia é um tipo de relacionamento amoroso e sexual entre mais de duas pessoas, por um período significativo de tempo ou por toda a vida. É permitida por algumas religiões e pela legislação de determinados países.”

A poligamia para ser uma lei natural deveria ser universal, mas no entanto é utilizada, ainda, em alguns países pela legislação humana.

A abolição da prática poligâmica marca o progresso social, pois a monogamia é a união onde proporciona aos cônjuges a oportunidade de se conhecerem afetivamente e se elevarem moralmente através dos princípios de amor e fraternidade, respeito, constituindo a união ideal do raciocínio e do sentimento entre as almas eleitas.

“...o casamento segundo as vistas de Deus tem que se fundar na afeição dos seres que se unem. Na poligamia, não há afeição real: há apenas sensualidade...” (LE -pergunta 701)

c) UNIÃO ESTÁVEL

Nossa legislação, bem como a maioria dos outros países, permite a separação dos casais, através do desquite ou divórcio. As leis humanas vão se modificando, procurando acompanhar o progresso da civilização. A Doutrina Espírita concorda com essa posição, ponderando que é preferível a separação oficializada, mesmo porque nesses casos, a separação já é um fato consumado.

Partindo-se do princípio de que não há uniões ao acaso. O divórcio sendo uma lei humana, vem para legalizar um mal maior ou seja, para interromper compromissos que poderiam causar danos maiores aos cônjuges, onde levaria muito mais tempo para resgatar

O fato de uma separação em uma encarnação não quer dizer que os Espíritos deixarão de ter aquele compromisso, pois em outra oportunidade virão juntos, para resgatar o que sucumbiram nessa.

Espera-se que haja equilíbrio nos compromissos afetivos entre casais, para que não percam a oportunidade de construir a verdadeira libertação.

Os débitos que contabilizamos ficam gravados dentro de nós, para que em algum momento possamos quitar. O espírita, conhecedor das Leis de Deus, que são misericordiosas, porém justas, deve esforçar ao máximo para manter a união estável, evitando o rompimento.

BIBLIOGRAFIA:

KARDEC, Allan - O Livro dos Espíritos, questões 50 a 54 e 686 a 701;

KARDEC, Allan -A Gênese - cap. I, parágrafos 31 e 32; cap. VI, parágrafos 7, 24, 28, 32, 48 e 49; cap. VII, parágrafos 7, 24, 28, 32, 48 e 49; cap. X, parágrafos 26 a 30; cap. XI, parágrafos 15, 16, 23, 29, 32, 39, 41 e 42; cap. XII, parágrafos 25 e 26;

KARDEC, Allan - O Que é Espiritismo - questão 142;

KARDEC, Allan - Evangelho Segundo o Espiritismo - cap. XVII, itens 7 e II; cap. XXII, itens I a 5; cap. XVII, itens 3 e 10;

PIRES, José Herculano - O Homem no Mundo - Heloisa Pires, pág. 137;

Parte B - LAÇOS DE FAMÍLIA E PIEDADE FILIAL

LAÇOS DE FAMÍLIA- ESE, Cap. IV, item 18

“...Os liames sociais são necessários ao progresso e os laços de família resumem os liames sociais; eis porque eles constituem uma Lei Natural. Deus quis que os homens, assim, aprendessem a amar-se como irmãos”. (LE. - pergunta 774)

O valor e a importância da família crescem, de fato, quando são enfocados sob o ângulo da Doutrina Espírita, pois se aprende na codificação que o casamento, marco inicial na constituição da família, representa um progresso conquistado pelo homem em busca de sua perfectibilidade. Portanto, deve-se evitar o relaxamento dos laços familiares, porque implicam, ao invés do amor no desenvolvimento do egoísmo, retardando, assim, o ciclo evolutivo da humanidade.

Ensinam os Espíritos que é na família e através dela, que se dá o burilamento das almas, segundo o princípio da reencarnação. Esta tarefa deve ser realizada com seriedade e responsabilidade, pois não é por acaso que

determinadas criaturas são reunidas numa mesma família. O espírita não pode permitir que seu lar seja simplesmente uma morada, mas um local acolhedor onde se encontram almas necessitadas de desenvolver sentimentos de amor e de perdão, onde os Espíritos se refazem das lutas de cada dia e se ajudam, fraternalmente, trabalhando por um futuro melhor.

PIEIDADE FILIAL- ESE, Cap. XIV item 3

“Honrarás vosso pai e vossa mãe” (Marcos, 7:10; MT 15:4; Lc 18:20)

Um dos mandamentos contidos no Decálogo prescreve a necessidade de honrar pai e mãe, o que implica em dar-lhes todo o afeto possível, em todas as fases de suas vidas, e principalmente na velhice, retribuindo assim, em parte, os desvelos e as preocupações que tiveram na infância dos filhos. É evidente que aquele que assim não proceder estará amealhando pesados encargos para si na vida futura, através de novas reencarnações.

A ingratidão é um dos deslizes humanos que mantêm o mais íntimo parentesco com o egoísmo, tomando dimensão maior quando é cometida pelos filhos, em relação aos seus pais. Muitos chegam ao ponto de colocarem seus pais idosos nos aposentos mais obscuros da casa onde residem, não lhes dando nenhum tipo de conforto, quando não os internam em casas de idosos ou asilos, para que eles não os incomodem em seus lares.

Muitos filhos dão aos pais o estritamente necessário para poderem sobreviver; ao passo que eles próprios de nada se privam. Sobretudo, para os pais sem recursos é que se demonstra a verdadeira piedade dos filhos.

O mandamento “honrar vosso pai e vossa mãe” é uma conseqüência da lei geral da caridade e do amor ao próximo, já que não pode amar o seu próximo aquele que não ama seus pais. O vocábulo “honrai” encerra um dever a mais para com eles: o da piedade filial Deus quis mostrar com isso que, ao amor é preciso acrescentar o respeito, as atenções, a submissão e a condescendência, o que implica a obrigação de cumprir para com eles, de um modo mais rigoroso ainda, tudo o que a caridade manda para com o próximo (ESE, Cap. XIV item 3).

Há, em verdade, certos pais que se descuidam de seus deveres para com os filhos. A estes, porém, não cabe censurá-los ou puni-los, pois talvez eles mesmos tenham dado causa ao menosprezo dos pais.

Se a caridade Cristã sublima a retribuição do mal com o bem, a indulgência com as imperfeições alheias, o perdão das ofensas e o amor ao próximo até mesmo aos inimigos, essa obrigação é ainda bem maior em relação aos pais.

BIBLIOGRAFIA:

KARDEC, Allan - o Evangelho Segundo o Espiritismo - cap. XII (itens 1 a 3 e 9;
EMMANUEL, Francisco Cândido Xavier - Vida e Sexo - itens 6 a 9, 11, 19, 20, 22 e 23;
PERALVA, Martins - O Pensamento de Emmanuel- item 27;
CALLIGARIS, Rodolfo - Leis Morais;

7ª Aula - LEI DE CONSERVAÇÃO

Parte A - INSTINTO DE CONSERVAÇÃO - MEIOS DE CONSERVAÇÃO - INSTINTO E INTELIGÊNCIA - NECESSÁRIO E SUPÉRFLUO - PRIVAÇÕES VOLUNTÁRIAS – MORTIFICAÇÕES – PROVAS VOLUNTÁRIAS - VERDADEIRO CILÍCIO

INSTINTO DE CONSERVAÇÃO

Dentre as sábias Leis de Deus que regem toda a criação, a LEI DE CONSERVAÇÃO se destaca, pois é ela que impulsiona o homem e os seres no rumo da evolução, do aprimoramento, através do trabalho contínuo.

“Todos os seres vivos possuem o instinto de conservação qualquer que seja o grau de inteligência; em uns é puramente mecânico em outros é racional.” (LE 702)

Em tudo o que vive, seja de natureza simples ou complexa, o instinto de conservação é inerente a espécie, pois sem ele pereceriam.

MEIOS DE CONSERVAÇÃO

A necessidade de viver e defender a vida é essencial ao aperfeiçoamento dos seres, para isso, Deus deu meios de o homem prover através do uso dos bens da Natureza (LE 705).

O homem movido pelo instinto de conservação, aliado a inteligência, adquire meios de cultivar a terra, transformar a matéria e até mesmo sofisticá-la, a fim de suprir aquilo que julga ser-lhe necessário (LE 706).

A LEI DE CONSERVAÇÃO não se aplica somente ao homem, senão também a tudo que o cerca. Pais zelosos dizem que devem preservar a natureza para seus filhos e netos. Ora, diante da lei imperiosa da reencarnação quem serão aqueles que virão habitar esta mesma Terra num futuro próximo ou distante? Portanto, é de fundamental importância o despertar de consciência desde a mais tenra idade, fazer dos filhos os multiplicadores do bem em todas as suas manifestações e agentes no bom uso da INTELIGÊNCIA. O homem por possuir livre arbítrio, traz consigo a responsabilidade de seus atos. Muitas vezes não tão satisfatórios perante a natureza.

GOZOS DOS BENS TERRENOS

No mais das vezes, o homem é movido por um desejo insofrecível de possuir bens. Observa o que o semelhante tem e deseja para si. A ambição, a inveja, a cupidez, fazem com que seja tentado a possuir de maneira além do que lhe seja necessário.

Deus, dotando o homem com o instinto de conservação, oferece-lhe os bens da Terra para que aprenda a usufruir com equilíbrio. E para que cresça moralmente, faz com que desenvolva o sentido de limites do que lhe possa ser realmente necessário e do que seja supérfluo (LE 712-A).

NECESSÁRIO E SUPÉRFLUO

Conhecer e discernir o necessário do supérfluo é o resultado da aprendizagem exercida através da vivência. Quando o homem passa por experiências marcantes como a da miséria; da extrema necessidade; do desgaste da saúde; das limitações físicas que impõem determinada condição para obter meios de garantir sua sobrevivência; quando se vê no limite das forças, essas experiências ficam gravadas na sua memória espiritual.

Será de fato necessário passar por essas experiências para que o homem se condoa da necessidade de seu irmão de caminhada? Que aprenda a dividir com ele, não o que sobra, mas o que tem! Na maioria dos lares o vazio está presente; caminhos tortuosos levam as pessoas em busca de necessidades que não existem, vacilam diante dos apelos de consumo, da necessidade social de ter sempre mais, e não o de “ser”.

PRIVAÇÕES VOLUNTÁRIAS - MORTIFICAÇÕES

“A lei de conservação obriga-nos a prover as necessidades do corpo?”

Os Espíritos respondem sim, sem energia e a saúde, o trabalho é impossível.” (LE 718)

O bem estar é um desejo natural, portanto não é proibido. Deus proíbe o abuso por ser contrário a lei de conservação.

A procura do bem estar é validade desde que não seja conquistado, sem prejuízo de outrem e se não enfraquecer as forças morais e físicas (LE 719)

As privações voluntárias com vistas a uma expiação tem algum mérito aos olhos de Deus?

Sempre que fizer bem aos outros terá o maior mérito. (LE 720)

As privações meritórias é a privação dos prazeres inúteis, porque liberta o homem da matéria e eleva sua alma.

O meritório é resistir às tentações e aos excessos de coisas que nada tem de proveito.

A vida de mortificações dos ascetas segue apenas aquele que a prática e conseguinte que o impede de fazer o bem.

Submeter-se a privações no trabalho pelos outros esta é a verdadeira mortificação de acordo com a caridade crista. (LE 721)

Alimentação animal não é contrária a lei natural, tendo em vista que este tipo de alimentação ainda é necessária a constituição física, pois ao contrário o homem perece.

As mutilações praticadas no corpo do homem ou dos animais, não são agradáveis aos olhos de Deus. Não devemos criar sofrimentos voluntários sem nenhuma utilidade para os outros.

PROVAS VOLUNTÁRIAS - VERDADEIRO CILÍCIO

“O instinto de conservação foi dado a todos os seres contra os perigos e sofrimentos. Fustigai o vosso Espírito e não o vosso corpo, mortificai o vosso orgulho, sufocai o vosso egoísmo que se assemelha a uma serpente a vos devorar o coração e farei mais pelo vosso adiantamento do que por meio dos rigores que não mais pertencem a este século.” (LE 727)

Essa questão nos conduz naturalmente a outra. Desde que Jesus disse: “Bem-aventurados os aflitos”, há mérito em procurar as aflições, agravando as provas por meio de sofrimentos voluntários? A isso responderei muito claramente: Sim, é um grande mérito, quando os sofrimentos e as privações têm por fim o bem do próximo, porque se trata da caridade pelo sacrifício; não, quando eles só têm por fim o bem próprio, porque se trata de egoísmo pelo fanatismo.

Há uma grande distinção a fazer. Quanto a vós, pessoalmente, contentai-vos com as provas que Deus vos manda, não aumenteis a carga já por vezes bem pesada; aceitai-as sem queixas e com fé, eis tudo o que Ele vos pede. Não enfraqueçais o vosso corpo com privações inúteis e macerações sem propósito, porque tendes necessidades de todas as vossas forças, para cumprir vossa missão de trabalho na Terra.

Torturar voluntariamente, martirizar o vosso corpo, é infligir à lei de Deus, que vos dá os meios de sustentá-lo e de fortalecê-lo. Debilitá-lo sem necessidade é um verdadeiro suicídio. Usai, mas não abuseis: tal é a lei. O abuso das melhores coisas traz as suas punições, pelas conseqüências inevitáveis. (ESE V item 26)

BIBLIOGRAFIA:

KARDEC, Allan - O Livro dos Espíritos - questões 71 a 87, 702 a 710 e 715 a 727;

KARDEC, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo - cap. V item 26;

Parte B - O EGOÍSMO - ESE, Cap. XI, item 11

“Pois qual é o maior: quem está à mesa ou quem serve?

Porventura não é quem está à mesa? Eu, porém, entre vós sou aquele que serve.” (Lucas 22:27)

“E então se aproximou dele a mãe dos filhos e Zebedeu, com seus filhos, adorando-o e fazendo-lhe um pedido. E Ele diz-lhe: que queres? E ela respondeu: dize que estes meus dois filhos se assentem, um a tua direita e outro a tua esquerda, no teu reino.” (Mateus, 20:20 e 21).

Diversos ensinamentos pode-se extrair dos versículos que constam no Novo Testamento. No primeiro deles, Jesus nos dá o exemplo da humildade. Sendo Ele o Espírito escolhido pelo Pai para trazer revelações sobre o mundo espiritual, sobre o reino de amor e bondade; tendo Ele a condição suprema de apresentar-se como o maior, dá o exemplo da humildade.

Aquele que está sentado à mesa e é servido por alguém, julga-se importante. Na visão de Jesus não é assim.

Já no outro, o desejo materno de proporcionar aos filhos o melhor, a mãe dos filhos de Zebedeu, num ato que ela julgava de extremado amor, pede que seus filhos sejam elevados a condição espiritual de Jesus, já que pedia ao Rabi que seus filhos pudessem ser colocados numa posição de destaque ao seu lado.

O pano de fundo em ambos é o desejo do melhor para si. Que outro nome tem senão egoísmo?

É no egoísmo que está à raiz de todos os males que assolam a humanidade desde os mais remotos tempos. É nele que se encontra o motivo das guerras; das dissensões; das fraudes; do roubo, do seqüestro, e de tudo o que de pior existe no mundo.

O egoísmo é o alvo para onde deve mirar a criatura que deseja a sua renovação interior; que busca um sentido maior e profundo em sua vida; enfim, o verdadeiro cristão.

É um sentimento que muito embora esteja presente nos primeiros anos da vida da criança para a descoberta da sua identidade, no correr dos anos deve ser orientado pelos pais a olhar além de si e ver o outro como igual, como um filho de Deus que todos somos.

É no lar cristão; na leitura semanal do Evangelho; na participação da comunidade espírita que se sedimenta o aprendizado.

O egoísmo é a negação da caridade. E preciso destruir a couraça que reveste o sentimento do ser para que se sensibilize com a dor do outro.

O Mestre nos diz que o primeiro mandamento é Amar a Deus de todo o coração de todo o entendimento, e o segundo semelhante é Amar ao próximo como a si mesmo.

É na solidariedade e na fraternidade que se encontra a verdadeira alegria da alma; quando a criatura se abre ao amor todo o universo conspira para a sua felicidade.

BIBLIOGRAFIA:

KARDEC, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo - cap. VII, itens 11e12, cap. XI, itens 11e12, cap. XIII, itens 1 a 3, 11 a 17;

Bibliografia complementar

EMMANUEL, Francisco Cândido Xavier - Estude e viva – nº 7;

CALLIGARIS, Rodolfo - Leis Morais - Lei de Conservação;

PIRES, José Herculano - O Homem no Mundo - Heloisa Pires;

EMMANUEL, Francisco Cândido Xavier - Religião dos Espíritos - Cap. 19, 31, 37 e 63;

EMMANUEL, Francisco Cândido Xavier - Pensamento e vida - item 15;
EMMANUEL, Francisco Cândido Xavier - O Livro da Esperança, itens 10 e 12;
EMMANUEL e ANDRÉ Luiz - Opinião Espírita - n. 44;
EMMANUEL, O Espírito da verdade - Diversos Espíritos - itens 11, 13, 17, 20 e 79;

8ª Aula - LEI DE DESTRUIÇÃO

Parte A – DESTRUIÇÃO NECESSÁRIA E ABUSIVA – FLAGELOS DESTRUIDORES - GUERRAS - ASSASSÍNIO - CRUELDADE - PENA DE MORTE

DESTRUIÇÃO NECESSÁRIA E ABUSIVA

A lei de destruição é uma lei da natureza. O mundo material sempre estará em transformação para cumprir os desígnios de Deus. A transformação tem por objetivo a revolução e evolução dos seres vivos.

Do ponto de vista do Espírito imortal, fica fácil compreender a justiça perfeita de Deus, uma justiça amorosa, diferente da justiça humana que necessita transformar-se para acompanhar a evolução moral da humanidade.

O instinto de destruição dos seres vivos é maior quanto mais próximo estiver da sua criação Divina, a destruição entre os animais visa somente à alimentação e defesa, o equilíbrio entre os seres vivos da natureza. A cadeia alimentar é uma seqüência natural de conservação que preserva esse equilíbrio. Equilíbrio da necessidade de viver e reproduzir. Equilíbrio entre dois instintos: de conservação e destruição.

A destruição vai sendo menos necessária à medida que a evolução do Espírito vai sobrepondo-se a matéria. Nos mundos espalhados pelo universo, mais evoluídos que a Terra, a destruição é abrandada. No universo, em qualquer lugar a destruição tem seus limites. O abuso, a destruição desnecessária, é uma violação da lei de Deus, e acionará os mecanismos de ajuste da lei de ação e reação. O oposto, a idolatria dos animais pode levar a um excesso de um sentimento louvável, indicando essa idolatria, fanatismo e mais medo supersticioso do que bondade.

FLAGELOS DESTRUIDORES

Os flagelos podem ser naturais, como terremotos, vulcões, tsunamis, ou provocados pelo abuso do uso que a humanidade faz do seu ambiente físico, como as inundações provocadas pelo aquecimento global. Os flagelos destruidores são assustadores, terríveis no momento, mas quando observados espiritualmente, percebemos que a perfeita sabedoria Divina acelera a transformação e promove o equilíbrio perdido. A natureza possui os seus próprios meios de atingir esse equilíbrio, revelando novamente as leis perfeitas de Deus para o mundo material.

Essa destruição também tem seu valor moral, provocando a solidariedade, assim a caridade vai sendo instalada, porque é um sentimento inato dos humanos, a ajuda recíproca entre irmãos espirituais da família universal. Estimula a inteligência levando os humanos a encontrarem novas soluções: o combustível verde para seus carros, a irrigação de desertos, tirando alimentos de onde só existia areia.

GUERRAS

A guerra é uma destruição desnecessária e revela a predominância dos instintos, ignorando que a morte não existe. A morte do corpo físico, causada pela guerra, revela o direito do mais forte, característico de humanos que vivem num horizonte tribal. Sob o horizonte espiritual de Jesus, a guerra ira desaparecer, mas na fase de transição é um mal necessário para libertar um povo ou sua defesa. A liberdade e igualdade é um direito fundamental que a humanidade luta para ver implantado no planeta.

O avanço do conhecimento colocou a guerra, entre as nações mais desenvolvidas, num impasse: o uso da energia atômica, além de destruir o inimigo, também destruirá o agressor. O desenvolvimento da violência não pode ser ignorado, a guerra passa a assumir outras faces: o terrorismo e o crime organizado, o fanatismo religioso como forma de destruição suicida. Somente quando os homens compreenderem a justiça e praticarem a Lei de Deus, os povos serão irmãos.

ASSASSÍNIO

O assassínio é um abuso da lei de destruição e do ponto de vista espiritual, interrompe uma vida de expiação ou de missão. (LE 746)

A intensidade da reação dependerá da intenção, atenuada diante da defesa e louvável quando preservamos nossa vida e do agressor. No dia a dia da vida urbana, percebemos que muito acidente, que termina de forma trágica, poderia ser evitado se soubéssemos ceder diante do desequilíbrio emocional nosso e do agressor.

Respeitar o direito de o outro ter uma opinião diferente da nossa. O desenvolvimento intelectual nem acompanha o desenvolvimento moral.

CRUELDADE

A crueldade é mais um abuso da lei de destruição, sentir prazer pelo sofrimento do outro. Revela quase ausência de senso moral, quase porque o senso moral existe em todos humanos por princípio, esse germen de moralidade ira desenvolver-se nas reencarnações futuras. O humano primitivo tem mais possibilidades de ser cruel por viver de instintos, renascendo numa sociedade mais organizada, e se a prova for pesada, pode sucumbir e provocar tragédias, muitas vezes incentivadas por Espíritos inferiores e perversos.

Impossível eternizar-se na crueldade, pois o senso moral esta presente em todos os homens, a princípio não desenvolvido para pouco a pouco os transformar em seres bons e humanos.

PENA DE MORTE

A pena de morte é o assassinato legalizado pela sociedade. Uma forma de punição radical nascida entre os povos ignorantes e primitivos. O mais antigo documento escrito em pedra, o código Hamurabi, rei babilônico de 1792 a.C a 1750 a.C, procura disciplinar o direito de equivalência da punição com a Lei de Talião, confirmado depois por Moisés, tomando divino o olho por olho e dente por dente. Jesus revela essa verdade de forma mais cristalina lembrando a lei de ação e reação “quem com espada fere, com espada será ferido” e recomenda “amar o inimigo”, o amor raciocinado: não ter nenhum sentimento de rancor, de ódio, ou desejo de vingança. Jesus, com sua espada da paz, promove a justiça divina na sua perfeição amorosa, eliminando a pena de morte, a destruição desnecessária, porque a morte não existe.

Destruído o corpo físico do malfeitor, ele continuará vivo, ignorando sua morte física e livre para unir-se com Espíritos afins.

O criminoso é um doente social, arredo do convívio civilizado, necessitado de ajuda, remédio espiritual para que promova o arrependimento, somente as Leis de Deus são perfeitas. Julgar equivale a tomar o lugar de Deus. A justiça humana não escapara da justiça divina que dará oportunidade de reencarnar entre aqueles que ele prejudicou e reparar o mal que tenha feito.

BIBLIOGRAFIA

- KARDEC, Allan - O Livro dos Espíritos, Livro 3º, cap. VI, questões 728 a 765 e, 786 a 789; conclusão, item 4;
- KARDEC, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo - cap. v, item 6; cap. VII, itens 11 a 13; cap. XII, itens 8, 9, e 11 a 16;
- KARDEC, Allan - A Gênese - cap. III, nºs 4 e 6; cap. XI, nºs 31, 32, 34 e 36; cap. XVIII, itens 33 a 35;
- KARDEC, Allan - O Céu e O Inferno - cap. III, itens 7, 10 e 13; 2ª Parte cap. VI, nºs 1 a 18;
- KARDEC, Allan - O Que é Espiritismo - nºs 142 e 143; cap. I, nº 140; cap. III, nº 160;
- Revista Espírita, de dezembro de 1859; de março de 1861; de julho de 1862; de novembro de 1862; de maio, outubro e novembro de 1868;
- AMORIM, Deolindo - Espiritismo e Criminologia - cap. 7;
- DENIS, Leon - O Mundo Invisível e a Guerra - cap. I, II, III e V;
- LUIZ, André - Francisco Cândido Xavier - Agenda Cristã - item 2;
- PIRES, José Herculano - O Homem no Mundo - Heloisa Pires;
- CAMPOS, Humberto - Carta e Crônica - cap. 21;
- EMMANUEL, Francisco Cândido Xavier - Religião dos Espíritos - cap. 101 e 125;

Parte B - “NÃO VIM TRAZER A PAZ”

Jesus desperta o sentimento ao ensinar a lei de amor, contendo todas as leis de Deus. O uso de expressões fortes como “não vim trazer a paz, porém a divisão”, indica o grau evolutivo do povo hebreu, monoteísta, mas preso as leis humanas travestidas de divinas por Moisés, numa sociedade que iniciava o avanço da razão, do raciocínio abstrato.

A aparente destruição que uma divisão provocaria, seria justamente eliminar o orgulho do fariseu, a incredulidade do saduceu, sacerdotes que disputavam o poder religioso hebreu. A destruição do orgulho para a implantação do amor ao próximo, e com a idéia mais revolucionária, amar o inimigo, provocou forte reação que culminou no drama do calvário e no circo dos romanos politeístas.

Toda idéia nova causa uma revolução, e quando esta fundada na verdade, nada impedira sua expansão, a morte de Jesus e seus seguidores não foram suficientes para impedir a força modificadora dessa verdade trazida pelo Mestre. Sua força modificou Roma, mas ao misturar poder político e religioso, novamente o homem volta a colocar seus interesses acima da verdade evangélica. Começa a luta interna dos cristãos pelo poder religioso.

Mesmo após a Idade Média, quando o plano superior da espiritualidade envia Espíritos missionários para promover a reforma do pensamento religioso e intelectual, surge o jesuitismo com suas torturas e fogueiras tentando resistir a implantação da lei de amor.

O avanço da ciência, nos séculos seguintes, promove a destruição dos dogmas e do poder absoluto da igreja e reinados. Na luta entre a verdade e o fanatismo, surge o incrédulo e seu materialismo. O plano superior da espiritualidade programa a vinda do consolador prometido por Jesus. A doutrina espírita retoma a lei de amor e restaura a necessidade de uma mudança interior, (1) “evangelizado o indivíduo, evangeliza-se a família; regenerada esta, a sociedade estará a caminho de sua purificação, reabilitando-se simultaneamente a vida do mundo”.

A destruição agora está concentrada no indivíduo, modificando seu modo de ver o mundo, tornado-se fraterno, bondoso, solidário para com seus irmãos espirituais, compreendendo que sua família é a humanidade, que as dificuldades de hoje mostram a necessidade dessa renovação interior, semeando um futuro feliz.

BIBLIOGRAFIA

KARDEC, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo - cap. XXIII, itens 9 a 18;
Espírito EMMANUEL, “EMMANUEL” - psicografado por Francisco Cândido Xavier

9ª Aula - LEI DE SOCIEDADE

Parte A - NECESSIDADE DA VIDA SOCIAL - VIDA DE ISOLAMENTO – VOTO DE SILÊNCIO - LAÇOS DE FAMÍLIA - PARENTESCO E FILIAÇÃO - SEMELHANÇAS FÍSICAS E MORAIS

Necessidade da vida Social

Aristóteles, filósofo grego, há milênios já apregoava que “O homem é um animal social”.

O homem foi feito para viver em sociedade, por isso, Deus lhe deu a palavra e todas as outras faculdades necessárias a vida social. (LE 766)

O isolamento absoluto é contrário a lei natural. O homem procura a vida em sociedade por instinto, pois dentro do princípio de conservação da espécie há necessidade de suprir a alimentação, o abrigo, defesa da família, portanto, a sociabilidade é instintiva obedecendo ao progresso da Humanidade.

Neste convívio social há o desenvolvimento e burilamento de nossas faculdades intelectuais e morais, bem como, a permuta constante de afeições, conhecimentos e experiências, levando a regras de procedimento ditadas pela justiça e pela moral, abstendo-se de tudo que possa destruir.

Vida De Isolamento - Voto De Silêncio

O estado de uma pessoa que se abstém se priva ou se recusa a falar define-se como vida de isolamento - voto de silêncio.

A vida solitária por opção revela sempre uma fuga inconcebível, porque indica infração as leis divinas do trabalho e do amor.

O isolamento é incompatível com o sentimento de fraternidade que deve existir nos corações humanos. Não sendo o homem dotado, inicialmente, de autossuficiência, condição conseguida pelo trabalho e progresso, ele é dependente do seu semelhante.

Os cultores da vida reclusa se estiolam pela improdutividade, pela estagnação quanto as aquisições dos tesouros da sabedoria e da experiência. Segundo os ensinamentos espíritas, isto revela egoísmo e só merece reprovação.

A reclusão absoluta para fugir ao contato do mundo simboliza duplo egoísmo, pois se isolar a pretexto de não fazer o mal, simboliza a perda da oportunidade de fazer o bem.

A fuga do mundo para se dedicar ao alívio dos sofredores, eleva o homem, quando este se rebaixa, trazendo um duplo mérito, pois se colocam acima dos prazeres materiais, fazendo o bem em cumprimento da lei do trabalho.

Buscar no retiro a tranqüilidade para realizar outros trabalhos, não é o retiro absoluto do egoísta, pois buscam se isolar para recarregar as energias para trabalhar por esta sociedade.

Deus condena o abuso e não o uso das faculdades, portanto o silêncio não é útil para a concentração - espírito toma-se mais livre - entra-se em comunicação com a vida espiritual.

O homem, inquestionavelmente, é um ser gregário, organizado pela emoção para a vida em sociedade. O seu isolamento, a pretexto de sentir a Deus, constitui uma violência a Lei Natural, caracterizando-se por uma fuga injustificável as responsabilidades do dia-a-dia.

Graças à dinâmica da atualidade, diminuem as antigas incursões ao isolamento, seja nas regiões desérticas para onde o homem fugia a buscar meditação, seja no silêncio das clausuras e monastérios onde pensava poder perder-se em contemplação.

O Cristianismo possui o extraordinário objetivo de criar uma sociedade equilibrada, na qual todos os seus membros sejam solidários entre si.

As relações sociais possibilitam ao homem a oportunidade de fazer o bem e cumprir a Lei de Progresso.

Laços de Família

Augusto Comte nasceu na França em 1798, sec. XVIII. Considerava a família como célula básica da sociedade. Em todo o processo de evolução da humanidade, como dito anteriormente percebe-se a veracidade desta sabia observação do filósofo francês. É na família que inicia-se o desenvolvimento dos sentidos morais e os laços de amor que devem ser fortalecidos entre os homens, propiciando-lhes o progresso moral.

É necessário que se entenda que o homem (ser racional) tem a diferença dos animais (seres irracionais) exatamente pela necessidade da vida moral. Enquanto que o animal tem por princípio o instinto de conservação, protegendo sua cria até sua independência para cumprir seu papel na natureza; o homem deve manter o vínculo familiar por toda a encarnação, tendo assim a oportunidade de reajustar-se com seus semelhantes por débitos passados ou auxiliar-se mutuamente promovendo a renovação moral de sua individualidade.

O relaxamento dos laços familiares é uma exaltação ao egoísmo, ou seja, a perda de oportunidades em uma existência.

Parentesco e Filiação

Os pais geram a vida corporal aos seus filhos, dando-lhes a oportunidade da reencarnação, tendo em vista que a alma é indivisível e criada por Deus. Contudo, a convivência em família deve-se a ligações pré-existentes entre aqueles Espíritos por necessidade de auxílio, aprendizado ou reparação.

O espiritismo, através da reencarnação, exclui a idéia de castas e raças, que são muitas vezes exaltadas pelo homem, por sua vaidade e orgulho, tendo em vista que muitos podem reencarnar em condição adversa da anterior, ou seja, um homem pode pertencer a uma família abastada em uma encarnação e na outra poderá vir em uma família destituída de posses, ou vice-versa, dependendo de sua necessidade de evolução e aprendizado moral.

Semelhanças Físicas e Morais

As semelhanças morais que em algumas famílias são percebidas, dão-se pela afinidade de inclinações.

Os pais exercem influência moral, através da educação aos filhos e isto é uma tarefa assumida, sendo que a irresponsabilidade na sua execução gera compromissos futuros. Espíritos menos virtuosos podem pedir pais com boas qualidades para que possam ser direcionados a um caminho melhor, bem como, as vezes os pais necessitam conviver com Espíritos desta natureza para seu aprendizado.

Um povo ou uma nação é composto por famílias que são reunidas por Espíritos simpáticos. A similitude de inclinações boas ou más irá determinar o caráter daquela sociedade. O caráter moral da existência anterior pode ser conservado pelo Espírito, contudo, se houve melhoria, ele se modifica. Às vezes demora em reconhecê-las dependendo de sua condição socioeconômica reencarnante, que pode ser diferente da encarnação anterior.

BIBLIOGRAFIA:

KARDEC, Allan - O Livro dos Espíritos, Livro 2º, cap. IV, questão 205; Livro 3º, cap. VII, questões 766 a 775 e 877;

KARDEC, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo - cap. IV, itens 18 a 20; ap. XIV itens 8 e 9;

Bibliografia Complementar:

EMMANUEL, Francisco Cândido Xavier - Estude e viva - nº 9;

CALLIGARIS, Rodolfo - Leis Morais;

PIRES, José Herculano - O Homem no Mundo - Heloisa Pires;

EMMANUEL, Francisco Cândido Xavier - Religião dos Espíritos;

EMMANUEL, Francisco Cândido Xavier - Pensamento e vida - item 18;

EMMANUEL, O Espírito da verdade - Diversos Espíritos - item 27;

Parte B - “QUEM É MINHA MÃE E QUEM SÃO MEUS IRMÃOS?”

“E estava sentado à roda de um crescido número de gente, e lhes disseram: olha que tua mãe e teus irmãos te buscam ali fora. E ele respondeu, dizendo: Quem é minha mãe, e quem são meus irmãos? E olhando para os que estavam sentados a roda de si, lhes disse: Eis aqui minha mãe e meus irmãos. Porque o que fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, e minha irmã e minha mãe.” (Mc, 3:20-21 e 31-35 6 Mt., 12:46-50).

Jesus é nosso modelo de amor, caridade, dedicação ao semelhante, virtudes as quais aspira à humanidade. Ele falou e exemplificou os caminhos para chegar ao Pai, assim Sendo, fica difícil entender esta passagem do evangelho. Com razão, pela superioridade moral de Jesus, não se pode conceber o Mestre com atitudes em desacordo com a caridade que sempre praticou.

O capítulo XIV do Evangelho tem como título “Honra a teu pai e a tua mãe” e o respeito aos pais e conseqüentemente a prática de caridade para com eles, esta e estava inserida nos ensinamentos de Jesus. Como entender aparente divergência?

Nesta passagem evangélica Jesus disse muito mais, contudo, a sociedade da época não entendeu. A mãe, os irmãos, não seriam somente os parentes consangüíneos, mas sim, a humanidade inteira.

Muitos a quem amamos, fazem parte de nosso núcleo familiar consangüíneo, mas quantos ao nosso redor na posição de amigos são como irmãos, pais, mães? Ou seja, são como se fossem da mesma família. No curso das diversas reencarnações, a oportunidade de amar e respeitar aqueles que temos ao nosso lado, no núcleo familiar.

E na primeira célula da sociedade que o homem se desenvolve, cresce, repara, ama, aprende. E é este o ensinamento maior de Jesus, onde demonstra que o amor que sentimos por aqueles que nos são caros, é o amor que devemos estender ao nosso semelhante.

Precisamos trabalhar e desenvolver o amor em nossos corações, pois esta em' nos a semente que germina e que nos transformara em árvores frondosas para o viajante necessitado de sombra, que vêm ao nosso encontro como o irmão que precisa de um braço a ampará-lo no caminho. A fraternidade pura e simples, onde os homens se abraçam, auxiliando-se mutuamente, sem intenções egoísticas e sim com o desejo sincero de progredir, iniciando o aprendizado de amor que Jesus nos ensinou.

BIBLIOGRAFIA

KARDEC, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo - cap. IV, itens 18 a 23; cap. XIII, itens 18 a 20, cap. XIV, itens 5 a 9.

10ª Aula - LEI DO PROGRESSO

Parte A - ESTADO NATURAL - MARCHA DO PROGRESSO - POVOS DEGENERADOS - PROGRESSO DA LEGISLAÇÃO HUMANA

ESTADO NATURAL E LEI NATURAL

Vamos refletir a respeito de algumas definições importantes para entendermos a “Lei do Progresso”. Ouve-se dizer muito sobre a Lei Natural, o que nos leva a assumir conceitos iguais para expressões diferentes (LE 776). Temos de saber que Estado Natural refere-se ao estado primitivo da humanidade, seu ponto de partida, início do desenvolvimento. Já a Lei Natural é aquela que contribui para o progresso da humanidade, rege tudo e todos, independentemente de sua crença ou nível de evolução. Esta está ligada aos princípios e vontade de Deus, portanto, perfeita.

À medida que evoluímos, conhecemos mais e mais a respeito da vida, cada vez mais se distanciando do estado natural, primitivo, como se saíssemos da infância, passando pela adolescência, idade adulta, etc. Essa trajetória é um dos objetivos da nossa encarnação: a evolução. Diferentemente do que muitos imaginam, quando centram seus esforços na felicidade a qualquer custo, o objetivo da evolução neste planeta é o aperfeiçoamento através das múltiplas experiências, existências, provações e missões.

Considerando-se aqui a Lei Natural, aprendemos pela espiritualidade que esta não depende da vontade do Homem, mas sim da vontade de Deus, seus desígnios e sua perfeição. O Homem se aperfeiçoa à medida que compreende e pratica essa Lei Natural. Chocar-se contra ela só nos trará prejuízos, dores e decepções, sem falar no retardamento da evolução.

Durante o período do estado natural, não temos certas necessidades que, depois de certa evolução passamos a ter. Dessa forma não sofremos tribulações pelas faltas dessas coisas, sentindo um conformismo, o qual nos deixa num estado de felicidade do bruto. Não podemos ter essa felicidade dos animais, que não raciocinam e não aspiram a coisas melhores. As crianças também são mais felizes que os adultos (LE 777).

Ao contrário do que podemos pensar quando vemos certas pessoas passarem problemas tão grandes, o Homem não retrograda, mas progride sempre, sem cessar, por mínimo que seja, mesmo que esse progresso seja

imperceptível aos que o acompanham. Somos impulsionados para o progresso quando sentimos uma surda aspiração, uma íntima energia, misteriosa, mas sublime, que nos encaminha para as alturas, estágios mais evoluídos. É a Lei do Progresso, a evolução eterna, que guia a Humanidade através das idades e estimula cada um de nos, porque a Humanidade São as próprias almas que, de século em século, voltam para prosseguir com auxílio de novos corpos, preparando-se para mundos melhores em sua obra de aperfeiçoamento.

Também sabemos que essa Lei de Progresso não se aplica somente ao ser humano no planeta Terra, mas sim a todo o Universo, também se aplica aos outros seres da criação, tais como os vegetais e animais.

Especificamente falando dos seres humanos, temos uma das maiores provas da justiça divina, a reencarnação. Uma necessidade indiscutível para nos dar condições desse progresso, essa Lei que tratamos nesse momento. A medida que passamos por novas experiências, sucessivas encarnações, alegrias e tristezas, vamos caminhando em direção a perfeição relativa. A morte representa, então, um repouso, uma etapa na longa rota da eternidade. Depois, é a reencarnação novamente, a valer um como rejuvenescimento para o Espírito em marcha, trazendo-nos novas oportunidades para aprendizado e refazer o que não ficou de acordo com os desígnios de Deus.

No desencarne paixões antigas, ignomínias, remorsos desaparecem, o esquecimento cria um novo ser que se atira cheio de ardor e entusiasmo no percurso da nova estrada. Cada esforço redundando num progresso e cada progresso, num poder sempre maior. Essas aquisições sucessivas vão alteando a alma nos inumeráveis degraus da perfeição. Somos assim, o árbitro soberano de nossos destinos, cada encarnação condiciona a que lhe sucede e, apesar da lentidão da marcha ascendente, estamos aqui a gravitar incessantemente para as alturas radiosas, onde sentimos palpitar corações fraternais, e entramos em comunhão sempre mais e mais íntima com a grande alma universal – A Potência Suprema.

MARCHA DO PROGRESSO

Para entendermos melhor o progresso, podemos compará-lo ao amanhecer do dia. Mesmo demorando, se faz lentamente, mas terminara por acontecer, cheio de êxito. Nossa ignorância, envolta pela força ou iludida pela falsa cultura, frequentemente tenta criar obstáculos e retardar o desenvolvimento da Humanidade. Esse progresso, inevitavelmente chegará, alterando a face e a constituição de tudo que encontrar pela frente, incentivando a beleza, tranqüilidade, conforto, etc. Essa marcha inexoravelmente levará o Homem a patamares mais altos, tirando-o do solo das imperfeições, para sua gloriosa destinação: a perfeição relativa.

Vale reforçar aqui um conceito verificado na prática, o qual mostra que nem todos evoluem ao mesmo tempo e nem da mesma maneira. Os mais adiantados ajudam os outros a progredir através de várias formas, como o contato social.

O progresso abrange sempre as duas principais áreas: intelectual e material, além do progresso moral. O progresso relacionado a intelectualidade e materialidade nota-se pelos avanços da tecnologia, ciências, etc., porém, o progresso moral vem sempre por último, uma vez que é uma faculdade superior do homem, aquela que atesta sua natureza divina e é resultado de um aprimoramento maior.

Recorrendo ao LE 78o, quando Allan Kardec pergunta se “progresso moral e intelectual sempre caminham lado a lado” recebemos a seguinte resposta: “O progresso moral é consequência do progresso intelectual, mas não o segue sempre imediatamente”. Há duas espécies de progresso que mutuamente se apóiam e, entretanto não marcham juntos. O progresso intelectual entre os povos civilizados recebe em nosso século todos os estímulos desejáveis, e por isso atingiu um grau até hoje desconhecido. Houve progresso moral, basta que comparemos os costumes sociais de alguns séculos atrás com os de hoje e perceberemos que ele ocorreu. Desenvolver o intelecto é usar as capacidades intelectuais superiores, como o raciocínio e a memória.

Alguns conceitos são importantes salientar e refletir: progresso intelectual fornece compreensão do bem e do mal. Como consequência desenvolve-se o livre-arbítrio, aumentando a responsabilidade do homem pelos seus atos. Desenvolver o intelecto é usar as capacidades intelectuais superiores, como o raciocínio e a memória. Assim, todos podem aprender que é bom fazer o bem, que seremos beneficiados com isso, além de beneficiarmos o semelhante. Podemos aprender que o cigarro e a droga fazem mal para a saúde, que usá-los nos trará prejuízo e, com certeza, anteciparemos a própria morte. No entanto, uma coisa é saber disso; outra é agir nesse sentido. Se bastasse saber, os médicos não fumariam: no entanto, mesmo sabendo que o cigarro é nocivo a saúde, muitos médicos fumam, e comprometem sua saúde. Parece uma estupidez; mas o ser humano é

contraditório. Por ai vemos como é difícil transferir para o campo moral aquilo que aprendemos no campo intelectual. Um exemplo simples, mas que nos faz pensar nas nossas atitudes.

O Homem, até atingir o senso moral, por ter desenvolvido a intelectualidade, pode usar dessa capacidade para o mal. Com o tempo, a moral e a inteligência vão se equilibrando (LE 780-b). O progresso sempre parte do imperfeito para o perfeito, do mal para o bem, do simples para o complexo. E uma realização ininterrupta e constante, é um caminhar longo e difícil, tortuoso e sofrido, porque exige aprendizagem, e não há aprendizagem sem desconforto e sofrimento.

Esse desenvolvimento implica em conflitos, toda a forma de divergência e desequilíbrio, que surge tanto na intimidade de cada indivíduo, como no seio das coletividades. O confronto de idéias, em geral, leva ao progresso. Se todos pensássemos da mesma forma nos acomodariamos, satisfeitos, estacionariamos. O desequilíbrio leva a procura do equilíbrio.

O desenvolvimento intelectual é necessário - imprescindível para o progresso moral, podendo ser considerado o alicerce para o restante das habilidades. Contudo, não basta apenas saber, é preciso ir além. "Conhecereis a verdade e à verdade vos libertará". Não saber das coisas nos leva ao erro, dificulta nossa vida e a dos outros. O saber leva a competência, o aprimoramento. Podemos prejudicar a nos ou a alguém por não saber ajudar. Um exemplo simples é cair de uma árvore, levar um choque elétrico - causa e efeito - sofre-se por causa da ignorância.

Não fosse o progresso intelectual (a filosofia, a ciência e a tecnologia), não teríamos alcançado o tipo de vida que hoje levamos. O homem do final do século XX, em plena civilização, já pode desfrutar de grande conforto com o qual o homem primitivo jamais sonharia: a eletricidade, a energia nuclear, os transportes, os meios de comunicação, o cinema, o rádio, a televisão, o telefone, a informática, a alimentação, a medicina, a produção dos mais sofisticados aparelhos para todos os usos e fins, o conforto das cidades, etc. Não há termos de comparação - por exemplo - entre a vida do homem atual e a do homem da idade média. Materialmente a nossa vida é um paraíso em relação aquele tempo.

Analisando-se os aspectos morais da evolução temos de considerar que moral é regra de convivência. É impossível haver convivência sem regras. Mesmo entre as tribos primitivas existem regras - repartição de bens, divisão de funções e trabalho, modos de tratamento, relações entre as pessoas. Essas regras garantiram a vida em grupo e permitiram que todos se unissem para um objetivo comum, que é o bem estar da coletividade.

A moral depende da base que recebemos em casa, com os pais, a educação regular, etc., da sociedade (idéias, informações, conhecimentos), contudo, depende fundamentalmente de nosso sentimento, o que implica na evolução do Espírito.

Mesmo sabendo de tudo isso, o Homem pode entravar a marcha do progresso, através de leis erradas, atitudes contrárias as Leis da Natureza, etc., contudo, não poderá asfixiar o progresso indefinidamente.

Quando essas leis humanas se tomam de todo incompatíveis com o progresso, Deus, a inteligência suprema, as derruba com todos os que a querem manter, e assim será até que o homem harmonize as suas leis com a justiça divina, que deseja o bem para todos e não as leis feitas para o forte em prejuízo para o fraco.

A marcha do progresso depende de cada povo, região e época. Pode ser regular e lento, dependendo das circunstancias, mas, quando um povo não avança bastante rápido, Deus lhe provoca, de tempos em tempos, um abalo físico ou moral que o transforma. O homem não pode permanecer perpetuamente na ignorância, porque deve chegar ao fim determinado pela Providência: ele se esclarece pela própria força das circunstancias.

As revoluções morais, como as revoluções sociais, se infiltram pouco a pouco nas idéias, germinam ao longo dos séculos e depois explodem subitamente, fazendo ruir o edifício carcomido do passado, que não se encontra mais de acordo com as necessidades novas e as novas aspirações. Não percebemos nas grandes comoções, mais do que a desordem e a confusão momentâneas que nos atingem nos interesses materiais. Mas aquele que eleva seu pensamento acima dos interesses pessoais admira os desígnios da Providência, que do mal faz surgir o bem. São a tempestade e o furacão que saneiam a atmosfera, depois de a haverem revolvido.

Podemos contestar tudo isso com a pergunta: será que realmente estamos progredindo? A perversidade do homem é bastante intensa e parece estar recuando, em lugar de avançar, pelo menos do ponto de vista moral. Se compararmos com centenas de anos atrás, veremos que há o progresso, indiscutivelmente. Caminhada se dá em velocidade progressivamente acelerada. A humanidade progrediu muito mais nos últimos 50 anos do que

em todos os milhares de anos de sua história anterior. Vamos avançando e compreendendo melhor o que é o mal é o mal, dia-a-dia Vamos corrigindo os abusos. Dizem os Espíritos que “É preciso que haja o excesso do mal, para fazer-nos compreender a necessidade do bem e das reformas”. (LE 784)

Mas uma pergunta sempre ronda os pensamentos, retratada na questão 785 de O Livro dos Espíritos: Qual o maior obstáculo ao progresso moral? Resposta: São o orgulho e o egoísmo!

O progresso intelectual avança sempre. Este parece, aliás, duplicar a intensidade daqueles vícios, desenvolvendo a ambição e o amor pelas riquezas, que por sua vez incitam o homem as pesquisas que lhe esclarecem o Espírito. Uma questão importante: Por que é mais fácil se obter o aprendizado intelectual do que o moral? O aprendizado intelectual se dá através de técnicas de aprendizagem, principalmente, enquanto que a moral se aprende através da vivência e da convivência, depende do exemplo, vem de dentro para fora. Para aprender o respeito, o homem precisa exercitar o respeito. Para ser caridoso, precisa começar fazendo caridade. Para ser paciente, precisa iniciar-se em exercícios diários de paciência.

POVOS DEGENERADOS

Notam-se povos que entraram em verdadeiros estados convulsivos e retrocederam a barbárie. Seria esse indicativo de que pode haver o retrocesso em alguns casos? Não é bem isso, mas podemos pensar num exemplo bem simples, o da casa que ameaça cair: para reconstruí-la precisamos primeiro derrubá-la. (LE 786). Até que seja reconstruída há confusão e perturbação. Da mesma forma, há raças por natureza rebeldes ao progresso; mas se aniquilam corporalmente falando, a cada dia. Atingirão a perfeição como todas as outras almas, passando por outras existências.

Todos nós já passamos por estágios muito deploráveis antes de atingirmos o nível atual. Já fomos selvagens, ate mesmo antropófagos, porém evoluímos para o estágio atual. (LE 787-b) Podemos também analisar o progresso considerando-se o conjunto de pessoas. Povos são individualidades coletivas; que como os indivíduos passam pela infância, idade madura e decrepitude; também sujeitas à evolução e percalços naturais (LE 788). Os povos que só vivem materialmente (muito adiantados tecnologicamente), cuja grandeza se fim da na força e na extensão territorial, crescem e morrem, porque a força de um povo se esgota como a de um homem; aqueles cujas leis egoístas atentam contra o progresso das luzes e da caridade, morrem porque a luz aniquila as trevas e a caridade mata o egoísmo. Mas há para os povos, como para os indivíduos, a vida da alma, e aqueles, cujas leis se harmonizam com as leis do Criador, viverão e será o farol para outros povos.

Seremos um dia uma só nação? Não, porque isso seria impossível, já que temos muitas diversidades climáticas, culturais e necessidades diferentes, que constituem as nacionalidades. “Contudo, a Caridade não conhece latitudes e não faz distinção dos homens pela cor”. (LE 789)

Quando a lei de Deus constituir por toda à parte a base da lei humana, os povos praticarão a Caridade de um para outro, como os indivíduos de homem para homem, vivendo felizes e em paz, porque ninguém tentara fazer mal ao vizinho ou viver as suas expensas. Pouco a pouco todos estarão no mesmo nível quanto ao sentimento do bem a Terra só abrigara bons Espíritos, prevalecera um clima de união fraterna. Contudo, maus serão repelidos e deslocados para mundos inferiores até que se tornem dignos de voltar ao nosso meio transformados.

A Humanidade progride através dos indivíduos, que se melhoram pouco a pouco e se esclarecem; quando estes se tomam numerosos tomam à dianteira e arrastam os outros. De tempos em tempos surgem os homens de gênio, que lhes dão um impulso; e depois, homens investidos de autoridade, instrumentos de Deus, que em alguns anos a fazem avançar muitos séculos.

Mais uma vez a **pluralidade** das existências vem comprovar a justiça divina. Uma nação transformada será mais feliz neste mundo e no outro. Durante esta marcha secular, milhares de indivíduos perecem. Estarão privados da felicidade dos que chegam por último? Todos têm direito a felicidade, porque ninguém é deserdado pelo progresso. Os que viveram no tempo da barbárie, podendo voltar no tempo da civilização, no mesmo povo ou em outro se beneficiam da marcha ascendente.

Ao contrário, na **unicidade** das existências, quando a alma é guiada no momento do nascimento, um homem pode ser mais adiantado que outro porque Deus assim o quis. Por que esse favor? Que mérito teria ele? Não viveu mais que o outro. Onde estaria a justiça divina? (LE 789 - comentários).

PROGRESSO DA LEGISLAÇÃO HUMANA

Se os homens compreendessem bem as leis naturais e as quisessem praticar elas seriam suficientes para reger toda a sociedade. Contudo, insistimos nas leis humanas com tendências aos interesses mesquinhos, o que gera a instabilidade dessas leis. Ao longo do tempo essas leis mudaram, como por exemplo, tempos de barbárie: mais fortes fazem as leis, que são a seu favor. Ao compreenderem melhor a justiça vão modificando essas leis, tomando-as mais estáveis à medida que se aproximam da verdadeira justiça. Feitas para todos e identificando-se com a lei natural, à medida que são mais justas. A reforma das leis acontece naturalmente, pela força das circunstâncias e pela influência das pessoas de bem, que conduzem o homem na senda do progresso. A civilização criou novas necessidades, relativas à posição social. Foi necessário regular os direitos e deveres dessas posições - leis humanas. Sob influência das paixões criou direitos e deveres imaginários, condenados pela lei natural - apagados de seus códigos a proporção que progredem.

Todavia, a Lei natural é imutável, servindo para tudo e para todos, pois tem sua origem em Deus. A lei humana é variável e progressiva, evolui à medida que aprendemos. Quando atingirmos um grau de civilização superior e completa, não composta apenas de grandes descobertas da Ciência ou invenções sofisticadas, mas com o devido avanço moral do povo, as Leis de Amor e Caridade serão praticadas espontaneamente e com naturalidade. O egoísmo e o orgulho não terão todo o espaço que hoje tem, serão rejeitados.

Haverá o predomínio da bondade, da boa fé e generosidade, permitindo que a inteligência se desenvolva com mais liberdade e facilidade de expressão. Não serão expressivos os preconceitos de raça ou de cor, nem de castas, nem de nascimentos. Haverá muito menos privilégios, pois os direitos e obrigações serão mais claros a todos.

Enquanto temos parte da sociedade depravada, haverá necessidade de leis penais severas. Essas leis destinam-se a punir o mal praticado, ao invés de cortar o mal pela raiz, decorrência do estágio evolutivo que estamos atravessando.

Embora as leis humanas sejam necessárias, somente a educação, com o conhecimento das leis de Deus, pode reformar os homens, que assim não terão mais necessidade de leis tão rigorosas.

BIBLIOGRAFIA:

- KARDEC, Allan - O Livro dos Espíritos, Livro 3º, cap. VIII, questões 776 a 789;
 KARDEC, Allan - O Que é Espiritismo - questões 139 a 141, 142 e 143 e, 155 e 156;
 KARDEC, Allan - Céu e Inferno - cap. III, itens 6, 9, 13, itens 1 e 2 e, 15;
 KARDEC, Allan- A Gênese - cap. I, itens 56 e 57; cap. III, itens 5 e, 9; cap. XI, itens 31, 32 e 34; cap. XVII, item 18; cap. XVIII, itens 13 a 15;
 KARDEC, Allan - Obras Póstumas;
 KARDEC, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo - cap. XI, itens 5 e 6;
 DENIS, Léon - O Progresso - toda a obra;
 EMMANUEL, Francisco Cândido Xavier - Estude e Viva – nº 12, 15, 24, 37, 39 e 40
 EMMANUEL, Francisco Cândido Xavier - Pensamento e Vida - item 29;
 EMMANUEL, Francisco Cândido Xavier - Religião dos Espíritos;
 EMMANUEL, André Luiz - Opinião Espírita – nº 10;
 EMMANUEL, Francisco Cândido Xavier- O Livro da Esperança - item 82;
 KARDEC, Allan - O Céu e o Inferno - cap. III, itens 6 a 13;

Parte B - DAI A CESAR O QUE É DE CESAR

A passagem que estamos analisando refere-se a uma ocasião em que os sacerdotes da época de Jesus pretenderam colocá-lo em dificuldades, tentando comprometê-lo com o Estado ou com a crença popular. Dizem os apóstolo: *“Os fariseus, tendo-se retirado, entenderam-se entre si para enredá-lo com as suas próprias palavras. - Mandaram então seus discípulos, em Companhia dos herodianos, dizer-lhe: Mestre, sabemos que és veraz e que ensinas o caminho de Deus pela verdade, sem levars em conta a quem quer que seja, porque, nos homens, não consideras as pessoas. Dize-nos, pois, qual a tua opinião sobre isto: É-nos permitido pagar ou deixar de pagar a César o tributo? Jesus, porém, que lhes conhecia a malícia, respondeu: Hipócritas, por que me tentais? Apresentai-me uma das moedas que se dá em pagamento do tributo. E, tendo-lhe eles apresentado um denário, perguntou Jesus: De quem são esta imagem e esta inscrição? - De César; responderam eles. Então, observou-lhes Jesus: Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus. Ouvindo-o falar dessa maneira, admiraram-se eles da sua resposta e, deixando-o, se retiraram.”* (S. MATEUS, cap. 22:15 a 22. - S. MARCOS, cap. 12:13 a 17).

Alguns povos da época de Jesus precisam ser definidos para entendermos o contexto em que se passou esta passagem:

Publicanos: cavaleiros arrematantes das taxas públicas. Gente mal vista. Atualmente esta palavra é usada em sentido pejorativo, designando os financista e agentes de negócios pouco escrupulosos, os agiotas. Os publicanos eram os responsáveis pela arrecadação dos tributos. Por esse motivo eram muito malvistas pela sociedade do império romano. Até os nossos dias, quando se pretende usar uma expressão pejorativa a alguém que explore aos outros, financeiramente falando, usa-se a expressão publicano.

Os sacerdotes pretendiam colocar Jesus em ma situação, pois, se ele dissesse que o povo não deveria pagar os impostos, estaria colocando-se contra as leis vigentes. Se ele dissesse que deveriam pagar, simplesmente, estaria se indispondo com os judeus. Mas, colocando sua sabedoria impar, responde que deveriam dar a César o que lhe era devido, mas a Deus o que lhe pertencia. Ou seja, dessa forma, deixou a critério da consciência de cada um dar o que é devido.

Os ensinamentos do Mestre Nazareno são muito próprios para os nossos dias também. É comum vermos as pessoas revoltando-se com os impostos a que são submetidas, optando, não menos frequentemente, pela sonegação, pela desonestidade, até mesmo gabando-se pela esperteza ou pelo ‘jeitinho” com que resolvem tudo.

Se os impostos pelos quais somos taxados não são cem por cento reais, necessários, ou bem aplicados, o fato de se lesar o poder publico acarretará mais e mais impostos, maiores taxas para cobrir os custos do Estado. A participação na sociedade é dever de todos, atuando, se expressando, reclamando seus direitos. Mas os tributos, enquanto existirem, devem ser devidamente pagos.

Fora do campo público, entrando mais especificamente no campo familiar, temos os relacionamentos do recinto doméstico, onde somos devedores e credores constantes, numa empreita de colaboração e prestação de contas mútua. Esse ensinamento de Jesus nos lembra das dividas contraídas, mesmo em existências anteriores, para com nossos familiares, amigos e colegas. No relacionamento doméstico ou profissional devemos sempre lembrar das lições de Jesus, dando a empresa o melhor de nós, proporcionando a família tudo o que ela merece, jamais se esquecendo de que se estivéssemos em situação contrária, ou seja, recebedor, certamente adoraríamos ser bem servidos, não sermos enganados, tão pouco menosprezados. Não fazer aos outros aquilo que não queremos que nos façam. Frase que regula nossa conduta social. Palavras sábias que servem para optarmos por esta ou aquela decisão, pois serve de teste áureo, evitando, assim, magoar, ferir, injustiçar. Nossas atitudes do dia-a-dia devem ser avaliadas e colocadas a prova pelas palavras do Messias, pois, dessa forma estaremos sendo honestos e caridosos. Respeitar as leis econômicas, sociais, morais, é nossa obrigação. Nunca devemos nos esquecer que, invariavelmente, quando alguém é privilegiado é porque outro foi prejudicado. Não podemos nos esquecer do egoísmo, essa grande chaga da humanidade. Se aplicarmos esse teste ensinado por Jesus estaremos evitando ser egoístas, evitando dívidas e muitos outros problemas.

Portanto, é através dos ensinamentos de Jesus e das constatações do Espiritismo que temos ferramentas suficientes para eliminarmos, pouco a pouco, as injustiças sociais, as misérias, sejam econômicas ou sociais, dando-se de si aquilo que certamente gostaríamos de receber quando precisássemos.

BIBLIOGRAFIA:

KARDEC, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo - cap. XI, itens 5 a 7

11ª Aula - LEI DE IGUALDADE

Parte A - IGUALDADE NATURAL – DESIGUALDADE DAS APTIDÕES - DESIGUALDADES SOCIAIS - DESIGUALDADE DAS RIQUEZAS - PROVAS DA RIQUEZA E DA MISÉRIA - IGUALDADE DOS DIREITOS DO HOMEM E DA MULHER - IGUALDADE PERANTE O TÚMULO

IGUALDADE NATURAL

Todos os homens são iguais perante Deus. Todos tendem para o mesmo fim e Deus fez as suas leis para todos (LE, 803).

“Todos tendem para o mesmo fim” entendemos, com a resposta dos espíritos a Kardec, que a igualdade natural é a essência que caracteriza toda a humanidade sendo, pois que todos temos um mesmo princípio e uma mesma destinação.

Essa igualdade natural toma-se difícil de entender se não tivermos uma “inteligência espiritual” que nos remeta ao sentido da existência de Deus como criador de tudo e de todos, tendo em vista que convivemos em uma sociedade marcada pela desigualdade nos mais diversos setores de nossa vivência social e individual.

Se incorporássemos realmente o significado da igualdade natural em nossa vivência, ficaria mais consciente o entendimento das palavras de Jesus “Vos julgais Segundo a carne, e eu a ninguém julgo”, pois conseguiríamos usufruir da paz sem julgar, perseguir ou condenar a ninguém. (Leis Morais da Vida – Cap. IX)

DESIGUALDADE DE APTIDÕES

Deus criou todos os espíritos iguais mas cada um deles viveu mais ou menos tempo e por conseguinte realizou mais ou menos aquisições a diferença esta no grau de experiência e na vontade que e o livre arbítrio daí decorre que uns se aperfeiçoam mais rapidamente o que lhes dá aptidões diversas (LE 804) Portanto as diferenças que os homens apresentam entre si quer em inteligência quer em desenvolvimento moral não derivam da sua natureza íntima resultam antes de dois fatores: a) no maior ou menor desempenho de suas potencialidades no desenvolvimento ou não das aptidões e virtudes enfim no bom ou mau uso do livre arbítrio por parte de cada um disto decorre que uns se aperfeiçoam mais rapidamente o que lhes confere aptidões mais diversificadas; b) sendo os mundos solidários entre si os habitantes dos mundos superiores reencarnam em mundos mais atrasados como espíritos missionários para aprimorar o progresso intelectual e moral através de seus exemplos. Partindo da premissa de que os espíritos não regridem no seu progresso tem-se que ao passar de um mundo superior para um inferior conservarão integralmente as faculdades e aptidões adquiridas' conseqüentemente tal fato acentua ainda mais as desigualdades de aptidões que existem entre os homens.

Deus não criou, portanto, espíritos com faculdades desiguais, mas permitiu que espíritos com os mais diversos graus de desenvolvimento estivessem em contato entre si para auxiliar a evolução dos mais atrasados e, necessitando uns dos outros, cumprissem a lei do amor. Tal fato explica porque o misto de aptidões é necessário para que cada um possa concorrer para a execução dos desígnios da providência, respeitando-se, evidentemente, os limites físicos e intelectuais. Deste contexto, percebemos que cada um desempenhara um papel útil dentro da criação pois o que um não tem condições de fazer, o outro certamente terá.

DESIGUALDADES SOCIAIS

As desigualdades sociais não se enquadram nas leis naturais porque não são obras de Deus, e sim, conseqüência do orgulho e do egoísmo do próprio homem. Contudo, à medida que a humanidade avança ética e moralmente, essas desigualdades tenderão a desaparecer, restando somente a desigualdade fruto do mérito e das virtudes adquiridas pelo homem.

As desigualdades de riquezas nem sempre se originam das diferentes faculdades, ou dos mais variados recursos de alguns dispõem para adquirir mais bens do que outros, muitas vezes são também fruto de meios ilícitos.

Observamos que as desigualdades sociais levam as desigualdades financeiras, e vice-versa. E preciso considerar que não é incomum uma fortuna chegar providencialmente às mãos de alguém, por meios lícitos, para reparar uma injustiça cometida.

A igualdade social ou financeira jamais existiu, pois entre os homens a diversidade das faculdades e aptidões impedirá que assim fosse.

O ser humano se encontra na Terra envolto em batalhas iluminativas cada vez mais severas. À medida que se robustece emocionalmente, mais desafiador se tornam os combates, porque se transferem para o campo íntimo onde permanecem as heranças do processo de evolução já conquistada.

“Combate o egoísmo, pois esta é a vossa chaga social, e não corraís atrás de quimeras” (LE 811 a)

DESIGUALDADE DAS RIQUEZAS

O homem tem por missão trabalhar pela melhoria material do planeta. Cabe-lhe desobstruí-lo, saneá-lo, dispô-lo para receber um dia toda a população que a sua extensão comporta. Para realizar esses trabalhos, precisa de recursos e a necessidade fez que ele criasse a riqueza, como o fez descobrir a Ciência. Sem a riqueza, não haveria maiores trabalhos, nem atividade, nem estimulante para a ação, nem pesquisas.

A atividade que esses mesmos trabalhos impõem ao homem lhe amplia e desenvolve a inteligência. A inteligência que ele concentra primeiro, na satisfação das necessidades materiais, o ajudará mais tarde a compreender as grandes verdades morais.

A riqueza, pois, não é um mal em si mesma; bem utilizada, ela leva a Humanidade não só ao progresso material e intelectual, mas, também, ao progresso moral.

Se a riqueza é causa de muitos males, se exacerba tanto as más paixões, se provoca mesmo tantos crimes, não é a ela que devemos inculpar, mas ao homem, que dela abusa, como de todos os dons de Deus. Pelo abuso, ele toma pernicioso o que mais útil lhe poderia ser; é a conseqüência do estado de inferioridade do mundo terrestre.

Se a riqueza somente males houvesse de produzir, Deus não a teria posto na Terra, portanto, compete ao homem fazê-la produzir bem.

Que aconteceria se, acaso, se pudesse repartir toda a riqueza da Terra com igualdade entre todos os seus habitantes? A cada um caberia apenas uma parcela mínima e insuficiente. Não haveria recursos para nenhum dos grandes trabalhos que concorrem para progresso e o bem-estar da Humanidade. Tendo o necessário para sobreviver, o homem não sentiria o aguilhão da necessidade para o impelir as descobertas e aos empreendimentos uteis. Ainda que fosse possível efetuar essa repartição entre todos os homens, em pouco tempo o equilíbrio estaria desfeito, pela diversidade dos caracteres e das aptidões.

Por que não são igualmente ricos todos os homens? Não o são por uma razão muito simples: por não serem igualmente inteligentes, ativos e laboriosos para adquirir, nem sóbrios e previdentes para conservar.

A desigualdade das riquezas, como vemos, é um dos problemas que inutilmente se procurara resolver, desde que se considere apenas a vida atual.

A luz do Espiritismo, porém, entendemos que: os seres humanos, somos espíritos imortais reencarnados; para progredir, precisamos das experiências que a vida corpórea ensaja; uma dessas experiências é aprender a produzir a riqueza e com ela trabalhar, acertadamente; através das reencarnações, vamos tendo oportunidade para isso.

Entendemos, também, que: Deus concentra a riqueza em certos pontos, para que daí se expanda em quantidade suficiente, de acordo com as necessidades; e a desloca constantemente, para que não fique longo tempo improdutiva nas mãos dos que não a estão sabendo utilizar; e para que cada um, por sua vez, tenha a oportunidade de lidar com ela. Alguns estão dispostos da riqueza no momento, outros já a tiveram, outros ainda virão a usufruí-la e mesmo quem já a teve poderá, se necessário, voltar a possuí-la.

Por enquanto, na Terra a riqueza é para poucos, a maioria luta por sobreviver, dispostos apenas de posses medianas ou mesmo enfrentando a miséria. Isto se dá não apenas pela má distribuição da riqueza, feita pelo materialismo e o egoísmo, dominantes no planeta. E, também, porque não sabemos todos produzir riquezas ou não queremos nos esforçar para isso. Se a riqueza na Terra fosse fácil para todos, em nosso grau de evolução, a maioria não trabalharia, não estudaria, quererá somente gozar, e isto não traz progresso para o Espírito.

Se há os que abusam da riqueza, não será com decretos ou leis dispendiosas que se remediara o mal. As leis podem, de momento, mudar o exterior, mas não conseguem mudar o coração; daí vêm serem elas de duração efêmera e quase sempre seguida de uma reação mais desenfreada. A origem do mal reside no egoísmo e no orgulho; os abusos de toda espécie cessarão quando os homens se regerem pela lei da caridade.

Com a evolução intelecto-moral da Terra, os extremos da miséria ou da riqueza excessiva serão corrigidos, pela melhor produção e distribuição dos recursos. Entretanto, “os pobres sempre os tereis convosco”. (Jesus - Jo. 12:8) Sempre haverá na Terra pessoas com menos aptidões e recursos do que outras, por estarem em diferentes graus de evolução.

PROVAS DA RIQUEZA E DA MISÉRIA

A diversidade de riquezas e de misérias tem uma finalidade útil: a de provar as almas no excesso e na submissão. Assim, os que sofrem com resignação, sem murmurações e com trabalho constante, conseguem superar suas provas. Pelo arrastamento ao mal a que se dá causa, pelas tentações que gera e pela fascinação que exerce, a riqueza constitui uma prova riscada, mais perigosa que a pobreza; é o supremo excitante do orgulho do egoísmo e da vida sensual. É o mais estreito laço que prende o homem a Terra.

Ambas as provas apresentam facetas diferentes, mas tanto o rico quanto o pobre podem fracassar. O primeiro por não fazer o bem, e o segundo pelas queixas contra a Providência. O rico está mais sujeito às tentações, mas dispõe de meios de praticar o bem; mas isso é justamente o que nem sempre faz, pois se torna egoísta, orgulhoso e insaciável.

A riqueza também pode ser um fator para a redenção do Espírito, quando dela sabe servir-se, empregando-a com critério e discernimento. Enquanto para uns a pobreza é a prova da paciência e da resignação, a riqueza é para outros o exercício da caridade e da abnegação.

Êxitos e desditas a luz do evangelho se apresentam comumente em sentido oposto a interpretação imediatista dos conceitos humanos.

Na manjedoura, entre pecadores, no trabalho humilde, convivendo com os deserdados, raptado e largado numa cruz. Jesus é o símbolo do triunfo real sobre tudo e todos, em imperecível lição, que ninguém pode deslustrar ou desconhecer. “Toma-o por modelo e não te perturbes nunca nas glórias ou nos insucessos; guarda-te na paz interior e persevera no amor, seguindo a rota do bem inalterável.”

Cada espírito é um ser com programação própria fruto das realizações passadas e presentes.

Conquistas materiais e espirituais marcam as etapas evolutivas da humanidade, independentemente da encarnação, ora como homem, ora como mulher, rico ou pobre...

A lei de igualdade faz-nos sentir que as sábias palavras do Mestre, Sede perfeitos, só se concretizarão quando entendermos que todos somos iguais perante o Pai da vida.

IGUALDADE DOS DIREITOS DO HOMEM E DA MULHER

Deus não concedeu superioridade natural a nenhum homem ou mulher, nem pelo nascimento e nem pela morte, pois todos estão submetidos às mesmas leis naturais (divinas).

Deus (pai), como ser antropomórfico foi nos colocado por meios político-religiosos para temermos, sabemos que na antiguidade cultuavam a Deusa (mãe). Hoje entendemos muito pouco sobre o que é Deus, 1ª pergunta do LE, mas compreendemos que ele nos criou como espíritos iguais com compromissos assumidos conforme o uso do nosso livre arbítrio das várias encarnações, ora como homem ora como mulher.

Desde o ano 313 D.C., no Concílio de Nicéia, onde sob as ordens do imperador Constantino, através de debates, os bispos chegam à conclusão que Jesus trazendo a substância de Deus, era portanto, também um ser trino: pai, filho e espírito santo.

Vários relatos do Mestre provam o contrário como, por exemplo, “A doutrina que vos ensino não é minha, mas sim daquele que me enviou” (João 7: 16).

Sabemos, isto sim, que Jesus encamou como homem pois como mulher ele mal seria ouvido, mas suas energia eram totalmente equilibradas, viril como um homem e doce como uma mulher (ex. vendilhões do templo/ mulher adúltera).

Esse equilíbrio que devemos conquistar como espíritos, que por isso mesmo, ora reencarnamos como homens, ora como mulheres. Pessoa alguma se encontra em clima de privilégio enquanto na vilegiatura material.

Todas as lágrimas procedem de razões justas, embora não alcances prontamente as suas nascentes.

Reconforta-te na decisão das atitudes sãs, faz tua parte.

Cada ser responde pelos próprios atos, ontem, hoje e sempre.

IGUALDADE PERANTE O TÚMULO

Segundo os Espíritos Superiores, o desejo de perpetuar a própria memória nos monumentos fúnebres, ou honrar o falecido é originado pelo orgulho. Os familiares também fazem por ostentação e exibição de riqueza perante aqueles menos afortunados.

“TODO AQUELE, POIS QUE SE HUMILHAR E SE FIZER PEQUENO COMO ESSE MENINO SERÁ O MAIOR NO REINO DOS CÉUS” (Mateus cap. XVIII; 1-5)

Se o Cristo prometeu aos pobres o Reino dos Céus, foi porque os grandes da Terra imaginavam que os títulos e as riquezas terrenas eram a recompensa de seus méritos, e sua essência era mais pura que a do pobre.

Deus estabeleceu alguma distinção entre o invólucro do pobre e do rico?

- O Criador não criou duas espécies de homens. Tudo o que Deus faz é grande e sábio. (ESE cap. VII item II)

“PORQUE QUEM SE EXALTAR SERÁ HUMILHADO E QUEM SE HUMILHAR SERÁ EXALTADO” (Lucas cap. XIV; 1, 7 - 11)

“A tumba é o lugar de encontro de todos os homens, nela se findam impiedosamente todas as distinções humanas...” (LE, 824).

A evidenciar que as lembranças das boas ações farão parte da nossa bagagem espiritual não tendo relevância as pompas do funeral, pois não nos acrescenta nenhum mérito na escala evolutiva.

BIBLIOGRAFIA:

KARDEC, Allan - O Livro dos Espíritos, Livro 3º, cap. IX, questões 803 a 824;

KARDEC, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo - cap. XVI, itens 7 e 8;

Bibliografia Complementar:

EMMANUEL, Francisco Cândido Xavier - Estude e Viva – nº 10;

EMMANUEL, Francisco Cândido Xavier - Religião dos Espíritos;
CALLIGARIS, Rodolfo - Leis Morais, "Lei de Igualdade";
PIRES, José Herculano - O Homem no Mundo - Heloisa Pires;
PERALVA, Martins - O Pensamento de Emmanuel - nº 30;
EMMANUEL, Francisco Cândido Xavier- O Livro da Esperança - item 43;

Parte B - SERVIR A DEUS E A MAMON

Nenhum servo pode servir a dois senhores, porque ou há de aborrecer a um e amar o outro, ou há de entregar-se a um e não fazer caso do outro; vós não podeis servir a Deus e as riquezas. (Lucas 16-13)

Para se compreender corretamente os ensinamentos de Jesus, é necessário interpretar suas palavras levando-se em consideração a linguagem figurada que o Mestre empregava para se fazer entender. Mamon era tido, na época, como o Deus do dinheiro, da riqueza, dentro da concepção politeísta de que para tudo havia um deus, ainda em voga no seio do povo. Mamon, portanto, simboliza a riqueza, os bens terrenos. Quando Jesus ensina que não se pode servir a Deus e a Mamon, quer dizer que o homem não pode se apegar aos bens materiais terrenos e atender a Lei de Deus ao mesmo tempo. São coisas incompatíveis. Aquele que serve a Mamon, ou seja, a riqueza, esquece-se do cumprimento das leis divinas. Isso não significa, contudo, que não podemos usufruir dos bens materiais, por serem estes um mal. Os bens terrenos não são maus nem bons. São neutros. O que vai caracterizar o mal ou o bem é o destino que a ele daremos e a maneira de adquiri-los.

Jesus não recomendou que nos desfizéssemos dos bens terrenos para poder ingressar em seu reino de amor. Quando ele disse ao jovem rico que o procurou para saber o que fazer para adquirir a vida eterna que ele deveria vender tudo o que tinha e doá-los aos pobres, é porque sabia que aquele homem era ainda muito apegado às coisas materiais. Falou isso para mostrar-lhe que ele ainda não estava preparado para ingressar no reino de Deus. Ensinou-lhe o caminho a seguir, que era desapegar-se dos bens terrenos e praticar a caridade. Não significa, portanto, que um homem rico jamais poderá atingir a vida eterna.

Quis demonstrar, Jesus, porém, que isso é ainda muito difícil, fez a nossa evolução moral ainda muito atrasada. Tanto que ele afirmou que é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha, do que entrar um rico no reino dos céus. Se o homem for rico mas não tiver apego aos bens materiais e praticar a lei de caridade, não há por que não ingressar no reino de Deus, que é para todos. Se a riqueza fosse um mal incontornável, Deus não a colocaria nas mãos do homem sem ferir o seu atributo de bondade infinita.

Podemos compreender também essa advertência de Jesus: "Servir a Deus e a Mamon", quando em Lucas; XIX, 1-10 nos fala: Estando Jesus em Jericó, passava pela cidade onde havia um homem chamado Zaqueu - chefe dos Publicanos e muito rico - que, tendo vontade de ver a Jesus para conhecê-lo, não o podia conseguir, pois era pequeno de estatura e a multidão o impedia. Por isso correu adiante, e subiu a uma árvore para vê-lo, pois ele passaria por ali. Tendo Jesus vindo a este lugar, levantou os olhos e o viu, chamando-O: Zaqueu, desça pois é preciso que eu me abrigue, hoje, na sua casa. Zaqueu desceu rapidamente e recebeu-o com alegria. Todos viram a cena e comentaram: Ele foi se abrigar na casa de um homem de má vida.

Entretanto, se apresentando diante do Senhor, Zaqueu lhe diz: Senhor, eu dou a metade dos meus bens aos pobres, e se defraudei alguém, pagá-lo-ei quadruplicado. Jesus lhe disse: Essa casa, hoje, recebeu a salvação, pois este também é filho de Abraão. Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o que estava perdido.

Não podemos servir a Deus, em seus princípios de espiritualismo, e a Mamon, cultuando ao mesmo tempo o materialismo. Os bens materiais são provisórios e usados somente nesta vida, enquanto os bens espirituais (inteligência e moral) são eternos.

Apêndice

Deus: Inteligência suprema causa primária de todas as coisas (LE 1)

Mamon: Palavra grega; mamona = dinheiro, posses, bens terrenos, vinda do aramaico mamom ou mamona, que significa riqueza; Em Mateus 6:24; Lucas 16:9, 11 e 13, foi empregada para personificar a riqueza, não necessariamente um deus mitológico. (Dicionário de Filosofia Espírita)

BIBLIOGRAFIA:

Kardec, Allan, "O Evangelho Segundo o Espiritismo", Cap. XVI, itens 1 a 4
Peralva, Martins, "O Pensamento de Emmanuel", nº 20
Schutel, Cairbar - Ensinos de Jesus

12ª Aula - LEI DE LIBERDADE

Parte A - LIBERDADE NATURAL - ESCRAVIDÃO A LIBERDADE DE PENSAMENTO E DE CONSCIÊNCIA - LIVRE ARBÍTRIO E FATALIDADE – CONHECIMENTO DO FUTURO

LIBERDADE NATURAL

Ao pensar em liberdade, diversos aspectos afloram: de ser, agir, crer, fazer, e assim por diante.

O filhote da águia possui em si todo o potencial para voar bem alto, mas somente o fará quando o seu corpo estiver apto.

O ser humano possui em si toda a potencialidade que somente exercera com plenitude e sabedoria na relação direta do seu aprimoramento moral e espiritual.

A convivência em sociedade obriga o homem a respeitar os limites dos direitos do seu semelhante e desde que haja dois seres juntos há direitos a respeitar e não terão eles, portanto, liberdade absoluta.

Se tomarmos como base o ensinamento de Jesus no qual nos orienta a **“Não façais aos outros o que não quereis que os outros vos façam”**, o limite estará delineado. E, por essa delimitação, nossos limites de liberdade estarão definidos.

ES CRAVIDÃO

A questão 829 de O Livro dos Espíritos esclarece que toda sujeição absoluta de um homem a outro é contrária a lei de Deus.

Muito embora a escravidão física tenha sido abolida legalmente no mundo, a escravidão moral ainda faz um numero incalculável de vítimas.

Assim como a escravidão física desapareceu, a sujeição moral terá igual destino quando o homem compreender a sua condição de filho de Deus e reger a sua vida pelas leis de amor trazidas por Jesus.

Aquele que escraviza se opõe a lei da fraternidade e solidariedade.

Quando determinada sociedade possuiu em suas leis o direito de subjugar o semelhante pela força bruta, ao trabalho; punindo-o severamente pela transgressão de leis que a regiam a época, aquele homem se submeterá as conseqüências de seus atos perante a justiça divina.

O fato de vivermos em sociedade nos coloca, a todos, na dependência de nossos semelhantes em virtude das diferenças de aptidões. Depender não é ser escravo de uma relação social (LE 831).

LIBERDADE DE PENSAMENTO E DE CONSCIÊNCIA

O Pensamento contínuo é atributo do Espírito e, enquanto encarnados não temos acesso ao pensamento do outro.

O homem possui plena liberdade de pensar e por meio do seu pensamento se desloca para o futuro, para o passado, para enlevar-se recordando momentos felizes ou deprimir-se em sentimentos menos felizes.

O que quer que se lhe aflore a mente forjando pensamento, portanto, criando imagens fluídicas, será, sob esse aspecto, responsável perante as leis de Deus.

A qualidade da atmosfera psíquica do planeta é de responsabilidade de cada um de seus moradores.

Diante disso não se atreverá o homem a impor a outro, ou a violar a sua consciência - que é o foro íntimo de cada um na sua capacidade de discernir entre o certo e o errado; a sua voz interior que o aprova ou reprova (LE 835).

A liberdade de consciência é uma das características da verdadeira civilização e do progresso (LE 837).

Ainda que a crença do outro seja reprovável, o respeito à consciência e a liberdade de crer é fundamental. O contrário é faltar com a caridade. A Doutrina Espírita é doutrina de aperfeiçoamento moral.

O Mestre ensinou pelo exemplo de doçura e mansidão, devemos seguir-lhe o exemplo.

LIVRE-ARBÍTRIO E FATALIDADE

O livre-arbítrio é a faculdade que tem o indivíduo de determinar a sua própria conduta - autodeterminação; e crer na existência da fatalidade é negar a existência do livre-arbítrio.

O Espírito gozará sempre do direito de exercer o seu livre-arbítrio e, quanto mais esclarecido, mais ampla a sua capacidade. Enquanto no mundo espiritual escolherá livremente ou, se for o caso, orientado por Espíritos Superiores, as provas e as experiências as quais se vê necessitado para o seu aprimoramento; e encarnado, optando por tal ou qual caminho. E sempre será o responsável por suas escolhas, não podendo atribuir a sua boa ou ma estrela o resultado das suas escolhas.

O discípulo de Jesus, Paulo de Tarso, já alertava aos companheiros, através das epístolas, que estávamos todos cercados por uma “nuvem de testemunhas”. Esta observação vai ao encontro de Kardec quando esclarece sobre a interferência dos Espíritos no Mundo Corpóreo.

Ainda que exista a nuvem de testemunhas e a interferência dos Espíritos no mundo corpóreo, o livre-arbítrio é pleno e a criatura pode acolher ou não as sugestões desses Espíritos, assim como aceita ou rejeita as sugestões de seus pares.

A fatalidade não existe sendo para a escolha feita pelo Espírita, ao encarnar-se, de sofrer esta ou aquela prova: ao escolhê-la, ele traga para si mesmo uma espécie de destino, que é a própria consequência da posição em que se encontra (L;E. 851).

Assim, considerar a fatalidade como uma realidade é crer que o Homem possa ser uma máquina programada para cumprir determinada trajetória. Isso seria negar a misericórdia divina, e a reencarnação perderia o sentido e o objetivo como meta de evolução, pois que o Homem não teria mérito ou demérito como resultado de suas ações.

A fatalidade existe considerando-se tão somente no que respeita ao resultado de suas escolhas enquanto no mundo espiritual.

CONHECIMENTO DO FUTURO

Desde os primórdios das civilizações que o Homem recorre aos mais variados meios na tentativa de descobrir o que lhe reserva o futuro.

Os oráculos, as pitonisas, sonhos de faraó e, porque não incluir Moisés com a advertência para não consultar os mortos.

Dessa maneira, alguns fatos marcantes da História da humanidade foram preditos. E é somente visando o bem e o cumprimento das coisas é que Deus permite a sua revelação (LE 870).

Ao homem comum não é dado saber o seu futuro, pois este o negligenciaria, não iria cumprir o que deve ser feito para o seu adiantamento moral.

Tanto o passado como o futuro é da Lei de Deus que permaneça oculto. De outra forma o homem veria tolhida a liberdade de ser ele mesmo.

Se o homem conhecesse seu passado ver-se-ia tentado a ir procurar por aqueles que, de uma forma ou outra, a ele se vincularam, seja por afeto ou desafeto. No caso das provas ou expiações temeria a chegada do momento que pode ser crucial. Deste modo, Deus que é pleno de sabedoria e amor, deseja que lhe tique oculto para não haver embaraços no desenrolar das vidas por Ele criadas com capacidade de livre-arbítrio.

BIBLIOGRAFIA:

KARDEC, Allan - O Livro dos Espíritos, Livro 3º, cap. X, questões 825 a 871; item 8 - Resumo Teórico do Móvel das Ações Humanas;

KARDEC, Allan - Livro dos Médiuns - cap. XXVI, questão 289;

KARDEC, Allan - A Gênese, cap. XVI, nº 3;

KARDEC, Allan - Obras Póstumas;

KARDEC, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo - cap. VIII, item 18; cap. XXVIII, item 51;

KARDEC, Allan - O Que é Espiritismo - cap. I, pag. 123 questões 123, 124, 126 e 141; cap. V item 21; cap. 27, item 6;

KARDEC, Allan - O Céu e O Inferno – 2ª Parte, cap. 5;

Revista Espírita, de janeiro;

Revista Espírita, de março de 1858;

Revista Espírita, de fevereiro de 1862;

Revista Espírita, de maio de 1866;

Revista Espírita, de fevereiro de 1867;

Revista Espírita, de julho de 1868;

Bibliografia Complementar:

EMMANUEL, Francisco Cândido Xavier - Estude e Viva - nº 9 e 14;

EMMANUEL, Francisco Cândido Xavier - Religião dos Espíritos;

CALLIGARIS, Rodolfo - Leis Morais;

PERALVA, Martins - O Pensamento de Emmanuel- nº 31 e 32;

EMMANUEL, Francisco Cândido Xavier - Emmanuel - item 33;

EMMANUEL, André Luiz - Opinião Espírita - nº7 e 27;

EMMANUEL, Francisco Cândido Xavier - O Consolador- itens 132 a 139;

KARDEC, Allan - A Gênese - cap. XVI;

DENIS, Léon - O Problema do Ser do Destino e da Dor – 3ª Parte - item 22;

A cada um dos Espíritos Deus da determinada missão; tarefa; prova ou ainda expiação. Todos têm um trabalho a realizar, seja encarnado ou desencarnado.

Se Deus permite que, dentre o patrimônio intelectual e moral adquirido nas vidas anteriores, a criatura possa manifestar na vida presente a inteligência, é porque dela deve fazer uso para cultivar e realizar o bem, fruto da aplicação dessa mesma inteligência.

Assim se vê em toda a natureza. A abelha poliniza as flores e fabrica o mel. No solo saudável existem vermes a revolver as entranhas da terra para fazê-la respirar. A mesma terra que o agricultor cultiva a leguminosa, a fruta e a verdura. Até mesmo o excremento do ruminante aduba o solo. A natureza cumpre o seu papel de colaboradora com o Criador.

Com o Homem não é diferente. Toda a potencialidade dirigida e exercida na senda do bem há de frutificar.

Espíritos imperfeitos quais todos que habitamos este orbe nos reunimos em famílias; comunidades, grupos sociais, sempre com o objetivo maior de aprimoramento mútuo. É de fundamental importância que aquele que possui maior cabedal de conhecimento, força moral, ampare, apóie, incentive e oriente aqueles que fazem parte da sua vida seja em que segmento for. Deus não nos concederia ferramentas que não tivessem objetivo de uso.

A Doutrina Espírita é como um sol a iluminar a escuridão da ignorância em que os Homens, em sua grande maioria, ainda se encontra. Aqueles que já possuem uma parcela de conhecimento, devem moralmente ao Cristo, fazer com que o seu verbo seja vivo e eloqüente, e, acima de tudo, vivenciar o Cristianismo Redivivo, em fraternidade, solidariedade e amor ao próximo. Relembrar da orientação do Espírito de Verdade: “Espíritas: amai-vos, espíritas, instruí-vos”.

BIBLIOGRAFIA:

KARDEC, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo - cap. VII, item 13

KARDEC, Allan - Obras Póstumas - 1ª parte - questões e problemas (ESE cap. XXIII, item 15, cap. XXVIII, item 51)

13ª Aula - LEI DE JUSTIÇA, AMOR E CARIDADE

Parte A - JUSTIÇA E DIREITO NATURAL - DIREITO DA PROPRIEDADE. ROUBO. - CARIDADE E AMOR AO PRÓXIMO - AMOR MATERNAL E FILIAL

JUSTIÇA E DIREITO NATURAL

Justiça, Segundo o dicionário Houaiss é: “a conformidade com o direito; virtude de dar a cada um o que é seu”.

Justiça no Direito: “Conjunto de normas sociais obrigatórias para assegurar o equilíbrio das funções do organismo social”.

Justiça segundo o Livro dos Espíritos, questão 875, “consiste no respeito aos direitos de cada um”.

A justiça é um sentimento natural, nato, pois Deus quando criou o Ser, Ele implantou esse sentimento em seu coração. E com o progresso moral o homem vai apurando esse sentimento.

Mas até que essa elevação moral se apure, ele acaba por contundir o sentimento real de Justiça, com seus interesses, com suas paixões e tem uma falsa visão de Justiça.

Os direitos são determinados por lei humana e lei natural.

A lei humana é apropriada e adequada aos costumes e as características, daquele momento, para assegurar os direitos dos homens, logo ela é variável, mutável e progressiva.

No Brasil temos uma Constituição Federal que assegura o direito de cada um. Uma das mais completas, quiçá, a mais, acompanhada de várias emendas e Leis complementares.

Essas são as Leis Humanas que asseguram o Direito de cada cidadão dependendo do remendo que ele se enquadre.

De contra partida temos as Leis de Deus; justas, imutáveis e eternas.

Justiça Divina - são as Leis de Deus - Leis Morais. Elas são singelas, generosas, abrangentes, não necessitam de emendas e não tem rasuras.

“Fora do direito consagrado pela Lei Humana, qual a base da Justiça fundada sobre a Lei Natural?

O Cristo vos disse: Querer para os outros o que quereis para vós mesmos”. (LE 876)

Com isso Jesus faz aflorar o senso de Justiça que esta dentro de cada um.

Ao contrário das Leis humanas as Leis Divinas não tem emendas e nem complementações.



Para viver em harmonia é necessário estar em conformidade com as Leis de Deus.

Por ser a Justiça uma lei natural, e o homem ter sido criado por Deus, com esse sentimento, ele sempre deseja que seus direitos sejam respeitados. E com esse ensinamento o homem passa a ser mais criterioso em seus julgamentos, desejando o bem para o seu próximo.

Em um mundo de expiação e provas, como o nosso, vemos muitos homens não utilizando a Lei Natural. Querendo obter vantagens sobre os outros.

E temos uma sociedade perturbada e confusa, pois a Vida social da direitos e impõe deveres recíprocos.

Mas a medida que o homem vai progredindo moralmente, ele vai se aprimorando e as Leis de Deus vão se fundindo no coração e na sua consciência e as Leis humanas vão chegando cada vez mais próximas a de Deus.

E o segundo maior mandamento se cumprirá: “amar a teu próximo como a ti mesmo”.

O verdadeiro justo, a exemplo de Jesus, é aquele que pratica o amor ao próximo e a caridade consolidando assim a Verdadeira justiça.

DIREITO DE PROPRIEDADE. ROUBO

O primeiro direito natural do homem é o de viver. Portanto ninguém tem o direito de fazer o contrário.

Durante a trajetória de Vida do homem, até por uma questão de sobrevivência, ele amealha bens: desde o mais miserável ao milionário, ou seja, aquele que nada tem e aquele que tudo possui, para resguardar o seu bem estar atual e o futuro.

Juntar bens para garantir uma Vida melhor é um direito natural.

Se esses bens são conseguidos por meios lícitos e pelo trabalho honesto, ele se constitui em propriedade legítima.

A propriedade legítima esta pautada pelo não prejuízo ao próximo e é ilimitada.

Devemos utilizar esses bens com sabedoria, e na medida do possível, em favor do próximo.

Muitas Vezes, vemos o direito de propriedade ser agredido pela lei humana, onde os homens a manipulam em detrimento de padrões convencionais, porém a lei humana é variável, modificando-se sempre.

Apossar-se de algo que não lhe pertence, não é uma propriedade legítima e vai contra as Leis Divinas e automaticamente você fica submetido à Lei de Ação e Reação, se fez algo de mal ao outro, isso poderá acontecer em algum momento com você.

CARIDADE E AMOR AO PRÓXIMO

Caridade é “benevolência para com todos, indulgência para com as imperfeições alheias, perdão das ofensas” LE 886

Indulgência: Devemos ser tolerantes e compreensivos com os defeitos do próximo.

Não devemos humilhar ou constranger outrem, porque num mundo onde estamos encarnados, nos mesmos vivemos deslizando e desejamos que os outros sejam, indulgentes conosco e o contrário deve ser recíproco.

Benevolência: É ter bom animo em ajudar sem interesse. Utilizando-se de carinho e altruísmo para com o outro.

Perdão: Que não é só esquecer o mal que foi feito, mas não desejar mal a quem pratica.

Perdoar é despojar-se de qualquer sentimento ruim que possa existir no coração.

Perdoar os inimigos não é amá-los com ternura, mas pagar o mal com o bem.

É colocar em prática o que Jesus ensinou “Amai-Vos uns aos outros, como irmãos”.

A caridade em sua mais ampla assepsia se reporta a todo ato de atenção e respeito com o próximo, seja doando algo material e/ou moral.

Em uma doação (caridade) material, se aquele objeto não for imantado de amor e despojamento, passa a ser uma ostentação ao seu ego, exaltando o orgulho.

Doação (caridade) moral, num abraço, um carinho, atenção ao ouvir, uma palavra confortadora, se não for feita com amor, não é caridade.

A Caridade moral consiste, ainda, em vibrar por todos necessitados, inclusive os que se consideram nossos desafetos.

Ninguém é tão miserável que não possa doar algo.

Qualquer doação com prazer, sem esperar nada em troca, é um ato de caridade.

“Numa visão espírita, pode haver: “esmola sem caridade, esmola com caridade e... caridade sem esmola, dependendo tudo dos sentimentos que acompanham ou inspirem o modo de agir das criaturas”. (As Leis Morais - Rodolfo Calligaris)

O ato de dar esmola deve ser realizado, discretamente

“...A caridade é paciente, é benigna; a caridade não é invejosa, não obra temerária nem precipitadamente, não se ensoberbece, não é ambiciosa, não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não suspeita mal, não folga com a injustiça, mas folga com a Verdade. Tudo tolera, tudo crê, tudo espera, tudo sofre. A caridade nunca, jamais há de acabar, ou deixem de ter lugar as profecias, ou cessam as línguas, ou seja abolida a ciência. - Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e a caridade, estas três virtudes: porém a maior delas é a Caridade.” (Paulo, I Coríntios, XIII, 4-10 e 13)

AMOR MATERNAL E FILIAL

O amor maternal é uma virtude, um sentimento instintivo comum aos homens e aos animais.

A mãe ama seu filho e o protege, de forma natural, por toda vida e os animais, são mais limitados, cuidando de seus filhotes apenas pelo período em que ele precisa.

Apesar de o lar ser a porta regeneradora onde Espíritos antagônicos reencarnam, amparados pelo Amor Maternal e este sentimento ser inerente a Lei Natural, há mães que aparentemente rejeitam seus filhos, nesses casos, normalmente, existe um reajuste a ser cumprido, onde o Espírito filho será recompensado segundo a sua resignação durante sua encarnação.

Como ha, também, filhos que causam desgosto aos pais, que não deixam, também, de ser um reajuste para os pais aprendendo com as dificuldades, ou até mesmo, atitudes inadequadas dos pais, por falta de uma educação apropriada. Acabam por colher o que semearam.

BIBLIOGRAFIA

KARDEC, Allan - O Livro dos Espíritos - questões 873 a 892;
 Kardec, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo - Cap. I e Cap. XV -
 Emmanuel (Espírito). Fonte Viva, item 142
 Emmanuel (Espírito). Caminho, Verdade e Vida, item 149
 Calligaris, Rodolfo. As Leis Morais
 Peralva, Martins. O pensamento de Emmanuel

Parte B - QUE A MÃO ESQUERDA NÃO SAIBA O QUE FAZ A MÃO DIREITA

“Tende cuidado em não praticar as boas obras diante dos homens, para serem vistas, pois, do contrário, não receberéis recompensa de vosso Pai que esta nos céus. - Assim, quando derdes esmola, não trombeteeis, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem louvados pelos homens. Digo-vos, em verdade, que eles já receberam sua recompensa. Quando derdes esmola, não saiba a vossa mão esquerda o que faz a vossa mão direita; - a fim de que a esmola fique em segredo, e vosso Pai, que vê o que se passa em segredo, vos recompensará”. Jesus (Mateus, 6:1 a 4.)

“Que a mão esquerda não saiba o que faz a direita” é uma metáfora alusiva a modéstia real. Entretanto, existe, também, a falsa modéstia que é aquela camuflada, onde existe o ato benévolo, mas de forma discreta assegura-se de alguém esteja testemunhando o seu ato.

A ostentação é o orgulho em ação, e desta forma, será julgado perante seus pares, ou seja, recebera a sua recompensa na Terra, pois Deus não apreciara o seu ato, vez que já foi objeto de avaliação.

“A beneficência praticada sem ostentação tem duplo mérito. Além de ser caridade material, é caridade moral, visto que resguarda a suscetibilidade do beneficiado, faz-lhe aceitar o benefício, sem que seu amor-próprio se ressinta e salvaguardando-lhe a dignidade de homem, porquanto aceitar um serviço é coisa bem diversa de receber uma esmola.”

A verdadeira caridade preocupa-se em auxiliar o necessitado sem que ele se sinta humilhado, como se estivesse recebendo uma esmola. Ela figura-se com palavras brandas, espontâneas e afáveis deixando o beneficiado a vontade.

A verdadeira generosidade adquire toda a sublimidade, quando o benfeitor, invertendo os papéis, acha meios de figurar como beneficiado diante daquele a quem presta serviço. Eis o que significam estas palavras:

“Não saiba a mão esquerda o que da a direita.”

Quando a lei de justiça, caridade e amor ao próximo, reinar na Terra, não haverá mais necessitados, pois a fraternidade suprirá todas as faltas, pois os bens terrenos não terão maior valor do que os espirituais.

A caridade será realizada de forma plena, direta e espontânea, sem melindres e exposição, pois se tornara a pedra angular da fraternidade.

O acúmulo de bens terrenos perdera seu valor abstrato, pois o homem saberá que a vida imortal não pertence a este mundo, que os bens materiais são transitórios e não poderão ser transportados, apenas os bens espirituais que estarão arraigados em seu Espírito e são eternos.

Eis porque Jesus ensinou: “não amontoeis tesouros na Terra, pois são perecíveis, mas amontoai-os nos Céus, onde são eternos”.

BIBLIOGRAFIA:

Kardec, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo - Cap. XIII, itens I a 3 e Cap. XXV, item 8; tradução de J. Herculano Pires. 14ª edição. São Paulo. Edições FEESP, 1998.

14ª. Aula - PERFEIÇÃO MORAL

Parte A - AS VIRTUDES E OS VÍCIOS - DAS PAIXÕES DO EGOÍSMO - CARACTERES DO HOMEM DE BEM - CONHECIMENTO DE SI MESMO

AS VIRTUDES E OS VÍCIOS

Na busca por nosso progresso reencarnamos inúmeras vezes, até atingir o mais alto grau de perfeição que comporta nosso planeta. A cada reencarnação temos desafios que, se traduzem em lições a serem refeitas.

Mas, o que significa lições a serem refeitas? O nosso planeta é semelhante a uma escola, com seus vários graus de ensino e diversos tipos de alunos. Todos, sem exceção, começam seus estudos pelo nível mais baixo, porém, a medida que assimilamos os estudos correspondentes a cada série somos promovidos a série seguinte. Há alunos que desejam, ardentemente aprender, outros que o fazem por fazer e uns que odeiam estudar e preferem se divertir.

Vê-se então que todos se encontram num mesmo caminho, ou seja, o do aprendizado, porém, cada um trilhando determinado percurso da estrada. Todos têm grandes lições a aprender, e outras, a serem refeitas, estamos em processo de evolução.

As lições a serem refeitas são aquelas que apresentam maior dificuldade de assimilação. Desta forma, temos que nos empenhar mais, estudar com mais afinco, fortalecer nossa vontade de aprender a fim de atingir nossa meta.

Os vícios representam as lições a serem refeitas em nossas vidas. Para tanto, é importante o autoconhecimento, que identifique sua realidade, seus vícios assim como as virtudes que eventualmente possua.

Quais são? Como identificá-los? Qual possui?

Vamos ao significado das palavras Virtudes e Vícios.

Virtudes: são todos os hábitos que levam o homem para o bem, é uma disposição adquirida voluntariamente para o bem e consiste na boa qualidade moral do homem, Excelência moral, força interior, retidão, austeridade.

Vícios: ausência das virtudes. São ações que tendem para o mal, os costumes censuráveis, os hábitos perniciosos, entre os quais: o fumo, a gula, o álcool, os abusos sexuais. Já os defeitos consistem nas imperfeições ou desvios das leis morais, como o orgulho e seus filhos: o egoísmo, a inveja, o ciúme, a maledicência, etc.

Todas as virtudes são louváveis, porque implicam no cumprimento da Lei do Progresso. Existem pessoas que fazem o bem espontaneamente, isso é, um sinal de progresso realizado. Esses lutaram outrora e triunfaram. Por isso é que os bons sentimentos nenhum esforço lhes custam e suas ações lhes parecem simplíssimas. O bem se lhes tomou um hábito. Devidas lhes são as honras que se costuma tributar a velhos guerreiros que conquistaram os seus altos postos. (LE 894)

Há pessoas que demonstram um desinteresse natural pelas coisas materiais, no entanto, o descuido irrefletido de nossos bens constitui sempre falta de juízo.

A riqueza, do mesmo modo que não é dada a uns para ser aferrolhada num cofre forte, também não o é a outros para ser dispersa ao Vento. Representa um depósito de que todos terão de prestar contas, porque terão

de responder por todo o bem que podiam fazer e não fizeram, por todas as lagrimas que podiam ter estancado com o dinheiro que deram aos que dele não precisavam. (LE 896)

O bem deve ser feito caritativamente, isto é, com desinteresse. Proceda como egoísta todo aquele que calcula o que lhe possa cada uma das suas boas ações renderem na vida futura. Nenhum egoísmo, porém, há em querer o homem melhorar-se, para se aproximar de Deus, pois que é o fim para o qual devem todos tender. (LE 897-B)

É útil que nos esforcemos por adquirir conhecimentos científicos, pois, isso nos põe em condições de auxiliar nossos irmãos. Nos intervalos das encarnações, aprenderemos numa hora o que na Terra exigiria anos de aprendizado. Nenhum conhecimento é inútil; todos contribuem para o progresso, porque o Espírito, para ser perfeito, tem que evoluir, e fazer com que o progresso se efetue em todos os sentidos, todas as idéias adquiridas ajudam no desenvolvimento do Espírito.

De dois homens ricos que empregam suas riquezas exclusivamente em gozos pessoais, o mais culpado é aquele que conheceu os sofrimentos, porque sabe o que é sofrer. A dor, a que nenhum alívio procura dar, ele a conhece; porém, como frequentemente sucede, já dela não se lembra. (LE 899)

Cuidado ao observar as imperfeições alheias, porque isso é faltar com a caridade. Se o fizer, porém, para auxiliar o próximo para que este possa evitá-lo, esse estudo poderá ser-lhe de alguma utilidade.

Importa não esquecer, porém, que a indulgência para com os limites de outrem é uma das virtudes contidas na caridade. ***“Antes de censurades as imperfeições dos outros, vede se de vós não poderão dizer o mesmo. Tratai, pois, de possuir as qualidades opostas aos defeitos que criticais no vosso semelhante. Esse é o meio de vos tornardes superiores a ele. Se lhe censurais a avareza, sede generoso; se for orgulhoso, sede humildes e modestos; se for aspereza, sede brandos; se for pequenez, sede grandes. Numa palavra, fazei de maneira que não se vos possam aplicar estas palavras de Jesus: “Vê o argueiro no olho do seu vizinho e não vê a trave no seu próprio”.*** (LE 903)

DAS PAIXÕES

O princípio que dá origem as paixões não é mau quando bem dosado, e pode levar o homem a grandes feitos. O perigo da paixão está no excesso da vontade descontrolada, visto que o princípio que lhe dá origem foi posto no homem para o bem, . O abuso que delas se faz é que causa o mal. (LE 907)

As paixões são como um automóvel que, só tem utilidade quando Governado e, se torna perigoso desde que passe a governar. Uma paixão torna-se perigosa a partir do momento em que não podemos governá-la e que resulta um prejuízo qualquer para vos mesmos, ou para outrem. (LE 908)

A paixão é a exageração de uma necessidade ou de um sentimento. Está no excesso e não na causa, e esse excesso se torna um mal, quando tem como consequência um mal qualquer. Toda paixão que aproxima o homem da natureza animal afasta-o da natureza espiritual. (LE 908, comentário de Kardec)

DO EGOÍSMO

O egoísmo é a fonte de todos os vícios que caracterizam a imperfeição humana. Dele derivam a ambição, o ciúme, a inveja, o ódio, e toda sorte de males que infelicitam a Humanidade, pelas mágoas que produzem, pelas dissensões que provocam e pelas perturbações sociais a que dão ensejo.

O egoísmo funda-se num sentimento exagerado sobre si mesmo, no qual a pessoa deseja que o mundo gire em torno de si. Ela é o centro das atenções. Esta chaga da humanidade deverá desaparecer da Terra, porque impede o seu progresso moral.

Ao Espiritismo cabe a tarefa de fazê-la elevar-se na hierarquia dos mundos.

Portanto, o egoísmo é o alvo para o qual todos os verdadeiros crentes devem dirigir Suas armas, Suas forças e sua coragem. Coragem, porque esta é a qualidade mais necessária para vencer-se a si mesmo do que para vencer aos outros.

Que cada qual dedique toda a sua atenção em combatê-lo em si próprio, pois esse monstro devorador de todas as inteligências, esse filho do orgulho, é a fonte de todas as misérias terrenas. Ele é a negação da caridade, e por isso mesmo, o maior obstáculo a felicidade dos homens.

O egoísmo cresce com a civilização e parece até que esta o excita e mantém. Quanto maior é o mal, mais hediondo se torna. É preciso que o egoísmo produza muito mal, para que se faça compreensível a necessidade de extirpá-lo.

Quando os homens se despojarem do egoísmo, viverão como irmãos, sem se fazerem mal algum e auxiliando-se reciprocamente, impelidos pelo sentimento mutuo da solidariedade.

CARACTERES DO HOMEM DE BEM

Reconhece-se o verdadeiro homem de bem pela sua elevação espiritual, que é provocada pela compreensão da vida espiritual e pelas suas atitudes evidenciadas na prática da lei de Deus, ou seja, das leis morais.

Os Espíritos são seres imortais criados por Deus, e possuem uma destinação gloriosa - a perfectibilidade. Para efetivar esse itinerário são dotados de recursos e talentos incontáveis, quais a razão, o amor, o livre-arbítrio. Assim, o Espírito vai gradativamente, realizando sua caminhada evolutiva, errando e acertando, formando sua bagagem de conhecimentos, pessoal e intransferível, a qual Jesus se refere como verdadeira e que a ferrugem nem a traça consomem.

Nessa caminhada vão se estruturando os sinais que evidenciam o progresso já alcançado pelo Espírito. Comprova-se, facilmente, a elevação espiritual de um indivíduo pela sua conduta moral no dia-a-dia.

“O Espírito prova a sua elevação quando todos os atos da vida corpórea constituem a prática da Lei de Deus e quando compreende por antecipação a vida espiritual” (LE 918). Quando vivência espontaneamente as leis naturais, quando se harmoniza com a essência divina que o caracteriza, o grandioso processo de transcendência foi iniciado e novas dimensões se abrem para o ser.

O homem de bem busca continuamente uma autoavaliação de si mesmo, para conscientizar-se de seus atos. Ele pratica a lei de justiça, amor e caridade na sua mais completa pureza (LE 918). Valendo-se da Lei de Liberdade, pratica o bem pela alegria de praticar o bem, e não porque estivesse condicionado por algum castigo ou recompensa.

Se Deus lhe concedeu o poder e a riqueza, administra-os, seguindo a Lei da Caridade, servindo-se deles como um depósito a ser utilizado em proveito de muitos. Se a ordem social colocou homens sob sua dependência, respeita de fato a Lei de Igualdade, tratando-os com benevolência e respeito, Valendo-se da autoridade para apoiá-los moralmente.

Pratica a Lei do Amor ao ser indulgente para com as fraquezas dos outros, porque sabe que ele mesmo tem necessidade de indulgência. Respeita, enfim, nos seus semelhantes, todo o direito decorrente da lei natural, como desejaria que respeitassem os seus (LE 918). Busca, enfim, a sua perfectibilidade moral, pois vivência em sua consciência a necessidade de superação em respeito à Lei do Progresso. Ciente da bondade de Deus que se revela em cada criatura, vivência a Lei de Sociedade através da prática do amor ao próximo, da exteriorização do amor em meio aos homens. O homem de bem edifica sua vida sobre a rocha, pois ao identificar-se com o bem, terá sempre força interior contra as adversidades da vida.

A parábola da Semente (Marcos, 4:26-29) representa perfeitamente o modo de aproveitarmos as lições do Evangelho para nosso crescimento moral. Realmente, o Reino de Deus é como uma semente. As pessoas têm a opção de aceitá-lo ou ignorá-lo. Esta parábola baseia-se em algo da natureza: o crescimento da semente. Deus é o semeador. As sementes são seus ensinamentos e a terra representa todos nós. Deus lança a semente na terra e seu desejo é de que todas germinem, cresçam e frutifiquem. Entretanto, o solo pode ainda não estar convenientemente, preparado, adubado, e assim a semente não germina. No momento em que esta terra for tratada, adubada a semente vingará e dará frutos. Quando nos despertarmos e conscientizarmos de que somos a terra e, portanto depende de nossa vontade de ser adubada, e tratada para que a semente germine. Somos filhos de Deus e se estamos aqui é porque temos uma grande tarefa. Assim quando oramos: “Venha a nós Vosso Reino” temos que trazer este Reino para dentro de nós e fazer com que ele cresça e se espalhe a nossa volta, ajudando a transformar o mundo. Às vezes podemos ter pressa para que o mundo seja melhor num instante, mas, temos que ter paciência e fazer a cada dia o melhor que nos compete, há um tempo para tudo.

CONHECIMENTO DE SI MESMO

“Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”, afirmou Jesus (João, 8:32). Quanto mais consciente de si, mais livre será o Espírito. Da mesma forma, recomendam os Espíritos que o meio mais prático para se melhorar nesta vida e resistir ao arrastamento do mal é o “conhece-te a ti mesmo” (LE 919)

É muito importante a conscientização da necessidade de reforma íntima, como meio de transformação interior, de superação dos erros, de acionar a vontade para substituir os vícios por virtudes. No autoburilamento consiste a chave do progresso individual, por isso não só pode mais dispensar o esforço consciente, não se deve mais viver simplesmente seguindo impulsos e instintos.

O primeiro passo para o conhecimento de si mesmo, segundo Santo Agostinho, consiste em interrogar a cada dia a própria consciência e ver se não se faltou ao cumprimento do dever, se ninguém tem nada de se queixar sobre a sua pessoa.

Mas como julgar a si mesmo? A dificuldade esta justamente em conhecer a si próprio. Existe, segundo o Livro dos Espíritos, um meio de controle que não pode enganar: “Quando estais indecisos quanto ao valor de uma de vossas ações, perguntai como a qualificaríeis se tivesse sido praticada por outra pessoa. Se a censurardes em outros, ela não poderia ser mais legítima para vós, porque Deus não usa de duas medidas para a justiça (LE 919a). É assim que podemos julgar nossas ações segundo uma máxima universal: Não fazer aos outros o que não se deseja para si mesmo.

O que conhecer? Vemos constantemente os erros e defeitos dos que nos rodeiam e somos incapazes de perceber nossos próprios. Nossas faltas são sempre justificadas por nos mesmos. É importante a humildade em aceitar as limitações para que se possa crescer e superar-se. Que aquele que tem a verdadeira vontade de se melhorar explore, portanto, a sua consciência, a fim de arrancar dali as más tendências como arranca as ervas daninhas de seu jardim (LE 919a). No entanto, importa conhecer não somente as limitações mas, sobretudo, as potencialidades, aquilo que existe de divino no Espírito, a força interior, o amor, a inteligência, a capacidade de transcender a si mesmo.

BIBLIOGRAFIA:

KARDEC, Allan - O Livro dos Espíritos, questões 893 a 919-a;

KARDEC, Allan - A Gênese - cap. I, parágrafo 38; cap. III; cap. XVIII;

KARDEC, Allan - O Céu e O Inferno - Código Penas Futuras;

KARDEC, Allan - Obras Póstumas - Egoísmo e Orgulho, Causas e Efeitos e Meios de Destruí-las; Da Obsessão e da Possessão, parágrafo 58, item “Questões e Problemas”, As Expições Coletivas e último parágrafo;

KARDEC, Allan - O Que é Espiritismo - questão 132;

KARDEC, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. VII, item 12; cap. X, itens 9 e 10; cap. XI, itens 11 e 12; cap. XII, itens 1 a 3; cap. XVII, itens 1 a 4, e, 8; cap. XVIII, item 16;

Parte B - SEDE PERFEITOS

“Porque se vós amais senão os que vos amam, que recompensa haveis de ter? Não fazem os publicanos também o mesmo? E se vós saudardes somente os vossos irmãos, que fazeis nisso de especial? Não fazem os gentios também o mesmo? Portanto, sede perfeitos, assim como vosso Pai Celestial é perfeito.” (Mt 5:46-48).

Como é a Perfeição de Deus? É a perfeição absoluta. É princípio elementar julgar a causa pelos seus efeitos. Sendo Deus a inteligência suprema Ele se revela através de suas obras admiráveis e de leis sábias constituindo um conjunto grandioso de harmonia onde há perfeita adequação dos meios aos fins, que se torna impossível não ver por trás de tão portentoso mecanismo a ação de uma Suprema Inteligência.

Ao recomendar que sejamos perfeitos como o Pai celestial, Jesus ensina o amor ao próximo em sua máxima expressão, ou seja, a prática do amor indistintamente, seja aos inimigos, seja aos que nos perseguem e caluniam. O verdadeiro amor é uma exteriorização da essência divina que deve existir em si mesma, independente do ser a que é dirigida; é assim que Deus faz brilhar o sol sobre os bons e maus, sobre os justos e injustos. O homem compenetrado de alegria que o sentimento de amor proporciona, pratica o bem pelo bem, paga o mal com o bem, toma a defesa do fraco contra o forte, independentemente da retribuição de quem quer que seja ou de qualquer interesse pessoal. Sente-se jubiloso pelo bem que esparge, pelos atos altamente meritórios de fazer feliz a quem quer que seja. O amor ao próximo estendido até o amor aos inimigos é indício de superioridade moral; disso resulta que o grau de perfeição esta na razão direta da extensão do amor ao próximo (ESE, Cap. XVII, item 2); por isso recomenda o Mestre a perfeição, no sentido de estendermos o amor a todos, sem limites e distinção, vivendo assim uma consciência de ordem coletiva e não apenas pessoal. A perfeição, como disse o Cristo, encontra-se inteiramente na prática da caridade sem limites, pois os deveres da caridade abrangem todas as posições sociais, desde a mais ínfima até a mais elevada (ESE, Cap. XVII, item 1o).

Deve-se, no entanto, entender por essas palavras uma perfeição relativa, aquela de que a humanidade é suscetível, e que mais pode aproximá-la de Deus. Não se deve nunca tomar essas palavras em sua acepção absoluta, pois o ser humano jamais poderá atingir a perfeição absoluta; dado o fato de ser inteligente, ter passado pela materialidade, ele será sempre relativo, ou seja, sempre perfectível. O itinerário da perfectibilidade é, portanto, a destinação dos Espíritos, cuja tendência ao progresso lhes é imanente.

Os Espíritos, sendo individuações da essência divina, possuem identidade de origem e de natureza com Deus. A presença divina lhes é, pois, imanente e possuem em forma de potencial todos os atributos divinos a serem revelados. Cabe-lhes, assim, revelar, tomar manifestas essas potencialidades infinitas, pela conscientização e conseqüente dinamização delas. “Sede perfeitos” implica em exteriorizar a qualidade infinita da essência oculta que habita o Espírito.

E assim que afirma ainda Jesus “Vos sois deuses” (Jo 10-34), pois cada criatura é uma criação divina, e sua destinação consiste na manifestação cada vez mais grandiosa do que há em si mesmo de divino. Todo o segredo da perfeição, da felicidade esta, portanto, na auto-conscientização das potências divinas que caracterizam o Espírito.

BIBLIOGRAFIA

KARDEC, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo - cap. XVII, itens 7 a 10;

15ª Aula - PENAS E GOZOS TERRENOS

Parte A - FELICIDADE E INFELICIDADE RELATIVAS - DECEPÇÕES - INGRATIDÃO - QUEBRA DE AFEIÇÕES - UNIÕES ANTIPÁTICAS - PREOCUPAÇÃO COM A MORTE - DESGOSTO PELA VIDA - SUICÍDIO

1. FELICIDADE E INFELICIDADE RELATIVAS

“O homem pode gozar na Terra uma felicidade completa? Não, pois a vida foi lhe dada como prova ou expiação, mas dele depende abrandar os seus males e ser tão feliz quanto pode ser na Terra” (LE. 920)

Na maioria das vezes o homem é o artífice da sua própria infelicidade. Se praticasse a lei de Deus, livrar-se-ia de muitos males e gozaria da felicidade tão grande quanto o comporta a sua existência num plano grosseiro.

O homem ciente do seu destino futuro vê, na existência corpórea, apenas uma rápida passagem; ele consola-se facilmente depois de alguns aborrecimentos passageiros.

Recebemos, nesta vida, os efeitos das infrações que cometemos as leis da existência corpórea, pelos próprios males decorrentes dessas infrações e pelos nossos próprios excessos. Se remontarmos, pouco a pouco, a origem do que chamamos infelicidade terrena, veremos esta como conseqüência de um primeiro desvio do caminho certo. Em virtude desse desvio inicial, entramos num mau caminho e, de conseqüência em conseqüência, caímos no infortúnio.

A felicidade terrena é relativa à posição de cada pessoa. Entretanto, podemos dizer que há uma medida comum de felicidade para todos os homens, expressa da seguinte forma: para a vida material, é a posse do necessário; para a Vida moral, a consciência pura e a fé no futuro.

Todavia, a medida do necessário e do supérfluo varia segundo as pessoas. Há algumas que têm muito e acham que não têm aquilo de que necessitam, enquanto outras se contentam com o pouco. “O homem criterioso, a fim de ser feliz, olha sempre para baixo e não para cima, a não ser para elevar sua alma ao infinito.”

Os males que dependem da maneira de agir, e que ferem o homem mais justo, devem ser encarados com resignação e sem queixas para se poder progredir. Este homem tira sempre uma consolação da sua própria consciência, que lhe dá a esperança de um futuro melhor.

Aos olhos de quem apenas vê o presente, certas pessoas parecem favorecidas pela fortuna sem o merecer. Porém, a fortuna é uma prova, geralmente mais perigosa do que a miséria.

De ordinário, os males da vida terrena estão relacionados diretamente com as necessidades artificiais que criamos. Aquele que soubesse restringir os seus desejos, e olhasse sem inveja os que estivessem acima dele, livrar-se-ia de muitos desenganos nesta vida. O mais rico seria o que menos necessidades tivesse.

Deus permite que o mau prospere algumas vezes, mas a sua felicidade não é de causar inveja porque a pagará com lágrimas amargas. “Quando um Justo é infeliz, isso representa uma prova que lhe será levada em conta, se a suportar com coragem.”

O homem só é verdadeiramente infeliz “quando sofre da falta do necessário a vida e a saúde do corpo. Todavia, pode acontecer que essa privação seja de sua culpa. Então, só tem que se queixar de si mesmo. Se for ocasionada por outrem, a responsabilidade recairá sobre aquele que lhe houver dado causa.”

Muitos dos males originam-se de não seguirmos a vocação que determina as nossas aptidões naturais. “Muitas vezes são os pais que, por orgulho ou avareza, desviam os seus filhos da senda que a natureza lhes traçou, comprometendo-lhes a felicidade. Por efeito desse desvio, responderão por eles.”

“Em afastarem-se os homens da sua esfera intelectual reside indubitavelmente uma das mais freqüentes causas de decepção. A inaptidão para a carreira abraçada constitui fonte inesgotável de reveses. Depois, o amor-próprio, sobrevivendo a tudo isso, impede que o que fracassou recorra a uma profissão mais humilde... Se uma educação moral o houvesse colocado acima dos tolos preconceitos do orgulho, jamais se teria deixado apanhar desprevenido.”

Há pessoas em cujo derredor reina a fartura e, apesar disso, encontram-se baldos de todos os recursos e tem diante de si apenas a perspectiva da morte. Todavia, ninguém deve reter a idéia de se deixar matar de fome. Achariam “sempre meio de se alimentar, se o orgulho não se colocasse entre a necessidade e o trabalho. Não há ofício desprezível; o seu estado não é o que desonra o homem.”

“Com uma organização social criteriosa e previdente ao homem, só por culpa sua pode faltar o necessário. Porém, as suas próprias faltas são frequentemente resultado do meio em que se acha colocado. Quando praticar a lei de Deus, terá uma ordem social fundada na justiça e na solidariedade e ele próprio também será melhor.”

Na sociedade, geralmente, as classes sofredoras são mais numerosas que as chamadas felizes. Mas, na verdade, nenhuma é perfeitamente feliz, pois, muitas vezes, há ocultas pungentes aflições. As classes a que chamamos “sofredoras são mais numerosas por ser a Terra lugar de expiação. Quando houver transformação em morada do bem e de espíritos bons, o homem deixara de ser infeliz ai e ela será para ele o paraíso terrestre.”

Diz-se que no mundo, muito amiúde, a influência dos maus sobrepõe-se à dos bons, por fraqueza destes. “Os maus são intrigantes e audaciosos, os bons são tímidos. Quando estes o quiserem, preponderarão.”

Algumas vezes os sofrimentos materiais independem da vontade do homem, que quase é o próprio causador deles. Porém, mais do que estes, os sofrimentos morais são gerados pelo orgulho ferido, pela ambição frustrada, pela ansiedade da avareza, pela inveja, pelo ciúme e todas as paixões que são torturas da alma.

“De ordinário, o homem só é infeliz pela importância que liga as coisas deste mundo... Se se colocar fora do círculo acanhado da vida material, se elevar os seus pensamentos para o infinito, que é seu destino, mesquinho e pueril lhe parecerão as vicissitudes da humanidade, como o são as tristezas da criança que se aflige pela perda de um brinquedo que resumia a sua felicidade suprema.”

“Como civilizado, o homem raciocina sobre a sua infelicidade e a analisa. Por isso é que esta o fere. Mas, também, é-lhe facultado raciocinar sobre os meios de obter consolação e de os analisar. Essa consolação, ele a encontra no sentimento cristão, que lhe dá a esperança de melhor futuro - o espiritismo dá-lhe a certeza desse futuro.”

2. DECEPÇÕES, INGRATIDÃO E QUEBRA DE AFEIÇÕES

“Para o homem de coração, as decepções oriundas da ingratitude e da fragilidade dos laços da amizade são também uma fonte de amargura.” Porém, devemos lastimar os ingratos e os infiéis; serão muito mais infelizes. A ingratitude é filha do egoísmo e o egoísta topará com corações insensíveis, como o seu próprio o foi.

O bem deve ser praticado sem exigências; a ingratitude é uma prova à nossa perseverança no exercício do bem. Os ingratos serão punidos na proporção exata do seu egoísmo. Por isso, o homem não deve endurecer o seu coração e tomar-se insensível ao topar com a ingratitude. Ao contrário, deve sentir-se feliz pelo bem que faz.

Às vezes, a ingratitude lhe fere o coração, porém, não deve preferir a felicidade do egoísta e tomar-se indiferente pela ingratitude que recebe: “saiba, pois, que os amigos ingratos não são dignos de sua amizade e que se enganou a respeito deles. Assim sendo, não há de que lamentar o tê-los perdido. Mais tarde achará outros que saberão compreendê-los melhor.” Os ingratos merecem ser lastimados, pois bem triste se lhes apresentara o reverso da medalha.

“A natureza deu ao homem a necessidade de amar e de ser amado. Um dos maiores gozos que lhe é concedido na Terra é o de encontrar corações que com o seu simpatizem. Dá-lhe ela, assim, as primícias da felicidade que o aguarda no mundo dos espíritos perfeitos, onde tudo é amor e benignidade. Desse gozo está excluído o egoísta.”

3. UNIÕES ANTIPÁTICAS

Como podemos observar acima, os espíritos simpáticos buscam-se reciprocamente e procuram unir-se. Todavia, é muito freqüente que entre os encarnados na Terra, a afeição exista sé de um lado e o mais sincero amor se veja colhido com indiferença e até com repulsão. E, além disso, encontramos situações em que a mais viva afeição de dois seres se transforma em antipatia e mesmo em ódio.

Estas ocorrências, sob o ponto de vista da lei moral, constituem uma punição passageira. Além disso, “quantos não são os que acreditam amar perdidamente porque apenas julgam pelas aparências, e que, obrigados a viver com a pessoa amada, não tardam a reconhecer que só experimentaram um encantamento material!”.

“Não basta uma pessoa estar enamorada de outra que lhe agrada e em quem supõe belas qualidades. Vivendo realmente com ela é que poderá apreciá-la. Tanto assim que em muitas uniões que a princípio parecem destinadas a nunca ser simpáticas, acabam, os que as constituíram, depois de se haverem estudado bem e de bem se conhecerem, por votar-se, reciprocamente, duradouro e temo amor, porque assente na estima! Cumpre não esquecer de que é o espírito quem ama e não o corpo, de sorte que, dissipada a ilusão material, o espírito vê a realidade.”

“Há duas espécies de afeição: a do corpo e a da alma, acontecendo, com freqüência, tomar-se uma pela outra. Quando pura e simpática, a afeição da alma é duradoura; efêmera a do corpo. Daí vem que muitas vezes os que julgavam amar-se com eterno amor passam a odiar-se, desde que a ilusão se desfaça.”

A falta de simpatia entre seres destinados a viver juntos constitui igualmente fonte de amargos sabores que envenenam toda a existência. Todavia, essa é uma das infelicidades de que os seres humanos, na maioria das vezes, são a causa principal. Primeiramente pelo erro das leis. Deus não constrange ninguém a permanecer junto dos que o desagradam. “Depois, nessas uniões, ordinariamente buscais a satisfação do orgulho e da ambição, mais do que a ventura de uma afeição mútua. Sofreis então as conseqüências dos vossos prejuízos.”

Nesse caso há quase sempre uma vítima inocente, o que lhe constitui uma dura expiação. “Mas, a responsabilidade da sua desgraça recairá sobre os que a tiverem causado. Se a luz da verdade já lhe houver penetrado a alma, em sua fé no futuro haurirá consolação. Todavia, a medida que os preconceitos se enfraquecerem, as causas dessas desgraças íntimas também desaparecerão.”

4. PREOCUPAÇÃO COM A MORTE

“Para muitas pessoas, o temor da morte é uma causa de perplexidade.” Porém, falta-lhes fundamento para semelhante temor. Isto provém da infância, quando procuram persuadi-lo “de que há inferno e um paraíso e que mais certo é ir para o inferno, visto que também lhes disseram que o que está na natureza constitui pecado mortal para a alma! Sucede então que, tornadas adultas, essas pessoas, se algum juízo tem, não podem admitir tal coisa e se fazem materialistas. São assim levadas a crer que, além da vida presente, nada mais há.”

Quem tem fé tem a certeza do futuro. Quem tem esperança conta com uma vida melhor. Quem tem caridade sabe que não tem de temer o mundo para onde vai.

“O homem carnal, mais preso a vida corpórea do que a vida espiritual tem na Terra, penas e gozos materiais. A sua alma, constantemente preocupada e angustiada pelas vicissitudes da vida, conserva-se numa ansiedade e uma tortura aparentemente perpétuas. A morte o assusta porque ele duvida do futuro e porque tem de deixar no mundo todas as suas afeições e esperanças.”

“O homem moral, que se colocou acima das necessidades fictícias criadas pelas paixões, já neste mundo experimenta gozos que o homem material desconhece. A moderação dos seus desejos dá-lhe ao espírito, calma e serenidade. Ditoso pelo bem que faz, não há para ele decepções e as contrariedades lhe deslizam por sobre a alma, sem nenhuma impressão dolorosa deixarem.”

5. DESGOSTO PELA VIDA, SUICÍDIO

O desgosto da vida que, sem motivos plausíveis, se apodera de certos indivíduos nasce da ociosidade, da falta de fé e, também, da saciedade.

“Para aquele que usa de suas faculdades, com fim útil e de acordo com as suas aptidões naturais, o trabalho nada tem de árido e a vida se escoia mais rapidamente. Ele lhe suporta as vicissitudes com tanta mais paciência e resignação, quanto obra com o fito da felicidade mais sólida e mais durável que o espera.”

O homem não tem o direito de dispor da sua vida; “só a Deus assiste esse direito. O suicídio voluntário é uma transgressão desta lei.”

Nem sempre o suicídio é voluntário. “O louco que se mata não sabe o que faz.”

O suicídio que decorre do desgosto da vida e uma insensatez. O trabalho toma a existência menos pesada.

Há os que se suicidam para fugirem as misérias e as decepções deste mundo. São “pobres espíritos que não tem a coragem de suportar as misérias da existência! Deus ajuda os que sofrem e não os que carecem de energia e coragem. As tribulações da vida são provas ou expiações. Felizes os que as suportam sem se queixar, porque serão recompensados! Ai, porém, daqueles que esperam a salvação do que, na sua impiedade, chamam acaso ou fortuna! O acaso ou a fortuna, para me servir da linguagem deles, podem com efeito, favorecê-los por um momento, mas para lhes fazer sentir mais tarde cruelmente a vacuidade dessas palavras.”

Os que hajam conduzido o infeliz do desesperado até ao suicídio sofrerão as conseqüências de tal proceder. “Ai deles! Responderão por um assassinio.”

“Pode ser considerado suicida aquele que, a braços com a maior penúria, se deixa morrer de fome. Mas, os que lhe foram causa ou que teriam podido impedi-lo, são mais culpados do que ele a quem a indulgência espera. Todavia, não penseis que seja isto em absoluto, se lhe faltaram à firmeza e perseverança e se não usou de toda a sua inteligência para sair do atoleiro. Ai dele, sobretudo se o seu desespero nasce do orgulho.” Há pessoas que preferem morrer de fome a sacrificar o que clamam a sua posição social e se envergonhariam de dever a existência ao trabalho das suas mãos. “Haverá mil vezes mais grandeza e dignidade em lutar contra a adversidade, em afrontar a crítica de um mundo fútil e egoísta que só tem boa vontade para com aqueles a quem nada falta.”

“É tão reprovável como o que tem por causa o desespero o suicídio daquele que procura escapar a vergonha de uma ação má.” Isto porque o suicídio não apaga a falta. Ao contrário, em vez de uma, haverá duas. Quando se teve a coragem de praticar o mal, é preciso ter-se a de lhe sofrer as conseqüências. Deus, que julga, pode conforme a causa, abrandar os rigores da sua justiça.”

Outra loucura é o caso daquele que se mata, na esperança de chegar mais depressa a uma vida melhor, pois, assim agindo, “retarda a sua entrada num mundo melhor e terá que pedir para voltar, para concluir a vida a que pôs termo sob o influxo de uma idéia falsa. Uma falta, seja qual for, jamais abre a alguém o santuário dos eleitos.”

O sacrifício da vida, quando aquele que o faz visa salvar a de outrem, ou ser útil aos seus semelhantes, constitui uma atitude sublime, “conforme a intenção, e, em tal caso, o sacrifício da vida não constitui suicídio. Mas Deus opõe-se a todo o sacrifício inútil e não o pode ver de bom grado se tem o orgulho a manchá-lo. Só o desinteresse torna meritório o sacrifício e, não raro, quem o faz guarda oculto um pensamento que lhe diminui o valor aos olhos de Deus.”

O homem que perece vítima de paixões que ele sabia lhe haviam de apressar o fim, porém a que já não podia resistir, por havê-las o hábito mudado em verdadeiras necessidades físicas, comete um suicídio moral. Nesse caso é duplamente culpado. Há nele falta de coragem e bestialidade, acrescidas do esquecimento de Deus.

“É sempre culpado aquele que não aguarda o termo que Deus lhe atribuiu a existência.” É erro, portanto, alguém que vê diante de si um fim inevitável e horrível, querer abreviar de alguns instantes os seus sofrimentos e apressar voluntariamente a sua morte. E quem poderá estar certo de que, mau grado as aparências, esse termo tenha chegado; de que um socorro inesperado não venha no ultimo momento?

Mesmo no caso em que a morte é inevitável e em que a vida só é encurtada alguns instantes, “é sempre uma falta de resignação e de submissão a vontade do criador.” A conseqüência de tal ato será “uma expiação proporcional, como sempre, a gravidade da falta, de acordo com as circunstancias.”

Aqueles que não podem conformar-se com a perda de pessoas que lhes eram caras e se matam na esperança de juntar-se a elas, muito diverso do que esperam é o resultado que colhem. “Em vez de se reunirem ao que era objeto da sua afeição, dele se afastam por longo tempo, pois não é possível que Deus recompense um ato de covardia e o insulto que lhe fazem com o duvidarem de sua providência”. Sofrerão, com isso, aflições maiores do que as que pensavam abreviar e não terão a satisfação que esperavam.

Com relação ao estado do espírito, as conseqüências do suicídio são muito diversas. “Não há penas determinadas e, em todos os casos, correspondem sempre às causas que o produziram. Há, porém, uma

conseqüência a que o suicida não pode escapar: é o desapontamento. Mas a sorte não é a mesma para todos; depende das circunstâncias. Alguns expiam a falta imediatamente, outros em nova existência que será pior do que aquela cujo curso interromperam.”

“A observação, realmente, mostra que os efeitos do suicídio não são idênticos. Alguns há, porém, comuns a todos os casos de morte violenta e que são a conseqüência brusca da vida. Há, primeiro, a persistência mais prolongada e tenaz do laço que une o espírito ao corpo, por estar quase sempre este laço na plenitude da sua força no momento em que é partido, ao passo que, no caso de morte natural, ele se enfraquece gradualmente e muitas vezes se desfaz antes que a vida se haja extinguido completamente. As conseqüências deste estado de coisas são o prolongamento da perturbação espiritual, seguindo-se a ilusão em que, durante mais ou menos tempo, o espírito se conserva de que ainda pertence ao número dos vivos.”

“A afinidade que permanece entre o espírito e o corpo produz, nalguns suicidas, uma espécie de repercussão do estado do corpo no espírito, que, assim, a seu mau grado, sente os efeitos da decomposição, donde lhe resulta uma sensação cheia de angustias e de horror, estado esse que também pode durar pelo tempo que devia durar a vida que sofre interrupção. Não é geral esse efeito; mas, em caso algum, o suicida fica isento das conseqüências da sua falta de coragem e, cedo ou tarde, expia, de um modo ou de outro, a culpa em que incorreu.”

“A religião, a moral, todas as filosofias condenam o suicídio como contrário as leis da natureza.. Ao espiritismo estava reservado demonstrar, pelos exemplos dos que sucumbiam, que o suicídio não é uma falta, somente por constituir infração a uma lei moral, mas também um ato estúpido, pois que nada ganha quem o pratica, antes o contrário é o que se dá.”

BIBLIOGRAFIA:

KARDEC, Allan - O Livro dos Espíritos, Livro 4º, cap. I, questões 920 a 957;
 KARDEC, Allan - O Livro dos Médiuns - questão 289;
 KARDEC, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo - cap. IV item 19, Cap. V, itens 4, 6, 21 g, 23; cap. VI, item 2; cap. XIII, item 19; cap. XIV, item 9, Introdução, item 4;
 KARDEC, Allan - O Céu e o Inferno – 1ª Parte, cap. II, nº 1 a 10; Cap. III, nº 15, 2ª Parte, cap. V.
 KARDEC, Allan - A Gênese - cap. I, nº 42;
 KARDEC, Allan - Obras Póstumas;
 KARDEC, Allan - O Que é Espiritismo - cap. I;
 Revista Espírita, de novembro de 1858; de dezembro de 1858; de março de 1860; de dezembro de 1860; de fevereiro de 1861; de março de 1861 ; de fevereiro de 1865; de março de 1865;
 Bibliografia Complementar:
 EMMANUEL, Francisco Cândido Xavier - Pensamento e Vida - item 15;
 O Espírito da Verdade - Diversos Espíritos - item 19;

Parte B - BEM E MAL SOFRER

“Bem aventurados os que choram, porque serão consolados”. (Mt 5:4)

DEFINIÇÕES

Bem – definição: *“tudo que leva ao aperfeiçoamento espiritual do ser humano; aquilo cuja posse e fruição (física e espiritual) julga a coletividade ser conveniente à manutenção e/ou ao progresso do homem*

Mal – definição: *contrariamente à virtude, à moral, ao dever; ao que preceitua a ética; o que prejudica ou dever; o que concorre para o dano ou a ruína de alguém ou de algo; o que é nocivo, desastroso para a felicidade ou o bem-estar físico ou moral; infelicidade; (Dicionário Eletrônico Houaiss)*

Podemos defini-los da seguinte maneira:

Bem:

- O bem se constitui na correta aplicação das Leis Divinas ou Naturais.
- Em nosso planeta é a aplicação da lei de amor ao próximo, decorrente do amor a Deus sobre todas as coisas.
- A sua existência é concreta, verdadeira, pois as leis de Deus conduzem a sua aplicação e a torna materializada no dia a dia das criaturas humanas.

Mal:

- É o “vazio”, o “buraco” causado no bem todas às vezes que não são cumpridas as “leis naturais”.

- O mal é toda ação onde o amor não esteja presente, ou seja, aparece em cada desrespeito que praticamos aos nossos semelhantes e à natureza.
- É uma ação destruidora, que incorrerá num sofrimento futuro.

ORIGEM DO BEM E DO MAL

1. – *“Sendo Deus o princípio de todas as coisas e sendo todo sabedoria, todo bondade, todo justiça, tudo o que dele procede há de participar dos seus atributos, porquanto o que é infinitamente sábio, justo e bom nada pode produzir que seja ininteligente, mau e injusto. O mal que observamos não pode ter nele a sua origem”* (A Gênese – Allan Kardec, Cap. III, item 1), portanto, é criação do homem.

2. – *“Pode-se dizer-se que o mal é a ausência do bem, como o frio é a ausência do calor. Assim como o frio não é um fluido especial, também o mal não é atributo distinto; um é o negativo do outro. Onde não existe o bem, forçosamente existe o mal. Não praticar o mal, já é um princípio do bem. Deus somente quer o bem; só do homem procede o mal. Se na criação houvesse um ser preposto ao mal, ninguém o poderia evitar; mas tendo o homem a causa do mal em SI MESMO, tendo simultaneamente o livre-arbítrio e por guia as leis divinas, evitá-lo-á sempre que o queira”*. (A Gênese, Allan Kardec, cap. III, item 8)

No Evangelho Segundo o Espiritismo, cap.V, item 18. Bem e Mal Sofrer, os Espíritos nos lembram as palavras do Cristo: “Bem aventurados os aflitos, que deles é o reino dos céus”. Diante disso, podemos tecer o seguinte comentário: “Jesus Cristo não se referia apenas àqueles que sofrem em geral, pois as mais de seis bilhões e quinhentas milhões de pessoas que se encontram neste planeta sofrem, independentemente de sua cor, posição, social, poder, religião, mas apenas aos que sofrem bem. O sofrimento, seja físico ou moral, gera reflexão e o que determina se bem sofremos é como reagimos.

Temos dificuldades em compreender os sublimes mecanismos reajustadores do sofrimento porque somos, por natureza, demasiadamente afeitos ao prazer e arredios à dor.

A dor que nos atinge, para que sejamos considerados bem aventurados, deve ser suportada com paciência, resignação, sem reclamações ou blasfêmias. Poucos compreendem que somente as provas bem suportadas podem conduzir ao reino de Deus. O desencorajamento é uma falta. Não podemos ser consolados porque nos falta coragem para enfrentar esses momentos, sejam eles longos ou breves. Na Lei de Deus nada está errado, Ele não coloca fardos pesados em ombros fracos; o fardo é sempre proporcional as forças. Assim também a recompensa será proporcional como a enfrentamos. É preciso merecer essa recompensa; por isso, a vida está repleta de dores e aflições.

“... Cada um deve destruir em si toda a causa do mal, arrancar do coração todo sentimento impuro e toda tendência viciosa. Para o homem vale mais ter cortada uma das mãos, antes de servir essa mão de instrumento para uma ação má; ficar privado da vista, antes que lhe servirem os olhos para conceber maus pensamentos.” (O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. VIII item 17)

Existem pessoas que sentem o sofrimento de maneira mais intensa que as outras, porque lhes faltam paciência, resignação e fé, e principalmente por não terem conhecimento ou não aceitarem que somos imortais como Espíritos e que a passagem na Terra é apenas temporária.

Em nossa passagem, como Espíritos imortais, muitas vezes rápida pela escola da vida terrena, habitando em um novo corpo físico, devemos lutar com todas as nossas energias para vencer as nossas deficiências e atenuar o sofrimento decorrente do mau uso de nosso livre arbítrio: (cada um responde proporcionalmente pelos seus erros).

“Não te deixes vender pelo mal, mas vence o mal com o bem” (Paulo - Romanos, 12:21)

Temos que ter a certeza de que todas as dores que nos atingem hoje, se não forem provas pedidas, são erros de um passado, mas que um dia cessarão, e de que o nosso futuro depende do que estamos plantando hoje. (O plantio é opcional, mas a colheita é obrigatória)

Joana de Angelis, através de Divaldo nos fala que *“devemos afastar a nuvem cinzenta do pessimismo e da queixa, enquanto a dor se demora conosco, concedendo ao sol da esperança a oportunidade de fulgir ante os nossos olhos acostumados as sombras das recriminações. Quando nos entregamos ao desânimo e o espalhamos, conspiramos contra a ordem natural, o equilíbrio e o progresso da vida. É pernicioso mal sofrer; malbaratando a oportunidade de aproveitar bem a lição do sofrimento”*.

Nos fala ainda: Mas se tuas legítimas aflições forem muito grandes e esmagadoras, evoca Jesus, quando na via dolorosa, esmagado sob a cruz e no entanto aconselhando e advertindo as «mulheres piedosas de Jerusalém»,

ou cravejado, logo depois, no madeiro de infâmia, convocando dois estranhos e desafortunados salteadores, neles semeando as esperanças do Reino de Deus, instantes antes do «momento extremo», e refaz as tuas forças reconsidera a situação, recompõe os «joelhos desconjuntados» e avança, confiante, cantando a certeza de que, após a partida libertadora, uma madrugada sublime te alcançará, fazendo-te ditoso por fim, vitorioso com o bem”. (Lampadário Espírita, Joana de Angelis, pelo médium Divaldo Pereira Franco)

Só seremos plenamente felizes, alcançando assim o Reino de Deus, quando conseguirmos eliminar dos nossos corações toda a maldade.

BIBLIOGRAFIA

KARDEC, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo - cap. V itens 18 e 19

16ª Aula - PENAS E GOZOS FUTUROS - I

Parte A – O NADA - A VIDA FUTURA

A Doutrina Espírita nos ensina que o materialismo “é uma chaga da sociedade” (LE 799), por abolir a esperança e apresentar que o destino de todo ser humano é o aniquilamento.

Não há idéia mais desesperadora do que a da própria destruição e/ou daqueles que amamos. Põem-se em cheque tudo aquilo que o ser humano construiu dentro de si mesmo durante sua existência, todas as suas transformações, os sacrifícios, suas afeições, suas conquistas.

Diante desse fim, ou seja, o Nada, Allan Kardec pergunta: “Por que o homem repele instintivamente o nada? Porque o nada não existe” (LE 958) Por ser o futuro uma incógnita para o Homem, no Livro O Céu e o Inferno, Cap. 1, item 1, ele retoma o assunto: “Que necessidade teríamos de esforçar-nos para ser melhores, de nos constrangermos na repressão das paixões, de nos fatigarmos no aprimoramento do Espírito, se de tudo isso não iremos colher nenhum fruto?.”

O codificador vai além, expressando que a “idéia do Nada tem alguma coisa que repugna à razão”. Ela vai de encontro às aspirações humanas de justiça e de felicidade.

Além do mais, o Espírito ao reencarnar por diversas vezes, dentro de sua marcha do progresso, traz em si uma vaga lembrança que se transforma num pressentimento, mais ou menos forte, dependendo do estado evolutivo do Espírito, da vida espiritual.

E esse pressentimento geralmente se manifesta quando da aproximação da morte, onde a criatura, por mais reticente que seja diante da expectativa do futuro, “pergunta a si mesmo o que Vai ser dele e, sem o querer, espera”.

A Vida Futura implica a conservação da nossa individualidade da nossa morte.

A Vida Futura, que é a Vida Espiritual “é, com efeito, a verdadeira vida, é a vida normal do Espírito, sendo-lhe transitória e passageira a existência terrestre, espécie de morte, se comparada ao esplendor e a atividade da outra...”.

O Mestre Jesus enaltece a importância da Vida Futura ao dizer a Pilatos: “Meu reino não é deste mundo” (Jo 18:33, 36 e 37).

Como cada ensinamento vem há seu tempo e assim como Moisés não podia revelar as coisas espirituais a um povo pastoril, arraigado as coisas materiais, Jesus só pode conformar o “seu ensinamento ao estado dos homens da sua época”, a fim de não lhes ofuscar a compreensão.

Coube ao Espiritismo a tarefa de completar os ensinamentos do Cristo. Surgido numa época em que a razão despertava na humanidade, pode demonstrar que “a Vida futura não é mais um simples artigo de fé, uma hipótese”. Através das manifestações dos Espíritos comparava-se a realidade da Vida espiritual por aqueles que aqui estiveram e lá estão. Trazendo descrições particularizadas dos seus estados, sejam eles felizes ou infelizes, nos proporcionando relacionar os atos praticados e suas conseqüências.

“A idéia clara e precisa que se faz da vida futura da uma fé inabalável no futuro, e essa fé tem conseqüências imensas sobre a moralização dos homens, quando muda completamente o ponto de vista sob o qual eles examinam a vida terrestre”.

Dessa forma a vida do encarnado, no seu lado material, deixa de ser o objetivo maior da existência. A dedicação de todo tempo na aquisição dos bens materiais e ao bem estar somente, perde o sentido. Surge a necessidade e a importância dos bens espirituais, da busca pelas virtudes, da mudança de hábitos, da eliminação de vícios e defeitos. As relações humanas tomam-se valorizadas.

E nessa mudança de ponto de vista por parte da humanidade, que é o somatório do trabalho de cada um, que faremos com que o este planeta tome-se, também, o Reino de Jesus.

INTUIÇÃO DAS PENAS E DOS GOZOS FUTUROS

Assim como a justiça é um sentimento inato ao ser humano, o pressentimento de haver penas e recompensas futuras esta presente em todos os povos e em todos os tempos.

A idéia de um Criador justo e bom, como bem nos ensinou o Mestre Jesus, nos faz vislumbrar a necessidade de reparação por parte daqueles que ainda praticam o mal e dos gozos aos que estão no caminho do bem: “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados”.

Nada mais lógico e justo de ser o Espírito a própria causa de seus sofrimentos ou de sua felicidade.

Deus nos dá o direito do usufruto do livre-arbítrio e o dever de sermos responsáveis pelos nossos atos.

“O homem suporta sempre a consequência das suas faltas; não há uma só infração a Lei de Deus que não tenha punição.”

Mas é imperioso lembrar que o Pai é sempre misericordioso e as penas, pelas faltas cometidas, sempre são temporárias e subordinadas ao arrependimento e a reparação do mal praticado.

Assim sendo, a intuição dos sofrimentos e dos gozos futuros se origina das próprias experiências vivenciadas pelo Espírito, de encarnação em encarnação.

Aqueles que buscam ofuscar tais sentimentos inatos, se mostrando cínicos endurecidos, demonstram que o orgulho ainda lhes domina, ao ponto de impedir a manifestação da voz da consciência, que é a bússola que nos direciona a Lei Divina.

INTERVENÇÃO DE DEUS NAS PENAS E RECOMPENSAS

Deus, criador de tudo e de todos, instituiu Suas leis que são eternas e imutáveis.

Essas leis chamadas de Lei Divina ou Natural regem todo o Universo.

E seguindo a Lei Divina que o Espírito se aproxima de seu objetivo que é a perfeição relativa, pois é o caminho de sua felicidade, lhe indicando o que deve e o que não deve fazer.

A Lei Divina esta escrita na nossa Consciência, e quanto menos a ouvimos mais nos afastamos dela, e conseqüentemente nos tomarmos mais infelizes.

Não há folha alguma que caia de uma árvore que não seja do conhecimento do Pai. Sendo assim, *“quando um homem comete um excesso, Deus não pronuncia um julgamento contra ele para lhe dizer, por exemplo: tu fostes guloso e eu vou te punir. Mas ele traçou limites; as doenças e, frequentemente, a morte, são a consequência dos excessos: eis a punição. Ela resulta da infração à lei. Assim se passa com tudo.”* (LE 964)

NATUREZA DAS PENAS E DOS GOZOS FUTUROS - LE 965-982

Sendo o Espírito um ser não material, as penas e os gozos futuros, ou seja, as consequências na vida espiritual dos atos praticados por esse Espírito enquanto esteve encarnado não são materiais, o que não quer dizer que tais consequências sejam menos sensíveis do que se estivesse na matéria. Muito pelo contrário, tais sensações são muito mais impressionáveis no plano espiritual.

Todas as imagens fantasiosas do céu e do inferno que encontram-se nas culturas são apenas fruto do estado de imperfeição da humanidade, que não teve ainda a capacidade de interpretação dos acontecimentos que se dão na vida espiritual, tendo utilizado imagens, figuras e linguagens, muitas vezes distorcidas, para tal compreensão.

Com o advento da Doutrina Espírita, com sua filosofia espiritualista esclarecedora, inclusive proporcionando a análise criteriosa das manifestações mediúnicas, temos condições de reformarmos as rebuscadas idéias passadas.

O Espiritismo nos ensina o verdadeiro “céu” que é o estado de felicidade dos Espíritos. Esse estado é proporcional a sua elevação e consiste em “conhecer todas as coisas, não ter ódio, nem ciúme, nem inveja, nem ambição, nem nenhuma das paixões que fazem a infelicidade dos homens. O amor que os une é para eles a fonte de uma suprema felicidade. Eles não experimentam nem as necessidades, nem os sofrimentos, nem as angústias da vida material. São felizes do bem que fazem”. A união dos Espíritos que se simpatizam no bem, que formam as famílias espirituais é uma fonte de felicidade.

Entre os Imperfeitos e os Perfeitos há uma infinidade de degraus.

Esses últimos, ou seja, os Espíritos Puros gozam da felicidade suprema e os demais encontram-se a caminho.

Com relação aos sofrimentos de além túmulo, as tais penas, “são tão variáveis quanto às causas que os produziram, e proporcionais ao grau de inferioridade, como os gozos o são para os graus de superioridade”.

Estão relacionados à inveja, ao desgosto, ao ciúme, a raiva, ao desespero de não terem atingido a felicidade, de não terem consigo satisfazer os seus prazeres. Ao remorso, que provoca uma indefinível ansiedade moral.

Tais torturas morais são mil vezes mais vivas do que aquelas suportadas na carne.

O estado de inferioridade do Espírito não lhe impede de divisar a felicidade do justo, e isso para ele também é um motivo de suplício, mas também de estímulo para sair daquela situação e fazer por onde ser agraciado por essa felicidade.

Assim, como ha influências dos Espíritos aos encarnados, há também influências aos desencarnados, que podem ser boas ou ruins, dependendo do grau de evolução do Espírito.

Os maus tentam desviar os ainda vacilantes do caminho do bem. Os bons procuram fortalecer, incentivar, sanear as mas tendências, seja inspirando ao arrependimento, a busca de uma nova encarnação que lhes proporcione reparações e desenvolvimentos, etc.

Para nos preservarmos dos acontecimentos futuros é importante ter em mente que o “Espírito sofre por todo o mal que faz, ou do qual foi à causa voluntaria, por todo bem que poderia fazer e que não fez, e por todo o mal que resulta do bem que ele não fez”. E que é o bem que assegura a felicidade futura, o que independe de crença e sim da prática, pois, “o bem é sempre o bem, qualquer que seja o caminho que a ele conduz”.

BIBLIOGRAFIA

- KARDEC, Allan - O Livro dos Espíritos, questões 958 a 982; conclusão, item 5;
KARDEC, Allan - O Que é Espiritismo - cap. I; cap. II, nºs 100 e 103; cap. III, nº 145;
KARDEC, Allan A O Livro dos Médiuns - questão 290, item 16; nº2 e 292;
KARDEC, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo - cap. II, itens 2, 3 e 5; cap. III, item 2; cap. V, itens 3, 12 e 17;
KARDEC, Allan - O Céu e O Inferno - cap. I, nº 14; 1ª Parte, cap. VII;
KARDEC, Allan -A Gênese f cap. I, nºs 25, 31, 37 e 62;
EMMANUEL, Francisco Cândido Xavier - Justiça Divina, pág. 107 - Penas Depois da Morte;
PERALVA, Martins - O Pensamento de Emmanuel- nº 16 e 18;
EMMANUEL, O Espírito da Verdade - Diversos Espíritos, item 18;
KARDEC, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. II, itens 1 a 3 e 5 a 7;
PERALVA, Martins - O Pensamento de Emmanuel- nº 31;

Parte B - PARÁBOLA DO CREDOR INCOMPASSIVO

“Então Pedro, aproximando-se de Jesus lhe perguntou: - Senhor, quantas vezes pecara meu irmão contra mim, que lhe hei de perdoar?

- Será até sete vezes?

Respondeu-lhe Jesus:

- Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete vezes.”

“Por isso o Reino dos Céus é semelhante a um rei, que resolveu ajustar contas com os seus servos. E tendo começado a ajustá-las, trouxeram um que lhe devia dez mil talentos. Não tendo, porém, o servo com que pagar, ordenou o seu senhor que fossem vendidos - ele, sua mulher, seus filhos e tudo quanto possuía, e que se pagasse a dívida.

“O servo, pois, prostrando-se, o reverenciava dizendo:

- Tem paciência comigo, que te pagarei tudo!

E o senhor teve compaixão daquele servo, deixou-o ir e perdoou-lhe a dívida.

Tendo saído, porém, aquele servo, encontrou um de seus companheiros, que lhe devia cem denários; e, segurando-o, o sufocava, dizendo-lhe:

- Paga o que me deves! E este, caindo-lhes aos pés, implorava:

- Tem paciência comigo, que te pagarei!

Ele, porém, não o atendeu; mas foi-se embora e mandou conservá-lo preso, ate que pagasse a dívida.

“Vendo, pois, os seus companheiros o que se tinha passado, ficaram muitíssimo tristes, e foram contar ao senhor tudo o que havia acontecido. Então, o senhor chamando-o, disse-lhe:

- Servo malvado, eu te perdoei toda aquela dívida, porque me pediste; não devia também ter compaixão do teu companheiro, como eu tive de ti?

E irou-se o seu senhor e o entregou aos verdugos, até que pagasse tudo o que lhe devia. “Assim também meu Pai celestial vos fará, se cada um de vos do íntimo do coração não perdoar a seu irmão”. (Mateus, XVIII, 21-35)

Nesta parábola, mais uma vez, o Mestre Jesus vem nos ensinar as regras do “Reino do Céu”, ou seja, da vida futura, que é a consequência da nossa vida terrena.

Nela vemos que justiça de Deus segue o seu curso além da vida nesse planeta, no qual seremos medidos da forma que medimos. Daí a necessidade de fazermos ao nosso próximo aquilo que desejamos que nos seja feito. Se necessitamos de perdão, perdoemos sempre, como o Mestre ensinou a Pedro. E esse perdão não é o perdão da boca apenas, ou aquele que exige a mudança do comportamento alheio.

Não! O verdadeiro perdão é aquele que vem do coração, que não guarda magoa, rancor, não requer pedidos de desculpas. E aquele que, confiante na justiça e misericórdia do Pai, sabe ser indulgente para com o seu próximo.

São essas atitudes que irão nos facultar adentrar na vida futura melhores do que quando aqui chegamos.

BIBLIOGRAFIA

O Evangelho Segundo O Espiritismo - Allan Kardec, Capítulo XI, item 3
Parábolas e Ensinos de Jesus - Cairbar Schutel - Primeira Parte;
Parábolas de José de Almeida

17ª Aula - PENAS E GOZOS FUTUROS II

Parte A - PENAS TEMPORAIS - EXPIAÇÃO E ARREPENDIMENTO - DURAÇÃO DAS PENAS FUTURAS - PARAÍSO, INFERNO, PURGATÓRIO - PARAÍSO PERDIDO

PENAS TEMPORAIS - LE 983-989

“O Espírito que expia as suas culpas numa nova existência passa apenas por sofrimentos materiais. Assim, não será exato dizer que após a morte a alma só tem sofrimentos morais?”

R) “É bem verdade que, reencarnada, a alma encontra nas tribulações da vida o seu sofrimento; mas apenas o corpo sofre materialmente. Dizeis em geral que o morto já não sofre mais, mas isso nem sempre é verdade. Como Espírito, não sofre mais dores físicas, mas segundo as faltas que tenha cometido pode ter dores morais mais cruciantes, e numa nova existência pode ser mais infeliz.... Todas as penas e tribulações da vida são expiações de faltas de outra existência, quando não se trata de consequências das faltas da existência atual” (LE 983)

Ainda podemos complementar com o Evangelho Segundo o Espiritismo, no Capítulo V itens de 4 a 5, Causas Atuais das Aflições e itens 6 a 10, Causas Anteriores das Aflições.

Os sofrimentos pelos quais passamos nem sempre são consequências de erros cometidos nesta existência, mas sim, provas impostas por Deus, ou quando temos condições de escolhê-las, na vida espiritual, para que possamos expiar faltas cometidas em vida material anterior. Segundo a lei de justiça, nada fica sem punição, se não for na existência atual, obrigatoriamente será numa próxima.

Todos os sofrimentos pelos quais estamos passando, com certeza são necessários para uma felicidade futura.

Kardec, ao comentar a questão 985 de O Livro dos Espíritos, sobre a reencarnação em mundos menos grosseiro, diz que: “Nos mundos em que a existência é menos material do que neste, as necessidades são menos grosseiras e todos os sofrimentos físicos são menos vivos. Os homens não mais conhecem as mais paixões que, nos mundos inferiores, os fazem inimigos uns dos outros. Não tendo nenhum motivo de ódio ou de ciúme, vivem em paz porque praticam a lei de justiça, amor e caridade. Não conhecem os aborrecimentos e os cuidados que nascem da inveja, do orgulho e do egoísmo e que constituem o tormento de nossa existência terrena

Após a evolução no nosso planeta, o Espírito pode voltar a reencarnar aqui a pedido, para completar uma missão que, por motivos vários, não foi possível completá-la. Nesse caso, como já tinha condições de escolha, essa volta não é mais uma expiação.

Mesmo a Terra sendo um mundo de provas e expiações, está nela Espíritos de uma evolução superior para ajudar com seu nobre trabalho na mudança para um mundo de regeneração. Nesse caso também, não significam que estão passando por provas e expiações. O Espírito encarnado que nada fez de mal, mas também nada fez para se libertar dos apegos as coisas materiais, ou seja, não “andou” nenhum metro na direção da

perfeição, deve recomeçar uma nova vida na matéria, semelhante aquela, tendo assim, que prolongar os sofrimentos de sua expiação.

A esse homem falta o despertar do coração, porque todo aquele que conhece o amor, conhece a Jesus e compreende a necessidade de cumprir as leis de Deus.

Pelo termo “estacionário” constante da resposta dos Espíritos a questão 987, não devemos entender no sentido comum, pois nada fica parado, na inércia, tudo está em movimento. Como o Espírito não regride, ou seja, nunca volta pior em uma reencarnação, seja neste planeta ou em outro, sempre retoma um pouco melhor, porque passa por várias experiências e essas lhe trazem novos aprendizados, seja no campo intelectual ou (e) moral. Deus não desampara nenhuma de suas criaturas.

Na questão 988 quando foi perguntado aos Espíritos sobre aquelas pessoas que nada fazem por si mesmo, mas que vivem felizes, se nada tem a sofrer pelas conseqüências da existência anterior, Eles perguntaram a Kardec se ele conhecia muitas pessoas assim e se ele acreditava, estava enganado, pois a suposta felicidade nada mais é que aparente. Eles podem ter escolhido este tipo de vida, mas quando retornam ao plano espiritual descobrem o tempo que perderam. Só podemos nos elevar através das atividades necessárias e que teremos que responder pelo o nosso não fazer nada.

A soma da felicidade futura esta na razão da soma do bem que tivermos feito.

Existem pessoas que sem serem necessariamente más, por suas atitudes prejudicam outras, fazendo-as infelizes, portando, não são criaturas quem tem o amor no coração, e deverão em nova existência responderem proporcionalmente, pelo que fizeram outras sofrerem. Toda ação gera uma reação compatível, por isso diz o Evangelho que cada centavo deve ser pago.

EXPIAÇÃO E ARREPENDIMENTO

Segundo as questões 990 a 1002 de O Livro dos Espíritos, o nosso arrependimento pelo que fizemos de errado, tanto pode ser como encarnado quando, pelo nosso aprendizado já conseguimos distinguir o que é o bem e o que é o mal, ou como desencarnado.

Quando o nosso arrependimento se dá na nossa estada no plano espiritual, a conseqüência é o desejo de uma nova oportunidade no plano físico para novos aprendizados morais para que sejamos um pouco mais feliz e para isso devemos expiar as faltas cometidas.

O arrependimento como encarnado tem como resultado a melhora na mesma existência, se houver tempo para a reparação dos erros cometidos.

Nenhuma criatura humana é voltada exclusivamente para o mal, pois o mal não existe, ele é simplesmente a ausência do bem.

Se alguém nos perguntar quem são nossos inimigos, devemos responder que são aqueles a qual ainda não descobriram que nos amam, pois aquelas pessoas que nesta vida só tem a maldade no coração, em outra terão o bem já criado raízes e em outras totalmente plantadas como uma árvore frondosa e resistente, pois é necessário que todos, um dia, atinjam a perfeição relativa, uns mais rápidos e outros lentos, de acordo a evolução individual.

Todo aquele que é mau e não reconhece seus erros na vida corporal, com certeza os reconheceria na vida espiritual e por isso sofrerá muito quando reconhecer todo mal que praticou. Logicamente esse arrependimento não é de imediato; uns mesmo sofrendo permanecem alheios a necessidade do arrependimento, mas como a todos Deus da oportunidades iguais, esses também um dia o arrependimento baterá a porta do coração.

Como o progresso é uma lei Divina, todos aqueles que necessariamente não são maus, mas não se preocupam com a própria vida e muito menos se ocupa de coisas uteis, terão de sofrer por aquilo de bom que deixaram de fazer. Mas eles também tem o desejo de amenizar seus sofrimentos; ainda não o fazem porque a vontade verdadeira ainda esta longe de ser conseguida. Citamos como exemplo uma pessoa que prefere morar sob viaduto, ponte, marquise, pedindo esmolas do que trabalhar para saírem da situação em que se encontram.

Há Espíritos desencarnados que têm consciência que são maus e agravam sua situação prolongando seu estado de inferioridade desviando os homens que seguem um bom caminho. Esses são aqueles de arrependimento

tardio. Não podemos esquecer que nem todo arrependimento vem do âmago de alma, portanto, alguns podem se deixar levar para o caminho do mal pelas influências de Espíritos mais atrasados.

Existem Espíritos bastante inferiores que aceitam e acolhem as preces que são feitas em seus benefícios e ha outros mais esclarecidos que são dotados de um endurecimento e de um cinismo enorme. Os Espíritos, na questão 997 do LE, nos esclarecem que *“a prece só tem efeito em favor do Espírito que se arrepende”*. Aquele que permanece no orgulho, com o coração revoltado contra Deus e persistindo nos seus erros, com certeza não recebem as benesses da prece, até o dia de seu arrependimento sincero.

“A expiação se cumpre na existência corpórea, através das provas a que o Espírito é submetido, e na vida espiritual pelos sofrimentos morais decorrentes do seu estado de inferioridade” (Questão 998)

Não basta o Espírito se arrepender sinceramente do mal praticado, se esse arrependimento não estiver acompanhado de boas obras. Todo, ato mal deve ser reparado.

Podemos a partir desta vida resgatar nossas faltas, mas não podemos esquecer que *“o mal não é reparado senão pelo bem, e a reparação não tem mérito algum se não atingir o homem no seu orgulho ou nos interesses materiais”* (questão 1000)

Segundo Martins Peralva no livro *“O Pensamento de Emmanuel”*, Cap. 37, *“em sã consciência, nenhum espírita esclarecido julgar-se-á isento de experiências reabilitadoras sob alegação, doutrinariamente inconsistente, de que “se arrependeu do mal praticado” e, por tal motivo, justificado está perante as leis divinas”*

Completando esse capítulo, ele nos diz que devemos levar em conta quatro pontos essenciais, a saber:

- a) *Reconhecer com humildade, o erro cometido.*
- b) *Não reproduzi-lo ou, pelo menos, tudo fazer no sentido de evitar sua repetição.*
- c) *Ajudar aqueles a quem ferimos.*
- d) *Sustentar-nos na fé e no trabalho, a fim de que a reabilitação se dê, gloriosa e sublime, uma vez que, indubitavelmente, o trabalho e a fé são avanços de sustentação das almas enfraquecidas.*

DURAÇÃO DAS PENAS FUTURAS

Lembremos a questão 1003: *“A duração dos sofrimentos do culpado na vida futura é arbitrária ou subordinada a alguma lei?”*

R) Deus nunca age de maneira caprichosa e tudo no Universo é regido por leis que revelam a sua sabedoria e a sua bondade.”

Quanto às questões 1003 a 1010, podemos resumi-las assim: A duração dos nossos sofrimentos é o tempo necessário para que possamos nos melhorar, porque o estado de sofrimento e de felicidade está diretamente ligado ao grau de nossa evolução. À medida que nos depuramos, nossos sofrimentos se modificam.

Para o Espírito que se encontra no plano espiritual, e ainda sofre, o tempo parece muito mais longo, porque o descanso não existe para ele, mas, para aqueles que já estão num patamar de evolução melhor, o tempo é totalmente diferente.

Os sofrimentos só seriam eternos se a maldade fosse eterna, como Deus não criou ninguém voltado eternamente para o mal, todos devem progredir, cada um levando o tempo necessário, de acordo com a própria vontade.

Todos nós, encarnados ou desencarnado, um dia nos arrependeremos, pois estamos sujeitos à Lei do Progresso. Sao Luiz na questão 1008, nos diz: A duração das penas podem ser impostas por determinado tempo, mas Deus, que não desejava senão o bem de suas criaturas, aceita sempre o arrependimento, e o desejo de se melhorar nunca é estéril

PARAÍSO, INFERNO, PURGATÓRIO. PARAÍSO PERDIDO

Sobre as questões 1011 a 1015:

Não há um lugar determinado no Universo onde os Espíritos possam gozar das benesses e muito menos outro onde purguem seus erros, pois estão em toda parte. Os Espíritos perfeitos podem se reunir em qualquer parte da imensidão cósmica e outros por simpatia. O sofrimento e a felicidade é inerente ao grau de evolução de cada um.

Os encarnados são mais ou menos felizes ou infelizes, de acordo o nível de evolução do orbe que habitam. O Paraíso e o Inferno nada mais são que figuras que foram incutidas durante muitos séculos pela Igreja.

“O Céu começará sempre em nós mesmos e o Inferno tem o tamanho da rebeldia de cada um “Disse nos o Cristo: O Reino de Deus está dentro de vós, ao que de acordo com ele mesmo, ousamos acrescentar: e o inferno também”. (Peralva, Martins, “Pensamento de Emmanuel, Cap. 38)

Podemos entender por Purgatório, como um tempo de expiação pelas nossas faltas; é a própria Terra, o lugar necessário para que isso ocorra.

Quando os Espíritos que já mostram certa elevação trazem mensagem falando sobre Paraíso, Inferno e Purgatório é porque tem que se adequar ao entendimento daqueles que os interrogam, e preferem não ferir convicções dos que ainda creditam nessas imagens.

Alguns Espíritos interrogados dizem que se encontram sofrendo no inferno ou no purgatório, isso devido a sua inferioridade e ainda estão ligados a matéria, conservando parte de suas idéias de quando encarnado, usando impressões que ainda lhe são familiares.

Deve-se entender por alma penada, aquele Espírito que se encontra no Estado errante e sofre, pois está incerto do seu futuro. Essa entidade espiritual quando vem se comunicar conosco, os encarnados, sente um certo alívio. Podemos entender o Céu como o espaço universal compreendendo os planetas, as estrelas e todos os mundos superiores onde habitam Espíritos dotados de todas as suas faculdades, sem angústias que são inerentes a inferioridade e sem as atribulações da vida material.

BIBLIOGRAFIA:

KARDEC, Allan - O Livro dos Espíritos, Livro 4º, cap. II, questões 983 a 1018;

KARDEC, Allan - O Céu e o Inferno, 1ª Parte, cap. III; cap. IV, nº 13; cap. V, nº 8; caps. VII e VIII; 2ª Parte, cap. V; cap. VI, nº 19;

KARDEC, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo - cap. IV itens 4 a 17; cap. XXVII, item 21;

Revista Espírita, de outubro de 1858; Revista Espírita, de dezembro de 1863; Revista Espírita, de julho e outubro de 1864; Revista Espírita, de maio de 1866;

Bibliografia Complementar:

O Espírito da Verdade - Diversos Espíritos - itens 61, 68 e 98;

PERALVA, Martins - O Pensamento de Emmanuel- nº 37 a 40;

EMMANUEL, Francisco Cândido Xavier - Estude e viva – nº 11;

EMMANUEL, Francisco Cândido Xavier - Religião dos Espíritos, cap. 71 a 251;

EMMANUEL, Francisco Cândido Xavier - Justiça Divina;

EMMANUEL, Francisco Cândido Xavier - Roteiro - nº 6

Parte B - MUITOS OS CHAMADOS E POUCOS OS ESCOLHIDOS

“Nem todo o que me diz: Senhor; Senhor entrará no Reino dos Céus, mas sim o que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus, esse entrará no Reino dos Céus. Muitos me dirão, naquele dia: Senhor, Senhor; não é assim que profetizamos em teu nome, e em teu nome expelimos os demônios, e em teu nome obramos muitos prodígios? E eu então lhes direi, em voz bem inteligível: Pois eu nunca vos conheci; apartai-vos de mim, os que obrais a iniquidade.” (Mateus, 7:21-23)

Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras, e as observa, será comparado ao homem sábio, que edificou a sua casa sobre a rocha. E veio a chuva, transbordaram os rios, assopraram os ventos, combateram aquela casa, ela não caiu, porque estava fundada sobre a rocha. E todo o que ouve estas minhas palavras, e não as observa, será comparado ao homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia. E veio a chuva, e transbordaram os rios, e assopraram os ventos, e combateram aquela casa, e ela caiu, e foi grande a sua ruína. (Mateus, VII:24-27 e Lucas, VI:46-49).

Todos os que confessam a missão de Jesus, dizem: Senhor, Senhor! Mas de que vale chamá-lo Mestre ou Senhor, quando não se seguem os seus preceitos? Será que são cristãos esses que o honram através de atos exteriores de devoção, e ao mesmo tempo sacrificam no altar do egoísmo, do orgulho, da cupidez e de todas as paixões? São seus discípulos esses que passam os dias a rezar, e não se tomam melhores, nem mais caridosos, nem mais indulgentes para com os seus semelhantes? Não, porque, a semelhança dos Fariseus, tem a prece nos lábios e não no coração. Servindo-se apenas das formas, podem impor-se aos homens, mas não a Deus. E em vão que dirão a Jesus: “Senhor, nos profetizamos, ou seja, ensinamos em vosso nome; expulsamos os demônios em vosso nome; comemos e bebemos convosco!” Ele lhes respondera: “Não sei quem sois. Retirai-Vos de mim, vós que cometeis iniquidade, que desmentis as vossas palavras pelas ações, que caluniais o próximo, que espoliais as viúvas e cometeis adultério! Retirai-vos de mim, vós, cujo coração destila ódio e fel, vós que derramais o sangue de vossos irmãos em meu nome, que fazeis correrem as lágrimas em vez de secá-las! Para

vós, haverá choro e ranger de dentes, pois o Reino de Deus é para os que são mansos, humildes e caridosos. Não espereis dobrar a justiça do Senhor pela multiplicidade de vossas palavras e de vossas genuflexões. A única via que está aberta, para alcançardes a graça em sua presença, é a da prática sincera da lei do amor e da caridade.”

“As palavras de Jesus são eternas, porque são Verdadeiras. Não são somente a salvaguarda da Vida Celeste, mas também o penhor da paz, da tranquilidade e da estabilidade do homem entre as coisas da vida terrena. Eis porque todas as instituições humanas, políticas, sociais e religiosas, que se apoiarem nas suas palavras, serão estáveis como a casa construída sobre a pedra. Os homens as conservarão, porque nelas encontrarão a sua felicidade. Mas aquelas que se apoiarem na sua violação, serão como a casa construída sobre a areia: o Vento das revoluções e o rio do progresso as levarão de roldão”. (Allan, Kardec, “O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap.XVIII, itens 6 a 9)

Do texto acima, escrito de uma forma tão nítida para a nossa compreensão, podemos chegar à conclusão que para que possamos merecer o Reino de Deus, é necessário que observemos e cumpramos em nossas múltiplas existências, a Lei Moral, ou seja, o conjunto de princípios ou regras relativos à conduta humana. Estas pertencem à alma e concernem as noções do bem e do mal, que foram embutidas em nós pelo Pai Maior desde a nossa criação e não, pertencer a essa ou aquela religião ou seita, pois de nada servem a prática de rituais, de exercícios religiosos e de confissão de fé, porque aqueles que dizem apenas palavras soltas, sem refletirem o que lhes vai no íntimo, não são agradáveis a Deus. A Ele agrada mais a devoção sincera, partida do coração e, acima de tudo, comprovada por atitudes no bem.

Jesus sempre condenou a prática formalista de religiosidade e nunca disse que basta ter um credo para assegurar lugar no “céu”, pois aqueles que dizem que basta crer para ser salvos, são como cegos conduzindo cegos.

Se reconhece o verdadeiro cristão pelas suas atitudes com relação ao próximo, pelas obras que pratica, pelos esforços que faz para vencer seus defeitos e pela sua vivência real dos ensinamentos do Cristo.

Temos que nos transformar num novo homem; o homem como criatura imortal, que ama pelo prazer de amar, que perdoa do fundo do coração, que ajuda o próximo sem esperar nada em troca, que compreende os defeitos dos outros, que sabe que a maldade é temporária, e que o inimigo é aquele que ainda não descobriu que ama.

Portanto, não basta chamar a Jesus, cantando hinos em seu louvor, pois será de todo inútil se lhe não seguirmos os seus Mandamentos.

BIBLIOGRAFIA

Kardec, Allan, “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, Cap. XVIII, itens 6 a 9

18ª Aula - GRANDES VULTOS DO ESPIRITISMO - I

Parte A - O ESPIRITISMO NA EUROPA - SIR WILLIAN CROOKES; CAMILLE FLAMMARION; LEON DENIS; GABRIEL DELANE; ERNESTO BOZZANO; ARTHUR CONAN DOYLE; ALEXANDRE AKSAKOF; CÉSAR LOMBROSO

Entre os séculos dezoito e dezenove a comunidade científica da Europa teve sua atenção despertada para os ditos fenômenos paranormais. Eventos tais como as mesas girantes e outras formas de manifestações espirituais provocaram questionamentos entre homens de vários campos da ciência. Enquanto a maioria desses estudiosos se embrenhava por hipóteses engenhosamente arquitetadas, sibilinas ou absurdas, e aí estacionava, mantendo mais profundo cepticismo com relação à intervenção dos Espíritos, outros não hesitavam em aceitar as evidências e declarar de publico as suas novas convicções.

A seguir, temos um breve resumo da vida de alguns desses cientistas que se tornaram os desbravadores do novo Campo de pesquisas que se iniciava.



William Crookes nasceu em Londres, Inglaterra, no dia 17 de junho de 1832. Mencionado como sendo um dos mais persistentes e corajosos pesquisadores dos fenômenos paranormais, desenvolveu importante trabalho na área da fenomenologia espírita.

As mais notáveis experiências mediúnicas, levadas a efeito por esse ilustre cientista, foram realizadas através da médium Florence Cook, quando obteve as materializações do Espírito que dava o nome de Katie King, fato que abalou o mundo científico da época.

Ele penetrou o campo das investigações com o intuito de desmascarar, de encontrar fraudes, entretanto, quando constatou que os casos eram verídicos, insofismáveis, ele rendeu-se a

evidência, curvou-se diante da verdade, tornou-se espírita convicto e afirmou: - “Não digo que isto é possível; digo: isto é real”. Willian Crookes desencarnou em 04 de abril de 1919, em Londres, Inglaterra.



Camille Flammarion (“Aquele que leva a luz”) nasceu em Montigny-le Roy (Alto Marne), na França, no dia 26/02/1842. Ainda jovem e estudante, Flammarion teve o seu primeiro contato com o Espiritismo. Nessa oportunidade escrevia ele o livro “A Pluralidade dos Mundos Habitados” quando veio a conhecer “O Livro dos Espíritos” identificando-se de imediato com a obra. Como as sessões da Sociedade Espírita, fundada por Kardec, eram em parte dedicadas a psicografia, Flammarion iniciou um treinamento, visando desenvolver esta faculdade, e conseguindo, trouxe a luz o trabalho intitulado “Uranografia Geral” assinado por Galileu e que faz parte da obra “A Gênese” de Allan Kardec. Suas principais obras nos Campos da Astronomia e do Espiritismo foram: Deus na Natureza - As Casas Mal-Assombradas - Narrações do Infinito - O Fim do Mundo - Sonhos Estelares - Urânia - Estela - O Desconhecido - A morte e seu mistério - Problemas Psíquicos. Desencarnou na França, a 4 de Junho de 1925.



León Denis nasceu em 1º de janeiro de 1846, em Foug, pequena localidade de Toul, na região da Alsácia Lorena. Certa vez, tinha então 18 anos, quando um livro despertou sua atenção: “O Livro dos Espíritos” de Allan Kardec. “Adquiri logo o livro, disse ele, e lhe assimilei o conteúdo.

Encontrei nele umas soluções claras, completas, lógicas do problema universal”. E nesse espírito de total entrega que ele atravessa, imperturbável, todas as tormentas da existência, sempre firme em seu posto, escrevendo livros (entre outros títulos: Cristianismo e Espiritismo, Depois da Morte, Espíritos e Médiuns, Joana D'Arc, O Porquê da Vida, O Problema do Ser, do Destino e da Dor) e artigos, fazendo palestras, presidindo congressos, sempre esclarecendo, consolando, animando. Sua vida absolutamente coerente com a sua obra lhe vale o título de “Apóstolo do Espiritismo. Apressa-se em concluir o livro “O Gênio Céltico e o Mundo invisível”, para entregá-lo a seus editores. Não chegaria a vê-lo publicado. Desencarna em na manhã chuvosa de 12 de abril de 1927.



Gabriel Delanne, François-Marie-Gabriel Delanne, nasceu em Paris, em 23 de março de 1857 e mostrou a estreita relação entre a Ciência e a espiritualidade, unindo, através de sua palavra clara e objetiva, a ciência, a filosofia e a moral espírita.

Com apenas 28 anos publicou a sua primeira obra intitulada, O Espiritismo Perante a Ciência, nos idos de 1885, 16 anos após a desencarnação de Allan Kardec e na mesma época que Léon Denis publicou sua primeira brochura O Porquê da Vida, que data de setembro de 1885 - o início da atividade escrita dos dois grandes pioneiros do Espiritismo é, pois, mais ou menos paralelo.

Todas as suas obras se acham hoje entre os grandes clássicos do Espiritismo e o mundo inteiro as conhece: Pesquisa sobre a Mediunidade, A Alma é Imortal, O Espiritismo perante a Ciência, O Fenômeno espírita, A Evolução Anímica, As Aparições Materializadas dos Vivos e dos Mortos, Os Fantasmas dos Vivos, As Aparições dos Mortos, A Reencarnação, etc. Desencarna em 15 de fevereiro de 1926.

Ernesto Bozzano foi um dos mais eruditos sábios dos últimos tempos. Nascido em Savona, província de Gênova, na Itália, no ano de 1861. Dado o seu inusitado interesse pelo estudo do Espiritismo, em cujo afã dedicou metade de sua profícua existência de 81 anos, mereceu o cognome de “Grande Mestre da Ciência da Alma”.

Trabalhando catorze horas diárias, durante cinquenta e dois anos, elaborou um estudo que se fosse enfiado num livro de tamanho médio, resultaria num volume de 15.000 páginas. Para colimar seus estudos contou com o concurso valioso de 76 médiuns, tendo ainda deixado nove monografias inconclusas.

A primeira obra por ele publicada, com o fito de sustentar a tese espírita foi a Hipótese Espírita e a Teoria Científica, a qual se seguiram outras não menos importantes: Dos Casos de Identificação Espírita, Dos Fenômenos Premonitórios, e A Primeira Manifestação de Voz Direta na Itália. As seguintes obras de Bozzano foram vertidas para o português: Animismo ou Espiritismo?, Pensamento e Vontade, Os Enigmas da Psicometria, Metapsíquica Humana, A Crise da Morte, Xenoglossia, Fenômenos Psíquicos no Momento da Morte e Fenômenos de Transporte. Desencarnou em Gênova, no dia 7 de julho de 1943.



Arthur Conan Doyle nasceu a 22 de maio de 1859, em Picardy Place, Edimburgo, capital da Escócia. Havendo renunciado ao Catolicismo, que não satisfazia ao seu espírito evoluído, permaneceu materialista. Com o tempo e as experiências, chegou a uma conclusão definitiva e tornou-se um dos mais valorosos divulgadores do espiritismo.



Pela causa da Doutrina Espírita, Conan Doyle deu seu coração, sua fortuna e, por último, sua vida. As suas obras, ou quase todas, foi há pouco tempo publicadas em nosso país - entre elas “História do Espiritismo” e “A Nova Revelação”, não só as de aventuras, nas quais Sherlock Holmes, o precursor da polícia técnica, é o herói, como as de História, onde Conan Doyle põe em relevo grande cultura e peculiar maneira de dizer. Desencarnou no dia 7 de Julho de 1930.



Alexandre Aksakof - Filósofo russo e investigador psíquico, de tradicional família da nobreza russa, encarnado no sudoeste de Moscou (Rússia), no dia 27 de Maio de 1832. Na sua mocidade Aksakof já revela acentuadas tendências para investigações a respeito das coisas relacionadas com a alma e o mundo espiritual.

Pode dizer-se que o seu trabalho de propaganda começou em 1855, com a tradução para o russo de todas as obras de Allan Kardec, Hare, Edmonds, R. Dale Owen, William Crookes, Relatório da “Sociedade Dialética de Londres” e a fundação de periódicos como o Psychische Studien, de Lipsia (Leipzig), uma das melhores revistas com que o Espiritismo hoje conta.

Além de “Animismo e Espiritismo” e “Um caso de desmaterialização” publica “Étude sur les matérialisations des formes humaines”, S. L. 1897, “in” 8, no qual trata da escrita direta, impressão de mãos materializadas, etc.”Predvesttniki Spiritizma Zapoledmie 250 Lyet” (Precursores do Espiritismo desde 250 anos); “Um monumento de preocupação científica”, em russo.

Foi também fundador e diretor da revista “Revue du Médium” (1873), do periódico “Psychische Studien” (1874) e do semanário “Rebus” (1886). Desencarnou em São Petersburgo (Leningrado), no dia 4 de Janeiro de 1903.



César Lombroso nasceu em Verona (Itália) a 6 de Novembro de 1835. É na Universidade de Viena, ao lado de mestres da psiquiatria, que ele afirmou a sua vocação médica, especialmente psiquiátrica, aprofundando-se, desde então, na leitura de livros sobre o assunto.

As experiências testemunhadas e documentadas ao lado da médium de efeitos físicos Eusapia Paladino abalaram definitivamente suas convicções e transformaram-no em um dos maiores defensores da realidade espiritual. A Doutrina Espírita recebia assim mais um atestado de legitimidade científica.

Suas principais obras são: Ricerche sui fenomeni ipnotici e spiritice, com uma edição americana que levou o título: After death - What? E Hipnotismo e Mediunidade. Lombroso desencarnou em Turim, aos 19 de Outubro de 1909, com 74 anos incompletos.

BIBLIOGRAFIA:

Crookes, Willian - Fatos Espíritas;
Doyle, Sir A. Conan - A nova revelação; História do Espiritismo;
Baumanrd, Claire - Leon Denis na intimidade;
Luce, Gaston - Leon Denis, vida e obra
Bodief, P. e Regnaut, H. - Gabriel Delane, sua vida, apostolado e obra;
Aksakof, A - Um caso de desmaterialização; Animismo e Espiritismo;
Lombroso, C. - Hipnotismo e mediunidade;
Bozzano, E. Fenômenos de transporte
Carneiro, Victor Ribas - ABC do Espiritismo;
Lucena, A. S. e Godoy, Paulo A. - Personagens do Espiritismo;
Revista ICESP, ano 4, nº14, 2º trimestre/2005 - autoria Dr. Paulo Toledo Machado)

Parte B - MISSÃO DOS ESPÍRITAS

Missão: encargo, incumbência, compromisso, dever imposto ou contraído, obrigação (Dic. Michaelis)

O Espiritismo é a ciência nova que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e as suas relações com o mundo corpóreo. Possui ainda o Espiritismo o mérito de oferecer ao homem não somente a ciência fria dos fatos mas uma ciência atrelada intimamente com princípios

morais que toma essa Doutrina capaz de satisfazer a lógica e a razão, oferecendo ao homem a alavanca precisa para elevar sua inteligência e capacitá-la a grandes realizações.

Com tal gama de recursos em mãos, cabe aos espíritas partirem o quanto antes para o trabalho de divulgação dos princípios da Doutrina que os acolhe, colaborando assim com os desígnios do Criador no que diz respeito a transformação da humanidade.

Mas transformações não se processam de forma imediata ou sem sacrifício. “Certamente falareis a criaturas que não quererão escutar a voz de Deus, porque essa voz as exorta incessantemente à abnegação. Pregareis o desinteresse aos avaros, a abstinência aos dissolutos, a mansidão aos tiranos domésticos, como aos déspotas! Palavras perdidas, eu o sei; mas não importa. Faz-se mister regueis com os vossos suores o terreno onde tendes de semear, porquanto ele não frutificará e não produzirá senão sob os reiterados golpes da enxada e da charrua evangélicas. Ide e pregai, pois, e levai a palavra divina: aos grandes que a desprezarão, aos eruditos que exigirão provas, aos pequenos e simples que a aceitarão!” (ESE, Cap. 20, item 4)

O trabalho de divulgação exigira total comprometimento dos espíritas, visto que muitas vezes seus interesses particulares deverão ser deixados em Segundo plano, não raramente seus esforços serão rotulados como fanatismo e será cobrado-lhes a perfeição de atos e pensamentos que estarão longe de possuir. Encontrarão intolerância e incompreensão inclusive entre seus companheiros de fé.

Diante de tantas adversidades, Deus proporcionara a todos que mantiverem a fé nos objetivos viva, a companhia dos companheiros desencarnados que renovarão suas esperanças, apoiarão seus passos para que não vacilem e enviarão a inspiração para que sua palavra seja o reflexo da vontade do Pai.

Finalmente, devem os espíritas manterem atenção para a execução de sua tarefa com maior zelo possível. Aqueles que se iludirem pelo caminho, desdenhando e malbaratando o tesouro que lhes foi conferido, aqueles que se entregarem ao ócio, aos vícios, que relutarem em modificar seus hábitos e convicções e se valerem do Espiritismo somente como uma bela fachada terão a mesma avaliação que teve o servo que enterrou o talento de seu senhor. Os bons espíritas serão reconhecidos “pelos princípios da verdadeira caridade que eles ensinarão e praticarão pelo numero de aflitos a que levem consolo; pelo seu amor ao próximo pela sua abnegação, pelo seu desinteresse pessoal; pelo triunfo de seus princípios, porque Deus quer o triunfo de Sua lei”.

A missão dos espíritas reside no seguinte princípio: Vivenciar a moral do Cristo em todos os seus aspectos e em todos os momentos da vida, amparados pela lógica irrefutável dos ensinamentos dos Espíritos, colaborando assim com o progresso da humanidade.

BIBLIOGRAFIA

Kardec, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo - Cap. XX, itens 4 e 5.

19ª. Aula - GRANDES VULTOS DO ESPIRITISMO II

Parte A – O ESPIRITISMO NO BRASIL

O Espiritismo traduzindo a terceira revelação das leis de Deus, manifestou se no século XIX ostensivamente em todas as partes do planeta e foram muitos os preparados para serem os embaixadores dessas verdades Para citar apenas alguns desses trabalhadores, no Brasil destacamos:

Cairbar Schutel Nascimento 22/09/1868 na cidade do Rio de Janeiro Desencarnado 30/01/1938 na cidade de Matão, Estado de São Paulo. Conhecido nos meios espíritas como apóstolo da cidade Matão, onde desenvolveu suas atividades espíritas.

Principais atividades: Fundação em 15/07/1905 do Centro Espírita Amantes de Pobreza o primeiro em toda aquela zona paulista.

Fundou em 15/08/1905 o Jornal o Clarim em circulação até os dias de hoje

Em 15/02/1925 com a colaboração de Luiz Carlos de Oliveira Borges lançou a Revista Internacional do Espiritismo em circulação até os dias de hoje.

Obras de sua autoria: Espiritismo e Protestantismo; História e Fenômenos Psíquicos; O Diabo e a Igreja; Médiuns e Mediunidades; Gênese da Alma; Os Fatos Espíritas e as Forças X...; Parábolas e Ensinos de Jesus; O Espírito do Cristianismo; A Vida No Outro Mundo; Vida e Atos dos Apóstolos; Conferências Radiofônicas; Interpretação sintética do Apocalipse; Cartas a



Esmo; Espiritismo e Materialismo; O Batismo; Preces Espíritas; Espiritismo para crianças... Caibar foi denominado devido ao seu sentimento de amor ao próximo, o pai da pobreza de Matão.



Augusto Militão Pacheco Nascimento 13/06/1866 - na cidade de São Paulo. Desencarnou em 07/07/1954 na cidade de São Paulo. Principais atividades: Formado em medicina, foi convidado no ano de 1894 a combater um surto de peste bubônica no Estado do Maranhão, que conseguiu debelar com êxito.

Exerceu funções importantes do estado de São Paulo como médico Sanitarista, em várias cidades como: São Simão, Cosmópolis, Mogi-Mirim e Amparo.

Médico homeopata, iniciador do Dr. Luiz Monteiro de Barros neste ramo de medicina.

Profundamente caridoso, distribuía sistematicamente parte dos seus recursos às famílias pobres.

Fez um testamento dando ênfase a parte espiritual - Vide Testamento no livro Grandes Espíritas do Brasil de Zeus Wantuil. Sendo um dos pioneiros dentro da Federação Espírita do Estado de São Paulo e desenvolveu várias atividades espirituais. Características de sua personalidade: Amor, A Verdade e afirmava que o Evangelho, continha a solução de todos os problemas humanos.

Luiz Olimpio Guillon Ribeiro Nasceu em 17/01/1897 no Estado do Maranhão. Aos 26/10/1946 desencarna na cidade do Rio de Janeiro. No Senado Federal atuou como 2º Oficial da Secretaria, Recebendo elogios do Senador Rui Barbosa sobre seu trabalho, pela cooperação no trabalho revisão do projeto do Código Civil.

Durante 26 anos consecutivos foi diretor da Federação Espírita Brasileira (FEB).

Em 1937 como presidente da FEB no Rio de Janeiro, promoveu a instalação de oficinas tipográficas próprias, publicando o jornal "O Reformador" além de outras obras literárias.

Entre as obras que ele escreveu destacam-se: Jesus nem Deus nem homem, Espiritismo e política, A Mulher, A Federação Espírita Brasileira, Trabalhos do Grupo Ismael, Ensinaamentos do Além e Advertências do Aquém.



Antonio Gonçalves da Silva - Batuira Nasceu em 1839 - na Freguesia das Águas Santas, Portugal. Chegou ao Brasil, Rio de Janeiro em 1850.

Vindo para São Paulo - Capital, tomou-se jornalista distribuindo o jornal "Correio Paulistano", correndo de porta em porta, conquistando a simpatia dos fregueses.

Seu apelido "Batuira" vem por causa da ave pernalta muito ligeira e de vôo rápido.

De espírito humanitário, logo aderiu à campanha abolicionista.

Fundou em sua casa a instituição Beneficente "Verdade e Luz", onde a rua levou o nome de Rua Espírita até os dias de hoje.

Tomou-se conferencista espírita criando, em 1890, o periódico "Verdade e Luz". Referindo-se ao seu desencarne, o escritor Afonso Schmidt escreveu: Batuira faleceu em 22 de Janeiro de 1909. São Paula inteiro comoveu-se com seu desaparecimento. Que idade tinha? Nem ele mesmo sabia, mas seu nome ficou por aí como um clarão de bondade, de doçura, de delicadeza do céu, dessas que se vão fazendo cada vez mais raras num mundo velho, sem porteira. Foi um das pioneiros do Espiritismo no Brasil e em São Paulo.

Pedro Camargo - Vinicius Nasceu em 07 de Maio de 1878 - na cidade de Piracicaba/SP. Estudou no Colégio Piracicabano, educandário de origem metodista, de fundação norte-americana, onde teve lições de virtude e moral. Tomou-se escritor, mais conhecido como "Vinicius" em razão de uma encarnação em Roma.

Durante muitos anos Vinicius, presidiu a Sociedade de Cultura Artística da Cidade de Piracicaba.

Os estudos bíblicos eram rotina no colégio e por isso, mais tarde, como espírita, tomou-se um entusiasta especialista no assunto.

Em 1904, foi fundada na cidade uma das primeiras instituições espíritas, estando entre os fundadores outro grande trabalhador espírita, João Leão Pitta.

O funcionamento desta instituição gerou grande perseguição aos espíritas, a ponto deste pioneiro não conseguir nem emprego.

Pedro de Camargo tomou-se espírita logo em seguida, em 1905, encontrando a solução para tudo aquilo que constituía incógnita em seu Espírito, até transferir-se para Capital em 1938.



Vinicius desenvolveu intenso trabalho espírita na cidade, na difusão da Boa Nova.

Em São Paulo, substituiu o confrade Moreira Machado na União Federação Espírita do Estado de São Paulo e, juntamente com Thietre Diniz Cintra, fundou uma escola de Evangelização da Infância e Juventude.

Em 1939 tomou-se um dos diretores do programa Radiofônico Espírita Evangélico do Brasil, levando ao ar através da rádio Educadora de São Paulo e, em 1940 tornou-se Superintendente da Rádio Piratininga, da União Federativa. Nesta época, Vinicius já estava integrado na Federação Espírita do Estado de São Paulo, introduzindo as Tertúlias Evangélicas, palestras que ele fazia aos domingos de manhã.

Em 1944, tornou-se Diretor-Gerente do jornal “O Semeador”, recém criado na Federação Espírita do Estado de São Paulo, tendo colaborado como articulista em vários outros periódicos.

Como escritor publicou: “Em tomo do Mestre”, “Na Seara do Mestre”, “Nas Pegadas do Mestre”, “Na Escola do Mestre”, “O Mestre na Educação” e “Em Busca do Mestre”.

Seu sonho realizou-se com a fundação do Instituto Espírita de Educação onde ministrou as aulas por alguns anos. Desencarnou em 11 de Outubro de 1966.



José Herculano Pires Nasceu em Avaré – SP em 1914. Quando menino foi coroinha, jovem foi socialista, com 18 anos foi teosofista e aos vinte anos começou a ler sobre o Espiritismo e nunca mais abandonou o estudo.

Casou e teve três filhos, morou em Marília - SP, onde teve um jornal, “O Diário Paulista”.

Depois de seis anos, ao final da Segunda Guerra Mundial, vendeu o jornal e veio com a família para São Paulo, onde continuou seu trabalho espírita.

Trabalhou no “Diário da Noite” por 30 anos, onde manteve uma coluna espírita, com o pseudônimo de Irmão Saulo. Ele acreditava que o jornalista tinha que trabalhar em defesa do povo, mesmo que isso atrapalhasse sua vida. Seu compromisso sempre foi divulgar Allan Kardec, de maneira perfeita. Realizou palestras e debates, inclusive na televisão, conduzindo na Rádio Mulher um programa espírita semanal. Graduou-se em Filosofia pela Universidade de São Paulo e pela mesma Universidade licenciou-se, publicando uma tese existencialista: “O Ser e a Serenidade”.

Autor de 81 livros entre eles de: Filosofia, Ensaios, Histórias, Psicologia, Espiritismo e Parapsicologia, dedicando a maioria de suas obras ao estudo e divulgação da Doutrina Espírita, algumas delas em parceria com Francisco Cândido Xavier.

Grande foi sua colaboração para a explicitação da Filosofia Espírita, escrevendo assim “Introdução a Filosofia Espírita”, “Agonia das Religiões”, “Revisão do Cristianismo”, “Concepção Existencial de Deus”, “Visão Espírita da Bíblia”, “O Espírito e o Tempo”.

Herculano Pires afirmava que a Filosofia Espírita exige longa pesquisa de suas raízes nas coordenadas da evolução humana e por isso, dedicou-se a articular seu conteúdo em suas correlações com o pensamento de grandes filósofos, em uma síntese da Doutrina com a tradição histórica.



Francisco Cândido Xavier Nasceu 02/04/1910, em Pedro Leopoldo, Minas Gerais. Suas faculdades mediúnicas manifestaram-se quando tinha apenas quatro anos de idade. Sua mãe desencarnou quando contava cinco anos e então passou a ser cuidado por uma senhora muito rigorosa, que lhe causava grandes sofrimentos.

Posteriormente, seu pai casou-se novamente e sua madrasta generosa e de boa índole, dispensou os cuidados maternos que tanta falta lhe faziam.

Durante este tempo, tinha contatos constantes com o Espírito de sua mãe que sempre lhe pedia para ter fé em Deus, desenvolvendo a paciência e a resignação aos seus

problemas.

Seus estudos não passaram do nível primário incompleto e quando adulto trabalhou como funcionário público federal, função na qual se aposentou.

Durante todo o período da juventude, os fatos paranormais lhe eram freqüentes, ocorrendo em casa e até mesmo na escola.

Em 1927 tomou-se espírita em virtude de doença da irmã, fato este que obrigou seu pai a procurar ajuda espírita.

Após este acontecimento, passou a ler obras espíritas e neste mesmo ano iniciou a educação de suas faculdades mediúnicas, passando a psicografar várias mensagens.

Em 1932 a Federação Espírita Brasileira publicou seu primeiro livro, “Parnaso de Além Tumulo”, monumental obra mediúnica com poesias de vários poetas, portugueses e brasileiros, sendo elogiado por vários literatos e acadêmicos de letras.

A partir daí, Francisco Cândido Xavier iniciou sua brilhante trajetória como o maior médium psicógrafo de todos os tempos, tendo publicado centenas de livros, totalizando cerca de 20 milhões de exemplares, através de várias editoras, cujos direitos autorais foram todos doados.

Em 1969, transferiu-se para a cidade de Uberaba - MG, prosseguindo sempre no seu mister, tendo recebido centenas de homenagens, de poderes públicos, instituições culturais e religiosas.



Yvonne do Amaral Pereira Nasceu em 24 de Dezembro de 1900, registrada em cartório seis anos depois (1906) em Rio das Flores, Rio de Janeiro. Aos cinco anos começou a ver espíritos e a conversar com eles. Aos 10 anos de idade já assistia a reuniões mediúnicas em sua casa por determinação de seu pai que era espírita desde solteiro.

Aos 12 anos, seu pai lhe presenteou com um exemplar do Evangelho Segundo o Espiritismo. Em função das diversas transferências de cidade, pois seu pai como funcionário público precisava fazer, Yvonne exercia atividades espíritas. Em Pedro Leopoldo, MG, serviu no gabinete de passes, onde conheceu Chico Xavier.

Aos 20 anos, quase foi enterrada viva, pois sofria de catalepsia e letargia.

Com a desencarnação de seus pais precisou trabalhar para sobreviver no Rio de Janeiro.

Yvonne Pereira era médium nas seguintes modalidades: psicografia, psicofonia, receitista (homeopatia), passista, de premonitória, de desdobramento, de efeitos físicos (materialização), de cura (de obsediados, paralíticos, etc.), vidência e oratória.

Colaborou em vários jornais do interior do país e sob o pseudônimo de Frederico Francisco escreveu para revista “Reformador”.

Como médium de psicografia, publicou vários livros: “Nas Telas do Infinito”, “Memória de um Suicida”, “Nas Voragens do Pecado”, “O Cavaleiro de Numiers”, “O Drama da Bretanha”, “A Tragédia de Santa Maria”, “Amor e Ódio”, “Dramas da Obsessão”, “Ressurreição da Vida”, “Recordações da Mediunidade”, “Devassando o Invisível”, “Sublimação”, “Cânticos do Coração”, “A Luz do Consolador”. Desencarnou aos 81 anos em 09 de Março de 1981, na cidade do Rio de Janeiro.



José Gonçalves Pereira Nasceu em 14 de Junho de 1906 em São José do Barreiro / SP – Vale do Paraíba. Em 1927, já na cidade de São Paulo, capital, casa-se com Luiza Miranda (nascida em 18/05/1911, no bairro do Cambuci) e começa a trabalhar como vendedor na empresa multinacional “Gessy Lever”, onde se aposentou em 1964.

Foi levado à Federação Espírita do Estado de São Paulo por um amigo. O objetivo era conversar com o Comandante Armond, autor do livro “Mediunidade”, que o interessara bastante. Por convite de Comandante Armond, passou a participar das reuniões e a integrar-se nas tarefas do grupo.

As atividades de assistência social, o auxílio aos mais necessitados, sempre tiveram grande importância no movimento espírita paulista, desde os tempos de Batuira e naturalmente constituíam um das áreas de atuação da FEESP.

Participando ativamente da FEESP o Sr. Gonçalves foi nomeado em 1949 - pelo Secretário Geral, Comandante Armond - Diretor do Departamento de Assistência Social.

As tarefas tiveram início na sede a Rua Maria Paula, 140, no espaço aos fundos onde havia um galinheiro desativado e depois de algum tempo, mudando-se para Rua Santo Amaro, 370, onde ampliou-se o departamento e através de mão de obra voluntária, foram desenvolvidas várias atividades assistenciais.

José Gonçalves Pereira se dedicou também com a divulgação da Doutrina Espírita e fundou o Grupo Espírita “Os Mensageiros” em 1953, com o objetivo de imprimir e distribuir gratuitamente, mensagens psicografadas por Francisco Cândido Xavier.

Com esse crescimento, o espaço tornou-se insuficiente e José Gonçalves começou a idealizar a construção de uma instituição que pudesse representar com a devida amplitude a assistência social espírita no Brasil e foi no dia 25 de Janeiro de 1960, num terreno doado pelo governo do Estado de São Paulo, que se realizou o lançamento da pedra fundamental da Casa Transitória Fabiano de Cristo.

José Gonçalves levava muito a sério as questões mediúnicas e como médium psicofônico transmitiu mensagens de teor doutrinário, autenticidade e clareza e por mais de 30 anos, as sextas-feiras, realizava-se na Casa Transitória, uma sessão doutrinária, psicograficamente recebia receituário através do Espírito Batuira.

Até a data de seu desencarne ocorrida em 25 de Agosto de 1989, 38 áreas assistenciais que estavam em pleno funcionamento com atendimentos as famílias carentes nos setores de: Serviço Social, Abastecimento Auta de Souza (alimentos), Lar Batuira (de idosas), Creche Meimei, Orientação Maternal, Confeção de enxovais aos futuros bebês, Ambulatório Bezerra de Menezes (médico), Pavilhão Paulo de Tarso - cursos profissionalizantes: culinária, padaria, pedreiro, mecânica, eletricitista, eletrônica, auxiliar administrativo, etc.



Hermínio Corrêa de Miranda (Volta Redonda, 5 de janeiro de 1920) é um pesquisador e escritor espírita brasileiro.

Formou-se em Ciências Contábeis, tendo trabalhado na Companhia Siderúrgica Nacional até se aposentar. Não fui levado ao Espiritismo por crise existencial ou sofrimento, mas pela insatisfação com os modelos religiosos a minha opção” (H.C.Miranda) Participa até os dias de hoje como escritor e pesquisador no movimento espírita, esta é sua missão. Seu primeiro livro, Diálogo com as Sombras, foi publicado em 1976. Depois vieram muitos outros títulos, sendo que seus direitos autorais foram sempre cedidos a instituições filantrópicas. Aos quase 88 anos e quase 40 livros, ele não disse tudo.

Obras publicadas: “A Dama da Noite”; “A Irma do Vizir”; “A Memória e o Tempo”; “A Noviça e o Faraó”; “A Extraordinária História de Omm Sety”; “A Reencarnação na Bíblia”; “A Reinvenção da Morte”; “Alquimia da Mente”; “Arquivos Psíquicos do Egito”; “As Duas Faces da Vida”; “As Marcas do Cristo, vol. I e II”; “As Mil Faces da Realidade Espiritual”; “As Sete Vidas de Fénelon”; “Autismo, uma Leitura Espiritual”; “Candeias na Noite Escura”; “Com Quem Tu Andas?”; “Condomínio Espiritual”; “Cristianismo: A Mensagem Esquecida”; “Crônicas de Um e de Outro”; “De Kennedy ao Homem Artificial”; “Diálogo com as Sombras”; “Diversidade de Carismas”; “Eu Sou Camille Desmoulins”; “Guerrilheiros da Intolerância”; “Hahnemann, o Apóstolo da Medicina Espiritual”; “Histórias que os Espíritos Contaram”; “Lembranças do Futuro”; “Memória Cósmica”; “Nas Fronteiras do Além”; “Negritude e Generalidade”; “Nossos Filhos são Espíritos”; “O Espiritismo e os Problemas Humanos”; “O Evangelho Gnóstico de Tomé”; “O Exilado”; “O Mistério de Patience Worth”; “O Que é Fenômeno Mediúnico”; “Os Cátaros e a Heresia Católica”; “Reencarnação e Imortalidade”; “Sobrevivência e Comunicabilidade dos Espíritos”; “Swedenborg, uma Análise Crítica”.

Além destas, Hermínio traduziu e comentou as seguintes obras: “A Feira dos Casamentos (de J. W. Rochester, psicografada por Vera Ivanova Kryzhanovskaia)”; “O Mistério de Edwin Drood (de Charles Dickens, com final psicografado por Thomas P. James)”; “Processo dos Espíritos (de Madame Pierre-Gaëtan Leymarie)”.



Hernani Guimarães Andrade Nasceu em 31 de maio de 1913, em Araguari, Minas Gerais. Tomou-se espírita aos 16 anos de idade, atraído pela racionalidade e pela coerência dos postulados de Allan Kardec. Mudou-se para São Paulo, cursou Engenharia Civil na Escola Politécnica da USP, formando-se em 1941.

Pouco depois de formado, tomou-se engenheiro-chefe na Companhia Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda (Rio de Janeiro), entre 1943 e 1951. Após estudar exaustivamente as obras clássicas da Doutrina (Delanne, Denis, Bozzano, Flammarion, Crookes, Aksakoff, Richet, Crawford, Lombroso, de Rochas e tantos outros), examinou os experimentos e as teorias dos Metapsiquistas e dos Parapsicólogos, na busca da realidade e da essencialidade

do espírito. Possuía conhecimentos aprofundados de Física e de diversos aspectos das Ciências Biológicas, da Cosmologia, da Estatística e da Psicologia. Tinha apreciável domínio de várias disciplinas filosóficas, principalmente aquelas mais relacionadas com a Ciência (Lógica, Epistemologia, Metodologia de Pesquisa, Gnosiologia). Fundou em 1963, juntamente com outros estudiosos do aspecto científico da Doutrina, o IBPP - Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas, com sede em São Paulo. O termo “Psicobiofísica” foi cunhado pelo Engenheiro italiano Professor Dr. Marco Todeschini - presidente do “Centro Internazionale di Psicobiofísica”.

Era um estimulador e motivador de jovens que se iniciavam no estudo científico do Espiritismo. Nessa tarefa ministrou cursos, seminários e palestras, orientou leituras, montagem de laboratórios e roteiros de experiências, incentivou a feitura de artigos em periódicos e livros. Suas pesquisas laboratoriais começaram com a construção do Tensionador Espacial Eletromagnético e, depois, do Tensionador Espacial Magnético, com câmara de Campos compensados.

Em outubro de 1966, por meio dos aparelhos citados, construídos por ele e por seus filhos, iniciou pesquisas para verificar a existência do Campo Biomagnético - CBM, implicado na ligação entre o espírito (como substância) e a matéria, no fenômeno da vida, que, por conseguinte, demonstrara a existência de um Modelo

Organizador Biológico nos seres (hipótese de sua autoria desde 1958). Durante mais de 37 anos, efetuou investigações sobre o fenômeno “Psi”, segundo os cânones adotados pelo norte-americano J. B. Rhine; sobre Reencarnação pelo método criado por Ian Stevenson; sobre Poltergeist pelo processo por ele criado; sobre Transcomunicação Instrumental segundo os paradigmas adotados pelos estudiosos europeus; além de ter investigado a mediunidade e outros fenômenos paranormais espontâneos. Foi o primeiro brasileiro a projetar e construir uma câmara Kirlian. Coordenou e supervisionou a tradução das obras “Vinte Casos Sugestivos de Reencarnação” de Ian Stevenson, e “Espaço-Tempo e Além” de Bob Toben e Fred Allan Wolf; dos fascículos sobre “Parapsicologia”, elaborados por Elsie Dubugas, do fascículo sobre “Efeito Kirlian” publicado pela Editora Três e prestou assessoria científica na elaboração do “Dicionário de Parapsicologia, Metapsíquica e Espiritismo”, de autoria de João Teixeira de Paula. Hernani Guimarães Andrade retomou ao plano espiritual em 25 de abril de 2003, aos 89 anos de idade, deixando uma obra respeitável, no campo da pesquisa científica, com dezessete livros publicados: “A Teoria Corpuscular do Espírito”; “Parapsicologia Experimental”; “A Matéria Psi”; “Morte, Renascimento e Evolução”; “Espírito, Perispírito e Alma”; “Psi Quântico”; “Reencarnação no Brasil”; “Poltergeist”; “Transcomunicação Instrumental”; “Renasceu por Amor”; “Transcomunicação Através dos Tempos”; “Morte, uma Luz no Fim do Túnel”; “Parapsicologia - Uma Visão Panorâmica”; “Você e a Reencarnação”; “A Mente Move a Matéria”; “Você, o Poltergeist e as Casas Mal Assombradas”.



DIVALDO PEREIRA FRANCO Nasceu em 05 de maio de 1927, na cidade de Feira de Santana, Bahia. Desde a infância se comunica com os espíritos. Coursou a Escola Normal Rural de Feira de Santana, recebendo o diploma de professor primário, em 1943. Trabalhou como escriturário no antigo IPASE, em Salvador, aposentando-se em 1980.

É reconhecido como um dos maiores médiuns e oradores Espíritas da atualidade e o maior divulgador da Doutrina Espírita por todo o Mundo. Espírita convicto fundou o Centro Espírita Caminho da Redenção em sete de setembro de 1947. Divaldo Pereira Franco é emérito educador. Fundou em 1952, na cidade de Salvador, Bahia, com Nilson de Souza Pereira, a Mansão do Caminho, instituição que acolheu e educou crianças sob o regime de Lares Substitutos, em 20 Casas Lares, educou mais de 600 filhos, hoje emancipados, a

maioria com família constituída.

Em 1964, Divaldo, sob orientação de Joanna de Angelis, selecionou várias mensagens de autoria da mentora e enfeixou-as no livro *Messe de Amor*, que se tomou o primeiro livro psicografado por ele. Seu currículo revela um exímio e devotado educador com mais de 600 filhos adotivos e mais de 200 netos, atendendo atualmente a cerca de 3.000 crianças, adolescentes e jovens de famílias de baixa renda, por dia, em regime de semi-internato e externato. Orador com mais de 11.000 conferências, em mais de 2.000 cidades em todo o Brasil e em 62 países, concedendo mais de 1.100 entrevistas de rádio e TV em mais de 450 emissoras. Como médium, publicou 202 livros, com mais de 8 milhões de exemplares, onde se apresentam 211 autores espirituais, muitos deles ocupando lugar de destaque na literatura, no pensamento e na religiosidade universais. Dessas obras, houve 92 versões para 16 idiomas (alemão, albanês, catalão, espanhol, esperanto, francês, holandês, húngaro, inglês, italiano, norueguês, polonês, tcheco, turco, russo, sueco e sistema Braille). Além de 17 escritos por outros autores, sobre sua vida e sua obra. A renda proveniente da venda dessas obras, bem como os direitos autorais foram doados, em Cartório, à Mansão do Caminho e outras entidades filantrópicas.

Bibliografia

WANTUIL, Zeus - *Grandes Espíritas do Brasil*
 GODOYQ Paulo Alves - *Grandes Vultos do Espiritismo*;
 GODOY, Paulo Alves e LUCENA, Antonio de Souza - *Personagens do Espiritismo*;
 MONTEIRO, Eduardo Carvalho - *Batuíra Verdade e Luz*
 PEREIRA, Yvonne do Amaral - *O Vôo de uma Alma* - Augusto Marques de Freitas

Parte B - O HOMEM DE BEM

Interrogar a consciência é um hábito comum do homem de bem. A consciência traz nossa herança cultural de vidas passadas, é nossa bússola cujo ponteiro voltou para os ensinamentos de Jesus, na hora da dúvida. Jesus ensina a perceber nossa imortalidade, dando sempre um valor relativo ao mundo material.

O homem de bem percebe a Lei de conservação e vive do necessário, providente, acumula o suficiente para suavizar o declínio da vida física, não perdendo o foco principal da lei do trabalho, sendo útil nas tarefas de amor ao próximo, reservando a humildade como condição essencial para um trabalho de equipe. Sua renovação

interior é constante, exercitando a superação de seus defeitos morais, sempre será alertado por sua consciência, cuja auto educação recebe a inspiração de seus irmãos espirituais que comungam o amor comum.

A fé lhe dá confiança nas inspirações superiores e toma-se um espelho do alto, refletindo os pensamentos superiores que derramam sobre a Terra, as mais nobres informações das ciências, das artes, do amor Divino, da solidariedade cósmica que permeia os homens de bem no universo. A fé raciocinada permite semear uma nova reencarnação mais feliz, suportando com resignação seus impedimentos corporais, que nada mais são que inibições planejadas antes de sua reencarnação, dando-lhe a possibilidade de sofrer ou respeitar as suas próprias limitações e decidindo pela aceitação, novamente ira refletir, com seu exemplo, a sabedoria do autoconhecimento, tomando a sua existência física um bem sofrer. Compreende que é sua prova ou expiação e agradece a Deus o esquecimento, revelando assim estar preparado para suportar as suas dificuldades e novamente reflete sobre seus irmãos a resignação, sendo indulgente, não julgando e aprendendo sobre suas próprias limitações com os erros alheios.

A justiça divina e perfeita, regenera com amor, por isso ao ser prejudicado percebe que Deus lhe dará forças para repor o que foi subtraído, enquanto o infrator terá que reparar o mal praticado. Quando percebe o próximo subtrair a lei Divina, fica silencioso quando o infrator prejudica a si próprio. Reconhece assim o amor Divino que reflete sobre bons e maus. Atento, não silencia quando o infrator prejudica outros, e aciona os mecanismos das leis civis, mas novamente atento na denuncia caridosa, afastando a humilhação corrosiva de seu coração.

O homem de bem completa sua existência física, num planeta de provas e expiações, exercitando o amor incondicional. Amar sem ter. A prova maior é amar o inimigo, precisa recorrer da razão para afastar pensamentos negativos. É o amor raciocinado para no futuro ser espontâneo e puro como assim exemplificou nosso querido mestre Jesus, pedindo ao Pai amoroso “perdoai-os porque eles não sabem o que fazem”.

BIBLIOGRAFIA:

KARDEC, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo - cap. XVII, item 3;
O Espírito da Verdade - Diversos Espíritos - itens 29, 35 e 65;

20ª Aula - EVOLUÇÃO ESPIRITUAL

“O Espiritismo se tornará uma crença comum e marcará uma nova Era na Historia da Humanidade” (LE 798)

Parte A - A INFLUÊNCIA DO ESPIRITISMO NO PROGRESSO E A CIVILIZAÇÃO DO ESPÍRITO

“As idéias só se transformam com o tempo e não subitamente; elas se enfraquecem de geração em geração e acabam por desaparecer com os que as professavam e que são substituídos por outros indivíduos imbuídos de novos princípios, como se verifica com as idéias políticas.” (LE 798, comentários de Kardec)

“O Espiritismo pode contribuir para o progresso destruindo o materialismo, que é uma das chagas da sociedade, ele faz os homens compreenderem onde está o seu verdadeiro interesse. A vida futura não estando mais velada pela dúvida, o homem compreenderá melhor que pode assegurar o seu futuro através do presente. Destruindo os preconceitos de seita, de casta e de cor, ele ensina aos homens a grande solidariedade que os deve unir como irmãos”. (LE 799)

A Humanidade sempre esta evoluindo em vários sentidos. O progresso material é muito rápido; em alguns anos saltos são dados em tecnologia, em medicina, informática, transporte e em todos os ramos das ciências; hoje a globalização é uma realidade, dando condições para que fiquemos sabendo em tempo real o que está ocorrendo no mundo. Se uma das bolsas de valores dos principais países cai, atingem todos as demais e em conseqüência os respectivos países.

Com o avanço material, o homem cria melhores condições de bem estar, dando uma melhor qualidade de vida, de conforto, de saúde, de lazer.

Progredir intelectualmente é mais fácil pois o homem já nasce com o desejo de aprender, de crescer, de dominar, de ser feliz. Isso lhe ajuda muito em seu aprendizado, e ele traz sempre ao reencarnar neste Planeta a somatória das experiências adquiridas nas suas inúmeras existências, seja aqui ou em outro orbe.

Quando se fala de progresso moral, já não se pode falar de rapidez, mas sim, de lentidão, pois os Espíritos que habitam este planeta ainda estão em fase de aprendizado, voltados para as coisas e os prazeres materiais, ainda prevalecendo as duas chagas da Humanidade: o orgulho e o egoísmo.

De acordo com a evolução moral dos Espíritos encarnados, os conceitos vão se alterando para melhor. Aquele conceito de pecado e de castigo imposto há muito tempo, aos poucos vai sendo substituído pelo conceito da bondade infinita do Deus do amor e não mais aquela figura mitológica cruel e tirânica que nos foi trazido pelas religiões e em consequência somos um pouco mais felizes. Deus como fonte inesgotável de amor e que nos criou a todos com um maravilhoso destino já traçado: todos alcançarão um dia à perfeição.

“Não é o Espiritismo que cria a renovação social, é o amadurecimento da humanidade que faz de tal renovação uma necessidade. Pela sua potência moralizadora, por suas tendências progressivas, pela amplitude de suas vistas, pela generalidade das questões que abraça, o Espiritismo, mais que qualquer outra doutrina, está apto a secundar o movimento regenerador; por isso mesmo são contemporâneos. Ele veio no momento que podia ser mais útil, pois também para ele os tempos são chegados; mais cedo, teria encontrado obstáculos insuperáveis; teria sucumbido inevitavelmente, pois que os homens, satisfeitos com o que tinham, não experimentavam ainda a necessidade do que ele traz” (A Gênese, Allan Kardec, cap. XVIII, item 25).

Portanto, a Doutrina Espírita tem uma função muito importante no desenvolvimento do progresso moral das criaturas humanas. Ela amplia nossa visão da vida. Apresenta-nos dotados de livre arbítrio, o que nos permite evoluir pela aprendizagem que nossos erros nos proporcionam com nossa experiência nas diversas fases de nossas existências até atingirmos o conhecimento necessário para passarmos para a fase seguinte...

O Espiritismo fornece a nós os meios necessários para que possamos superar nossas próprias imperfeições e assim, caminhar com mais segurança na senda do progresso. Progredindo moralmente conseguiremos também participar com mais segurança no campo do progresso material, pois nossos atos acompanharão sempre a lógica do bom senso e do amor ao próximo. Com isso, nosso Planeta dará um salto gigantesco em seu progresso, e certamente as gerações do futuro verão um mundo muito melhor.

O Espiritismo não se destina apenas a abrir um campo diferente de pesquisas a Ciência, mas principalmente a marcar uma nova era na História da Humanidade, pela profunda revolução que provoca em seus pensamentos e em seus ideais, impulsionando-a para a sublimação espiritual, pela vivência do Evangelho.

“...o Espiritismo é uma extraordinária mensagem do Céu à Terra e faz-se necessário aquilatar-lhe o valor. Ainda existem multidões de Espíritos rebeldes, porém, a consciência terrena, em suas características gerais, está agora apta a receber; depois de tantos anos de lutas, o conhecimento espiritual que lhe fará desprezar os últimos resquícios de materialidade inconscientes, aprendendo a discernir os seus erros. Espalhando a boa nova da imortalidade, a doutrina de amor abrirá novos horizontes a esperança dos homens, conduzindo-os a aquisição do tesouro espiritual, reservado por Deus a todas as suas criaturas. Quando os homens compreenderem o sentido de suas magníficas lições, o vosso planeta terá atingido uma nova fase evolutiva e o Espiritismo terá concluído, entre vos, a sua sagrada e gloriosa missão”. (Emmanuel, pelo Espírito Emmanuel, psicografia de Francisco Cândido Xavier)

É nos ensinado na questão 801 de O Livro dos Espíritos que os Espíritos não puderam nos suprir de todos os conhecimentos desde todos os tempos o que é nos é dado conhecer hoje, pois não estávamos aptos para assimilar, assim como não ensinamos as crianças o que ensinamos aos adultos. Cada coisa deve vir ao seu tempo.

Os ensinamentos dados pelos amigos do plano espiritual na atualidade, mesmo que seja incompleto, preparam o terreno para receber a semente, que somente agora irá frutificar.

“Uma vez que o Espiritismo deve marcar um progresso na humanidade, por que os Espíritos não aceleram esse progresso com manifestações tão generalizadas e evidentes que convençam até os mais descrentes?

R. Quereis ver milagres; mas Deus espalha milagres a mãos cheias diante dos vossos olhos e, ainda assim, há homens que o renegam. Por acaso o próprio Cristo convenceu seus contemporâneos com os prodígios que realizou? Não vedes hoje homens negarem os fatos mais evidentes que se passam sob seus olhos? Não há os que dizem que não acreditariam mesmo se vissem? Não; não é por prodígios que Deus quer encaminhar os homens. Em sua bondade, quer deixar o mérito de se convencerem pela razão”. (LE 802) Não podemos negar importância que tem os fenômenos espíritas, seja pela comprovação que oferecem da existência do mundo espiritual, quer seja pela comprovação da imortalidade da alma; todavia, necessário convir, que o Espiritismo

começou a implantar-se no mundo, principalmente nas classes mais cultas e só depois de codificado, é que se revestiu de um corpo de doutrina.

Enquanto a influência do Espiritismo não atinge as massas – como bem observou Kardec, vai ele felicitando os que o compreendem. Mesmo os que nenhum fenômeno têm testemunhado, dizem: a parte desses fenômenos, há a filosofia, que me explica o que nenhuma outra me havia explicado. Nela encontro, unicamente por meio do raciocínio, uma solução racional para os problemas que no mais alto grau interessam ao meu futuro. Ela me dá calma, firmeza, confiança; livra-me do tormento da incerteza. Ao lado de tudo isso, secundária se torna a questão dos fatos materiais... Tomando por base a difusão extraordinária que alcançou em apenas um século de existência, século esse abalado e conturbado pelas mais terríveis guerras da História, é de se esperar que, muito em breve, venha o Espiritismo a tornar-se crença comum, ou melhor, um conhecimento universal, “porque o próprio Cristianismo é quem lhe abre o caminho e lhe serve de apoio”.

“A crença no Espiritismo ajuda a melhorar-se fixando as idéias sobre certos pontos do futuro. Ela apressa o adiantamento dos indivíduos e das massas, porque permite conhecer o que seremos um dia; é um ponto de apoio, uma luz que nos guia. O Espiritismo ensina a suportar as provas com paciência e resignação. Ele desvia os atos que podem retardar a felicidade futura e é assim que contribui para a felicidade, mas não diz que sem isso não se pode alcançá-la”. (LE, comentário ao item 982).

“Combatendo os vícios e estimulando o desenvolvimento das virtudes, o Espiritismo oferece condições para influir no progresso da humanidade”. (Roteiro. Francisco Cândido Xavier, pelo Espírito Emmanuel, cap. 38 - Missão do Espiritismo).

Emmanuel, em *“A Caminho da Luz, no Cap. XXV nos diz “que o Espiritismo, na sua missão de Consolador é o amparo do mundo neste século de declives da sua História; só ele pode, na sua feição de Cristianismo redivivo, salvar as religiões que se apagam entre os choques da força e da ambição, do egoísmo e do domínio, apontando ao homem os seus verdadeiros caminhos”.*

BIBLIOGRAFIA:

- Kardec, Allan - O Livro dos Espíritos. Questões 798 a 801
- Kardec, Allan - O Livro dos Espíritos. Comentário a questão 982
- Kardec, Allan - O Livro dos Espíritos. Conclusão, item V
- Kardec, Allan - O Que é Espiritismo - questões 139 a 141, 155 e 156;
- Kardec, Allan - A Gênese, Cap. XVIII, item 24 e 25
- Revista Espírita, de janeiro de 1860; Revista Espírita, de fevereiro de 1863;
- Revista Espírita, de setembro de 1866;
- Calligaris, Rodolfo, “As Leis Morais”, Cap. Influência do Espiritismo no Progresso da Humanidade
- Emmanuel (Espírito), “Roteiro”, Cap. 38, pelo médium Francisco Cândido Xavier
- Emmanuel (Espírito), “A Caminho da Luz”, Cap. XXV pelo médium Francisco C. Xavier
- Emmanuel, pelo Espírito Emmanuel, psicografia de Francisco Cândido Xavier
- EMMANUEL, Francisco Cândido Xavier - O Consolador, questões 54 a 65, 67 e 68;
- PIRES, José Herculano - Curso Dinâmico de Espiritismo, caps. I, V e XVII;
- PIRES, José Herculano - O Espírito e o Tempo – 3ª parte - cap. V;
- PIRES, José Herculano - Curso Dinâmico de Espiritismo- cap. V;

Parte B - AJUDA-TE QUE O CEU TE AJUDARÁ

Pedi, e dar-se-vos-a; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á. Porque todo o que pede, recebe; e o que busca, acha; e a quem bate, abrir-se-á. Ou qual de vós, por ventura, é o homem que, se seu filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra? Ou, porventura, se lhe pedir um peixe, lhe dará uma serpente? Pois se vos outros, sendo maus, sabeis dar boas dádivas a vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos Céus, dará boas dádivas aos que lhas pedirem? (Mateus, 7:7-1 1.)

“Segundo o modo de ver terreno, a máxima - Buscai e achareis, é semelhante a esta outra: Ajuda-te, e o céu te ajudará. É o princípio da lei do trabalho, e, por conseguinte, da lei do progresso. Porque o progresso é produto do trabalho, desde que é este que põe em ação as forças da inteligência”. (ESE, Cap 25, itens 1 a 5) É a esperança no meio das dificuldades pelas quais a alma passa neste planeta... É o consolo de uma vida melhor ante a decrepitude de nosso corpo físico. É a realização da justiça de Deus ante as injustiças humanas.

Na infância da humanidade, o homem não aplica sua inteligência senão a procura de alimentos, dos meios de se preservar das intempéries e de se defender dos seus predadores. Além do instinto meramente animal de

sobrevivência, porém, Deus deu ao homem o desejo incessante de progredir. É isso que o conduz as descobertas, as invenções e ao aperfeiçoamento da ciência - porque é a ciência que lhe proporciona o que lhe falta. Através das pesquisas, o homem expande sua inteligência e depura sua moral. As necessidades do corpo sucedem as necessidades do espírito; e assim o homem passa da selvageria à civilização.

A humanidade progride em virtude da preexistência da alma e suas sucessivas reencarnações. Ao voltar à vida material, cada Espírito vem com o progresso que realizou em existências anteriores; ao partir dela, leva o progresso que nela adquiriu. Em consequência, a humanidade passa gradualmente da barbárie à civilização material e desta à civilização moral.

Se Deus tivesse isentado o homem do trabalho do corpo, seus membros estariam atrofiados; se o tivesse isentado do trabalho da inteligência, seu espírito teria permanecido na infância, no estado de instinto animal. Ao fazer do trabalho uma necessidade, Deus quer que o homem seja filho de suas obras, delas tenha o mérito e seja recompensado segundo o que tiver feito.

Por essa razão, os Espíritos não poupam os homens do trabalho das pesquisas, do esforço das descobertas e do desafio das invenções. Eles mostram, sim, o fim que o homem deve atingir e o caminho que a ele conduz, oferecendo-lhe a força necessária se ele se dispuser a empregá-la como empenho pessoal.

Sob o ponto de vista moral, buscai e achareis significa: pedir a luz para clarear o caminho, a força para resistir ao mal e assistência e aconselhamento dos bons Espíritos. Se nos deixarmos dominar pela arrogância e pelo inconformismo, seremos abandonados às nossas próprias forças, como punição pelo nosso orgulho. Se, ao contrário, pedirmos com fé e humildade – isto é, confiantes em que a misericórdia divina nunca falta e reconhecendo que as dificuldades que enfrentamos são o resultado de nossas escolhas e decisões -, certamente acharemos o que procuramos, obteremos o que pedimos e as portas nos serão abertas. (Fonte: Allan Kardec, O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. XXV. Itens 1 a 5)

Narra-se que um sábio caminhava com os discípulos por uma estrada tortuosa, quando encontraram um homem piedoso que, ajoelhado, rogava a Deus que o auxiliasse a tirar o carro do atoleiro.

Todos olharam o devoto, sensibilizaram-se e prosseguiram.

Alguns quilômetros à frente, havia um outro homem que tinha, igualmente, o carro atolado num lodaçal. Esse, porém, esbravejava reclamando, mas tentava com todo o empenho liberar o veículo.

Comovido, o sábio propôs aos discípulos ajudá-lo.

Reuniram todas as forças e conseguiram retirar o transporte do atoleiro. Após os agradecimentos, o viajante se foi feliz.

Os aprendizes surpresos, indagaram ao mestre: Senhor, o primeiro homem orava, era piedoso e não o ajudamos. Este, que era rebelde e até praguejava, recebeu o nosso apoio. Por quê?

Sem perturbar-se, o nobre professor respondeu: Aquele que orava, aguardava que Deus viesse fazer a tarefa que a ele competia. O outro, embora desesperado por ignorância, empenhava-se, merecendo auxílio.

Muitos de nós costumamos agir como o primeiro viajante. Diante das dificuldades, que nos parecem insolúveis, acomodando-nos, esperando que Deus faça a parte que nos cabe para a solução do problema.

Nós podemos e devemos empregar esforços para melhorar a situação em que nos encontramos.

Há pessoas que desejam ver os obstáculos retirados do caminho por mãos invisíveis, esquecidas de que esses obstáculos, em sua maioria, foram ali colocados por nós mesmos, cabendo-nos agora, a responsabilidade de retirá-los.

Alguns se deixam cair no amolentamento, alegando que a situação está difícil e que não adianta lutar.

Outros não dispõem de perseverança, abandonando a luta após ligeiros esforços.

Com propriedade afirma a sabedoria popular que a pedra que rola não cria limo, sugerindo alteração de rota, movimento, dinamismo, realização.

Não basta pedir ajuda a Deus, é preciso buscar, conforme o ensino de Jesus: Buscai e achareis, batei e abri-vos-a.

Devemos, portanto, fazer a nossa parte que Deus nos ajudará no que não estiver ao nosso alcance resolver.

Seria ideal que, sem reclamar e pensando corretamente, fizéssemos esforços para retirar do atoleiro o carro da nossa existência, a fim de seguirmos adiante felizes, com coragem e disposição. Confiantes de que Deus sustentará as nossas forças para que possamos triunfar.

BIBLIOGRAFIA

Kardec, Allan, “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, Cap. XXV, itens 1 a 5)

21ª. Aula - O ESPIRITISMO NA EDUCAÇÃO DO HOMEM

Parte A - O EDUCADOR DA HUMANIDADE - JESUS

O Divino Mestre, ao cumprir a programação divina, é o Espírito mais evoluído que aqui passou, a ponto de mudar a história da humanidade. Não é à toa que mensuramos a cronologia histórica em A.C e D.C.

A Educação passa a não ser mais o ajustamento do homem aos moldes ditados pelos rabinos do Templo, mas o caminho das criaturas na direção de Deus, por meio de estímulos, das palavras e dos exemplos. A salvação passa a não mais se restringir aos privilegiados, apresentando-se como direitos de todos.

Jesus sabia que seus sublimes ensinamentos seriam deturpados com o passar dos séculos, e por essa razão vestiu-os com roupagem atraente das Parábolas. A cada uma das encantadoras histórias estavam contidos ensinamentos velados por comparações baseadas nos acontecimentos do cotidiano e com personagens conhecidas pelo povo daquela época.

Nelas estão os fundamentais ensinamentos como: Lei de Causa e Efeito, a imortalidade da alma, a necessidade das vidas sucessivas em conformidade com as necessidades de cada um, a bondade infinita de Deus atrelada com Justiça Divina, à importância dos homens valorizarem o Amor em seus corações. Revelaram a verdadeira vida e os meios para atingir a evolução espiritual tão necessária a todos nós, exemplificando o amor incondicional.

A pedagogia do Mestre Jesus é o amor, o amor que não se impõe e convida, não violenta, converte e transforma, e não pune o mal mas edifica o bem. Ao concentrar seus ensinamentos na transformação moral, na renovação interior das criaturas apresentou a educação voltada para o coração, porque a razão deveria evoluir naturalmente.

O Divino Mestre sabia em sua infinita sabedoria que a libertação dos homens aconteceria por meio da EDUCACAO MORAL, por ser ela a maior conquista do Espírito.

Parte B - PRECURSORES DA EDUCAÇÃO ESPÍRITA E EDUCADORES ESPÍRITAS

SÓCRATES (aprox. 469 a.C.- 399 a.C.)

Sócrates foi nomeado pela Pitonisa do Oráculo de Delfos, o homem mais sábio da Grécia. Vivendo num Horizonte Civilizado, no qual o mediunismo oracular apontava a necessidade do autoconhecimento, Sócrates resolveu questionar essa afirmação e procurou investigar consultando os homens mais sábios tentando obter o conceito de suas verdades. Os sofistas procuravam a verdade e percebiam que ela estava na perfeição das idéias, longe do mundo material e mutante. Sócrates foi além e percebeu, ao investigar a razão de ser considerado o mais sábio, que os homens de saber nada sabiam como ele próprio. Voltou-se para o povo e aplicou o mesmo método, a maiêutica que, através de perguntas, procurava extrair o conceito da palavra, descobrir a essência: “era uma espécie de parto espiritual” (1).



Essa busca pelo saber e pela virtude marcaram profundamente a trajetória de Sócrates. Seu diálogo com o mundo espiritual, através de freqüentes reflexões com seu “gênio”, hoje entendido como um Espírito familiar e mais evoluído que o orienta a partir do Horizonte Espiritual, eram constantes, não importando hora e local para o intercâmbio mediúnico respeitado por seus alunos.

Assim como o Mestre Jesus, suas aulas eram ao ar livre, extraíndo de seus alunos as verdades da alma, a individualidade formada em diversas reencarnações. Não tinha salário e meios físicos para educar, usava o diálogo e nada deixou escrito e foi seu aluno Platão quem apresentou e desenvolveu suas idéias sobre a imortalidade da alma, do intercâmbio com os Espíritos, do mundo perfeito das idéias representado no mito da caverna de Platão, hoje compreendido como a verdadeira vida, a vida espiritual, resgatada da forma mais clara possível na codificação da doutrina espírita por Allan Kardec.

A intervenção de Sócrates na sociedade grega provocou reações. Indignados, seus opositores encastelados no orgulho ferido da verdade nua e crua de suas ignorâncias, reveladas pela fina ironia socrática, resolveram processar e condenar Sócrates a beber o veneno libertador, sim libertador do mundo físico. E o gênio grego submeteu-se a lei dos homens, sem revolta, consciente que era imortal, que continuaria vivo.

COMÊNIO (1592 -1670)

Jan Amos Comenius (ou Komensky), checo, nasceu na Moravia, região da Europa central pertencente ao reino da Boêmia. Seus pais eram cristãos e adeptos dos Irmãos Morávios, uma facção surgida após a morte de Jan Huss. Órfão aos 12 anos, somente com 16 iniciou seus estudos. Com forte desejo de saber, percebeu a falta de método da escola, verdadeira câmara de tortura.



Convencido que a educação era a base da sociedade perfeita, lutou por uma reforma do ensino. Optou pela carreira eclesiástica, tomando-se o mais eminente representante dos Irmãos Morávios, chegando ao posto de bispo no final de sua vida. Na faculdade de teologia encontrou o meio adequado de desenvolver seus estudos sobre educação, entre os protestantes. Esteve em contato com o pensamento progressista de Bacon e com idéias pedagógicas de Ratke. Na Moravia dedicou-se ao magistério, empenhou-se em tornar agradável o ensino, recorreu à pedagogia sensorial, à atividade constante e ao exercício lúdico. Evitou o autoritarismo e só ensinou o que tinha efetiva aplicação. Aboliu os castigos corporais, dedicou-se paternalmente a seus alunos, concluindo que na arte de ensinar nada se consegue se não imitar a natureza.

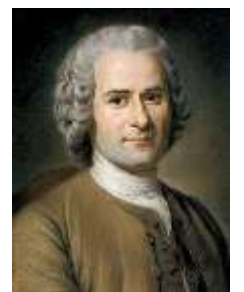
Participou ativamente da vida política, acabou exilando-se durante a guerra dos trinta anos e no esconderijo produziu vários textos, sendo o mais importante “O Labirinto do Mundo e o Paraíso do Coração”, um clássico que sugeria a experiência mística; o encontro com o divino através do recolhimento interior.

Asilou-se na Polônia. Concluiu sua obra pedagógica “Didática Checa” e o “Guia da Escola Materna”, valorizando o papel das mães e amas no processo pedagógico. Com “Porta aberta das Línguas”, em 1631, projetou-se no cenário internacional como pedagogo. Iniciador da pedagogia moderna, defendeu a educação para todos, homens e mulheres, pobres e ricos, normais ou deficientes, a aprendizagem global, partindo do interesse e da observação. Sugeriu que as escolas deveriam ensinar mais arte. Ensinar tudo com poucas palavras: o aluno não é mero espectador e sim participante ativo. Publicou suas idéias e práticas pedagógicas na “Didactica Magna”. Ciência e religião uniram-se em Comênio, a “ciência universal”. Editou uma enciclopédia infantil onde procurava ensinar tudo por meio de gravuras.

No final de sua vida procurou reformar a humanidade e publicou uma série de documentos para esse fim, entre eles “Pampaedia”, reservada para a promoção da iluminação geral, a educação permanente, inclusive na idade adulta. Comênio queria que o planeta fosse uma grande escola para que as pessoas estudassem da infância até a morte, a fim de desenvolverem suas potencialidades com vistas à eternidade. Em 1670 adoeceu gravemente e desencarnou em 15 de Novembro. Foi um grande e inovador educador, CRIADOR DE UMA NOVA DIDÁTICA.

JEAN JACQUES ROUSSEAU (1712 - 1778)

Jean Jacques Rousseau nasceu em Genebra, na Suíça, em 28 de junho de 1712, filho de Isaac Rousseau, relojoeiro de profissão. Sua mãe, Suzanne Bernard, filha de um pastor, faleceu poucos dias depois de seu nascimento. Acredita-se que o falecimento de sua progenitora em consequência do seu parto tenha marcado Rousseau desde criança.



Seu pai sempre dependeu do que ganhava para o sustento de seus 16 filhos. Rousseau não teve uma educação regular, a não ser por curtos períodos, não tendo freqüentado universidade alguma. Lia para seu pai os livros deixados por sua mãe e pelo seu avô materno, enquanto ele trabalhava em casa nos misteres de relojoeiro. No ano de 1722 seu pai é obrigado a deixar Genebra, por um desentendimento com um cidadão de certa influência, para não ser preso injustamente. Após o ocorrido seu tio logo envia Rousseau junto com seu primo, para serem educados no campo, na residência de um pastor protestante, em Bossey, lugarejo próximo a Genebra, onde ambos estudaram latim e outras disciplinas. Chega em Paris no outono europeu de 1741, valendo-se das cartas de apresentação. Encontra alunos de música, conseguindo rendimentos para sobreviver. De relacionamentos em relacionamentos chega a Academia, onde expõe seu sistema de notações musicais, mas os membros da Academia não aprovam o seu trabalho. Tomou-se amigo de Denis Diderot, jovem filósofo que exerceria profunda influência sobre Rousseau.

Foi um dos mais respeitados pensadores europeus no séc. XVIII. Sua obra inspirou reformas políticas e educacionais. Fez parte do movimento do ILUMINISMO.

Em sua obra *Émile*, que é um tratado de educação, ele apresenta o cidadão ideal, os meios de treinar a criança para o Estado, de acordo com a natureza, inclusive valorizando o sentido de Deus. Seus pressupostos básicos educacionais eram a crença na bondade natural do homem e a atribuição a civilização da responsabilidade pela origem do mal. Ou seja, “A EDUCAÇÃO DO HOMEM COMEÇA NO SEU NASCIMENTO, ANTES DE FALAR, ANTES DE ESCUTAR ELA JÁ SE INSTRUI”. Por sinal manifesta na liberdade natural, ou seja, pelo instinto positivo no ser infantil, que ainda não atualizou sua racionalidade e por essa razão está mais próximo da origem divina.

Rousseau trouxe o marco inicial de uma reforma da Educação no Ocidente.

Os objetivos da educação para Rousseau possuem dois aspectos: o desenvolvimento das potencialidades naturais da criança e o seu afastamento dos males sociais. Publicou o livro *CONTRATO SOCIAL*, um importante trabalho de filosofia política. Faleceu em Ermenonville, nordeste de Paris-França, em 2 de julho de 1778.

PESTALOZZI (1746 - 1827)

Em 12 de Janeiro de 1746 nasceu em Zurique Johann Heinrich Pestalozzi. Aos 5 anos morreu seu pai, passando sua mãe e a governanta da casa a ter um papel fundamental no desenvolvimento de seus sentimentos amorosos para como próximo.

Na universidade estudou filosofia e lingüística, e politicamente tomou-se membro da Sociedade Helvética com propostas de reformas sociais. Com profundo sentimento de amor ao próximo, revelou sua preocupação com os pobres e oprimidos. Após seu casamento resolveu trabalhar no campo, na fazenda Neuhof, palco de seus primeiros ensaios na educação transformando a fazenda num instituto para os pobres, unindo trabalho e educação.



Com a falência do instituto tomou-se escritor revelando suas preocupações sociais, criticou a religião formal, afirmando a necessidade de despertar a religiosidade e o processo de autoconstrução do ser moral, “obra autônoma do próprio indivíduo”.(1)

Em 1789, as idéias da Sociedade Helvética transformaram-se na revolução Suíça com apoio da França. A vitória deixou um rastro de sofrimento, muitas crianças perderam seus pais e na cidade de Stans, Pestalozzi resolveu ajudar os órfãos da guerra e as crianças exploradas e maltratadas pelos próprios pais, abdicando dos cargos burocráticos do grupo vencedor. Criou o Instituto de Stans, assumiu praticamente sozinho a educação de quase 80 crianças pobres e abandonadas, com doenças e comportamentos difíceis no contexto social da época.

Tornou-se o “mestre-escola” e nessa loucura social começa a desenvolver seu método a partir da prática, da observação. Toma como base a educação moral. “Pestalozzi se mostra por inteiro, extravasa todos seus sentimentos, começa a dar forma a todas as suas intuições”.(2)

Em Junho de 1799, o Instituto de Stans foi dissolvido para dar alojamento para as tropas francesas, contra a vontade de Pestalozzi, confiante na fatalidade da perfeição presente em cada filho do Deus justo e perfeito. Sua experiência em Stans reafirmou o conceito de divindade interior que deveria ser despertada pela educação integral, na atitude materna e cristã para com seus alunos, na percepção e no exercício moral, e na linguagem e na verbalização dessa moral: o amor pedagógico, enfatizado através da trilogia, cabeça, mão e coração visando o desenvolvimento harmônico e integral de todas as potencialidades do ser, “princípio do equilíbrio das potencialidades”.

Esse equilíbrio somente seria conseguido com o fio condutor do amor, único acesso possível a divindade interior do ser. Em outras palavras a Educação deve ser orgânica, intelectual e moral, isto é, educar o coração pelo amor, a cabeça pela razão e as mãos pela prática do Bem.

“Depende de uma espécie de clima espiritual positivo, manifestado em forma de benevolência, entusiasmo e compreensão, que, circundando a criança, faça vir à tona sentimentos de reciprocidade”.(3)

Em 1799 abriu seu instituto de ensino no Castelo de Burgdorf, uma escola e seminário de professores, fechado em 1804 e reaberto em Yverdon (ou Yverdun). Até 1825 viu coroar-se de êxito os seus métodos revolucionários. O regime no Castelo Yverdon é de internato para crianças suíças e estrangeiras, entre elas o menino Francês Rivail. Em 1815, com 11 anos, Hippolyte Léon Denizard Rivail, acompanhado de sua mãe, é internado para formar-se na arte do ensino. Em 1825, Pestalozzi renuncia ao Instituto e adocece. Morre em 17 de Fevereiro de 1827.

DENIZARD RIVAIL (ALLAN KARDEC) (1804 - 1869)

Hippolyte Léon Denizard Rivail nasceu em 3 de Outubro de 1804, em Lyon, França. O futuro codificador do espiritismo (sob pseudônimo de Allan Kardec) a partir dos 11 anos freqüentou o famoso Instituto de Educação Pestalozzi em Yverdon (Suíça). Rivail tinha um alto espírito de observação, cativou a simpatia e admiração do velho professor e tomou-se seu colaborador.



Com 14 anos Rivail abriu cursos para ensinar o que aprendia, nos momentos de descanso, desdobrando a lição de fraternidade, de amor ao próximo, exemplificados por Pestalozzi.

Em Paris, Rivail criou o primeiro instituto no gênero de Yverdon.

Em 1824 publicou seu primeiro livro, com 19 anos, dedicado ao método de Pestalozzi, e o ensino da aritmética, obra de cunho pedagógico com recomendações aos educadores e mães, porque considerou serem elas as primeiras mestras de seus filhos, uma importante diretriz de Pestalozzi.

Rivail lecionava e escrevia sobre educação, e com suas obras tomou-se uma figura popular, querida e elogiada. Em 1828 publicou o “Plano para a melhoria da educação pública”, em 1831 a “Gramática Francesa Clássica”, além de colaborações e artigos em jornais e revistas.

Em 1835 seu “Instituto Técnico” foi encerrado e numa sucessão de acidentes financeiros foi obrigado a procurar emprego como contabilista, reservando as horas de descanso na organização de novos trabalhos pedagógicos, traduções e preparação de cursos além de aulas gratuitas de ciências na própria residência.

Para facilitar a vida do estudante, inventou habilidoso método para ensinar e contar, e um quadro mnemônico da história da França. Produziu diversos livros com intrínseco valor prático. O conceito do povo francês a seu respeito chegou ao ponto de considerá-lo mestre da pedagogia moderna. Lecionou química, matemática, astronomia, física, fisiologia, retórica, anatomia comparada e francês.

A segunda fase, marcante na vida de Rivail, iniciou na América, com as irmãs Fox, no final da metade do século XIX, e logo a Europa começou a assistir o fenômeno das mesas girantes. Rivail estudava o magnetismo desde 1823 e a princípio reservou o fenômeno aos mistérios dessa força magnética, mas quando percebeu as mesas respondendo perguntas desconfiou haver aí uma nova lei e iniciou seus estudos que culminaram na codificação espírita. Adotou o nome de Allan Kardec para não influenciar sua reputação de educador.

Em “Obras Póstumas” ao definir as diretrizes do Credo Espírita revelou o valor da educação diante da questão social. Fiel aos princípios estabelecidos por Pestalozzi, Kardec observou que o ponto de partida para a solução dos problemas sociais estava no “melhoramento moral dos indivíduos e das massas”, “aí esta o princípio, a verdadeira chave da felicidade humana”.

Seu amor incondicional ao próximo estava sintetizado na conclusão “é pela educação, mais ainda do que pela instrução, que se transformará a humanidade”.

Por sinal, o Livro dos Espíritos define, na pergunta 685-A, a Educação, da seguinte forma: “a educação consiste na arte de formar caracteres, aquela que cria os hábitos, porque a educação moral é um conjunto de hábitos adquiridos.”

EURÍPEDES BARSANULFO (1880 - 1918)

Nasceu e faleceu na cidade mineira de Sacramento. Com inteligência precoce, dedicado ao estudo e trabalho, formou-se nos colégios mineiros e, embora não tenha cursado universidade, era autodidata, com aptidões que revelaram um passado espiritual de grande bagagem cultural e moral aprimorada. O amor ao próximo exemplificou dentro e fora das salas de aula numa vida verdadeiramente cristã.



Seu ideal, seu passatempo, sua atividade era ajudar o semelhante, contando também com recursos mediúnicos de cura, audiência, clarividência, psicografia, curava obsessões doutrinando Espíritos endurecidos. Ensinou na primeira escola espírita que se tem notícia, fundada por ele e seu grupo espírita “Esperança e Caridade” em 1907.

O Colégio Allan Kardec inovou a pedagogia numa época de recursos tão precários; adotou classes mistas, aboliu os castigos, agregou o teatro, aboliu as notas, deu aulas de filosofia espírita e história das religiões. Praticava a caridade motivando seus alunos a seguir seu exemplo e reproduzindo assim as diretrizes de Pestalozzi. Provocava o debate entre os alunos tornando o ensino estimulante, ativo. Sua moral elevada permitia, nos

momentos de dificuldade, que recebesse a força dos Espíritos da mais alta hierarquia espiritual, tendo sido relatado seu encontro com o Espírito de Jesus. Na cura contava com a equipe espiritual do Dr. Bezerra de Menezes.

A cidade de Sacramento recebia caravanas de necessitados, proliferando hotéis e pensões. Defendia o espiritismo e tomou-se famosa a polêmica travada em praça pública, diante de 2000 pessoas, com um padre católico, sendo Eurípedes carregado em triunfo pelas ruas da cidade. Foi à encarnação do verdadeiro espírita, distribuindo seu amor incondicional, e desencarnou aos 38 anos, vítima da gripe espanhola e recebendo da imprensa mineira o título de “Apostolo do Triângulo Mineiro”.

ANÁLIA FRANCO (1856 - 1919)

Anália Emília Franco nasceu no Rio de Janeiro e aos 5 anos foi para São Paulo. Aos 12 já ajudava sua mãe a lecionar. Tornou-se professora e destacou-se na pedagogia e no carinho pelos alunos. Na cidade de São Paulo fundou um colégio. Em Taubaté, interior paulista, iniciou no jornalismo escrevendo para dois periódicos.



Em 1901 inaugurou a “Associação Feminina Benfícete e Instrutiva do Estado de São Paulo”, com as primeiras escolas maternas, destinadas a amparar, instruir e educar crianças pobres e indigentes da capital paulista, sob sua presidência até 1919, e tomando-se verdadeiro apostolado. Mesmo sendo espírita, não deu esse caráter à obra, revelou-se extremamente liberal e tolerante, a fim de erradicar o analfabetismo, combater a miséria e a ignorância. Assim, reuniu senhoras inteligentes e de boa vontade para com o próximo.

Afirmava: “conceber o bem não basta; é preciso fazê-lo frutificar”. Após 6 anos da fundação já mantinha 22 escolas maternas e 2 noturnas, mais 5 maternas no interior, totalizando 2000 crianças pobres sob seus cuidados. Suas professoras trabalhavam gratuitamente, e assim mesmo Anália e sua associação foi duramente perseguida pela igreja católica por ser espírita.

Em 1903 criou a revista da associação, o asilo e creche, cujo exemplo espalhou-se por várias cidades e estados, a fim de amparar viúvas, mães abandonadas e seus filhos, órfãos, etc. Implantou oficinas de tipografia, costura, flores artificiais e de chapéus, além de aulas de música, de escrituração mercantil etc. Sua revista chamava-se “A Voz Materna” e chegou a uma tiragem de 6000 exemplares. Publicou para seus alunos o “Manual Educativo”. Criou um albergue diurno para os filhos das trabalhadoras, implantou uma biblioteca escola, e fundou uma escola noturna de alfabetização de adultos.

No bairro da Mooca comprou uma fazenda e instalou uma Colônia regeneradora “D. Romualdo” para mulheres arrependidas. As instituições criadas por Anália chegaram ao número de 70 até o início da primeira guerra mundial, quando lutou intensamente para a fome não bater nas portas da instituição. Fundou a Ronda da Caridade para levantar fundos e usou a banda feminina “Operárias do Bem” mais o grupo dramático, visitando várias cidades para levantar fundos.

Em 1918 surge à pandemia da “gripe espanhola” e grande mortandade ocorre em São Paulo. Combateu a gripe com água fluidificada, passes e chás caseiros e todas suas doentes foram salvas.

O asilo transformou-se em hospital e com poucos recursos venceu a gripe, mas em Janeiro desencarna. Sobre sua aparência, vivia muito simples no trajar, afirmando que o valor da mulher “não se afere pela beleza aparente e atrativos exteriores, mas, sim, pelos grandes ideais que lhe enchem o cérebro e pelos nobres sentimentos que lhe impulsionam o coração”. Recebeu o cognome “Anjo da Caridade”.

EDGARD ARMOND (1894 -1982)

Nasceu em Guaratinguetá, São Paulo, onde iniciou seus estudos.

Em 1914, com a Primeira Guerra Mundial, iniciou sua carreira militar, cursou a escola de oficiais, chegando ao comando. Participou dos movimentos militares de 22 e 24 e na revolução de 30 lecionou no curso de aperfeiçoamento. Um acidente em 38 marca o início do seu afastamento da vida militar e engajamento no movimento espírita.



Sua atenção por espiritualismo começou em 1910 quando iniciou seus estudos sobre religiões, a conversão ao espiritismo foi efetivada em 39 ao ser convidado para colaborar com a Casa dos Espíritas. Nesse ano aconteceu a fusão de várias entidades do movimento espírita, entre elas a

FEESP e Armond tomou-se o secretário geral da Casa. O Conselho Deliberativo da FEESP foi criado em 41, por indicação de Armond. Seu devotamento a causa espírita foi louvável e fator determinante para tomar a FEESP expressiva no movimento.

Em 1944 participou do lançamento do periódico “O Semeador”, publicando 425 artigos de sua autoria até 1972. Em 1947 fundou a União Social Espírita (USE), e em 1950 criou as Escolas de Aprendizes do Evangelho. Com 73 anos, em 1967, solicitou o afastamento definitivo da FEESP. Prestou incalculáveis serviços a Federação, metódico, enérgico, trabalhador, inteligente, e alto espírito de liderança, que garantiram a estabilidade da FEESP e o bom funcionamento de todos os setores. Mesmo afastado do trabalho diário, continuou colaborando com a FEESP e numa reunião em sua casa, em 1973, participou da fundação da Aliança Espírita Evangélica. Em 1980 assessorou a formação do setor III da Fraternidade dos Discípulos de Jesus.

Os alunos da FEESP, após aprenderem a base da doutrina espírita, encontraram nos cursos fundados por Armond, a possibilidade de aperfeiçoamento moral e meios de atuar entre os necessitados.

Trabalho e reforma moral entusiasmarão milhares de pessoas, e Armond também criou a Escola de Educação Mediúnica, atendendo integralmente as recomendações de Allan Kardec em “Obras Póstumas”, Segunda parte: Ensino Espírita. “Sou um aluno da 6ª turma, 1960, da FEESP. Falar do Comandante Edgard Armond é trazer, da mente, lembranças de um grande homem; o verdadeiro espírita, homem firme nas suas convicções, achava que a evangelização do aluno era fundamental, e dependia muito do próprio aluno. Seguiu fielmente e com muita energia os livros básicos da doutrina”. (Depoimento do Médiun Martin Meyado Papaleio, 80 anos, em 2009).

BIBLIOGRAFIA

- Na EDUCAÇÃO, item 24, Jesus e suas Parábolas de Pedro de Camargo (Vinicius)
 Incontri, Dora. “A EDUCAÇÃO SEGUNDO O ESPIRITISMO”.
 Vinicius, Pedro de Camargo. “O MESTRE NA EDUCAÇÃO”. Toda a obra
 Xavier, Francisco C. “RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS” pelo Espírito Emmanuel (item Jesus e atualidade)
 Xavier, Francisco C. “O CONSOLADOR” pelo Espírito Emmanuel (itens: 282, 283, 285 a 289, 302, 306, 314, 316, 317, 342 a 344, 346 a 348, 351, 361)
 Pires, José Herculano “OS FILÓSOFOS”
 Kardec, Allan “O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO” trad. J. H. Pires
 Covello, Sergio Carlos “Comênus - A Construção da Pedagogia
 Incontri, Dora “Pestalozzi Educação e Ética” Ed.I
 Wantuil, Zeus. “Grandes Espíritas do Brasil”
 Kardec, Allan. “Obras Póstumas” trad. de João Teixeira de Paulo
 Novelino, Corina. “Eurípedes o Homem e a Missão”
 Armond, Ismael “Edgard Armond, meu Pai”
 Armond, Ismael “Edgard Armond: um Trabalhador na Seara Espírita”

22ª Aula - BREVES HISTÓRIAS DO LIVRO OBRAS PÓSTUMAS E REVISTA ESPÍRITA

Pelo ano de 1855, Allan Kardec inicia seus trabalhos a observações sobre fenômenos espíritas. Entrevi as relações do mundo visível com o mundo invisível e reconheceu suas forças seu dilema e seu valor. Assim começou o seu trabalho que resultou nas seguintes obras:

1. O Livro dos Espíritos (Abril/1857).
2. O livro dos Médiuns (Janeiro/1861).
3. O Evangelho Segundo o Espiritismo (Abril/1864).
4. O Céu e o Inferno (Agosto/1865).
5. A Gênese (Janeiro/1868).
6. A Revista Espírita (Janeiro/1858 a Junho/1869).

Trabalhador infatigável, sempre o primeiro a tomar a obra e o último a deixá-la, Allan Kardec sucumbiu, a 31 de março de 1869, quando se preparava para uma mudança de local, imposta pela extensão considerável de suas múltiplas tarefas. Diversas obras que ele estava quase a terminar, ou que aguardavam oportunidade para vir a lume, demonstrarão um dia, ainda mais, a extensão e o poder das suas concepções.

Morreu trabalhando, sofria a longos anos de uma enfermidade no coração e desta maneira o mundo se viu órfão de um dos maiores pensadores que a Terra já presenciou.

O Livro Obras Póstumas apresenta uma biografia de Allan Kardec e uma sinopse do seu trabalho. Este livro inicia-se com um discurso de Camille Flammarion junto ao túmulo de Allan Kardec traçando num esboço rápido as linhas principais da sua carreira literária.

Logo em seguida o livro é dividido em duas partes, a primeira apresentando a tríade Deus, A Alma e a Criação, as manifestações dos Espíritos, caráter e conseqüências religiosas das manifestações dos Espíritos, controvérsias sobre a idéia da existência de seres interplanetários entre o homem e Deus, causa e natureza da clarividência sonambúlica, conhecimento do futuro, estudo sobre a natureza do Cristo.

As alternativas da humanidade, a morte espiritual, a vida futura e uma ligeira resposta aos detratores do Espiritismo. A segunda parte já apresenta um resumo do seu trabalho, desde a iniciação no Espiritismo, os livros da codificação a missão o futuro do Espiritismo e os princípios fundamentais da doutrina Espírita, reconhecidos como verdade inabalável.

Um exemplo do livro Obras Póstumas é a história: a música celeste, segue texto abaixo: Um dia, numa das reuniões da família, o pai lera uma passagem de O Livro dos Espíritos, concernente a musica celeste. Uma de suas filhas, boa musicista, dizia a si mesma: Mas não ha música no mundo invisível; isso lhe parecia impossível, todavia, não deu a conhecer o seu pensamento. A noite, ela mesma escreveu, espontaneamente, a comunicação seguinte:

“Esta manhã, minha filha, teu pai te leu uma passagem de O Livro dos Espíritos; tratava-se de música, tu aprendeste que a do céu é muito mais bela do que a da Terra, os Espíritos a acham muito superior a vossa. Tudo isto e a verdade; entretanto, te dizias a parte e a ti mesma: Como Bellini poderia vir me dar conselhos e ouvir a minha música? Provavelmente, foi algum Espírito leviano e farsante. (Alusão aos conselhos que o Espírito de Bellini lhe dava, às vezes, sobre a música.) Tu te enganas, minha filha, quando os Espíritos tomam um encarnado sob a sua proteção, seu objetivo é fazê-lo avançar.

“Assim, Bellini não acha mais a sua música bela, porque não pode compará-la a do espaço, mas ele vê a tua aplicação e o teu amor por essa arte, se te dá conselhos é por satisfação sincera; deseja que teu professor seja recompensado por todo o seu trabalho; mesmo achando teu divertimento muito infantil, diante das sublimes harmonias do mundo invisível, aprecia teu talento que se pode chamar grande sobre essa Terra. Crede-o, minha filha, o som de vossos instrumentos, vossa mais bela voz, não poderiam vos dar a mais fraca idéia da música celeste e de sua suave harmonia.”

Alguns instantes depois, a jovem disse: “Papai, papai, eu adormeço, eu caio...” Logo abateu-se sobre uma poltrona exclamando: “Ó! papai, papai, que música deliciosa!... Desperte-me, porque para lá me vou.”

Os assistentes, assustados, não sabendo como despertá-la, ela disse: “Água, água.” Com efeito, algumas gotas lançadas sobre o seu rosto produziram um pronto resultado; de início aturdida, retornou lentamente a si, sem ter a menor consciência do que se passara.

Na mesma noite, estando o pai só, obteve a explicação seguinte do Espírito de São Luis: “Quando lias, para a tua filha, a passagem de O Livro dos Espíritos tratando da musica celeste, ela estava na duvida; não compreendia que a música pudesse existir no mundo espiritual. Eis porque, esta noite, eu lhe disse a verdade; isso não podendo persuadi-la, Deus permitiu, para convencê-la, que lhe fosse enviado um sono sonambúlico. Então, seu Espírito, se desligando de seu corpo adormecido, lançou-se no espaço e foi admitido nas regiões etéreas, seu êxtase era produzido pela impressão da harmonia celeste; também ela exclamou: “Que música! Que música!” mas sentindo-se cada vez mais transportada nas regiões elevadas do mundo espiritual, pediu para ser despertada, tendo indicado o meio para isso, quer dizer, com água.

“Tudo se faz pela vontade de Deus. O Espírito de tua filha não duvidara mais; embora não tenha, estando desperta, conservado a memória nítida do que se passou, seu Espírito sabe no que ater-se.

“Agradecei a Deus pelos favores com os quais cumula essa criança; agradecei-lhe por dignar-se, cada vez mais, vos fazer conhecer a sua onipotência e a sua bondade. Que suas bênçãos se derramem sobre vós e sobre esse médium feliz entre mil!”

Nota. Perguntar-se-á, talvez, que convicção pode resultar para essa jovem daquilo que ouviu, se disso não se lembra mais. Se, no estado de vigília, os detalhes se apagaram de sua memória, o Espírito se lembra; resta nele uma intuição que modifica os seus pensamentos; em lugar de fazer oposição, aceitara sem dificuldade às

explicações que lhe serão dadas porque as compreendera, e, intuitivamente, as achara de acordo com o seu sentimento íntimo.

O que se passou aqui, por um fato isolado, no espaço de alguns minutos, durante a curta excursão que o Espírito da jovem fez no mundo espiritual, e análogo ao que ocorre de uma existência a outra quando o Espírito, que se encarna, possui luzes sobre um assunto qualquer; ele se apropria, sem dificuldade, de todas as idéias que se relacionam com esse assunto, se bem que não se lembre, como homem, da maneira pela qual as adquiriu. As idéias, ao contrario, para as quais não está maduro, entram com dificuldade em seu cérebro.

Assim se explica a facilidade com que certas pessoas assimilam as idéias espíritas. Essa idéias não fazem senão despertar nelas as que já possuíam; são espíritas de nascimento como outras são poetas, músicos ou matemáticos. Elas compreendem da primeira palavra, e não tem necessidade de fatos materiais para se convencerem. Incontestavelmente, e um sinal de adiantamento moral e do principio espiritual.

Na comunicação acima esta dito: “Agradecei a Deus pelos favores com os quais cumula essa criança; que suas bênçãos se derramem sobre este médium, feliz entre mil.” Estas palavras pareceriam indicar um favor, uma preferência, um privilegio, ao passo que o Espiritismo nos ensina que Deus, sendo soberanamente justo, nenhuma de suas criaturas e privilegiada, e que não facilita mais o caminho a uns do que aos outros. Sem nenhuma dúvida, o mesmo caminho esta aberto a todo o mundo, mas nem todos o percorrem com a mesma rapidez: e com o mesmo fruto; nem todos aproveitarão igualmente as instruções que recebem. O Espírito dessa criança, embora jovem como encarnada, sem dúvida, já viveu muito, e certamente progrediu.

Os bons Espíritos, encontrando-a então dócil aos seus ensinamentos, se alegram em instruí-la, como faz o professor com o aluno em que encontra felizes disposições; é a esse título que é médium feliz entre muitos outros que, por seu adiantamento moral, não tiram nenhum fruto de sua mediunidade. Não há, pois, neste caso, nem favor, nem privilegio, mas sim uma recompensa; se o Espírito cessasse de ser digno dela, logo seria abandonada por seus bons guias, para ver acorrer, ao seu redor, uma multidão de maus Espíritos.

O êxito do Livro dos Espíritos ultrapassara todas as expectativas. Allan Kardec recebia de todos os lados relatórios de extraordinários fatos espíritas, cartas interrogando sobre esse e aquele ponto de doutrina, visitas inesperadas de pessoas com dúvidas e pedindo esclarecimentos maiores, ao mesmo passo que recortes de jornais contra o Espiritismo.

Nesta época só existiam duas revistas em francês que atendiam ao público espírita, o “Journal de l’âme” de Genebra e nos Estados Unidos o jornal francês “Le Spiritualiste de La Nouvelle-Orléans” e dezessete jornais na língua inglesa, consagrados a esses assuntos.

Apesar de faltar tempo ao codificador da Doutrina Espírita, ele percebeu a necessidade de um periódico mais abrangente que pudesse atender ao público interessado sobre o assunto. Nasce em 1 de Janeiro de 1858 a Revista Espírita e superando todas as expectativas com as suas 36 páginas toma-se uma das revistas mais procuradas do Velho Continente.

Kardec frequentemente aproveitava as notícias da imprensa diária, mesmo as que não tivessem relação alguma com o Espiritismo, para comentá-las sob o ângulo espírita, e, quando necessário, realizava a evocação de Espíritos que lançassem luz sobre diferentes aspectos dos fatos apresentados. Os jornais, dizia ele, estão cheios de casos de todos os gêneros, louváveis ou censuráveis, que podem oferecer assunto para estudos morais sérios, são para os espíritas mina inesgotável de observações e instruções.

Inúmeras manifestações físicas espontâneas, ruídos, pancadas, arremesso de projéteis de natureza diversa, deslocamento e quebra de objetos, estrondos, etc., etc., tudo devidamente comprovado, sem que ninguém descobrisse o autor ou os autores visíveis, nem mesmo com a vigilância ativa da policia, narradas pela imprensa francesa e de outros países, foram transcritas por Allan Kardec na Revista Espírita, dele recebendo explicações e esclarecimentos que lhes tiravam todo o caráter de sobrenaturais.

Embora lhe fosse pesada a tarefa, Allan Kardec dirigiu a Revista Espírita durante onze anos e pouco, por ela se responsabilizando sozinho, sem entraves de nenhuma vontade estranha. Enfrentou incessantemente as mais ásperas lutas, as mais violentas tempestades, a fim de deixar aos continuadores de sua querida revista um campo de trabalho menos árduo e de horizontes mais bem definidos.

De certa forma, pode-se dizer, com o próprio Kardec, que a “Revue Spirite” é, nos seus primeiros dez anos, ‘o complemento e o desenvolvimento’ da obra doutrinária por ele encetada em 1857, e tanto isso é verdade que

nos livros da Codificação se deparam trechos inteiros e até mesmo capítulos anteriormente publicados na revista, que a partir de 1913 tomaria o nome de “La Revue Spirite”.

Centenas de colaboradores, de varias nações, entre encarnados e desencarnados, entre sábios e eruditos, entre criaturas do povo e de elevada posição social, entre cientistas, filósofos e literatos, entre espíritas e não espíritas, levantaram, com Kardec e apos Kardec, a admirável pirâmide de mais de cem volumes da “Revue Spirite”, pirâmide que encerra a força e a beleza indescritíveis do Espiritismo, nos seus três aspectos: ciência, filosofia e religião.

Um exemplo prático da Revista Espírita de outubro de 1867 explica os médicos médiuns:

A Sra. Condessa de Clérambert, da qual falamos no artigo anterior, oferecia uma das variedades da faculdade de curar, que se apresenta sob uma infinidade de aspectos e de nuances, apropriadas as aptidões especiais de cada indivíduo. Em nossa opinião, era o tipo do que poderia ser entre muitos médicos, de que muitos poderão ser, sem dúvida, quando entrarem na via da espiritualidade, que lhes abre o Espiritismo, porque muitos verão desenvolver-se em si faculdades intuitivas, que lhes serão um precioso auxílio na prática.

Dissemos, e repetimo-lo, seria um erro crer que a mediunidade curadora venha destronar a medicina e os médicos. Ela vem lhes abrir uma nova via, mostrar-lhes, na natureza, recursos e forças que ignoravam e com as quais podem beneficiar a ciência e os doentes, numa palavra, provar-lhes que não sabem tudo, desde que há pessoas que, fora da ciência oficial, conseguem o que eles mesmos não conseguem. Assim, não temos a menor dúvida de que um dia haja médicos-médiuns, como há médiuns-médicos que, a ciência adquirida, juntarão o dom de faculdades mediúnicas especiais.

Apenas como essas faculdades só tem valor efetivo pela assistência dos Espíritos, que podem paralisar os seus efeitos pela retirada de seu concurso, que frustram à sua vontade os cálculos do orgulho e da cupidez, é evidente que não prestarão sua assistência aos que os renegarem e entenderem servir-se deles secretamente, em proveito de sua própria reputação e de sua fortuna. Como Espíritos trabalham para a humanidade e não vêm para servir a interesses egoístas individuais; como, em tudo o que fazem, agem em vista da propagação das doutrinas novas, são-lhes necessários soldados corajosos e devotados, e nada tem que fazer com poltrões, que tem medo da sombra da verdade. Assim, secundarão os que, sem resistência e sem premeditação, colocarem suas aptidões ao serviço da causa que se esforçam por fazer prevalecer.

O desinteresse material, que é um dos atributos essenciais da mediunidade curadora, será, também, uma das condições da medicina mediúnica? Então, como conciliar as exigências da profissão com uma abnegação absoluta? Isto requer algumas explicações, porque a posição não é a mesma.

A faculdade do médium curador nada lhe custou. Não lhe exigiu estudo, nem trabalho, nem despesas. Recebeu-a gratuitamente, para o bem dos outros, e deve usá-la gratuitamente. Como antes de tudo é preciso viver, se, por si mesmo, não tem recursos que o tomem independente, deve achar os seus meios no seu trabalho ordinário, como o teria feito antes de conhecer a mediunidade. Não dá ao exercício de sua faculdade senão o tempo que lhe pode consagrar materialmente. Se tira esse tempo de seu repouso e se emprega em tomar-se útil aos seus semelhantes o que teria consagrado a distrações mundanas, e o verdadeiro devotamento, e nisto só tem mais mérito. Os Espíritos não pedem mais e não exigem nenhum sacrifício desarrazoado.

Não se poderia considerar devotamento e abnegação o abandono de seu trabalho para entregar-se a um trabalho menos penoso e mais lucrativo. Na proteção que eles concedem, os Espíritos, aos quais a gente não se pode impor, sabem perfeitamente distinguir os devotamentos reais dos devotamentos fictícios.

Muito outra seria a posição dos médicos-médiuns. A medicina é uma das carreiras sociais que se abraça para dela fazer uma profissão, e a ciência medica só se adquire a titulo oneroso, por um trabalho assíduo, por vezes penoso. O saber do médico é, pois, uma conquista pessoal, o que não é o caso da mediunidade. Se, ao saber humano, os Espíritos juntam seu concurso pelo dom de uma aptidão mediúnica, é para o médico um meio a mais para se esclarecer, para agir mais segura e eficazmente, pelo que deve ser reconhecido, mas não deixa de ser sempre medico; é a sua profissão, que não deixa para fazer-se médium. Nada há, pois, de repreensível em que continue a dela viver, e isto com tanto mais razão quanto a assistência dos Espíritos por vezes é inconsciente, intuitiva, e sua intervenção se confunde, às vezes, com o emprego dos meios ordinários de cura.

Porque um médico tomou-se médium e é assistido por Espíritos no tratamento de seus doentes, não se segue que deva renunciar a toda remuneração, o que o obrigaria a procurar os meios de subsistência fora da medicina

e, assim, renunciar sua profissão. Mas se for animado do sentimento das obrigações que lhe impõe o favor que lhe é concedido, saberá conciliar seus interesses com os deveres de humanidade.

Não se dá o mesmo com o desinteresse moral que, em todos os casos, pode e deve ser absoluto. Aquele que, em vez de ver na faculdade mediúnica um meio a mais de tomar-se útil aos seus semelhantes, nela se procurasse uma satisfação ao amor-próprio; que considerasse um mérito pessoal os sucessos obtidos por esse meio, dissimulando a causa verdadeira, faltaria ao seu primeiro dever. Aquele que, sem renegar os Espíritos, não visse em seu concurso, direto ou indireto, senão um meio de suplementar a deficiência de sua clientela produtiva, com alguma aparência filantrópica que se cobre aos olhos dos homens, faria, por isso mesmo, ato de exploração. Num caso, como no outro, tristes decepções seria a sua conseqüência inevitável, porque os simulacros e as saídas falsas não podem enganar os Espíritos, que lêem no fundo do pensamento.

Dissemos que a mediunidade curadora não matará a medicina nem os médicos, mas não pode deixar de modificar profundamente a ciência médica. Sem dúvida haverá sempre médiuns curadores, porque sempre os houve, e esta faculdade esta na natureza, mas serão menos numerosos e menos à medida que aumentar o número de médicos-médiuns, e quando a ciência e a mediunidade se prestarem mútuo apoio. Ter-se-á mais confiança nos médicos quando forem médiuns, e mais confiança nos médiuns quando forem médicos.

Não podem ser contestadas as virtudes curativas de certas plantas e de outras substâncias que a Providência pôs ao alcance do homem, colocando o remédio ao lado do mal. O estudo dessas propriedades é do campo da medicina. Ora, como os médiuns curadores só agem por influência fluídica, sem o emprego de medicamentos, se um dia devessem suplantam a medicina, resultaria que, dotando as plantas de propriedades curativas, Deus teria feito uma coisa inútil, o que é inadmissível. Há, pois, que considerar a mediunidade curadora como um modo especial e não como meio absoluto de cura. O fluido, como um novo agente terapêutico aplicável em certos casos e vindo juntar um novo recurso à medicina. Por conseqüência, a mediunidade curadora e a medicina como devendo de agora em diante marchar concorrentemente, destinadas a se auxiliarem mutuamente, a se suplementar e a se completar uma a outra. Eis porque se pode ser médico sem ser médium curador, e médium curador sem ser médico.

Então porque esta faculdade hoje se desenvolve quase que exclusivamente nos ignorantes, em vez de nos homens de ciência? Pela razão muito simples que, até agora, os homens de ciência a repelem. Quando a aceitarem, vê-la-ão desenvolver-se entre si, como entre os outros. Aquele que hoje a possuísse iria proclamá-la? Não: ocultá-la-ia com o maior cuidado. Desde que ela é inútil em suas mãos, porque lha dar? Seria o mesmo que dar um violão a um homem que não sabe e não quer tocar.

A este estado de coisas junta-se outro motivo capital. Dando aos ignorantes o dom de curar males que os sábios não podem curar, é para provar a estes que nem tudo sabem, e que ha leis naturais além das que a ciência reconhece. Quando maior a distancia entre a ignorância e o saber, mais evidente é o fato. Quando se produz naquele que nada sabe, é uma prova certa de que ali em nada participou o saber humano.

Mas como a ciência não pode ser um atributo da matéria, o conhecimento do mal e dos remédios por intuição, como a faculdade de vidência, só podem ser atribuídos ao Espírito. Elas provam no homem a existência do ser espiritual, dotado de percepções independentes dos órgãos corporais e, muitas vezes, de conhecimentos adquiridos anteriormente, numa precedente existência. Esses fenômenos tem pois, ao mesmo tempo, a conseqüência de serem a humanidade, e de provar a existência do principio espiritual.

BIBLIOGRAFIA

KARDEC, Allan - Obras Póstumas;

Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos - Índice Geral Remissivo;

Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos - I Ano - 1858 - "Apresentação".

23ª Aula - VISÃO GERAL DO LIVRO DOS ESPÍRITOS

Trata a conclusão de O Livro dos Espíritos, muito e enfaticamente, dos adversários do Espiritismo, iniciando como apelo e a súplica a todos que se puderem considerar "adversários de boa fé": que se dêem ao trabalho de estudar o que criticam mesmo porque em boa lógica, a crítica somente comporta algum valor, quando quem a expõe conhece o assunto.

Se o Espiritismo devesse crédito ao cérebro humano, como obra desse, talvez fosse menos combatido e merecido as honras do exame daqueles que pretendem opinar-lhe respeito, por parte dos que o criticam.

Muitos dos adversários do Espiritismo são exatamente os materialistas, já que é gritante o antagonismo entre ambos: Espiritismo e Materialismo. Os materialistas sequer aceitam assim ser chamados visto que apontados pelas próprias consciências demonstram-se fracos, ao que largam mão então da ciência, da razão e, até mesmo da Religião.

Almejam o maravilhoso e o sobrenatural que não aceitam como no que diz respeito aos milagres e as comunicações com o “além”; esquecendo-se que todos os autores sagrados comprovam esses fatos. Vê-se daí que a rejeição ao maravilhoso como são os milagres ao sobrenatural como exemplificam tais comunicações, estão esses adversários a rejeitar as próprias bases da Religião.

O Espiritismo prova esses fenômenos que são em verdade naturais aos nossos olhos. Sobrenaturais são os fenômenos científicos que em outras épocas pareciam maravilhosos.

Os fenômenos espíritas são conseqüências das leis gerais que revelam-nos as forças ainda incompreendidas por agora, mas que estão no prelo da observação.

“Se a vossa ciência, que nos ensinou tantas coisas, não vos revelou que o domínio da natureza é infinito sois apenas meio sábios” (LE Conclusão, item II) A incredulidade provoca o relaxamento dos laços familiares e a maioria das desordens que minam a sociedade. O Espiritismo reaviva a fé no futuro por crer na imortalidade do Espírito, fazendo suportar com resignação as vicissitudes da vida; assim consola e descortina o futuro.

Podem os críticos fazer a apologia da fraternidade e do progresso, mas a primeira supõe o desinteresse e a própria abnegação que não condiz com o orgulho que barra essa fraternidade. O Progresso deve advir da lei de justiça, amor e caridade, da qual advêm todas as demais a que esta condicionada à felicidade humana. Em sendo essa lei melhor compreendida e praticada, os povos melhoram sua condição como esta para ocorrer neste terceiro milênio.

A sociedade vai se destituindo de velhos preconceitos e faz o progresso ter por objetivo a busca e aumento da felicidade.

Na verdade, os que combatem o Espiritismo estão a proclamar a sua força, porque possui fundamento lógico. Com ele a Humanidade entra na fase do progresso moral. As idéias espíritas se propagam com rapidez e satisfazem os que nelas se aprofundam.

O desenvolvimento dessas idéias apresenta três períodos diferentes:

1) **Da curiosidade:** provocada pelos fenômenos - já passou

2) **Do raciocínio** e da Filosofias já começou. A filosofia explica pelo raciocínio o que interessa ao homem no mais alto grau, quanto ao seu futuro (a calma, a segurança e a confiança que livra o tormento da incerteza) deixando a matéria em segundo plano.

3) **Da aplicação e das conseqüências:** seguira naturalmente, pois o progresso esta ligado a compreensão da sua essência. Ai está à causa da propagação da Doutrina Espírita.

O Espiritismo é forte porque se apóia nas próprias bases da Religião (Deus, alma, penas e recompensas.)

A força do Espiritismo não decorre das manifestações, mas da filosofia, no apelo que faz a razão e ao bom senso.

Os preceitos espíritas são contemporâneos a criação humana e encontra-se em todas as religiões, mais ainda no catolicismo, onde se encontram os princípios das manifestações relações com Espíritos, anjos guardiões, reencarnação, dupla vista, visões, aparições tangíveis, etc. A moderna ciência espírita cancela a superstição e a ignorância, deixando somente o que é real.

As idéias espíritas surgem concomitantemente com os abusos nascidos do orgulho e do egoísmo e só terá por adversários os interessados na manutenção desse mal. Essas idéias já tem tornado os homens melhores, menos ávidos dos interesses materiais e mais resignados ante os decretos de Deus.

O Espiritismo se apresenta sob três aspectos:

1) Manifestações

2) Princípios da Filosofia e Moral

3) Aplicação deste princípios

Quanto aos Adeptos:

- 1) Os que crêem nas manifestações e se limitam a constatá-las, com se fosse uma ciência de experimentação.
- 2) Os que compreendem as suas conseqüências morais.
- 3) Os que praticam ou se esforçam por praticar essa moral.

Quando aos adversários:

- 1) Os que negam a tudo e nada admitem fora do testemunho dos sentidos: estes não querem se aprofundar por medo de terem de convir que não tem razão, são os incrédulos de posição fixada. **São orgulhosos e presunçosos.**
- 2) Os que mesmo sabendo o que devem pensar, combatem as idéias espíritas por interesse pessoais, ou seja, acreditam que o Espiritismo existe mas temem suas conseqüências para consigo mesmo e o atacam como um inimigo. **São dotados da ambição.**
- 3) Os que encontram na moral espírita uma censura demasiado severa para os seus atos ou tendências, não o rejeitando nem o aprovando, mas fechando os olhos. **São egoístas.**

Entre os que compreendem o Espiritismo filosófico, enxergando além de fenômenos curiosos ha três efeitos:

- 1) Desenvolvimento do sentimento religioso ate indiferentes as coisas espirituais (aceitação da morte inevitável como algo antes feliz do que terrível, ciente do que sobrevém ao depois).
- 2) Resignação em face das vicissitudes da vida (o homem não se perturba diante das tribulações, tem coragem na aflições, moderação nos desejos, afastamento do pensamento suicida, etc.).
- 3) Desperta a indulgência para os defeitos alheios, porém o mais potente dos sinais do progresso é a abnegação de si mesmo (no que concerne ao dinheiro a ao supérfluo cujo desprendimento é muito difícil ainda).

O Espiritismo não encera moral diversa da de Jesus e por conseqüência Ele também assim não o fazia com a contida na Lei de Deus revelado a Moises. Não se pode negar a utilidade da moral espírita denominada **caridade universal**.

Os Espíritos vêem somente confirmá-la e mostrar sua utilidade prática, tomando inteligíveis a patentes as verdades que haviam sido ensinadas de forma alegórica, “portanto não se deve usar do mesmo raciocínio do califa Omar sobre a Biblioteca de Alexandria” (LE, item da Conclusão).

O Espiritismo matando o materialismo através dos fatos, comprovadas as comunicações com o “além”, fazendo compreender a vida futura iniciando os homens nos princípios das penas e dos gozos que os esperam Segundo seus méritos, faz a humanidade se curvar diante da evidência e mostra os inevitáveis efeitos do mal e, por conseguinte, a necessidade do bem.

Os Espíritos ensinam a não nos inquietarmos com os adversários, as divergências de opiniões, os contraditórios, pois que já fez unidade (unanimidade) sobre a maioria das questões.

Devemos saber distinguir os Espíritos pela linguagem, pelo conjunto do que dizem, pelo encadeamento lógico das idéias e, se nada denunciar ignorância, orgulho ou malevolência este poderá revelar sua superioridade. Assim estamos aprendendo a distinguir o erro da verdade e nos adiantar pela experiência. As dissidências são mais de forma que o definido.

Assim, o alvo final: fazer o bem, pouco importando a rota desde que conduza ao alvo, razão e moderação, triunfam sobre a inveja e o ciúme dos que são contraditórios as idéias citadas.

Sob que influência espiritual estão então as diversas seitas que se repartem o mundo?

Diz Santos Agostinho que basta verificar suas obras e seus princípios, pois os bons Espíritos não instigam o mal, não aconselham a violência, não excitam o ódio, a sede de riquezas e poder e muito menos dos bens terrenos.

Somente os bons para com todos são preferidos de Jesus por seguirem a rota indicada para levar ao Pai.

Não devemos nos inquietar com a oposição, pois tudo o que fazem contra, se tornará favorável e os maiores adversários servirão a causa sem o querer, pois contra a vontade de Deus, a má vontade dos homens não pode prevalecer.

COM JESUS E POR JESUS

Na introdução de “O Livro dos Espíritos”, recolhemos de Allan Kardec esta afirmação expressiva:

“As comunicações entre o mundo espiritual e o mundo corpóreo estão na ordem natural das coisas e não constituem fato sobrenatural, tanto que de tais comunicações se acham vestígios entre todos os povos e em todas as épocas. Hoje se generalizaram e tomaram patentes a todos.”

No item VIII das páginas de conclusão do mesmo livro, o Codificador assevera com segurança:

“Jesus veio mostrar aos homens o caminho do verdadeiro bem. Por que, tendo-o enviado para fazer lembrar sua lei que estava esquecida, não havia Deus de enviar hoje os Espíritos, a fim de a lembrarem novamente aos homens, e com maior precisão, quando eles a olvidam para tudo sacrificar ao orgulho e a cobiça?”

E sabemos que, de permeio, o grande livro que lançou os fundamentos do Espiritismo trata, dentre valiosos assuntos, das leis de adoração, trabalho, sociedade, progresso, igualdade, liberdade, justiça, amor, caridade e perfeição moral, bem como das esperanças e das consolações.

Reportamo-nos a tais referências para recordar que o fenômeno espírita sempre esteve presente no mundo, em todos os lances evolutivos da Humanidade, e que Allan Kardec, desde o início do ministério a que se consagrou, imprimiu a sua obra o carisma religioso de que não podia ela ausentar-se, tendo até acentuado que o Espiritismo é forte porque assenta sobre os fundamentos mesmos da Religião: Deus, a alma, as penas e as recompensas futuras.

Aceitamos, perfeitamente, as bases científicas e filosóficas em que repousa a Doutrina Espírita, as quais nos ensinam adquirir a “fé raciocinada capaz de encarar a razão face a face”, contudo, sobre semelhantes alicerces, vemo-lá, ainda e sempre, em sua condição de Cristianismo restaurado, aperfeiçoando almas e renovando a vida na Terra, para a vitória do Infinito Bem, sob a égide do Cristo, nosso Divino Mestre e Senhor.

O apóstolo da Codificação não desconhecia o elevado mandato relativamente aos princípios que compilava, e, por isso mesmo, desde a primeira hora, preocupou-se com os impositivos morais de que a Nova Revelação se reveste, tendo salientado que as conseqüências do Espiritismo se resumem em melhorar o homem e, por conseguinte, tomá-lo menos infeliz, pela prática da mais pura moral evangélica.

Sabemos que a retorta não sublima o caráter e que a discussão filosófica nada tem que ver com caridade e justiça. Com todo o nosso respeito, pois, pela filosofia que indaga e pela ciência que esclarece, reconheceremos sempre no Espiritismo o Evangelho do Senhor, redivivo e atuante, para instalar com Jesus a Religião Cósmica do Amor Universal e da Divina Sabedoria sobre a Terra.

Espíritos desencarnados aos milhões e em todos os graus de inteligência enxameiam o mundo, requisitando, tanto quanto os encarnados, o concurso da educação.

Por isso, não podemos acompanhar os que fazem de nossa Redentora Doutrina mera tribuna discutidora ou simples caçada a demonstrações de sobrevivência, apenas para a realização de torneios literários ou para longos cavacos de gabinete e anedotas de salão, sem qualquer conseqüência espiritual para o caminho que lhes é próprio.

Estudemos, assim, as lições do Divino Mestre e aprendamo-las na prática de cada dia.

A morte a todos nos reunira para a compreensão da verdadeira vida... E, sabendo que a justiça definir-nos-á segundo as nossas obras, abracemos a codificação kardequiana, prosseguindo para a frente, com Jesus e por Jesus.

Emmanuel

Pedro Leopoldo, 11 de fevereiro de 1956

BIBLIOGRAFIA:

Kardec, Allan, “O Livro dos Espíritos”, Conclusão

Emmanuel (Espírito) “Fonte Viva”, Introdução, pelo Médiun Francisco Cândido Xavier

24ª Aula - HOMENAGEM A ADOLFO BEZERRA DE MENEZES

Parte A - “UMA CARTA DE BEZERRA DE MENEZES”

Quando Adolfo Bezerra de Menezes declarou publicamente sua adesão ao Espiritismo, sua família, que era tradicionalmente católica, reprovou sua atitude. Seu irmão mais velho, Manoel Soares da Silva Bezerra, envia-lhe uma carta, lamentando seu afastamento da educação religiosa que recebera. Em resposta, Bezerra também lhe dirige uma carta, com mais de cem páginas, nas quais defende, com grande sabedoria, os principais preceitos da Doutrina Espírita. Essa carta foi transformada no livro que ora resumimos.

Entre outras coisas, Bezerra explica que foge de discutir crenças religiosas, por estar convencido de que a salvação não está só na igreja, mas que muitos caminhos levam a casa do Pai, não só aquele. A salvação pode ser alcançada não pela adoração a Deus neste ou naquele templo, desta ou daquela forma, mas simplesmente, adorando-O em espírito e verdade, que significa amá-Lo sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo.

Embora respeite, acate e dê grande merecimento à missa como uma forma de prece erguida pelos filhos ao Pai, prefere fazer o que Jesus recomendou: “Quando orardes, retirai-vos ao vosso quarto, fechai a porta e rezai em segredo pois, a oração em segredo isola mais facilmente a alma do mundo, que se concentra de modo a quase poder conversar com Deus. Na igreja, há muitas coisas que nos privam da concentração. O essencial não é a forma, é o fundo; não é o meio, é o fim.

As confissões também têm o seu valor. Porém, mais vale o esforço para renunciar ao mal que se fez e propor-se a melhorar, do que dez mil confissões.

Bezerra começa a fazer, então, uma minuciosa análise sobre a origem do Espiritismo, esclarecendo, inicialmente, o Espiritismo estabelece, sim, a pluralidade das existências, mas todas com o puro caráter humano. O Espírito é criado para a perfeição, pelo saber e pela virtude, e segue progredindo, através dos séculos, até chegar a um estado de pureza, que é o seu destino.

O Espiritismo também não é filho do politeísmo. Ele reconhece o mesmo Deus dos Cristãos, a quem é submisso e a quem invoca pelas preces, assim como reconhece o Cristo, o qual toma por modelo em todo o seu ensino. O Espiritismo não empresta a Deus as paixões humanas, como fazia o politeísmo, nem dá aos homens os atributos divinos como fez a Igreja.

A mais completa prova de que Jesus admitia as reencarnações pode ser constatada na passagem em que Nicodemos pediu-lhe explicações sobre a vida futura e Jesus lhe respondeu que ninguém poderia ver o reino do céu se não nascer de novo. E, como, Nicodemos lhe perguntasse como um velho poderia voltar ao seio materno, Ele respondeu que aquele que não renascesse da água e do Espírito Santo não poderia entrar no reino do céu. Jesus não deu maiores explicações, certamente porque essa era uma daquelas verdades que Ele disse não poder ensinar ainda, por não ser oportuno.

Apos citar vários pensadores e suas idéias sobre as vidas sucessivas, Bezerra concluiu:

“Eis, para não continuar com citações, a origem do Espiritismo, ou da idéia em que ele assenta. Uma idéia que vem do princípio do mundo, que encarna em todo movimento civilizador dos povos, que prossegue através dos séculos sem se perder; uma idéia que passa de geração a geração, de povo a povo, de raça a raça e, nestes tempos de luz, acende o facho das maiores inteligências do mundo; uma idéia que apresenta esses atestados não pode ser repelida, sem estudo, sem exame, sem repetidas experiências, senão pelos fanáticos ou pelos possessos”.

O autor passa, em seguida, a analisar a razão de ser do Espiritismo.

Começa explicando que a Sinagoga não aceitou o Cristo, porque Ele atacou muitas das supostas verdades nas quais o sacerdócio hebreu acreditava. Bezerra afirma que, se tivessem estudado melhor a lei da revelação divina, teriam compreendido o “Filho Dileto do Altíssimo”.

Essa lei foi revelada ao homem, progressivamente, conforme a marcha da humanidade.

Quase vinte séculos depois de Moisés, Jesus veio a Terra para ampliar os ensinamentos dados até então. Sua revelação é mais ampla, porque se destina a todos os povos da Terra, não somente a uma família, como a de Abraão, e a um povo, como o de Moisés. Ela regula todos os sentimentos humanos em relação a Deus e em relação ao próximo e elimina o que havia de falso ou de humano na religião até então.

Se a perfectibilidade do homem tem se desenvolvido lenta e progressivamente, diz Bezerra, e intuitiva no caráter humano, a sua natural explicação; a razão de sua periodicidade e de sua progressividade.

A revelação divina não se completou com a do Cristo, porque o mundo ainda não estava em condições de receber, compreender e cultivar todas as verdades. Assim Jesus prometeu que mais tarde elas nos seriam ensinadas.

Bezerra analisa que o mundo tinha caminhado cerca de dois mil anos após a primeira revelação, quando Deus revelou a Moisés. Outros tantos séculos depois de Moises se passaram e cumprindo uma programação divina chega a Terra Jesus, com seu legado de amor e perdão.

Jesus em sua infinita sabedoria sabia que nem todas as verdades poderiam ser reveladas, sendo que seriam trazidas mais tarde, pelo Consolador Prometido.

E o Espiritismo tem como razão de ser: 1º - a eterna lei das revelações divinas, que corresponde ao desenvolvimento humano, incontestável nos dezenove séculos decorridos e, 2º - as palavras de Jesus prometendo futuro ensino.

A Igreja alega contra o Espiritismo, que, para revelar as novas verdades, o Redentor fez baixar a Terra o Divino Espírito Santo, que a assiste. Alega ainda que não compôs um se livro sagrado, porque não é inspirada, mas, sim, interpreta todos os livros sagrados, porque é assistida por ele. Portanto, ela própria declara que a assistência que recebe e para que ela interprete o que já está revelado -todos os livros sagrados. E, apesar do grande progresso feito pela humanidade, ela não teve de Jesus qualquer revelação de novas verdades.

A Igreja classifica o Espiritismo como obra de Satanás. Por outro lado, que provas ela tem de que a vida única e o inferno são verdades eternas?

Embora a doutrina de Jesus ainda não esteja totalmente pura, pois ainda não encerra todas as verdades eternas, por não terem recebido ainda o Maximo de luz, como disse o próprio Jesus, sua parte humana ainda se manterá até que a parte divina seja completada.

O critério para se saber se os princípios de uma religião são verdadeiros ou não, são as perfeições infinitas do Criador. Tudo o que as exaltar e pura verdade. Tudo o que as rebaixar e mentira. E os princípios da vida única e das penas eternas as rebaixam.

No desabrochar da vida, os homens apresentam disposições para o bem ou para o mal. Se Deus nos criasse no momento em que devemos entrar na vida, as disposições para o bem ou para o mal seriam dadas por Ele. Se assim fosse, Ele não seria justo, porque, criando almas com disposições opostas, como poderia, no fim da vida, tomar-lhes contas iguais, dizendo que tiveram igual liberdade?

O Espiritismo explica que é pelas vidas sucessivas que o Espírito se depura. O Espírito adiantado, quando reencarna, apresenta inclinação para o bem a que já está afeiçoado, e essa inclinação é conquista sua e não obra do Criador. Por outro lado, o Espírito atrasado apresentará, reencarnado, inclinação para o mal a que ainda é afeiçoado e essa inclinação é consequência de suas obras e não de seu criador.

Bezerra encerra sua análise sobre a razão de ser do Espiritismo, dizendo que:

“O Espiritismo, pois, firmado na lei da progressividade da revelação e na promessa do divino Jesus, de que mandaria mais tarde revelar as verdades que não era oportuno ensinar; apresentar-se como seu enviado, ensinando uma Teogonia baseada na pluralidade da existência, que justifica ser uma daquelas verdades, pelo confronto com o infalível critério de toda a verdade. Eis a sua razão de ser”.

Em seguida, passa a relatar o Modo de Ensino do Espiritismo.

Entre vários pontos que analisa, diz que o Espiritismo confirma tudo o que foi ensinado por Jesus, sem alterar seus fundamentos com as novas idéias que apresenta; irrompeu de todos os pontos do Planeta e não de um único lugar; trazido por vários mensageiros invisíveis e não por um único mensageiro, etc.

Não há uma família que não tenha tido provas de comunicação dos mortos com os vivos. Seja para pedirem alguma coisa, seja para se despedirem ou para darem noticia, seja para falarem sobre males que afetam o organismo, seja para indicarem meios curativos, etc. Bezerra cita vários casos que chegaram ao seu conhecimento, como também que aconteceram com ele próprio e com sua família.

Com o aparecimento do Espiritismo, também se multiplicaram os médiuns, que recebem comunicações de todos os gêneros. E que são chegados os tempos de o mundo receber mais amplo conhecimento dos mistérios

humanos, que Deus vai aclarando a medida que o mundo Vai podendo compreender. Porém, temos que ter o maior cuidado ao receber as comunicações dos desencarnados, assim como tomamos cuidado com o aconselhamento dos encarnados, porque todos são ligados ao bem.

Em resposta a afirmativa do irmão de que o Espiritismo era obra de Satanás, Bezerra afirma que sempre houve um único Deus, sendo o mal pura criação humana. Portanto, Satanás não existe. Também com base no ensinamento de Jesus de que pelo fruto se conhece a árvore, os frutos do Espiritismo só podem ser bons, porque não alteram a moral de Jesus, além de ser também baseado na revelação abraâmica e na revelação mosaica. O Espiritismo não faz alteração alguma nos Evangelhos, só modificando as questões da vida única e das penas eternas.

Na conclusão da carta, Bezerra afirma crer em Deus, em Jesus e em algumas outras crenças da Igreja. Ao relatar no que não crê e por quais motivos, ele praticamente faz um resumo dos principais pontos de sua carta. Vale à pena ressaltar:

“Não creio na lenda dos anjos decaídos, porque crer nisso valeria por negar a onipotência e a onisciência do Senhor. Não creio que o mal possa triunfar do bem, eternizando-se, como este, no reino de Satanás. Não creio que um Espírito criado pelo Senhor possa fazer-lhe frente, resistir-lhe e destruir-lhe os planos e nem que o Senhor permita isso, servindo-se do rebelde para castigar o rebelde, porque, neste caso, Deus não criou o homem para o bem, para a felicidade.

Não creio na vida única, porque o homem é perfectível. Não creio nas penas eternas, porque Deus é Pai. Não creio na infalibilidade do Papa, porque assim teríamos um Deus no Céu e outro na Terra. E a comunhão dos santos significa, para mim, a comunhão dos Espíritos. E a ressurreição da carne significa a reencarnação dos Espíritos. Eis o meu credo e digo-lhe que tenho fé viva e esperança a firme de subir com ele à sociedade de Deus na eternidade”.

A carta é datada de 31 de maio de 1886.

BIBLIOGRAFIA:

A. Menezes, Bezerra de - Uma carta de Bezerra de Menezes

Parte B - HOMENAGEM A ALLAN KARDEC

LIVRO “O CÉU E O INFERNO OU A JUSTIÇA DIVINA SEGUNDO O ESPIRITISMO

“Dizei aquele que sabe que vai morrer que ele vivera ainda, que sua hora será retardada, dizei-lhe, sobretudo, que será mais feliz do que nunca fora, e seu coração vai palpitar de alegria (O Céu e o Inferno, 1ª parte, Cap. I, item 1).

A 30 de Setembro de 1863, como se pode ver em Obras Póstumas, Kardec recebeu dos Espíritos Superiores este aviso: “Chegou à hora de a Igreja prestar contas do depósito que lhe foi confiado, da maneira como praticou os ensinamentos do Cristo, do uso que fez de sua autoridade, enfim, do estado de incredulidade a que conduziu os espíritos”. Esse julgamento começava com a preliminar constituída pelo Evangelho Segundo o Espiritismo e devia continuar com O Céu e o Inferno. Dentro de dois anos, em seu número de Setembro de 1865, a Revista Espírita publicaria em sua seção bibliográfica a notícia do lançamento do quarto livro de Codificação Espírita: O Céu e o Inferno. Faltava apenas A Gênese para completar a obra da Codificação da III Revelação.

Dois capítulos de O Céu e o Inferno foram publicados antecipadamente na Revista: o capítulo intitulado Da apreensão da morte, vigorosa pega de acusação, no número de Janeiro de 1865, e o capítulo Onde é o Céu, no número de Março do mesmo ano. Apareceram ambos como se fossem simples artigos para a Revista, mas o último trazia uma nota final anunciando que ambos pertenciam a uma “nova obra que o Sr. Allan Kardec publicará proximamente”. Em Setembro a obra já aparece anunciada como à venda. Kardec declara que, não podendo elogiá-la nem criticá-la, a Revista se limitava a publicar um resumo do seu prefácio, revelando o seu conteúdo. Os capítulos antecipadamente publicados aparecem, o primeiro com o mesmo título com que saíra e o Segundo com o título reduzido para O Céu. (José Herculano Pires, na introdução de O Céu e o Inferno, edições Lake).

O Céu e o Inferno A Justiça Divina Segundo o Espiritismo é uma das Cinco obras básicas que compõem a Codificação Espírita.

Foi publicada em 1865, portanto a penúltima obra editada.

O objetivo dela é demonstrar a imortalidade do Espírito e a condição que este usufruirá no Plano Espiritual, como conseqüência de seus próprios atos.

Este livro coloca ao alcance de todos os conhecimentos do mecanismo pelo qual se processa a Justiça Divina, em concordância com o princípio evangélico: “A cada um segundo suas obras”.

Compõe-se de duas partes:

Primeira: (DOCTRINA), com XI capítulos, Kardec realiza um exame crítico da doutrina católica sobre a transcendência, procurando apontar contradições filosóficas e incoerências com o conhecimento científico, superáveis, segundo ele, mediante o paradigma espírita da fé raciocinada.

Na primeira parte, são expostos vários assuntos: causas do temor da morte, porque os espíritas não temem a morte, o céu, o inferno, o inferno cristão imitado do pagão, os limbos, quadro do inferno pagão, esboço do inferno cristão, purgatório, doutrina das penas eternas, código penal da vida futura, os anjos segunda a Igreja e o Espiritismo.

Também aborda também vários pontos relacionados com a origem da crença dos demônios, segundo a igreja e o Espiritismo, intervenção dos demônios nas modernas manifestações, a proibição de evocar os mortos. Estabelece um exame teórico das doutrinas religiosas sobre o após morte. Mostra fatos como a morte de crianças, seres nascidos com deformações, acidentes coletivos, e uma gama de problemas que só a imortalidade da alma e a reencarnação oferecem condições de entendimento.

Na segunda parte: (EXEMPLOS), com 66 comunicações, em 8 capítulos; são diálogos que foram estabelecidos entre Kardec e diversos Espíritos, nos quais estes narram às impressões que trazem do além-túmulo.

É dedicada ao Pensamento; Kardec reuniu várias dissertações de casos reais, a fim de demonstrar a situação da alma, durante e após a morte física, proporcionando ao leitor amplas condições para que possa compreender a ação da Lei de Causa e Efeito, em perfeito equilíbrio com as Leis Divinas; assim, constam desta parte, narrações de diversas classes de Espíritos. Mostra a situação do Espírito em consequência do que ele foi quando encarnado. São depoimentos de criminosos arrependidos, Espíritos endurecidos, felizes, medianos, sofredores, suicidas e Espíritos em expiação terrestre.

Evidentemente, tem-se aqui apenas o esboço deste trabalho que compõe o todo da Codificação Espírita; seu estudo pormenorizado permitira desmistificar o simbolismo bíblico acerca dos supostos lugares, após a morte, de venturas ou sofrimentos.

Portanto, este livro oferece uma excelente base para a ética e a moral no relacionamento humano.

Podemos verificar que há 48 Comunicações de Espíritos bem parecidos conosco e 18 de Espíritos Felizes.

São verdadeiras entrevistas com o outro mundo apresentadas por Allan Kardec, ; podemos classificá-las como: Autênticas, Variadas, Inéditas e Instrutivas.

AUTÊNTICAS: pelo critério e escrúpulo do Codificador na sua escolha.

VARIADAS: pelo cuidado em apresentar as mais diversas situações dos desencarnados, a fim de que nos pudessemos mirar em tamanha variedade.

INÉDITAS: pois, pela primeira vez, uma Doutrina se atrevia em mostrar aos homens a realidade Espiritual, após a desencarnação.

INSTRUTIVAS: porque de todas elas Allan Kardec extrai preciosos ensinamentos para nossa edificação Moral.

A cada uma das 66 comunicações, Allan Kardec aduz suas judiciosas conotações Doutrinárias - de par com as dos Espíritos colaboradores - o que significa um rico repositório de ensinamentos que é o Espiritismo.

BREVE RESUMO

PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO I - O FUTURO E O NADA

Porque pensamos, agimos, tendo todos os sentidos em plena ação, temos certeza que estamos vivos, mas temos também a certeza que morreremos. Para onde vamos?

Podemos sugerir três hipóteses:

1ª) Para o nada; morreu o corpo, tudo acabou.

2ª) Absorção ao Todo Universal.

Temos uma parcela desse princípio, e isso nos dá uma alma, ou seja, nos dá a vida, a inteligência, os sentimentos; já somos alguma coisa.

Por essa hipótese quando morremos somos absorvidos ao Todo Universal. E por isso perdemos a nossa individualidade.

É muito melhor que a primeira hipótese, mas ainda irracional.

3ª Individualidade da alma antes e depois da morte do corpo físico.

Isso é extremamente lógico e racional;

Nesse princípio, todas as religiões têm seu ponto de apoio.

O nosso futuro depende exclusivamente de nossas qualidades, se forem boas, seremos felizes; se mas, infelizes, ou seja, teremos gozos ou penas futuras.

É nesse ponto que as religiões diferem, porque muitas pararam no tempo.

“A dúvida sobre a vida espírita não sendo mais permitida, o temor da morte não tem mais razão de ser; encara-se a sua chegada a sangue frio, como uma libertação, como a porta da vida e não como a porta do nada”. (Cap. II, nº 10).

CAPÍTULO II - TEMOR DA MORTE

“O temor da morte é um efeito da sabedoria da Providência e uma conseqüência do instinto de conservação comum a todos os seres vivos. Ele é necessário enquanto o homem não estiver bastante esclarecido sobre as condições da vida futura, como contrapeso ao arrebatamento que, sem esse freio, levá-lo-ia a deixar prematuramente a vida terrestre, e negligenciar o trabalho, neste mundo, que deve servir ao seu próprio adiantamento”. (O Céu e o Inferno, Allan Kardec, cap. II)

“Quando se “compreende melhor a vida futura, o temor da morte diminui.” (Cap. II, nº 3).

CAPÍTULO III - O CÉU

A palavra céu geralmente é definida como o espaço indefinido que circunda Terra; a parte que acima do horizonte. (Cap. III, item I)

Antigamente se acreditava em sete céus superpostos e que eram formados de matéria sólida, onde o nosso Planeta era o centro. Quem habitava o sétimo céu já tinha alcançado a suprema felicidade.

Os Mulçumanos acreditavam em nove céus; Ptolomeu em onze e a teologia crista reconhece três.

Kardec diz no Cap. II, item 3: “... a Terra não aparece senão como um ponto imperceptível, e um dos menos favorecidos para a habitabilidade... A vida está por toda parte, que a humanidade é infinita como Universo”.

No item 18 da mesma referência, o codificador nos diz: “... Onde esta o céu? Está por toda parte; nada o cerca nem lhe serve de limites; os mundos felizes são as últimas estações que a ele conduzem; as virtudes lhe franqueiam o caminho, os vícios lhe interditam o acesso”.

CAPÍTULO IV - O INFERNO

O modelo atual de inferno aceito pelo Cristianismo foi imitado dos Pagãos. Tem o fogo material como base de todos os sofrimentos. O fogo eterno é somente uma figura de que o homem se utilizou para materializar a idéia do inferno, de modo a ressaltar sua crueldade, por considerar o fogo como o suplício mais atroz e que produz o tormento mais efetivo. Tal sorte de conceitos serviu, em certo período da história da Humanidade, para controlar as paixões da infância da razão. Porém, não serve ao homem do século da inteligência, que nela não pode ver sentido lógico.

O Céu é localizado no alto e o inferno nas profundezas. Com essas localizações, os Cristãos têm duas opções: Felicidade perfeita ou sofrimento absoluto. Quem resolveria isso: Jesus: “Há muitas moradas na casa de meu pai” Jesus também nos disse: “a cada um segundo as suas obras”

Onde se situa o inferno?

“É inútil procurar o inferno em regiões desconhecidas e longínquas, pois ele está em nós: se oculta nos recessos ignorados da alma culpada, e somente a expiação pode fazer cessar as dores. Não há penas eternas” (Leon Denis, O Porquê da Vida. 1ª parte, cap. VI)

O Limpo foi admitido pela Igreja até há pouco tempo, mas o Papa Bento XVI o eliminou. Era destinado as crianças desencarnadas em tenra idade e que por essa situação não tinha feito o mal, assim como os selvagens não batizados. A permanência naquele lugar também não tinha, fim, assim como no inferno e nem uma situação definida.

CAPÍTULO IV - O PURGATÓRIO

“O Evangelho não faz nenhuma menção ao purgatório, que não foi admitido pela Igreja senão no ano 593. E seguramente, um dogma mais racional e mais conforme a justiça de Deus do que o do Inferno, uma vez que estabelece penas menos rigorosas e resgatáveis, por falta de uma menor gravidade” (Cap. IV, item I)

O fogo no Purgatório é mais brando que o do Inferno e a permanência nessa local funciona como alternativa, ou seja, se a pessoa não é tão boa para merecer o Céu e não tão má para ir para o Inferno, vai para Purgatório.

A Igreja nunca determinou o local exato do purgatório e muito menos a natureza das penas, daqueles que lá se encontram. Ficou reservado ao Espiritismo o preenchimento do vazio, nos dando as explicações das causas das misérias humanas, com as diversas reencarnações.

Kardec nos diz no item 4 do referido capítulo, que “o purgatório não é pois uma idéia vaga e incerta, é uma realidade que vemos, tocamos e experimentamos; está nos mundos de expiação, e a Terra é um desses mundos; os homens nela expiam seu passado e seu presente em proveito de seu futuro. Mas contrariamente, a idéia que deles se faz, depende de cada um abreviar ou prolongar a sua estada, segundo o grau de adiantamento e de depuração, que tenha alcançado pelo seu trabalho sobre si mesmo; deles se sai, não porque se terminou seu tempo, ou por méritos de outrem, mas pelo fato de seu próprio mérito, segundo estas palavras do Cristo: “A cada um Segundo as suas obras”. Palavras que resumem toda a justiça de Deus”.

CAPÍTULO VI - DOCTRINA DAS PENAS ETERNAS

As tradições de diversos povos registram a crença, muitas vezes intuitiva, de castigos para os maus e recompensas para os bons, na vida de além-túmulo. Diante da imortalidade da alma, com efeito, a razão e o sentimento de justiça levam a compreensão de que tratamento diferenciado deve ser dado aos homens pelas leis divinas, de conformidade com a natureza das obras que executaram durante a vida no corpo físico. Todavia, a tese da eternidade das penas reservadas aqueles que infringem as leis do bem e do amor, e, em consequência, a existência do inferno, não resistem à análise objetiva.

Cumpra considerar também que a condenação perpétua não se coaduna com a idéia Crista da sublimidade, da justiça e da misericórdia divina. O sofrimento não é eterno, pois o mal também não o é, de vez que todos foram criados para o aperfeiçoamento maior.

CAPÍTULO VII - AS PENAS FUTURAS SEGUNDO O ESPIRITISMO

“A Doutrina Espírita muda inteiramente a maneira de se encarar o futuro. A vida futura não é mais uma hipótese, mas uma realidade.” (CEI, cap. II).

As explicações do Espiritismo sobre a crença na vida futura, não se fundamentam em teorias nem em sistemas preconcebidos, mas nas constantes observações oferecidas pelas almas que deixaram a matéria e gravitam na erraticidade nos diferentes planos evolutivos.

Há quase século e meio, essas informações são cuidadosamente anotadas, comparadas e selecionadas e formam um compêndio que esclarece devidamente o estado das almas no mundo espiritual.

A advertência dos espíritos nessa nossa escalada é objetiva e segura. Dizem que “o bem e o mal que fazemos decorrem das qualidades que possuímos. Não fazer o bem quando podemos, é, portanto, o resultado de uma imperfeição.” Observem que não basta não fazer o mal. É preciso fazer o bem.

Os espíritos advertem, também, que não é suficiente que o homem se arrependa do mal que fez, embora seja o primeiro e importante passo; são necessárias a expiação e a reparação. O sofrimento, em resumo, é inerente a imperfeição. Livre-se o homem da imperfeição pela sua própria vontade e anulara os males dela decorrentes; conquistara nesse momento a sonhada felicidade.

CAPÍTULO VIII - OS ANJOS

Os anjos segundo a Igreja

Todas as religiões têm tido anjos sob vários nomes, isto é, seres superiores a Humanidade, intermediários entre Deus e os homens.

Refutação.

“O principio geral resultante dessa doutrina é que os anjos são seres puramente espirituais, anteriores e superiores a Humanidade, criaturas privilegiadas e votadas à felicidade suprema e eterna desde a sua formação, dotadas, por sua própria natureza, de todas as virtudes e conhecimentos, nada tendo feito, alias, para adquiri-los. Estão, por assim dizer, no primeiro plano da Criação, contrastando com o último onde a vida é puramente material; e, entre os dois, medianamente existe a Humanidade, isto é, as almas, seres inferiores aos anjos e ligados a corpos materiais” (cap. VIII, item 3).

Os anjos segundo o Espiritismo

“As almas ou Espíritos são criados simples e ignorantes, isto é, sem conhecimentos nem consciência do bem e do mal, porém, aptos para adquirir o que lhes falta. O trabalho é o meio de aquisição, e o fim - que é a perfeição - é para todos o mesmo. Conseguem-no mais ou menos prontamente em virtude do livre-arbítrio e na razão direta dos seus esforços; todos têm os mesmos degraus a franquear, o mesmo trabalho a concluir. Deus não aquinhoa melhor a uns do que a outros, porquanto é justo, e, visto serem todos seus filhos, não tem predileções.

Ele lhes diz: Eis a lei que deve constituir a vossa norma de conduta; ela só pode levar-vos ao fim; tudo que lhe for conforme é o bem; tudo que lhe for contrário é o mal. Tendes inteira liberdade de observar ou esta lei, e assim sereis os árbitros da vossa própria sorte”. (cap. VIII, item 12)

CAPÍTULO IX - OS DEMÔNIOS**Os demônios segundo a Igreja**

Satanás, o chefe ou o rei dos demônios, não é, segundo a Igreja, uma personificação alegórica do mal, mas uma entidade real, praticando exclusivamente o mal, enquanto que Deus pratica exclusivamente o bem.

Os demônios Segundo o Espiritismo

“Segundo o Espiritismo, nem anjos nem demônios são entidades distintas, por isso que a criação de seres inteligentes é uma só. Unidos a corpos materiais, esses seres constituem a Humanidade que povoa a Terra e as outras esferas habitadas”. (Cap. IX, item 20)

CAPÍTULO X - INTERVENÇÃO DOS DEMÔNIOS NAS MODERNAS MANIFESTAÇÕES

As críticas levantadas pela Igreja Católica às manifestações espíritas são objeto de análise de Allan Kardec nestes itens. Eis como esta explica a intervenção exclusiva dos demônios nas manifestações Espíritas: “Ora Se apresentam como divindades e bons gênios, ora assimilam nomes e mesmo traços de memorados mortos. Com o auxílio de tais fraudes dignas da antiga serpente, falam e são ouvidos; dogmatizam e são acreditados; misturam com suas mentiras algumas verdades e inculcam o erro debaixo de todas as formas”. (Cap. X. item 4)

CAPÍTULO XI - DA PROIBIÇÃO DE EVOCAR OS MORTOS

“Alguns membros da Igreja apóiam-se na proibição de Moisés para proscrever as comunicações com os Espíritos. Mas se sua lei deve ser rigorosamente observada neste ponto, deve sê-lo igualmente em todos os outros. Porque seria boa em relação às evocações e má em outras partes? Há que ser conseqüente: Se reconhece que sua lei não mais esta em harmonia com os nossos costumes e a nossa época. Aliás é necessário nos reportarmos aos motivos que os levaram a fazer tal proibição, motivos que, então, tinham uma razão de ser, mas que, seguramente, não mais existem”. (Allan Kardec, Revista Espírita, outubro de 1863)

2ª Parte - EXEMPLOS - A PASSAGEM**ESPÍRITOS E TIPO DE EXPIAÇÃO**

- 1 - **Marcel** (menino de 8 anos) - doente incurável;
- 2 - **Szymel Slizgol** - Mendigo - Distribuía tudo;
- 3 - **Julienne Marie** - Mendiga;
- 4 - **Max** - Mendigo;
- 5 - **Um criado**;
- 6 - **Antônio B.** - Enterrado vivo;
- 7 - **Letil** - Um industrial;
- 8 - **Senhora B** - Um sábio ambicioso;
- 9 - **Charles de Saint G.** - Idiota;
- 10 - **Adelaide Marguerite Gosse** - Criada;
- 11 - **Carla Rivier** (de 10 anos) - Doente;
- 12 - **Françoise Vernhes** - Cega de Nascimento;
- 13 - **Anna Bitter** - Sofredora;
- 14 - **Joseph Maitre** - Cego aos 20 anos.

BIBLIOGRAFIA

- Kardec, Allan, “O Céu e o Inferno”
 Kardec, Allan, “Revista Espírita, de outubro de 1863
 Pires, José Herculano, na introdução de O Céu e o Inferno, edições Lake.
 Denis, Leon, “O Porquê da Vida”. 1ª parte, cap. VI